

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
NÍVEL MESTRADO

Francisco José Eboli Machado

O CASO PÉROLAS NEGRAS:
UM OLHAR COMPLEXO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE FUTEBOL,
JORNALISMO E FLUXOS MIGRATÓRIOS CONTEMPORÂNEOS

SÃO LEOPOLDO

2018

Francisco José Eboli Machado

**O CASO PÉROLAS NEGRAS:
UM OLHAR COMPLEXO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE JORNALISMO,
FUTEBOL E FLUXOS MIGRATÓRIOS CONTEMPORÂNEOS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação, pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientadora: Profa. Dra. Beatriz Alcaraz Marocco

São Leopoldo

2018

M149c Machado, Francisco José Eboli.
O caso Pérolas Negras: um olhar complexo sobre a relação entre futebol, jornalismo e fluxos migratórios contemporâneos/Francisco José Eboli Machado. – 2018.
217f. :30 cm.

Dissertação(mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, São Leopoldo, 2018.
“Orientadora: Profa. Dra. Beatriz Alcaraz Marocco.”

1. Jornalismo. 2. Futebol. 3. Emigração e imigração. I.
Título.

CDU 659.3

AGRADECIMENTOS

A presente pesquisa só foi possível graças a diversas pessoas que, com seu apoio e suas contribuições, foram decisivas para a sua realização. A todas elas, gostaria de deixar registrada minha gratidão e meu reconhecimento.

Primeiramente, gostaria de agradecer a minha mãe, Cláudia Baptista Eboli, por ter acreditado, incentivado e me ajudado financeiramente nesse retorno à academia. Sem ela, certamente esse projeto não teria sido concretizado.

Agradeço aos colegas do PPGCOM da Unisinos pela parceria e inúmeras trocas durante os dois anos do mestrado. Em especial, meu obrigado aos meus “caroneiros” Frank Jorge e Aldenor Pimentel por terem sido parceiros ao ouvir semanalmente minhas angústias e aflições em relação à pesquisa.

Não posso deixar de agradecer aos professores do programa com quem tive aula, pois todos, de alguma forma, contribuíram para a construção desse trabalho. Sou grato especialmente aos professores Ronaldo Henn e Alberto Efendy Maldonado pela generosidade em abrir suas salas de aula para eu apresentar a minha pesquisa e pelas conversas que aprofundaram minhas reflexões.

Agradeço ainda ao professor Ronaldo e à professora Christa Berger Kuschik por suas ponderações em minha banca de qualificação e por terem generosamente aceitado participar da banca de avaliação final desta pesquisa.

Agradeço ainda a meu tio, Gustavo Éboli, que faleceu no final do ano passado em meio as finais da Libertadores. Ele foi meu companheiro de jogos ao longo de toda a vida e o grande responsável por eu ter me tornado gremista e um apaixonado por futebol. Nesse sentido, não posso deixar de mencionar ainda meu padrinho Pedro Luís Costa, gremista, e meu pai Francisco Rodolfo Jardim Machado, colorado, ambos já falecidos, que também alimentaram minha paixão pelo futebol.

Também não poderia deixar de agradecer ao meu cunhado, Moysés Pinto Neto, que junto comigo idealizou o Bola em Transe, *podcast* que criamos no ano passado justamente a partir das discussões da minha pesquisa, procurando abordar o futebol de forma mais ampla. Moysés também foi escuta atenta às minhas inquietudes e parceiro de debates que influenciaram minhas reflexões. Ao citá-lo, homenageio todos os amigos que me incentivaram nessa caminhada.

Durante essa trajetória, tive a felicidade de contar com a ajuda de duas orientadoras, fundamentais para o resultado final. À minha orientadora oficial, Beatriz Marocco, todo meu agradecimento por sempre acreditar nas minhas idéias, ter me incentivado ao longo do processo e demonstrado confiança em minha capacidade. Certamente, tal parceria fica para o resto vida. Também merece destaque e gratidão minha orientadora informal e amiga Márcia Veiga da Silva, pela generosidade em estar sempre disposta a ouvir minhas inquietações e por aceitar dividir a sala de aula comigo durante o meu estágio docência. Obrigado, Márcia, por ter sido uma das pessoas que sempre acreditou no meu potencial e me incentivou a voltar para a academia. Podes ter certeza de que te tenho como um exemplo de acadêmica e professora.

Por fim, gostaria de fazer uma menção especial a quem me acompanhou e apoiou no dia a dia dessa caminhada. Ao Willy e ao Pepe, meus gatos que participaram ativamente de todo o processo, deitando sobre os polígrafos enquanto eu tentava ler, pisando no teclado na hora de digitar os trabalhos, enfim, trazendo um pouco de leveza para esse momento que gera tanta tensão. E à Natália, minha esposa, minha orientadora, meu exemplo, minha inspiração. Certamente a grande responsável por esse momento. Obrigado por todo o carinho e pela imensa paciência nesses dois últimos anos, amor.

Histórias importam. Muitas histórias importam. Histórias têm sido usadas para expropriar e tornar maligno. Mas histórias podem também ser usadas para capacitar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida.

(Chimamanda Ngozi Adichie)

RESUMO

A pesquisa procura compreender de que maneira o jornalismo, quando lida com a temática do futebol, aborda a complexidade de relações que vão além dos gramados. Para tanto, analiso a prática jornalística da imprensa esportiva na construção de suas narrativas sobre a participação do Pérolas Negras na Copa São Paulo de 2016. O trabalho está estruturado metodologicamente em cinco movimentos, sendo quatro movimentos de aproximação do problema de pesquisa e um movimento de análise do corpus, composto por doze matérias de sites variados. O paradigma da complexidade de Edgar Morin (1984, 2010, 2015), que foi transposto para o jornalismo por Mar de Fontcuberta (2006) serve como fio-condutor de sua construção. Acredito que em função do futebol se constituir em um fenômeno social e cultural de grande complexidade, deve ser trabalhado tanto pelo pesquisador quanto pelo jornalista de maneira multidimensional. Só assim é possível dar conta dos inúmeros aspectos a ele relacionados. Nos movimentos teóricos busco verificar o papel da imprensa esportiva na construção, reprodução e circulação das produções simbólicas ligadas ao futebol na sociedade brasileira. Reflito sobre a profissão de jogador de futebol no mundo globalizado e os fluxos migratórios da contemporaneidade, bem como em relação à maneira como a imprensa esportiva ajuda a construir uma idealização do futebol como um importante instrumento de ascensão social. Esse último aspecto, aliás, ficou nítida na análise do *corpus*, que também permitiu constatar a reprodução de uma série de estereótipos e lugares comuns em relação ao Haiti e aos haitianos, com uma forte tendência à vitimização e à reprodução do senso comum em relação ao país caribenho e seus habitantes, contribuindo para reforçar a estigmatização desses sujeitos. Dentro da perspectiva aqui adotada, é possível afirmar que a quase totalidade dos textos apenas reproduziram o olhar hegemônico e passaram longe da abordagem complexa que o jornalismo deveria adotar nas suas produções.

Palavras-chave: Jornalismo. Complexidade. Futebol. Fluxos migratórios contemporâneos. Haiti.

ABSTRACT

This research intends to understand how journalism works relating to complexity in reporting soccer. In these terms, we focused the narrative about Pérolas Negras participation in 2016's Copa São Paulo. The methodological approach to the object produced five movements: four movements pointed to the research question. In the fifth we analyze twelve texts published in different websites. The theoretical perspective is founded on E. Morin's complexity paradigm (1984, 2010, 2015), applied to journalism studies by Mar de Fontcuberta (2006). Soccer as a complex social and cultural phenomenon means considering sports press role on building, reproduction and circulation of symbolic productions related to soccer in Brazilian society. Globalized context produced negative effects on soccer player profession and affected the contemporary migratory fluxes. Simultaneously, we verify the sport press constructing idealized images about soccer as an important instrument to social ascension. We also found several stereotypes and the use of common sense representations about Haiti and Haitians as victims. Finally, it is possible to sustain that majority of the articles analyzed just reproduces an hegemonic view without considering the complexity which journalism could adopt in its productions.

Key-words: Journalism. Complexity. Soccer. Contemporary migratory fluxes. Haiti.

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A – Matérias com algum tipo de menção ao Pérolas Negras no título.....203

ANEXO B – Grade de entendimento.....216

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
2. METODOLOGIA.....	23
2.1 Premissas para a análise.....	33
3 PRIMEIRO MOVIMENTO DE APROXIMAÇÃO: O POTENCIAL SIMBÓLICO DO FUTEBOL	36
3.1 Que cultura brasileira é essa?	38
3.2 A polissemia do futebol.....	41
3.3 Os pés e o futebol como fenômeno das massas	43
3.4 O corpo do negro.....	46
3.5 Chegada ao Brasil	47
3.6 As dramatizações na sociedade brasileira	50
3.7 A construção do estilo brasileiro	54
3.8 A rua no imaginário do futebol	60
4. SEGUNDO MOVIMENTO DE APROXIMAÇÃO: Jornalismo esportivo, cultura e sociedade	64
4.1 Narrativas em disputa	66
4.2 A ambivalência de Mário Filho	69
4.2.1 O elogio ao negro e a demarcação de zonas de atuação.....	75
4.3 A retórica da crise na imprensa esportiva.....	80
4.3.1 O início da comercialização das marcas dos clubes e dos torneios	81
5. TERCEIRO MOVIMENTO DE APROXIMAÇÃO: GLOBALIZAÇÃO E O FUTEBOL ENQUANTO ESPETÁCULO GLOBALIZADO.....	86
5.1 Um sistema produtor de perversidade.....	88
5.2 Os fiadores do sistema hegemônico	91
5.3 Futebol e o espetáculo midiático.....	98
5.4 A técnica e a matematização do jogo	101

5.5 A globalização do futebol	102
5.6 Migrar para driblar o destino.....	109
6. QUARTO MOVIMENTO DE APROXIMAÇÃO: MERCADO DE TRABALHO DO FUTEBOL, PÉROLAS NEGRAS E O QUE MOVE OS MIGRANTES HAITIANOS.....	119
6.1 Vidas a rodar	132
6.2 Pérolas Negras e a migração haitiana para o Brasil.....	137
6.2.1 O maior clube de refugiados do mundo	141
7. MOVIMENTO DE ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>.....	147
7.1 Análise do corpus	152
7.1.1 Eixo Temático 1: Pérolas Negras na Copa São Paulo.....	152
7.1.2 Eixo Temático 2: Viva Rio e o Pérolas Negras.....	155
7.1.3 Eixo Temático 3: Profissionalização como forma de dar melhores condições de vida para a família	163
7.1.4 Eixo Temático 4: O Haiti no imaginário brasileiro.....	168
7.1.5 Eixo Temático 5: O Brasil no imaginário haitiano	171
7.1.6 Eixo Temático 6: Migração haitiana para o Brasil.....	174
7.1.7 Títulos das matérias, fontes ouvidas e as diferenças percebidas entre os três grupos	181
CONCLUSÃO.....	187
REFERÊNCIAS.....	195

INTRODUÇÃO

A construção da presente pesquisa buscou unir experiências pessoais e profissionais por acreditar que elas ajudam a ampliar o olhar a ser construído acerca do objeto investigado. Creio que ser um consumidor compulsivo de esportes e ter trabalhado profissionalmente com o tema – tanto na condição de editor e repórter no jornalismo impresso quanto de assessor de imprensa de um clube profissional – permitiu que eu adquirisse uma boa base de conhecimento empírico sobre o universo do futebol. Além disso, ter passado pela experiência da migração em duas oportunidades, embora em contexto distinto do que aqui tratado, e ter cursado o módulo introdutório do Mestrado em Migrações Contemporâneas na Universidade Autônoma de Barcelona (UAB), em 2014, também enriqueceu e instigou minha observação deste fenômeno. Não obstante à trajetória pessoal, é forçoso se reconhecer também que o fato de o futebol ser o grande esporte moderno e um fenômeno cultural tão característico e representativo da América Latina faz com que seja quase impossível abordar o tema sem ter como ponto de partida o conhecimento informal que vamos construindo ao longo das nossas vidas.

Como diz o velho ditado, no Brasil somos milhões de “treinadores” e, nessa mesma linha, como exercício de argumentação, podemos dizer que temos outros tantos milhões de comentaristas e cronistas esportivos “amadores”. Mesmo buscando o distanciamento que a produção científica exige, é impossível negar que de alguma forma acabamos compartilhando esse olhar do senso comum que serve de base para as discussões na sociedade acerca da modalidade esportiva. Afinal, desde a infância somos expostos das mais diversas formas ao futebol e, mesmo que de maneira involuntária, acabamos construindo nossas concepções sobre o futebol por meio das interações sociais, algo que se aproxima do modo de conhecimento do senso comum trazido por José Luiz Braga (2016, p.12), tido como um “saber de tipo especial, disseminado na sociedade (...) que se mostra intuitivo, marcado pela experiência subjetiva”. Nesse sentido, as produções simbólicas postas em circulação pelos produtos midiáticos possuem uma influência importante na formação desse tipo de saber.

Por não se constituírem em seres isolados do restante do mundo, os jornalistas esportivos tendem a reproduzir esse conhecimento comum que circula na sociedade. É importante considerar que o futebol recebe um amplo espaço na mídia, que, historicamente, teve um papel fundamental na construção da forma como percebemos

esse esporte e contribuiu para que ele se tornasse um elemento extremamente representativo da cultura brasileira. Ademais, dentro da perspectiva aqui adotada, o jornalismo se constitui em uma forma de conhecimento que influencia nossa compreensão do mundo e, com isso, afeta a forma como nos portamos nele (PARK, 2008; GENRO FILHO, 2012; MEDITSCH, 1992, 1997; VEIGA DA SILVA, 2014). Por essa razão, ao reiterar o olhar do senso comum sobre o futebol, caindo invariavelmente nas percepções naturalizadas, o jornalismo esportivo acaba construindo/reproduzindo uma visão idealizada e distorcida desse universo.

Em janeiro de 2016, o Pérolas Negras, equipe formada por jovens haitianos vinculados a um projeto social desenvolvido pela organização não-governamental Viva Rio no país caribenho, participou da Copa São Paulo de Futebol Júnior. A competição organizada pela Federação Paulista de Futebol reúne anualmente as equipes de base dos principais times profissionais de São Paulo e do país, bem como, eventualmente, equipes convidadas estrangeiras. Desenvolvendo iniciativas no Haiti desde 2004, a Viva Rio construiu em 2010, na cidade de Bon Repos, região metropolitana de Porto Príncipe, capital haitiana, a Academia de Futebol Pérolas Negras, que, de acordo com a descrição do projeto, objetiva profissionalizar o futebol haitiano e assim promover o talento e a autoestima dos jovens em risco.¹ A estrutura passou a funcionar a partir do ano seguinte. Conforme a organização, o nome Pérolas Negras faz uma referência à forma como historicamente alguns dos maiores talentos negros do futebol eram chamados.

A partir de uma parceria com a Federação de Futebol do Haiti, o Viva Rio, através do Pérolas Negras, procura desenvolver talentos locais para sua inserção na cena internacional. Conforme explica o diretor executivo do Viva Rio, Rubem César Fernandes, em entrevista disponível no site da Academia, após a recepção favorável do público durante o torneio paulista chegou-se à conclusão de que a melhor opção para introduzir os jogadores no mercado profissional estava mesmo no Brasil. Por isso, foi criado um centro de treinamentos permanente em Paty do Alferes (RJ). A questão do visto de permanência no país foi superada graças ao apoio do Ministério das Relações Exteriores. Transformado em clube profissional, filiou-se à Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro (Ferj) com o nome Pérolas Negras em 2017. No mesmo ano, a

¹Site: <http://academiaperolasnegras.org>

equipe conquistou os títulos da Série C do Campeonato Carioca nas categorias sub-20 e profissional, mesclando jogadores brasileiros e haitianos.

A participação do Pérolas Negras no torneio paulista despertou o meu interesse em relação à maneira como o jornalismo trabalhou e construiu essa pauta. Para além dos aspectos esportivos propriamente ditos, a participação do time haitiano na Copa São Paulo envolve um contexto mais amplo de relações entre o Haiti e Brasil. O caso do Pérolas Negras me levou a refletir ainda sobre a questão da mobilidade ligada ao futebol, especialmente no que diz respeito à migração de jovens oriundos de países pobres. Um fenômeno que, se não é novo, aumenta a partir do final do século passado. Nesse sentido, para pensar o futebol contemporâneo é preciso considerar que, não estando em um universo isolado, esse esporte também sofreu os impactos do processo de globalização e dos avanços tecnológicos que tornaram o mundo menor e proporcionaram uma aproximação que não é meramente retórica. Nesse contexto globalizado, a temática das migrações contemporâneas se constitui como ponto de grande atenção e debate nas sociedades ocidentais. Como aponta Stuart Hall (2003), os fluxos migratórios vêm se intensificando em todo o mundo, diversificando as culturas e pluralizando as identidades culturais. Segundo o autor, os fluxos não regulados de povos e culturas são tão amplos e tão irrefreáveis quanto os fluxos patrocinados do capital e da tecnologia. Ao refletir sobre a questão migratória, independentemente da situação em que ocorra, não podemos perder de vista a profunda desigualdade que historicamente existe entre o Sul e o Norte global.²

Nesse sentido, para Victor Melo e Coriolano Rocha Júnior (2012, p. 122), quando pensamos nas relações desiguais de poder entre os países de centro e da periferia no futebol, a “compra de matéria-prima humana pode certamente ser vista como uma ocorrência neocolonial”. Isso transparece nos dados trazidos pelo suíço Raffaele Poli, pesquisador do Centro Internacional de Estudos do Esporte de Neuchâtel (SUI), que também observa traços coloniais no funcionamento do sistema de recrutamento de atletas africanos: “Uma pessoa geralmente baseada na Euroa vai a países africanos para descobrir

²Acredito ser interessante destacar que a oposição entre o Norte e o Sul global diz respeito menos a uma configuração geográfica e mais a uma visão política e social. Como aponta Stephen Castles (2006), no Norte também existem áreas e grupos sociais sujeitos à exclusão social, enquanto o Sul também tem suas elites e lugares que desfrutam de condições mais favoráveis de vida. Existem ainda regiões e grupos relevantes em posições intermediárias ou em transição.

novos talentos e convida-os para um breve período de testes no exterior. Se o resultado é negativo, os jovens são abandonados ao seu destino e se tornam ilegais”.³ Conforme o pesquisador suíço, tal situação gera outro tipo de indústria, pois o “pretexto do futebol também é utilizado para convencer as famílias desses jovens a gastar milhares de euros para obter a autorização necessária à emigração”.⁴

Nesse mesmo sentido, Pascal Boniface destaca o fenômeno que chama de *footdrain* (fuga de pés, numa tradução literal), que consiste na atração pelos clubes europeus dos jogadores mais talentosos da América Latina, África e Ásia, atração essa que “transforma-se, muitas vezes, em pilhagem e exploração” (2002, p. 86). Principalmente quando falamos de adolescentes que são levados a migrar ainda jovens em busca do sonho de possibilitar uma vida melhor para suas famílias. Fica evidente, portanto, que a formação de novos jogadores se transformou em um grande negócio voltado à exportação de “pés de obra” (OLIVEN e DAMO, 2001; DAMO, 2007; RIAL, 2008) em escala global. Mesmo que a legislação internacional em relação à transferência de jovens jogadores tenha sido endurecida nos últimos anos, o fenômeno segue com a mesma intensidade tendo apenas se ajustado às novas regras. Embora o caso do Pérolas Negras possua diferenças por estar vinculado a uma ONG, ele ilustra a forma de funcionamento dessas lógicas.

Tal cenário começa a tomar a forma que conhecemos atualmente a partir dos anos 1990. A criação da União Europeia, em 1993, e a aprovação da Lei Bosman, em 1995, mudaram o panorama até então estabelecido. A derrubada das fronteiras dentro da Europa permitiu que atletas com passaporte de países integrantes da UE deixassem de ser considerados estrangeiros nas ligas europeias, condição que anteriormente dividiam com jogadores de outros continentes. A diminuição da concorrência ampliou o número de vagas para atletas americanos, africanos, asiáticos e da Oceania e acentuou os fluxos migratórios a partir destes continentes. Criada por meio de uma decisão do Tribunal de Justiça da União Europeia, a Lei Bosman tem como base o Tratado de Roma (1957) e

³Penso que é forçoso destacar aqui que as pesquisas sobre migrações não trabalham com a ideia de legalidade ou ilegalidade, afinal, nenhum ser humano pode ser considerado ilegal. Além disso, o uso da palavra ilegal acaba por estigmatizar esses grupos por associá-los a práticas de alguma maneira criminosas. Aproveito para destacar ainda que, por um posicionamento político pessoal, no presente trabalho não utilizarei a palavra norte-americanos para me referir aos estadunidenses, nem a expressão “nortear” como sinônimos de orientar.

⁴Disponível em: <http://www.swissinfo.ch/por/o-lado-obsuro-do-mundo-dourado-do-futebol/6022850>

veda que associações ou federações nacionais e internacionais de esporte incluam em seus regulamentos limitações ao acesso de jogadores profissionais estrangeiros que receberam cidadania da União Europeia. Além disso, elimina a exigência de pagamento quando a contratação de um atleta se der a menos de seis meses para o final do seu contrato. Essa flexibilização em favor do atleta na relação contratual com o clube a que está vinculado passou a ser adotada no futebol brasileiro três anos mais tarde, em 1998, com a Lei Pelé.

É importante ter em conta que esta pulsão internacional de mobilidade de jogadores da periferia para o centro não algo é algo exclusivo do chamado futebol contemporâneo. Conforme Pablo Alabarces (2012), a vocação internacional esteve presente desde a constituição do futebol como grande esporte moderno latino-americano. Contudo, o processo de globalização veio acentuar a transformação do futebol em um grande negócio global e o caso dos jovens haitianos nos permite refletir sobre este novo modelo e nos leva a pensar que migrar é algo inerente à carreira de jogador de futebol profissional na atualidade. Além disso, como aponta Edison Gastaldo (2004), o esporte, originalmente uma atividade para ser praticada, tornou-se, com o crescimento da comunicação de massa, um espetáculo visando a um consumo massificado.

Assim como se deu com o futebol, o novo contexto geopolítico internacional trouxe impacto para as mídias. Ao falar da comunicação como matéria-prima estratégica, Ignacio Ramonet (2012) aponta que a globalização também afeta as mídias de massa, a comunicação e a informação. Conforme Ramonet, “de um ponto a outro do planeta os senhores das redes são os mesmos e o verdadeiro poder é, agora, mantido por um feixe de grupos econômicos e financeiros planetários e de empresas globais” (RAMONET, 2012, p 59). O autor sustenta que a influência de tais conglomerados nos rumos da economia global é muitas vezes mais forte que a os próprios Estados. Nesse sentido, a globalização fortaleceu os grandes consórcios globais que hoje controlam as transmissões esportivas em associação – ou não – com as redes locais. No primeiro caso é possível citar, como aponta Pablo Alabarces (2012), as estadunidenses ESPN – que pertence ao grupo Disney – e Fox Sports e suas alianças com as grandes redes europeias como a Sky. Dentre as redes locais temos, por exemplo, a brasileira Rede Globo, a argentina Torneos y Competencias e a mexicana Televisa. Desde o ano de 2015, as operadoras brasileiras de televisão a cabo passaram a incluir em sua grade o canal Esporte Interativo, propriedade do grupo Turner – ligado a Warner Brothers.

Esse cenário remete ao diagnóstico da mídia estadunidense traçado por Henry Jenkins (2006, p. 46), que aponta “uma alarmante concentração de propriedades dos grandes meios de comunicação comerciais”. O pesquisador observa que um pequeno grupo de conglomerados controla “todos os setores da indústria do entretenimento, produzem filmes, televisão, música popular, games, websites, brinquedos, parque de diversões, livros, jornais, quadrinhos, revistas” (JENKINS, 2006, p. 44) que, no caso aqui discutido, passam a se apropriar da temática do futebol. Incorporado, então, à lógica da industriado entretenimento, o futebol passou a mobilizar um número cada vez maior de jornalistas, comentaristas, fotógrafos, câmeras, espectadores, ouvintes e leitores, e a permitir a criação de ampla gama de produtos midiáticos que garantem lucros significativos com a negociação de direitos de transmissões e verbas publicitárias. Como pontuam Guillermo Meneses e Juan Manuel Gonzales (2013, p. 51, tradução nossa), tal panorama levou à constituição de uma “realidade esportiva promovida por complexas alianças de interesses, vinculados principalmente às confederações, aos clubes, aos estados, às empresas ou aos meios de comunicação de massa”⁵.

Partindo desse contexto, o questionamento que move a investigação aqui empreendida procura compreender de que modo o jornalismo, ao trabalhar com o futebol, aborda a complexidade de relações que vão além do campo de jogo propriamente dito. Para responder a tal inquietação, essa pesquisa tem como objetivo analisar a prática jornalística da imprensa esportiva na construção de suas narrativas sobre a participação do Pérolas Negras na Copa São Paulo. Embora o futebol receba amplo espaço midiático, penso que a cobertura da mídia em geral, e da imprensa esportiva em particular, vem se deslocando cada vez mais para um viés de entretenimento, passando a destacar o engraçado, o inusitado, o pitoresco, deixando cada vez mais de lado questões socialmente relevantes e contribuindo para a reprodução de estereótipos e idealizações em seus discursos. Isso é preocupante se considerarmos que historicamente o jornalismo teve um papel fundamental na formação da identidade do futebol nacional e na forma como o brasileiro percebe esse esporte.

Por tal razão, um dos objetivos específicos aqui buscados é justamente verificar o papel da imprensa esportiva na construção, reprodução e circulação das produções

⁵“(…) una realidad deportiva promovida por complejas alianzas de intereses que vinculan principalmente a las federaciones, los clubes, los estados y las empresas o los mcm”.

simbólicas ligadas ao futebol na sociedade brasileira. De acordo Gastaldo (2004), a abordagem dos diferentes esportes pela mídia é paradigmática da noção da mídia como promotora de um acesso mediado à realidade, perpassando inclusive a experiência “direta” de assistir um jogo no próprio estádio, quando passamos o jogo inteiro com os ouvidos ligados ao rádio, com um narrador e um comentarista “definindo a realidade do jogo”. Nesse sentido, busco empreender um resgate histórico das relações entre futebol e imprensa esportiva como forma de perceber os inúmeros atravessamentos que afetam os discursos por ela produzidos em relação a tal universo. Sem uma mirada em perspectiva, é provável que se perca muito em profundidade na hora de analisar a produção do jornalismo esportivo, pois, como se pretende evidenciar, a imprensa teve papel fundamental na construção do universo simbólico em torno dessa modalidade esportiva, tendo sido o grande palco da disputa pela hegemonia das narrativas em torno do futebol.

Peter Berger e Thomas Luckmann (1985) apontam que são as pessoas, em coletividade, que produzem o mundo da vida cotidiana. A construção da realidade se dá através da comunicação e da interação entre os sujeitos, ou seja, por meio da linguagem e da elaboração de signos que encontrem correspondência entre os membros de uma sociedade. De acordo com os autores, não é apenas na linguagem oral ou quando ocorrem interações face a face que essas características se apresentam. A escrita e outras formas de interação e de comunicação também portam tais qualidades e são capazes de tornar os assuntos inteligíveis a grupos sociais variados. Neste sentido, os meios de comunicação nos fornecem cotidianamente informações sobre o que somos e sobre a realidade em que vivemos. Para Roger Silverstone (2002, p. 278), nenhuma parte da vida social contemporânea está imune à presença da mídia, sendo que ela “desempenha papel fundamental para a nossa experiência de mundo”, enriquecendo ou empobrecendo tal experiência a partir do que nos é apresentado e que não conheceríamos de outro modo.

Ainda em relação às mídias, outra questão de interesse nessa pesquisa consiste em refletir sobre como a imprensa esportiva constrói e reproduz a perspectiva do futebol como instrumento viável de mobilidade social. Afinal, a imprensa tem uma forte influência na nossa forma de compreender o mundo, e, ao reforçar tal ideia, está contribuindo para a construção de uma visão idealizada em torno dessa prática esportiva. Embora a ilusão de redenção financeira a partir do futebol encontre pouco respaldo nas estatísticas, tal representação foi sendo elaborada e propagada o longo do tempo. A superexposição pela mídia em todas suas esferas acabou por transformar os jogadores de

futebol em símbolos globais de sucesso, o que colabora para que tal esporte se constitua simbolicamente “como sede de sonhos, possibilidade de afirmação, alternativa de ascensão social” (MELLO e ROCHA JÚNIOR, 2012, p 102). Conforme divulgado pela Confederação Brasileira de Futebol,⁶ em 2016, 82,4% dos jogadores profissionais que atuam no país têm renda inferior a R\$ 1 mil e ganham menos do que receberiam em ocupações como servente, garçom e catador de materiais reciclados.⁷ Nesse sentido, também pretendo observar de que forma tal perspectiva de redenção e mobilidade social se reflete nas narrativas sobre os fluxos migratórios ligados a esse esporte.

Conforme o exposto até aqui, fica evidente o desafio que envolve investigar as relações entre futebol, jornalismo esportivo e os fluxos migratórios de jovens relacionados a esse esporte. Em relação ao último ponto, é importante considerar que esse processo em grande parte das vezes tem origem nessa percepção cristalizada no senso comum de que o futebol se constitui num importante instrumento de mobilidade social. Muitos desses jovens, aliás, migram como parte de um projeto familiar, em que acabam liberados pela família do trabalho no mercado formal para tentar a redenção do grupo por meio do futebol. Migrações essas que, geralmente, começam por volta dos 13 anos, dentro do próprio país, com o deslocamento das regiões mais pobres para os grandes centros de formação de atletas. Portanto, estamos falando de um fenômeno social relevante e que não pode ser tratado pelo jornalismo a partir de visões idealizadas do universo do futebol. Se para o consumidor e para o sistema midiático o futebol se constitui em uma forma de entretenimento, para muitas famílias situadas na periferia global ele se constitui em projeto de vida, e isso jamais pode deixar de ser considerado.

Como é possível perceber e pretendo aprofundar no processo de aproximação do problema de pesquisa, o futebol é um fenômeno social e cultural complexo, que necessita ser analisado por meio de um olhar multiperspectivado para que se evite cair em uma visão simplificada das questões a ele relacionadas. A proposta defendida aqui, portanto, é a de uma abordagem complexa das questões ligadas ao futebol – mas que fogem do jogo propriamente dito – por parte do jornalismo esportivo, um olhar que considere os

⁶ Disponível em: <http://www.cbf.com.br/noticias/a-cbf/raio-x-do-futebol-salario-dos-jogadores#.WSwrKfryvjB>

⁷ Disponível em: <http://epoca.globo.com/vida/esporte/noticia/2016/02/que-riqueza-quatro-em-cada-cinco-jogadores-de-futebol-no-brasil-ganham-ate-r-1000.html>

inúmeros contextos nele envolvidos. O que exige, portanto, uma atitude reflexiva do jornalista – e o mesmo vale para o pesquisador que vai trabalhar com o tema – para que não acabe reproduzindo apenas aquela perspectiva hegemônica em determinado contexto social. Para tanto, desenvolvo minha metodologia a partir do paradigma da complexidade de Edgar Morin (1984, 2010, 2015), que foi transposto para o jornalismo por Mar de Fontcuberta (2006). No que tange à relação entre futebol e mídia, é importante considerar ainda os impactos causados pelo processo de globalização e pela formação dos grandes conglomerados de comunicação em âmbito global. Hoje, vivemos num período em que os meios de comunicação promovem e financiam o negócio e são financiados pelos anunciantes, mediam a experiência, reproduzem simbologias e ainda analisam as questões que envolvem o espetáculo futebol.

No primeiro movimento de aproximação, busco trabalhar a relação entre futebol e cultura, com o objetivo de demonstrar o potencial simbólico do futebol e suas apropriações pelas diferentes sociedades em que foi introduzido. Neste sentido, a intenção aqui é apresentar alguns aspectos simbólicos que julgo fundamentais para entender a forma como vivemos tal esporte dentro da nossa sociedade. Sem essa mirada histórica, creio, perde-se muito em perspectiva na hora de analisar a produção atual da imprensa esportiva. Portanto, parto do surgimento do futebol dentro do projeto modernista europeu, como instrumento pedagógico e civilizador (HOBSBAWN, 2015; GIULIANOTTI, 2012; TOLEDO, 2000; DAMATTA, 2006; SODRÉ, 2005) no final do século XIX. Se considerarmos o futebol como um fenômeno extremamente representativo da cultura brasileira, o passo seguinte, então, é buscar apresentar alguns aspectos que nos ajudem a entender que cultura é essa de que estamos falando (SODRÉ, 2005; PEREIRA, 2005). Sigo, então, para a abordagem do potencial polissêmico do futebol (VIDACS, 2012; WISNIK, 2008; LOVISOLO, 2001; DAMO, 2007; RODRIGUES DA SILVA, 2014).

Procuo ainda pensar tal esporte a partir das seguintes ideias: os pés como fator de sua popularidade e da proximidade com a cultura popular (OLIVEN E DAMO, 2001; WISNIK, 2008; DAMATTA, 2006); o corpo negro em evidência (DAMATTA, 2006; RODRIGUES DA SILVA, 2014; WISNIK, 2008); a popularização do esporte no país e os conflitos por ela gerados (WISNIK, 2008; DAMATTA, 2006; TOLEDO, 2000; DAMO, 2007; RODRIGUES DA SILVA, 2014); as dramatizações em torno do futebol na sociedade brasileira (DAMATTA, 1982; HELAL, 1997); a construção simbólica do estilo nacional e o culturalismo de Gilberto Freyre (TOLEDO, 2010; WISNIK, 2008;

GUEDES, 1998); encerrando, por fim, com uma discussão sobre o poder de sedução da rua em relação à escola no contexto do futebol (DAMO, 2007; GIGLIO et al, 2008). É importante deixar claro que esses diferentes aspectos serão brevemente contextualizados, visto que é impossível que cada um deles receba uma atenção aprofundada em função do tempo disponível para desenvolver uma pesquisa de mestrado. A intenção aqui foi apresentar alguns aspectos que vão nos ajudar a compreender as produções simbólicas da imprensa esportiva em relação ao futebol.

Articulando as discussões anteriores, no segundo movimento, analiso o papel da imprensa esportiva na elaboração, reprodução e circulação desses simbolismos ligados ao futebol na sociedade brasileira: a defesa do discurso elitista na chegada desse esporte ao país e o ideal de embranquecimento (MELO, 2012, TOLEDO, 2012, RODRIGUES DA SILVA, 2012); a disputa entre os discursos da imprensa paulista e carioca e o papel de Mário Filho e Néelson Rodrigues na construção da identidade do futebol brasileiro (TOLEDO, 2012; RODRIGUES DA SILVA, 2014; WISNIK, 2008; BUARQUE DE HOLLANDA, 2012; DAMATTA, 2006); o elogio ao negro e a demarcação de seus lugares de atuação na sociedade brasileira pós-escravidão (SOARES, 2001; RODRIGUES DA SILVA, 2014; WISNIK, 2008; HELAL e GORDON JR., 2001; SOARES e ABRAHÃO, 2011); a mudança de foco desses discursos a partir do tricampeonato mundial em 1970, passando dos sujeitos para a estrutura, sendo a organização do futebol brasileiro o alvo dos debates (HELAL, 1997; MALAIA, 2012); tendo como ponto final o começo do processo de adesão ao discurso do futebol global e de livre mercado (STYCER, 2012; FRANCO JÚNIOR 2007). Acredito que assim é possível contextualizar e perceber as inúmeras narrativas construídas e reproduzidas pela imprensa esportiva durante os primeiros cem anos de futebol no país.

O terceiro movimento discute as transformações em âmbito global a partir do processo de globalização (HALL, 2005, 2009; BAUMAN, 1999; SANTOS, 2015) e de formação na União Europeia na década de 1990. Nele destaco a entrada em cena dos grandes conglomerados comunicacionais que atualmente controlam o mercado de mídia mundial e as transmissões esportivas (SANTOSs, 2015; MORAES, 2003; RAMONET, 2003; MCCHESENEY, 2003) e o processo de globalização dos megaspetáculos esportivos e a partir de sua apropriação pelo sistema midiático (KELLNER, 2004, WISNIK, 2008; BONIFACE, 2002; GAY DE LIÉBANA, 2016; GUERRA, 2017). Busco refletir ainda sobre a desigualdade econômica entre o Sul e o Norte global e os fluxos

migratórios da contemporaneidade (SANTOS, 2015; BAUMAN, 1999; CASTLES, 1996, 2006; PORTES e DEWIND 2006; HOLLIFIELD, 2006; LEVITT e GLICK SCHILLER, 2006). Entendo que tal contextualização é importante para a compreensão do cenário mais amplo que se dá a chegada do Pérolas Negras, em meio à diáspora haitiana para o Brasil. Preparo, assim, o terreno para o movimento final de aproximação ao problema de pesquisa.

Nesse quarto e último movimento de aproximação, apresento as mudanças no mercado de trabalho do futebol desde a criação da Lei Bosman da Lei Pelé (GAY DE LIÉBANA, 2016; FRANCO JÚNIOR, 2017; DAMO, 2007). Discuto a profissão de jogador de futebol no Brasil, a dificuldade para se tornar um atleta profissional, os baixos salários, o desemprego e apresento algumas questões do processo de formação dos atletas e trago elementos relacionados aos fluxos migratórios do futebol (DAMO, 2007; RIAL, 2008; GIULIANOTTI, 2010; VIDACS, 2010). Concluo o movimento apresentando aspectos relacionados ao Haiti e à migração haitiana para o Brasil (COGO, 2014; COGO e BADET, 2013; COGO e SILVA, 2016), bem como ao Pérolas Negras e à presença Viva Rio no país caribenho (OLIVEIRA e PANDOLFI, 2014). Acredito que assim é possível evidenciar toda a complexidade que envolve o caso Pérolas Negras e construir uma base sólida para proceder ao movimento final, a análise do *corpus* de pesquisa, fazendo com que a complexidade não fique apenas no discurso e seja realmente adotada como fio condutor dessa investigação.

Parto de uma reflexão teórica sobre o conhecimento do jornalismo e sua capacidade de produzir sentidos que acabam por influenciar a forma como percebemos e nos portamos no mundo. Afinal, o discurso jornalístico consiste numa construção, que reflete ao mesmo tempo em que ajuda a construir a realidade em que está inserido. Portanto, ele tanto pode contribuir para ajudar a denunciar injustiças quanto para perpetuar as mais diversas formas de desigualdade. É justamente em razão desse potencial que o jornalismo precisa assumir a complexidade como eixo central de sua produção como uma forma de evitar a simples reprodução do senso comum. Porém, conforme aponta Fontcuberta (2006), o caminho escolhido pelo jornalismo para trabalhar com questões cada vez mais complexas tem sido o da simplificação. Acredito que a discussão teórica epistemológica ajuda a criar uma base sólida para fundamentar a descrição analítica dos textos, em que busco relacionar criticamente teoria e prática tendo a complexidade como balizadora da discussão. No total, foram analisadas 12 matérias a

partir de uma perspectiva multidimensional, conforme explico a seguir na discussão metodológica.

2. METODOLOGIA

A partir dos elementos trazidos anteriormente, busco agora refletir sobre uma metodologia para construção de conhecimento que contemple a complexidade do tema e a multiplicidade de pontos que devem ser considerados quando estudamos esse fenômeno cultural tão rico e representativo da cultura latino-americana que é o futebol. Neste sentido, foi fundamental a reflexão do sociólogo Howard Becker (2016) acerca do modo como entende o processo de construção do conhecimento. Em *Mozart, El Asesinato y Los Límites del Sentido Común*, o pesquisador estadunidense aponta alguns aspectos da sua concepção de fazer ciência a partir de casos do cotidiano, o que acabou refletindo na construção do presente trabalho. O primeiro passo de seu método é procurar “apreender” tudo o que possa de alguma maneira interferir no objeto que se pretende estudar, pois, conforme sustenta, seu desejo é estudar os fenômenos sociais de forma minuciosa. Becker defende que “uma observação rigorosa invariavelmente mostra que, inclusive nas situações mais ordinárias, operam mais do que algumas variáveis de fácil mediação, e que em uma situação tudo afeta o que vai passar a seguir” (2016, p. 17, tradução nossa)⁸. O autor critica os pesquisadores que constroem suas explicações dando demasiada ênfase a “uns poucos fatos de fácil observação”. Por isso, diz tentar não “somente” incorporar essas variáveis, mas fazê-lo de modo sistemático nas suas explicações sobre o que estuda. Becker procura explicar como as relações entre as distintas variáveis que afetam o fenômeno a ser estudado são produtoras dos resultados que tentamos compreender.

Na perspectiva do pesquisador, no movimento inicial de aproximação não se pode fechar o foco demasiadamente no problema de pesquisa, sob o risco de deixar de lado aspectos que não se enquadrem nas fronteiras demarcadas. Isso se deve ao desejo de que sua “análise contenha tudo quanto necessito descrever e dê conta do que meu caso de estudo me tenha forçado a ver” (2016, p. 19, tradução nossa)⁹. Com certa ironia, afirma que seu método não é atrativo àqueles que buscam um “modelo simplificado que explique tudo”, mas voltado para aqueles que acreditam num modelo de fazer ciência que “se desenvolve menos por acumular inúmeras conclusões do que por criar um fluxo contínuo

⁸“Una observación rigurosa invariabilmente muestra que, incluso en las situaciones más ordinarias, obran más que algunas variables de fácil medición, y que en una situación todo tiene algún efecto en lo que pasa luego”.

⁹“Quiero que mi análisis, mo teoría, contenga todo cuanto necesito describer y dé cuenta de lo que mi caso de studio me haya forzado a ver”.

de novos problemas para resolver” (2016, p. 20, tradução nossa)¹⁰. Sua ideia de método não foca sua atenção somente na “complexidade da vida social”, mas também nas “transformações históricas que seguem produzindo novas formas de atividade coletiva, garantindo esse fluxo contínuo”, que, como consequência, traz “novas ideias, novos problemas de pesquisa e novas categorias de elementos cuja variação opera sobre essas novas formas” (2016, p 20, tradução nossa)¹¹.

Em relação à definição do objeto, Becker vê nos casos empíricos, quando observados em “profundidade e com atenção aos pormenores, um caminho produtivo para nos levar a processos sociais importantes e aos detalhes da organização social que os produz” (2016, p. 21, tradução nossa)¹². A partir disso, creio que fica justificada a decisão de trabalhar com um caso específico. No que diz respeito ao processo de construção desta pesquisa, a opção por uma equipe de imigrantes haitianos se dá por considerar, assim como Luiz Alberto Alves (2014), que muitas questões – neste caso as ligadas ao futebol – são tão naturalizadas que acabam não sendo percebidas pela sociedade. Acredito que o fato de serem jovens negros, oriundos de um dos países mais pobres do mundo, devastado por desastres naturais e sem tradição alguma no futebol, faz com que o time seja terreno fértil para a imprensa esportiva cair no lugar comum, na reprodução de estereótipos e de clichês, no reducionismo e na fragmentação, reforçando a percepção de que o futebol pode ser um importante instrumento de mobilidade social e na vitimização em relação ao povo haitiano. É importante deixar claro que o objetivo da pesquisa não é pensar exclusivamente nos Pérolas Negras, mas utilizar o caso dos meninos haitianos para analisar como a imprensa esportiva aborda e historicamente trabalhou esses aspectos menos evidentes do universo do futebol.

Como foi possível observar na argumentação de abertura, os múltiplos atravessamentos do futebol enquanto espetáculo midiático remetem a um cenário complexo, com diversos aspectos que necessariamente precisam ser considerados se

¹⁰ “Si uno piensa que la sociología debería producir un modelo sencillo que lo explique todo, no encontrarás atractiva esta manera de trabajar. Pero si uno piensa que una comunidad científica que funciona se desarrolla menos por acumular montones de conclusiones que por crear un flujo continuo de nuevos problemas para resolver (...)”.

¹¹ “No sólo la complejidad de la vida social, sino también el cambio histórico, que sigue produciendo nuevas formas de actividad colectiva, garantizan este flujo continuo. Que a sua vez provoca nuevas ideas, nuevos problemas de investigación y nuevas categorías de elementos cuya variación obra sobre esas nuevas formas”.

¹² “Si lo estudiamos en profundidad y prestamos atención a sus pormenores, los casos empíricos nos llevan a procesos sociales importantes y a los detalles de la organización social que los produce”.

desejamos apreender o problema aqui proposto dentro de uma perspectiva mais ampla. Por isso, a complexidade acabou constituindo-se como elemento central do processo de construção de conhecimento aqui proposto. Concordo com Vicent Partal, vice-presidente do Centro Europeo de Periodismo, quando propõe o rompimento com a ideia que existe uma única realidade imutável. Se realmente acreditamos que uma pesquisa científica só faz sentido se de alguma forma venha a contribuir para a melhoria da sociedade em que estamos inseridos, precisamos considerar as palavras do espanhol na defesa de que, na verdade, o que existe é uma grande complexidade, múltiplos olhares sobre uma mesma realidade, e, o que importa, portanto, são justamente esses olhares e o diálogo entre eles. Para Partal, a “complexidade” deveria ser tomada como uma espécie de paradigma nas mais diferentes áreas. Segundo ele:

La cultura y la ciencia son los dos grandes ejes que entre 1870 y 1931 nos enseñan que nuestra relación con la vida parte de la complejidad –luego no hemos aprendido mucho más, porque lo más esencial ya se ha enseñado– y son el terreno desde el cual debemos acercarnos a la realidad valorando la complejidad. Por tanto, en mi opinión, todos los creadores culturales, los productores, los difusores y los que tenemos alguna relación con la cultura debemos imaginar, cada uno en su terreno, una forma para que dicha complejidad pase a ser el hilo conductor de la cultura contemporánea (Partal, 2002, p. 04).

Neste sentido, penso que o primeiro movimento necessário, se desejo adotá-la como elemento central na construção dessa pesquisa, é tentar compreender no que se constitui essa complexidade de que o jornalista espanhol fala. A chilena Mar de Fontcuberta (2006) ajuda a seguir adiante nessa discussão. Na obra *Periódicos: sistemas complejos, narradores en interacción*, escrita em parceria com Héctor Borrat, a pesquisadora defende a complexidade como ponto crucial das discussões em relação às sociedades contemporâneas. Conforme a autora, “somos seres midiáticos em uma sociedade complexa a que chamamos ‘sociedade do conhecimento’” (FONTCUBERTA, 2006, p. 15, tradução nossa)¹³. Porém, por acreditar que o “complexo” tenha se convertido em lugar comum em qualquer análise do mundo moderno, ela se declara uma seguidora do paradigma da complexidade proposto pelo pensador francês Edgar Morin e postula o rompimento com a lógica positivista e cartesiana, procurando fugir daquilo que o francês denomina como “paradigma da simplificação”.

A complexidade é uma noção cuja primeira definição só pode ser negativa: a complexidade é o que não é simples. O objeto simples é aquele que pode

¹³“(…) somos seres mediáticos en una sociedad compleja a la que hemos denominado ‘sociedad del conocimiento’”.

ser concebido como uma unidade elementar não dissociável. A noção simples é aquela que permite conceber esse objeto de forma clara e clara, como uma entidade isolável de seu ambiente. A explicação simples é aquela que pode reduzir um fenômeno composto às suas unidades elementares e conceber o todo como uma soma do caráter das unidades. A causalidade simples é aquela que pode isolar a causa do efeito e prever o efeito da causa de acordo com um determinismo estrito. O simples exclui o complicado, o incerto, o ambíguo, o contraditório. A fenômenos simples lhes correspondem uma teoria simples. No entanto, não se pode aplicar uma teoria simples a fenômenos complicados, incertos e ambíguos. Então se produz uma simplificação (MORIN, 1984, p. 318, tradução nossa)¹⁴.

O processo de globalização, aponta Fontcuberta, tem suscitado inúmeras discussões sobre a iminência de um novo paradigma que, supõe, vai impactar profundamente nos fundamentos sobre os quais construímos as relações no contexto internacional. Em relação ao fenômeno, a autora resgata Zygmunt Bauman, para quem o conceito de globalização significa uma rede mundial de interdependência, bem como o geógrafo Milton Santos, que avalia não estarmos diante de uma simples forma de integração global, mas perante a eclosão de outro “nexo histórico social” em relação ao mundo, configurando uma nova realidade para se refletir sobre. Os fatos transmitidos diariamente pelos meios de comunicação, reforça a pesquisadora, mostram a verdade imutável de uma realidade complexa que resiste a ser analisada sob um só prisma ou uma determinada perspectiva.

Uma olhada rápida nas informações que os jornais nos mostram diariamente nos permite observar que a maioria dos problemas globais, ao mesmo tempo vitais e cotidianos, não se caracterizam apenas por serem “enormes” (fora das normas conhecidas), mas também por suas escalas irreduzíveis. Mas a característica mais importante desses problemas é que eles revelam a interconexão das diferentes dimensões do real que, por sua vez, revelam-se em toda a sua complexidade (Apresentação da página do Instituto Internacional para o Pensamento Complexo, *apud* FONTCUBERTA, 2006, p. 31, tradução nossa)¹⁵.

¹⁴ “La complejidad es una noción cuya primera definición no puede ser sino negativa: la complejidad es lo que no es simple. El objeto simple es el que se puede concebir como una unidad elemental indescomponible. La noción simple es la que permite concebir ese objeto de forma clara y neta, como una entidad aislable de su entorno. La explicación simple es la que puede reducir un fenómeno compuesto a sus unidades elementales, y concebir el conjunto como una suma del carácter de las unidades. La causalidad simple es la que puede aislarla causa del efecto, y prever el efecto de la causa según un determinismo estricto. Lo simple excluye a lo complicado, lo incierto, lo ambiguo, lo contradictorio. A fenómenos simples les corresponde una teoría simple. No obstante se puede aplicar una teoría simple a fenómenos complicados, ambiguos inciertos. Entonces se hace una simplificación”.

¹⁵ “Una rápida mirada a la información cotidiana que los periódicos muestran, permite observar que la mayoría de los problemas globales, y a la vez vitales y cotidianos, no sólo se caracterizan por ser «enormes» (fuera de normas conocidas) sino, también, por sus escalas irreducibles. Pero la característica más importante de estos problemas es que revelan la interconexión de distintas dimensiones de lo real y, que a su vez, se revelan en toda su complejidad”.

Quando propõe seu paradigma da complexidade, Edgar Morin (2010) pretende enfrentar a “simplificação”, que, na sua visão, tem sido a resposta das ciências, da política e da economia – e, de acordo com Fontcuberta, também do jornalismo – para enfrentar os problemas que surgem numa sociedade em que os fenômenos sociais estão a cada dia mais interligados. O francês alerta que essa abordagem simplificada de problemas complexos pode gerar o surgimento de problemas ainda piores a serem encarados. Para Morin, a simplificação é uma patologia contemporânea da nossa forma de pensar, que nos coloca sob o reino da disjunção, da redução e da abstração. Em sua perspectiva, um olhar “complexo” por parte das ciências humanas e das ciências sociais precisa considerar a existência de diversas realidades – econômicas, psicológicas, demográficas, dentre outras. Sendo assim, o autor critica o olhar fragmentado em relação à realidade que acaba por nos impedir de perceber “que no econômico, por exemplo, há as necessidades e os desejos humanos. Atrás do dinheiro há todo um mundo de paixões, há a psicologia humana” (MORIN, 2015, p 68).

Partindo dessa concepção, Fontcuberta (2006) defende que a análise de uma sociedade complexa precisa levar em conta ao menos dois aspectos fundamentais: trabalhar a pesquisa desde uma perspectiva transdisciplinar e admitir uma dose importante de incerteza na hora de dar respostas aos problemas que propõe, já que existem aspectos que não podem ser controlados. Atento ao risco de acabar por produzir resultados no interior de outra ciência (BRAGA, 2015), acredito que a opção por um olhar transdisciplinar se constitui no melhor caminho de aproximação do problema de pesquisa aqui proposto, visto que disciplinas como a sociologia, a antropologia, a história, a literatura e a filosofia se valem da produção jornalística para empreender pesquisas relacionadas ao futebol. Portanto, esses autores de outros campos acabam contribuindo, a meu ver, com uma valiosa crítica exógena do trabalho jornalístico.

Retomando a perspectiva de Morin, caminhamos, hoje, em direção a uma pesquisa aberta, que busca o diálogo, e não a uma pesquisa fechada na “lógica clássica”. Por essa razão, o teórico francês vai ressaltar a importância da contextualização na hora de processar uma informação:

Quando captamos uma informação na televisão ou nos jornais, para conhecê-la, para compreendê-la, temos que contextualizá-la, globalizá-la. Nós a compreendemos a partir do seu contexto, e se ela faz parte de um sistema, tentamos situá-la nesse sistema. Contextualizar e globalizar são os procedimentos absolutamente normais do espírito e, infelizmente, a partir de um certo nível de especialização, que passa a ser a hiper-especialização, o

fechamento e a compartimentação impedem contextualizar e globalizar. Nenhum ser vivo pode viver sem seu ecossistema, sem seu meio ambiente. Isso quer dizer que não podemos compreender alguma coisa de autônomo, senão compreendendo aquilo do que ela é dependente (MORIN, 2010, p. 25).

Seguindo na mesma discussão, Morin destaca que o sistema (o todo) é mais do que a simples soma das partes, por isso a necessidade da contextualização. Ele argumenta que no nível do todo organizado há emergências e qualidades que não existem no nível das partes quando são isoladas. A cultura, por exemplo, é uma emergência social que retroage sobre os indivíduos e os transforma. Na visão de Morin, tudo de certa forma é um sistema. Portanto, para ele, o “objeto da ciência é o sistema” (2010, p. 28). Daí surge a necessidade de um “pensamento que una”, e por isso a representatividade do termo “complexidade”. Conforme explica o autor, “complexus significa ‘o que é tecido junto’, o que dá uma feição à tapeçaria”, por isso, “o pensamento complexo é o pensamento que se esforça para unir, não na confusão, mas operando diferenciações” (MORIN, 2010, p. 33).

Como a discussão sobre complexidade aqui proposta é influenciada pelo pensamento de Morin, busquei na obra de pesquisadores que trabalham a partir das ideias do pensador francês pistas que me ajudassem na construção do modelo metodológico. Em sua discussão sobre uma antropologia complexa para entrar no Século XXI, Emílio Roger Ciurana (2010) indica alguns caminhos nesse sentido:

Nosso autor nos ensinou a situar-nos num espaço metodológico no qual separar e distinguir nunca é cortar; e unir e conjugar nunca é totalizar, mas sim pensar a globalidade junto com a retroatividade e a recursividade entre o global e o parcial. Efetivamente, trata-se de *pensar junto*. O método da complexidade foge tanto do reducionismo a uma parte como do reducionismo ao todo, ao mesmo tempo que tem o sentido do caráter *circulante* do conhecimento. (...) Os princípios dialógico, recursivo, hologramático... nos situam num espaço mental em que podemos entender a dialógica (complementaridade, concorrência, antagonismo) entre ordem e desordem; entre indivíduo/sociedade/cultura; entre sapiência e demência, etc. (CIURANA, 2010, pp. 89-90).

Conforme o pesquisador espanhol, o princípio hologramático – que indica que não só a parte está no todo como o todo, de certo modo, está na parte – permite pensar sobre a constituição simbólica da sociedade. Isso significa que, de certa forma, refletimos uma sociedade que ao mesmo tempo nos reflete. A pesquisadora francesa Françoise Bianchi também traz algumas pistas nessa discussão metodológica em torno da complexidade, e de como trabalhar com esses inúmeros contextos que compõem o objeto de pesquisa.

É preciso inventar um “*caminho multidimensional*”, que “*se dedique a envolver o fenômeno (observação), reconhecer as energias (práxis), provocá-lo nos pontos estratégicos (intervenção), penetrá-lo pela intimidade individual (entrevista), interrogar o ato, a palavra, as coisas*”, porque “*a pesquisa é ao mesmo tempo objeto e sujeito, e não pode evitar o caráter intersubjetivo de todo relacionamento do homem com o homem*” (BIANCHI, 2010, p. 121).

Na mesma linha de argumentação, Ciurana ressalta os múltiplos níveis e dimensões implicados na complexidade e, recorrendo a Morin, aponta que esses níveis nunca devem ser pensados justapostos, e, sim, em inter-relação. O autor avalia que, se ficarmos restritos à justaposição, à redução e à unidimensionalização, “não haverá possibilidade de compreender a complexidade humana” e, em função disso, corremos um grande risco de “estarmos na ordem epistemológica da simplificação” (CIURANA, 2010, p. 89). Para ele, “as complexidades antropológica, sociológica, ética, política, histórica”, que se constituem nos “níveis mais importantes em que o homem encontra o seu modo de estar no mundo”, neste caso precisam ser percebidas “como diferentes faces e aspectos de um mesmo fenômeno: *o fenômeno humano*” (CIURANA, 2010, p. 89).

Em função disso, o caminho para tentar dar conta dessa multidimensionalidade seria, como já indicado por Fontcuberta, o de uma abordagem transdisciplinar. Não para criar um “novo cientificismo”, como ressalta Françoise Bianchi, mas com o objetivo “de abrir as disciplinas umas às outras para enriquecê-las com os pontos de vista provenientes de outros horizontes” (BIANCHI, 2010, p. 123). A intenção é buscar, a partir de uma aproximação por diversos ângulos, uma perspectiva mais complexa do objeto pesquisado. Para a pesquisadora, o método do pensamento complexo consiste na “arte de religar o que a análise desagrega, de contextualizar quando o reducionismo separa, de ‘historizar’ o método, os conceitos e o sujeito pensante” (BIANCHI, 2010, p. 125), medidas que buscam evitar a simplificação e a abstração.

Além da busca por uma compreensão multiperspectivada do problema de pesquisa, outro aspecto importante levantado em relação ao método que corresponde ao pensamento complexo diz respeito ao fato de que, para Edgar Morin, “pensar é pensar em movimento”. Na concepção do pensador francês, comenta Ciurana (2010, p.90), “o processo de pensamento é um processo dinâmico de construção. Só cria aquele que constrói”. A perspectiva trazida pelo antropólogo espanhol reforça a ideia de Bianchi (2010) de que é preciso usar a criatividade na hora de pensar a forma de se acercar do objeto, no intuito de compreendê-lo em toda a sua complexidade, buscando não ficar

estático dentro de um único campo. Pelo contrário, é preciso fluir entre diversas disciplinas para entender as multidimensões que dão forma ao objeto.

Trata-se de pensar em movimento aquilo que a lógica clássica (conjuntista-identitária) pensa de maneira estática: a identidade; a unidade; o ser; o objeto; a estrutura; a sociedade; homem (...).O paradigma da complexidade nos abre as portas da lógica da articulação e da abertura frente à lógica da fragmento. (...) Um pensamento criativo e criador é aquele que é paradigmaticamente dialógico. (...) A conceituação complexa, em síntese, situa-nos para além do pensamento monológico; monolítico; fechado; estático; absoluto; e nos leva a um pensamento relacional; móbil; generativo (CIURANA, 2010, pp. 90-91).

Partindo dessa proposta de pensar em movimento, de forma criativa, Ana Sánchez aprofunda a discussão em outro ponto importante que é a dialógica, o “aprender a articular os pontos de vista disjuntos do saber num ciclo ativo” (2010, pp. 171-172). Creio ser importante ressaltar que, do meu ponto de vista, esse movimento não deve se dar no sentido circular, por acreditar que o círculo representa algo fechado, que se repete. Prefiro pensar num movimento aberto, inspirado pela figura da espiral trazida por Morin e que, na sua opinião, foi a grande contribuição da cibernética de Norbert Winer. Na concepção do francês, a espiral quebra com a linearidade de uma lógica causa/efeito e nos permite perceber, a partir de seu movimento aberto, que tais multidimensões têm fronteiras borradas, agem umas sobre as outras, dentro dessa perspectiva dialógica e de retroação. Nessa proposta, para além da busca de um fim ou de uma solução do problema proposto, a produção de conhecimento se faz ao longo do processo de construção da pesquisa, já que, nesse caso, como indica Sánchez, a “finalidade está no caminho” (2010, p. 172). Portanto, a espiral acaba por se constituir num processo explicativo, em que a “explicação se dá num processo retroativo e recursivo que, em si, é gerador. (2010, pp. 172-173)

Na concepção da pesquisadora espanhola, a espiral permite emergir outra lógica, que busca trabalhar a interação entre as multidimensões que dão forma a um problema de pesquisa, numa perspectiva dialógica, em que as partes se complementam, convergem e são antagônicas. Tenho consciência, porém, como indica Ciurana (2010), de que o pensamento complexo nos obriga a viver com a contradição e com a incerteza, já que não é possível superá-las e nem deixá-las de lado. Essa perspectiva é relevante para reforçar que mais importante que a tentativa de construir uma teoria do jornalismo esportivo complexo, a finalidade de trabalhar com esse método do pensamento complexo está justamente no processo de construção, nesse fluir entre as multidimensões que dão forma ao objeto que se pretende pesquisar, na busca por apreender e expor sua complexidade.

Acredito ser uma forma bastante produtiva para apresentar ao leitor o problema de pesquisa proposto de uma maneira densa e perspectivada.

Com base nos elementos trazidos pelo paradigma da complexidade – a ideia de um pensar em movimento, a multidimensionalidade, a retroação, a inter-relação, a dialógica, a figura da espiral –, passei, então, a imaginar uma forma de materializar a discussão acima em uma metodologia para construir a presente pesquisa. A primeira medida foi organizar os dados empíricos e teóricos dentro de uma perspectiva multidimensional. Para efeitos da presente pesquisa, decidi, então, refletir sobre o universo do futebol e a forma como ele é abordado nas matérias a partir de cinco dimensões: a esportiva, a dos personagens, a sociocultural, a midiática e a econômica. É importante ressaltar que tais dimensões foram idealizadas, exclusivamente, para o contexto da presente pesquisa, como uma maneira de facilitar a organização do trabalho com os dados levantados. Com isso, em sintonia com a proposta de um pensar em movimento e tendo em conta os aspectos acima mencionados, pretendo, no movimento de aproximação ao problema de pesquisa, evidenciar que as dimensões possuem fronteiras fluídas, se interconectam, agem umas sobre as outras dentro de uma perspectiva dialógica, agindo e provocando uma retroação.

Neste sentido, é relevante deixar claro que tais dimensões não são absolutas, portanto, pretender delimitá-las em categorias fechadas, tentando determinar de forma objetiva o que faria parte de cada uma delas, iria de encontro a tudo o que foi exposto anteriormente em relação ao paradigma da complexidade. É possível, porém, fazer algumas considerações em relação a elas. A dimensão esportiva diz respeito mais aos aspectos competitivos, relacionados à participação na Copa São Paulo de Futebol Junior, aos resultados obtidos pelas equipes do projeto ao longo do tempo e à carreira de jogador de futebol. A dimensão dos personagens pode ser pensada a partir dos sujeitos que aparecem nas matérias analisadas, seus projetos, sonhos e expectativas. Tal dimensão provavelmente surja imbricada com a dimensão sociocultural, que engloba as relações entre Brasil e Haiti, os fluxos migratórios de haitianos para o país, a atuação da Viva Rio e do exército brasileiro no país caribenho e a situação atual do país centro-americano. Podemos pensar ainda a dimensão econômica, que vai abranger desde a situação econômica atual do Haiti até às idealizações em torno da profissão de jogador de futebol. Por fim, temos a dimensão midiática, em que aparecem questões relacionadas ao destaque dado pela imprensa à presença do Pérolas Negras no Brasil e à forma como o jornalismo

percebeu e construiu esse acontecimento, bem como à maneira como o apreço pelo futebol brasileiro foi se consolidando no imaginário haitiano. Reitero que não se tratam de categorias fechadas, pois as fronteiras entre tais dimensões são fluídas. Portanto, é natural que de certa forma elas se confundam umas com as outras.

Tendo como ponto de partida essas cinco dimensões, passei, então, a pensar de que forma estruturar a discussão com o intuito de permitir uma aproximação mais complexa ao problema de pesquisa. A proposta idealizada é de construir a pesquisa a partir de um movimento em espiral, em que a aproximação ao problema de pesquisa flua pelas múltiplas dimensões (contextos) em um movimento da margem para o centro (problema de pesquisa). Com isso, a partir de uma abordagem transdisciplinar das dimensões que envolvem o futebol contemporâneo, acredito ser possível evidenciar elementos que demonstrem a potencialidade de o jornalismo esportivo realizar uma abordagem complexa da questão dos fluxos migratórios de jovens dentro de tal universo, e, também, perceber de que forma historicamente o jornalismo esportivo construiu, reproduziu e fez circular essas construções simbólicas em torno do futebol. Dentro da proposta de um pensar em movimento, ao invés de capítulos com temáticas fechadas nelas mesmas, será adotada aqui a perspectiva de trabalhar com quatro movimentos de aproximação do problema de pesquisa e um movimento de análise do *corpus* selecionado. Penso que assim é possível fazer emergir o problema de pesquisa aqui proposto em toda a sua multidimensionalidade.

Acredito que por meio desse processo de aproximação multiperspectivado, partindo da margem para o centro, é possível evidenciar ao leitor a complexidade que dá forma ao objeto a ser analisado, fazendo com que, quando chegue ao problema de pesquisa, já tenha a percepção dos diversos atravessamentos ideológicos presentes nas narrativas da imprensa esportiva relacionados ao futebol. Tal processo nos permite ainda demonstrar o modo com que esses discursos foram articulados e postos em circulação na sociedade brasileira ao longo do primeiro século de futebol no Brasil, ajudando com que se constituísse simbolicamente num importante instrumento de mobilidade social para as camadas sociais menos favorecidas economicamente. Sendo assim, acredito que essa compreensão mais densa do universo que pretendo estudar também permite uma maior profundidade e consistência na hora de analisar a maneira como o jornalismo esportivo aborda os fluxos migratórios de jovens atletas a partir do caso dos meninos haitianos do Pérolas Negras.

2.1 Premissas para a análise:

Concluído o processo de aproximação ao problema de pesquisa, passamos então a estruturar o processo de análise do objeto de pesquisa. Passo agora a explicitar a definição do *corpus* da pesquisa. Num primeiro momento, foi realizada busca através do buscador Google com as palavras “Pérolas Negras”, “Haiti” e “futebol”, cheguei a 104 resultados.¹⁶ Como filtro inicial, foram selecionadas apenas matérias publicadas entre 1 de dezembro de 2015 e 1 de abril de 2016, período que compreende o anúncio da participação dos Pérolas Negras na Copa São Paulo de Futebol Júnior até dois meses depois da disputa do torneio. Acredito que estabelecer o prazo de dois meses depois da competição como marcador final possibilita acessar algum tipo de repercussão ocorrida após o término da competição.

O passo seguinte foi selecionar dentre as matérias àquelas que se referiam à participação no torneio de uma forma mais ampla, saindo da mera descrição dos jogos. Textos que só apresentavam o resultado ou a descrição das partidas foram descartados. Dei preferência a reportagens que falassem da presença dos Pérolas Negras no país de forma mais ampla, por trazerem uma abordagem mais próxima daquilo que pretendemos analisar. Foram escolhidas 12 matérias que tematizavam o Pérolas Negras, publicadas em sites dos mais diversos, como forma de contemplar uma pluralidade de vozes. Nesse sentido, procurei selecionar textos tanto de veículos que fazem uma cobertura diária dos temas ligados ao futebol quanto daqueles que trabalham com o futebol dentro de uma temporalidade mais ampla. Para acrescentar elementos à análise, este segundo grupo foi subdividido ainda entre os veículos tidos como da mídia hegemônica e o que classificamos aqui como veículos da era da internet. A intenção é observar se existe diferença de abordagem entre os diferentes grupos – e caso existam, quais. A decisão de subdividir o segundo grupo se dá por entender que, mesmo que trabalhem com uma abordagem menos factual do futebol, existe uma diferença de estilo e abordagem entre a mídia tradicional e as iniciativas surgidas no ambiente digital. Penso que dessa forma é possível explorar de forma mais densa as diferentes formas de abordagem.

Finalizada a análise prévia do material disponível, com base nos passos mencionados no parágrafo acima, foram selecionadas 12 matérias para constituir o *corpus* dessa pesquisa. Fiz, então, uma seleção equitativa entre esses três grupos citados acima,

¹⁶Em anexo apresento uma tabela com as matérias que fazem algum tipo de referência ao time ou aos jogadores do Pérolas Negras no título.

constituindo-se da seguinte forma: Grupo 1: os sites dos jornais *Estado de São Paulo* e *Folha de São Paulo*, o do *GloboEsporte.com* e da *Espn Brasil*. Grupo 2: sites das revistas *Veja* e *Exame*, da *Empresa Brasil de Comunicação (EBC)* e da *BBC Brasil*; e Grupo 3: sites *Trivela*, *Calle 2*, *Vice Brasil* e *Huffington Post*. Para não ter que reproduzir o título das 12 matérias, que serão citados oportunamente no movimento de análise, nessa descrição dos grupos estão indicadas apenas suas procedências. O passo seguinte foi realizar uma primeira observação do *corpus* e elencar os inúmeros aspectos trabalhados. Cheguei a um total de 24 pontos, que foram organizados em uma grade de entendimento (em anexo). Em seguida, agrupei-os em seis eixos temáticos para tornar mais fácil o processo de análise dos textos. A partir deles procedo uma descrição analítica do material, trabalhando os textos estudados a partir de uma discussão teórica sobre jornalismo que ajuda a fundamentar a discussão proposta.

Para não fugir das perspectivas trazidas pelo paradigma da complexidade, me parece que a opção mais adequada para analisar a cobertura da imprensa esportiva sobre a participação do time Pérolas Negras na Copa São Paulo de Futebol Júnior 2016 é ter como ponto de partida as dimensões acima apresentadas. Neste sentido, se a aproximação ao problema se deu da margem para o centro, no caso da exploração do *corpus* o processo se dará, numa forma ilustrativa, no sentido inverso. Partindo do material selecionado, pretendo verificar *se e de que* forma as questões apresentadas no processo de aproximação ao problema de pesquisa aparecem e são articuladas pelo discurso jornalístico. As dimensões esportiva, econômica, midiática, sociocultural e dos personagens, então, servem como marcadores iniciais para facilitar a exploração dos textos selecionados, seja para perceber as presenças ou para constatar ausências. Por terem fronteiras fluídas, é provável – e da minha perspectiva até desejável – que um mesmo texto flua pelas múltiplas dimensões. O ideal seria explorar as cinco dimensões de forma dialógica, complexificando, assim, a abordagem do conteúdo.

É preciso ter em conta, porém, que as reduções estereotipadas e a naturalização se constituem numa forma de simplificação que acaba por distorcer a realidade, de modo que se distanciam da complexidade desejada, mesmo que em sua estrutura o texto se movimente entre as dimensões. Tomando a perspectiva de uma Teoria do Valor Cultural defendida por Ciro Marcondes Filho (2002) para a apreciação de bens midiáticos, podemos questionar a validade deste tipo de abordagem, já que, como aponta o autor, um trabalho jornalístico que “dedique mais tempo às notícias individualmente, investigando-

as, dando mais ângulos, trabalhando intensivamente com o tema sem o desgaste do clichê pode informar de maneira a tornar o fato mais compreensivo e claro” (2002, p. 23). Neste sentido, funcionando como uma espécie de fator de desvio, outro marcador a ser verificado no material analisado seria o do estereotipo/clichê.

Quando Fontcuberta (2006) afirma que os fatos são “pontas de inúmeros icebergs sociais”, podemos pensar que uma análise complexa por parte da imprensa sobre a participação do time Pérolas Negras na Copa São Paulo de Futebol Júnior estaria em trabalhar não somente o que está na superfície – a simples participação da equipe no torneio –, mas também o que está abaixo dela, refletindo de forma mais profunda sobre os aspectos socioculturais implicados, sobre as razões que levam esses haitianos a saírem de casa ainda jovens para correr atrás do sonho de ser jogador de futebol justamente no Brasil.

3 PRIMEIRO MOVIMENTO DE APROXIMAÇÃO: O POTENCIAL SIMBÓLICO DO FUTEBOL

Nesse primeiro movimento de aproximação do problema de pesquisa, vamos analisar a relação entre futebol e cultura para evidenciar o potencial simbólico do futebol e a maneira como foi apropriado pelas diferentes sociedades em que foi introduzido. Como ponto de partida, é importante resgatar alguns aspectos que estão nas origens dessa modalidade esportiva.

Os esportes ditos modernos – entre eles o futebol – surgem na Inglaterra na segunda metade do século XIX como instrumentos pedagógicos dentro do projeto modernista europeu. Inicialmente dirigido às classes médias, o futebol acabou se popularizando por toda a sociedade. Hobsbawm (2015, p. 361) explica que “a princípio desenvolvido como um esporte amador e modelador do caráter pela classe média na escola secundária particular, foi rapidamente (1885) proletarizado e, portanto, profissionalizado”. Além da formação do caráter, o futebol também servia como uma forma de socialização entre os trabalhadores das fábricas inglesas e escocesas, pontua o autor.

É importante considerar que a difusão do futebol ao redor do globo se deu dentro de um projeto geopolítico mais amplo. No caso das colônias, tais modalidades permitiam às classes coloniais reproduzirem suas identidades e práticas socioculturais longe de casa, como uma forma de se manterem próximas às suas raízes em ambientes tidos como “selvagens”. Além disso, o sociólogo escocês Richard Giulianotti (2012) ressalta que “considerava-se que o inculcar dos esportes imperiais desempenhava funções sociopolíticas, controlando costumes corporais lascivos e amenizando as formas de agitação política” (2012, p. 19). Neste sentido, o antropólogo Luiz Henrique de Toledo comenta que

esse fenômeno regulador das atividades lúdicas ocorrido nas sociedades europeias fundiu-se com os mecanismos mais abrangentes de processos similares, políticos, econômicos e sociais, de longa duração, que alteraram significativamente as sensibilidades no domínio da sociabilidade – o que os sociólogos como Norbert Elias definem como a “parlamentarização” das condutas individuais e coletivizadas no âmbito das festas populares e seus jogos correlatos. Nesse sentido, esses jogos coletivos com bolas, cada vez mais caracterizados como esportivos, preconizaram, na sua dinâmica e fruição, um determinado *ethos* competitivo que se ambicionava generalizar, o que de fato ocorreu, em consonância com as outras dimensões da sociedade burguesa igualmente regidas pelos princípios de equivalência competitiva individualista (TOLEDO, 2000, p. 21).

Um dos primeiros cientistas sociais a voltar seu olhar para a relação entre o futebol e a sociedade brasileira, ainda no final da década de 1970, o antropólogo Roberto DaMatta reforça o argumento de Toledo, lembrando que, por mais que tais modalidades possam ter sido apropriadas de formas distintas pelas culturas locais, não se pode perder de vista o aspecto ideológico que as acompanham desde que surgiram. O pesquisador aponta que o papel dos esportes no mundo moderno está fortemente vinculado com dois aspectos de grande relevância para a burguesia. O primeiro seria a disciplina das massas e, o segundo, sua vinculação estrutural e estruturante com a noção de *fair-play*, “que conduz à trivialização (e à relativização) da vitória e da derrota” (2006, p. 150). DaMatta vê nessa forma de socializar para o fracasso e para o êxito algo mais profundo do que simplesmente o objetivo de educar para saber ganhar ou perder um jogo. Para ele, tais perspectivas “somente poderiam ocorrer numa sociedade transformada, como disse, melhor do que ninguém, Karl Polanyi, pelo mercado que tudo engloba e faz crer que todos são mesmo jogadores com iguais oportunidades” (2006, p. 150).

Ainda em relação aos aspectos doutrinários contidos na criação dos esportes modernos, o jornalista e sociólogo Muniz Sodré destaca “a pregação dos sentimentos de obediência e comando aliados ao gosto do individualismo e da competição” (2005, p. 158). O pesquisador comenta que a prática das novas modalidades esportivas se constituía em um canal de introdução dos jovens na luta competitiva do convívio social. Na visão de Sodré, a “livre competição empresarial do domínio econômico e livre competição de corpos na esfera biológica eram prescrições que, darwinianamente, reafirmavam a luta seletiva como motor de existência” (2005, p. 158). Nesta mesma linha, DaMatta (2006) aponta que os esportes estabelecem nas sociedades modernas espaços legitimados para a disputa de forças e para que se assuma uma postura conflitiva e agonística. Em função disso, avalia o investigador, eles “são capazes de despertar em circunstâncias especiais esses valores relativamente adormecidos e essenciais à renovação dos laços sociais e da própria sociabilidade” (2006, pp. 153-154).

Devido a essas características, segue DaMatta (2006), as práticas esportivas são facilmente conectadas a “cosmologias” locais. O antropólogo comenta que, “para além do lado instrumental e prático, o esporte possui ainda um enorme eixo expressivo e/ou simbólico que fala mais do modo como nos vemos e queremos ser vistos do que sobre o que estamos fazendo” (2006, pp. 149-150). Ao analisar a relação entre esporte e cultura brasileira, a socióloga estadunidense Janet Lever (1983) afirma que o nosso sistema

esportivo está intrinsecamente ligado ao caráter nacional. Na sua perspectiva, o esporte praticado por um povo pode levar a conclusões sobre ele, visto que geralmente o esporte se ajusta a padrões culturais existentes naquela sociedade. Invenção inglesa, o futebol acabou se tornando o esporte mundialmente mais popular, porém os aspectos organizacionais e os estilos de praticá-lo foram atravessados pelos padrões locais (HELAL, 1997, p. 120).

3.1 Que cultura brasileira é essa?

Muito se fala que o futebol é um fenômeno extremamente representativo da cultura brasileira, que se reflete nele e é refletida por ele. Em função desse imbricamento, perde-se muito em perspectiva quando o analisamos sem fazer essa relação. De pronto, surge uma questão que necessariamente precisa ser enfrentada: afinal, o que poderíamos definir como uma cultura brasileira e que elementos são esses que acabam sendo evidenciados por meio do futebol? Uma pergunta cuja resposta, por óbvio, não é simples. Como alerta Carlos Alberto Messeder Pereira (2005) na apresentação de *A verdade seduzida*, de Muniz Sodré, “pensar a questão da cultura no Brasil é uma tarefa marcada por uma complexidade toda especial e que, por isso, exige do investigador uma dose elevada de habilidade e invenção” (2005, p. 01). Pereira nega o velho mito que resume o povo brasileiro como o encontro de três raças – o branco, o negro e o índio – recorrente nas teorias culturalistas e imagem característica do “*melting pot*”¹⁷ brasileiro. Conforme o autor,

(...) a cultura, no Brasil, aponta para o confronto essencialmente contraditório e problemático de duas vertentes culturais: uma ocidental, representada pelo pensamento branco/europeu dos grupos dominantes, e outra não ocidental – implicando, assim, um modo radical e substancialmente diferenciado de definir e se relacionar com o real –, tornada presente, especialmente, pela cultura negra, cujo vigor está longe de ter se arrefecido diante do jogo da dominação de classe a que foi e é submetido o negro no Brasil. Dessa forma, o simples pressuposto liberal do ‘direito à diferença’ que permeia boa parte dos estudos relativos à análise da diversidade cultural brasileira não é suficiente para dar conta, em sua amplitude, do desafio posto pela questão da cultura no Brasil. Aqui, a realidade cultural constitui-se numa espaço bastante

¹⁷ A expressão *melting pot* pode ser compreendida como um lugar de mistura de raças e culturas, como uma espécie de “caldeirão de raças”.

específico de luta e tensão que precisa ser mais bem identificado, em sua linha de força, pelos analistas sociais (PEREIRA, 2005, p. 01)

Como aprofundar esse debate em torno de um conceito de cultura no Brasil é algo que não está entre os objetivos da presente pesquisa, o que se pretende aqui é trazer alguns elementos que considero importantes para melhor compreender as apropriações e narrativas em torno do futebol dentro da nossa sociedade. Primeiramente, é interessante recordar o alerta de Muniz Sodré de que “o modelo ocidental de produção de coerência (a ideologia moderna) não controla nem esgota as possibilidades humanas de relacionamento com o movimento de sentido” (2005, p. 117). Esse é um ponto importante já que estamos falando de uma situação de embate entre duas ordens culturais que coexistem e se interpenetram ao longo dos últimos séculos dentro da sociedade brasileira, “a branca e a negra, funcionando esta última como fonte permanente de resistência a dispositivos de dominação e como mantenedora do equilíbrio efetivo do elemento negro no Brasil” (SODRÉ, 2005, p. 92).

Outro ponto importante é que não estamos falando de *uma* cultura negra fundadora ou originária, como alerta o autor, mas da união de vários dispositivos culturais oriundos de diversas nações ou etnias de escravos que foram trazidos da África entre os séculos XVI e XIX. Subjugadas dentro de uma sociedade escravocrata, essas culturas encontraram nos terreiros seu espaço de sobrevivência. Nesses locais, que eram permitidos pela cultura branca por serem tidos como inofensivos, a população negra revivia, ainda que de forma clandestina, “os ritos, cultuava deuses e retomava a linha do relacionamento comunitário” (SODRÉ, 2005, p. 93). Podia-se perceber, desde então, a estratégia de jogar com as brechas do sistema, de “agir nos interstícios da coerência ideológica”. Portanto, a “cultura negro-brasileira emergia tanto de formas originárias quanto dos vazios suscitados pelos limites da ordem ideológica vigente” (SODRÉ, 2005, p. 93).

Um dos primeiros pontos a serem observados é que as características que definem a identidade do futebol brasileiro têm como origem os trabalhos do antropólogo Gilberto Freyre, o que aprofundaremos mais à frente. Sua perspectiva de “mulatismo cultural” e “democracia racial” hoje são fortemente criticadas por seu caráter ideológico. Conforme Sodré, o etnocentrismo e o “patriarcalismo patriarcalista” tornam a obra de Freyre sensível às críticas. Porém, ao mesmo tempo, Sodré considera que o autor de *Casa Grande & Senzala* e de *Sobrados e Mucambos* se aproximou da cultura negra muito mais

do que qualquer outro cientista social da região Sul do país (2005, p. 128). As ideias de Freyre podem ser enquadradas na categoria de ideologia cultural, sendo ela "toda tentativa de redução do sentido da cultura aos modelos ideológicos atuantes nas relações sociais" (SODRÉ, 2005, p. 53). Conforme Sodré, se situam nessa categoria "doutrinas culturalistas, políticas culturais, avaliações burocráticas da produção intelectual, posições intelectuais etc." (2005, p. 53).

Nesse sentido, o autor critica o que chama de defesa intelectual do negro pela ciência social porque, a seu ver, geralmente busca delimitar o espaço da cultura negra, instituindo como "verdade brasileira um inexistente sincretismo religioso e tenta reduzir o ritual à estética sublimativa importada da Europa". Com isso, "o negro é assim assimilado a uma das matrizes de antropofagia (termo do modernismo) ou de 'carnavalização' brasileiras" (SODRÉ, 2005, p. 128). Como exemplo, Sodré cita a figura da personagem Xica da Silva, uma escrava que, ao seduzir e casar com o seu senhor, acabou por desfilar nos principais salões da sociedade brasileira.

Dessa maneira Chica da Silva seria, ao mesmo tempo, um pouco de Macunaíma (Mário de Andrade), algo de João Miramar (Oswald de Andrade), muito do ideograma da negra sedutora de senzala (Gilberto Freyre), bastante dos estereótipos sensualistas da mulata (Gilberto Freyre, folcloristas, mass media), algo do discurso doutrinário da democracia racial brasileira (manuais escolares, pronunciamentos oficiais etc), algo do ufanismo nacionalista de determinados momentos das escolas de samba cariocas, algo do mito da esperteza do malandro. Esse conjunto sincretístico de discursos, apresentado pelo cinema, pela televisão e por ideólogos do culturalismo como um traço permanente de verdade, uma "constante estrutural" da sociedade brasileira, é perfeitamente assimilável ao projeto estilístico da *pop art*, sintoma típico da ideologia hedonista dos tempos ditos pós-industriais ou pós-moderno (SODRÉ, 2005, pp. 130-131).

Dentre os diversos elementos da cultura negra que foram apropriados por Gilberto Freyre para forjar sua concepção de "futebol mulato", a capoeira¹⁸ acabou ocupando posição central. O pesquisador explica que, na capoeira, a "*malícia* (ou mandinga)" se constitui em elemento central, pois aponta de forma exata "a capacidade negra de contornar a ideologia ocidental do corpo" (2005, p. 160), que, conforme o autor, está expressa nas determinações presentes em relação a uma forma específica do uso do corpo que em questão de segundos eram subvertidas por gesto inesperado. "Solto em seu

¹⁸ Segundo Sodré, a capoeira se constituía em uma estratégia cultural, sendo simultaneamente "luta com aparência de dança, dança que aparenta combate, fantasia de luta, vadiação, mandinga, a capoeira sobreviveu por ser *jogo cultural*" (2005, p. 155).

movimento, seduzindo pelo próprio ritmo, o corpo encontra instintivamente seu caminho, *a medida da ocasião* ou o *kairós*¹⁹” (2005, p. 160).

Por fim, Sodré rechaça uma ideia corrente no imaginário das associações entre a capoeira e o futebol de que a permanência dessa arte no tempo esteja vinculada a uma espécie de disposição do corpo à rebelião, herança de um passado escravagista. O autor ressalta a presença de aspectos emocionais e culturais presentes nessa luta que inexistem nas modalidades esportivas modernas. Para ele, a capoeira serviria para afirmar “um corpo orgulhoso de sua vitalidade e ciente de seus segredos, de sua mandinga” (2005, p. 162). Sendo ainda o caminho de afirmação de um estilo peculiar do uso corporal vinculado à preservação dessa cultura. Em função de tudo o que foi exposto anteriormente, quando se pensa em discutir algum aspecto relativo à formação cultural brasileira, é sempre preciso ter em consideração que

A cultura negra é um lugar forte de diferença e de sedução na formação social brasileira. No ritual – essa estratégia das aparências –, os gestos, os cantos, o ritmo, a dança, as comidas, todos os elementos simbólicos encadeiam-se sem relações de causa e de efeito (não há um signo determinante), mas por contiguidade, por contato concreto e instantâneo. A magia e a música partilham a mesma linguagem, a mesma ausência de significação, a mesma pluralidade de espaços. A linearidade de escrita, abstração racionalista, o isolamento hedonista do indivíduo (que desemboca numa alucinada ‘liberação sem fronteira’) e a obsessão do sentido último encontram na cultura negra seu limite (SODRÉ, 2005, p 135).

3.2 A polissemia do futebol

Para compreender a maneira como o futebol foi se consolidando no imaginário brasileiro como parte fundamental da nossa identidade, antes é preciso discutir o que podemos chamar de potencial simbólico de tal prática desportiva. Por ser polissêmico, o esporte normalmente está aberto a diversas interpretações. Em função disso, ele acaba sendo percebido e apropriado de distintas maneiras, conforme as características e o momento histórico de cada sociedade. Para a antropóloga húngara Bea Vidacs o “esporte não é um reflexo da sociedade, mas parte dela: ele tanto é moldado por ela, como a modela”, pois caso incorrêssemos na primeira interpretação, correríamos grande risco de

¹⁹Na mitologia grega, Kairós é tido como o deus do tempo oportuno.

cairmos em visões naturalizadas, que “simplificarão as realidades encontradas e não considerarão as motivações e aspirações das pessoas envolvidas” (VIDACS, 2012, p 41).

José Miguel Wisnik, por sua vez, vê tal modalidade como um sistema simbólico que aciona o imaginário ao nos colocar em contato com a realidade da perda, pois, para vivenciar a experiência do jogo é necessário que o público aceite o fato de que o seu time pode estar destinado a “ganhar (assumindo temporariamente uma onipotência imaginária) e a perder (recebendo uma cota de frustração e de real), ambas relativas e devolvidas ao reinício do jogo” (WISNIK, 2008, p. 46). Na sua perspectiva, tais características constituem uma estrutura aberta, que não pode ser antecipadamente determinada, permitindo a incorporação de “modos de relação entre indivíduos e grupos. Em casos localizados, recrudescer abertamente em suporte de conflitos raciais, religiosos, políticos, sexuais” (2008, p. 46).

Em função dessa abertura às mais diversas apropriações – sejam estilísticas ou ideológicas –, é praticamente impossível querer buscar esquemas para tentar explicar o mundo do futebol através do “enquadramento, da classificação e da oposição clara e coerente dos signos esportivos” (RODRIGUES DA SILVA, 2014, p. 167). Conforme Marcelino Rodrigues da Silva, o “futebol, como esporte, espetáculo e universo comunicacional, extrai sua eficácia justamente da capacidade de produzir narrativas que se cruzam, diversificam e desdobram, ao sabor das circunstâncias e das posições enunciativas” (2014, p. 167). Por isso, mesmo que seja tido como quase universal, o futebol precisa ser analisado sempre em relação às culturas locais. O sociólogo e antropólogo Hugo Lovisolo (2001) ressalta que a “linguagem estetizada do gosto e estilo particular passou a ser uma dimensão importante da construção identitária, tanto no caso da sociedade brasileira quanto de outras”. No nosso caso, elementos como futebol, samba e carnaval se tornaram aspectos dominantes nesse processo construtivo. Conforme o autor (LOVISOLO, 2001, pp. 09-10), “a alegria do futebol (...), passou a ser uma poderosa metonímia da representação da identidade brasileira: o povo que enfrenta as adversidades com alegria. De fato, o futebol foi visto como teatro da vida”.

Nesse sentido, o antropólogo Arlei Damo (2007) acredita que a forma como o futebol criado pelos ingleses acabou sendo apropriado pela sociedade brasileira deve ser vista “como uma reelaboração bem-sucedida de uma prática exógena; uma espécie de canibalismo simbólico, portanto” (2007, p. 37). Essa assimilação, todavia, não se deu de

maneira homogênea, como veremos no próximo movimento. Na adequação dos códigos e etiquetas dos esportistas dentro da sociedade, a elite se alinhou às tendências modernas do primeiro mundo, enquanto outros segmentos fizeram uma adaptação mais livre, o que, como veremos mais adiante, acabou gerando acalorados embates em torno dos seus significados – sendo a imprensa esportiva o principal palco dessa disputa. Na percepção de Wisnik (2008), tratou-se de uma modalidade de “alta antropofagia”, que possibilitou que a cultura do colonizador pudesse ser reinventada, de forma distinta e com outra configuração, pela cultura popular no Brasil. Essa apropriação não ocorreu apenas no futebol, mas foi se dando dentro de um quadro mais amplo da sociedade.

Como mencionamos acima, o antropólogo Gilberto Freyre e sua concepção de mulatismo cultural serviram de alicerce para essa construção. Tal capacidade de “assimilar, dominar, amolecer em dança, em curvas e em músicas, as técnicas europeias ou norte-americanas”, (FREYRE, 1967, pp. 431-432 apud RODRIGUES DA SILVA, 2014, p. 36), se constituía numa construção que, como demonstra Marcelino Rodrigues da Silva, também “tangenciava os sonhos modernistas da Antropofagia, devorando, deglutindo e transformando o legado europeu, e do ‘biscoito fino’ finalmente acessível às massas, segundo outra fórmula de Oswald de Andrade” (2014, p. 36). Um dos principais articuladores de todo esse processo, que também analisaremos mais detidamente no momento oportuno, foi o jornalista Mário Filho, que inovou na cobertura da imprensa esportiva da época ao estampar nas páginas nos jornais os personagens populares que surgiam nesse novo campo social.

3.3 Os pés e o futebol como fenômeno das massas

No plano simbólico, o fato de o futebol ser jogado com os pés é uma das razões apontadas por muitos pesquisadores para explicar tanto a sua polissemia quanto a sua popularidade. Os antropólogos Ruben Oliven e Arlei Damo (2001), por exemplo, sustentam que a razão prática indica que o futebol é popular por suas regras serem assimiláveis e o jogo ser de fácil adaptação de acordo com o tempo, espaço, equipamentos disponíveis e o virtuosismo dos praticantes. Enquanto a razão simbólica, por sua vez, comentam, privilegia os aspectos culturais e, portanto, as singularidades humanas. Na mesma linha, Marcos Souza (1996) aponta que no futebol existe uma inversão dos valores

que regem a construção do corpo. No nível da temporalidade espacial do futebol, os valores atribuídos às partes do corpo são inversos ao da temporalidade cotidiana. Portanto, esse esporte acarreta imprecisão e imprevisibilidade, pois libera membros que são alvo de um rígido controle cultural, hierarquicamente submetidos e inferiores.

Segundo Oliven e Damo (2001), essa concepção se constrói a partir de uma ideia de que os membros superiores estariam mais próximos da cultura, enquanto os inferiores ficariam a mercê da natureza. A aproximação com a cultura popular, então, se explicaria pelo fato de o futebol prescindir do uso das mãos, sobre as quais recaem um extenso processo de ensino e aprendizagem.

Talvez o mais importante seja reconhecer que, além de opor natureza e cultura, a preponderância dos pés implica numa série de representações ligadas a ideias de valor atribuídas aos hemisférios superior e inferior. Parte de uma ideia socialmente elaborada e tendenciosamente favorável à valorização ao alto em detrimento do baixo. O futebol estaria situado na contramão da civilização, ou, se assim prefere, em um ponto menos nobre da cultura ocidental. Estaria ligado à parte inferior do corpo e, conseqüentemente a uma gama extensa de identidades e símbolos indesejados. (...) A preponderância dos pés aproximou o futebol da cultura popular (Oliven e Damo, 2001, p. 68, tradução nossa)²⁰.

Portanto, o fato de ser jogado com as partes inferiores do corpo torna o futebol o menos previsível dos esportes coletivos, associando-o constantemente a noções de imprevisibilidade, sorte e destino – o que contribui para criar toda a magia em seu entorno. O gol é um evento isolado, quase aleatório, em que a competência técnica nem sempre é suficiente e, justamente por isso, deixa margem para especulações sobre a influência de elementos mágicos. “Em uma sociedade como a moderna, em que o espaço para a magia é em geral pequeno, o futebol lhe reserva um lugar privilegiado” (OLIVEN, DAMO, 2001, p. 67, tradução nossa)²¹. Essa imprevisibilidade gerada pela predominância dos pés, que distingue o futebol dos demais esportes coletivos, é um aspecto também destacado por José Miguel Wisnik (2008), que enxerga no futebol uma espécie de mundo ao inverso, instaurado pelo desenvolvimento de uma linguagem dos

²⁰“Tal vez lo más importante sea reconocer que, más allá de oponer naturaleza y cultura, la preponderancia de los pies implica una serie de representaciones ligadas a la idea de valor atribuidas a los hemisferios superior e inferior. Siendo esta idea socialmente elaborada y tendenciosamente favorable a la valorización de lo alto en detrimento de lo bajo, el fútbol estaría situado a contramano de la civilización, o si prefiere, en un rellano menos noble de la cultura occidental. Estaría todavía ligado a la parte inferior del cuerpo y, consecuentemente, a una gama extensa de entidades y símbolos ‘ideseados’. (...) La preponderancia de los pies aproximó el fútbol a la cultura popular”.

²¹“En una sociedad como la moderna, en la cual el espacio para la magia se encuentra en general reducido, el fútbol le conserva un lugar privilegiado”.

pés, originada no “hemisfério corporal menos especificado e, em princípio, cego para os controles sutis e a precisão objetiva mais acurada” (2008, p. 98).

Em *Antropologia do óbvio: um ensaio em torno do significado do futebol brasileiro*, Roberto DaMatta (2006) nos ajuda a trazer essa discussão sobre pés e futebol para dentro do contexto da sociedade brasileira. Inicialmente, o autor destaca os mesmos aspectos de imprevisibilidade e imprecisão criados pelo fato de ser jogado com as partes inferiores do corpo e mencionados pelos autores anteriores, reforçando que são tais características que abrem o futebol “às ideias de sorte, destino e predestinação” (2006, p. 155). Contudo, para nos ajudar a levar adiante a discussão aqui proposta, o mais relevante dessa “subordinação de todo o corpo às pernas, quadris e cintura” está no fato de que, como indica o autor, essas partes “são centrais para as danças nacionais como o samba e alvo de um elaborado simbolismo” (2006, p. 156-157). DaMatta prossegue sua argumentação destacando que,

Deste modo, fala-se do brasileiro esperto e malandro – aquele que sabe viver e ‘tirar vantagem de tudo’. A pessoa que tem “jogo de cintura”. Expressão que se aplica tanto ao político em geral e ao populista em particular. Aquele que é capaz de dar nó em pingo d’água e dar o ‘pulo do gato’ – ou seja, viver positiva e cnicamente as contradições engendradas pelo seu comportamento ou pela conduta do seu partido, tanto quanto o bom jogador de futebol que, sabendo ‘enfiar a bola por entre as pernas do adversário’, define com esse gesto malandro o próprio estilo de praticar tal esporte no Brasil. Pois sabemos que o ‘futebol brasileiro’ representa a si mesmo pelo uso excepcionalmente habilidoso do corpo lido por meio das pernas e dos pés, por oposição dos outros estilos nos quais predominou a chamada ‘bola alta’, que exige o uso da cabeça (DAMATTA, 2006, pp. 156-157).

O antropólogo traz à cena outro elemento interessante nessa relação entre os pés, o futebol e a cultura brasileira. Em sua concepção, tais percepções estão ligadas ao significado atribuído ao pé na sociedade brasileira. O autor resgata a origem escravocrata da sociedade brasileira para dizer que no Brasil os pés são os instrumentos do povo enquanto às elites cabe – quando o fazem – o uso exclusivo das mãos. “Da sociedade escravocrata do passado ficou a ideia de um corpo pesadamente indexado. Corpo no qual os pés servem de metáfora para o seu lado humilde e inferior, por oposição às mãos e à cabeça” (2006, p. 158), ressalta. Mesmo que pense ser impossível comprovar cabalmente uma relação entre essa simbologia em torno do pé na nossa sociedade e o fato do futebol ser tão popular no nosso país, DaMatta acredita ser viável apontar uma “afinidade implícita entre um corpo tão marcadamente escravista e diferenciado entre mãos e pés, e um jogo repleto de prestígio no qual esses humildes pés é que balizam os limites do desempenho e do talento” (2006, p. 159).

3.4 O corpo do negro

Ainda dentro dessa discussão em relação ao corpo, é importante ter em mente que o futebol acabou trazendo para o centro dos debates em torno da identidade nacional um corpo que até então permanecia à margem, estigmatizado. Nesse sentido, Marcelino Rodrigues da Silva comenta que, de certa maneira, a história das práticas esportivas modernas pode ser entendida também como uma história do corpo, “das injunções da história e da cultura sobre o corpo, do corpo como objeto de disciplina e controle, dos combates e da política que se exerceram não só como corpo (...), mas sobre o corpo e tendo o corpo como objeto de disputa” (2014, p. 81). Na mesma linha de argumentação, Roberto DaMatta destaca que o “esporte e as novas ideias de saúde e higiene promoveram uma mudança paradigmática relativamente ao corpo na sociedade brasileira” (2006, p. 137). Ao analisar a produção da imprensa esportiva das primeiras décadas do século XX, ainda durante o processo de popularização desse esporte no país, Marcelino Rodrigues da Silva percebe uma ausência do corpo negro, algo que considera bastante significativo. Conforme o autor, esse corpo negro, estigmatizado e ainda restrito às margens, vislumbrava no futebol uma forma de ganhar visibilidade dentro da sociedade brasileira. O pesquisador toca em outro ponto importante para a discussão aqui proposta quando aponta que a imprensa esportiva se constituía no espaço em que se buscava domesticar esse corpo, o “lugar onde se realizavam os esforços para encontrar uma forma de preenchê-lo de sentido e torná-lo dizível, visível e arquivável” (2014, p. 89).

A entrada na cena pública do corpo negro a partir de seu sucesso nos campos de futebol faz surgir uma situação paradoxal, pois, conforme aponta Gilberto Freyre, entre os diversos modelos de corpo presentes na sociedade brasileira à época dois se destacavam: de um lado, o “o corpo ativo forte, mas negro, estigmatizado, suarento e castigado dos escravos e dos inferiores, usado como animal de carga e máquina”; no outro extremo, figurava o “corpo sedentário dos senhores, em cuja lerdeza e imobilidade fixavam-se os sinais capitais de superioridade e de poder” (DAMATTA, 2006, p.137). O paradoxo está no fato de que as modalidades esportivas modernas – no caso brasileiro, o futebol – acabaram criando a idealização de um corpo universal, desejado por toda a sociedade, não importando sua posição social. No caso da sociedade brasileira, o corpo que se destacava dentro dos gramados era o dos negros, fazendo com que aquele que antes era destinado a uma posição de inferioridade e exploração passasse também a representar

uma chance de redenção, evidenciando a possibilidade de que, por meio do corpo e do talento nos esportes, a posição social agora poderia ser modificada. Aquele corpo que antes era evidência de um destino fadado à exploração, poderia agora ser manipulado simbolicamente dentro dos gramados, transfigurando-se em remédio para essa comunidade.

3.5 Chegada ao Brasil

Conforme a versão oficial, o futebol chega ao Brasil por meio de Charles Miller em 1894, podendo ser sido antecedido ocasionalmente por marinheiros ingleses ou por funcionários das linhas férreas paulistas. Trazido para solo nacional como sinal de *status* e praticado nos clubes de elite como “importação inglesa, assumido como prerrogativa de classe e separado da plebe por uma espécie de cordão sanitário” (WISNIK, 2008, p. 200), o futebol se torna a vitrine de um estilo de vida europeizado, constituindo-se em fator de distinção em relação às demais camadas sociais. Nesta mesma linha, Roberto DaMatta (2006) lembra que o futebol chega ao Brasil como um dos símbolos da modernidade e encontra “uma sociedade vista por suas elites como atrasada e, com a proclamação da República, em alvoroço para recuperar o tempo perdido” (2006, p. 136).

A formalidade associada à nova prática pela “supostamente atualizada elite carioca e paulista, como se fosse inerente a ele (futebol)” (WISNIK, 2008, p. 201), escondia o fato de que, naquele momento, na Inglaterra, o futebol já havia sido apropriado pelas classes trabalhadoras, processo que começa a acontecer em solo brasileiro a partir da segunda década do século XX. Ao se apropriarem de tal prática, as camadas populares “rapidamente adestraram-se nos seus fundamentos técnicos, na interpretação de suas regras e na percepção de seus sentidos mais lúdicos, conferindo-lhe significados e dinâmicas sociais originais” (TOLEDO, 2000, p. 09), muitas vezes contrários ao da disciplinarização dos corpos e mentes que está na sua origem e que eram defendidos pelos *sportsmen* da elite brasileira.

O fato é que, encantados com os valores associados às práticas esportivas modernas, esses jovens da elite brasileira acabaram por levar o futebol para dentro das fábricas com o intuito de realçar junto aos trabalhadores valores como o esforço físico e o espírito competitivo moderno, caracterizado por regras que privilegiavam o respeito ao adversário (*fair play*). O jogo, então, mais do que uma simples prática esportiva, também

auxiliava a “disciplinar os corpos, esfriando as mentes e aplainando os corações, protegendo-os de ideologias subversivas e fazendo-os obedientes às regras” (DAMATTA, 2006, p. 139). Neste sentido, ao contrário de outras instituições da sociedade, DaMatta destaca que o futebol permitia a união de “muitas dimensões simbólicas na sua invejável multivocalidade, sendo a um só tempo, jogo e esporte, ritual e espetáculo, instrumento de disciplina das massas e evento prazeroso” (2006, p. 139).

O interessante é que esses valores difundidos pelas classes sociais mais ricas entravam em choque com algumas características típicas de sociedades semitradicionais, caso da brasileira, como a forte hierarquização social, causando uma espécie de polifonia de sentidos em torno dessa modalidade.

O fato iniludível é que o futebol entrava em conflito com valores tradicionais. Habitada a jogar, não a competir, a sociedade brasileira, construída e dinamizada por favores, hierarquias, clientes, e abarrotada de ranço aristocrático e escravocrata, reagia ambigualmente ao futebol. Esse estranho jogo que, dando ênfase ao desempenho, rotineira e democraticamente produzia ganhadores e perdedores, mas – eis o pasmo! – não transformava o vencedor em dono da atividade e, mais estranho ainda, não subtraía dos perdedores a dignidade, a honradez ou a vergonha (...). Foi certamente essa humilde atividade, esse jogo inventado para divertir e disciplinar que, no Brasil, transformou-se (sem querer ou saber) no primeiro e provavelmente no seu mais contundente professor de democracia e igualdade (DAMATTA, 2006, pp. 141-142).

O sentimento de igualdade e pertença propiciado pelo futebol – todos estão sujeitos às mesmas regras, que não podem ser mudadas durante o jogo e devem ser aplicadas de forma equivalente a todos – colocava o esporte como um domínio especial e autônomo da vida social, conforme DaMatta (2006). Além disso, fornecia os alicerces para uma profunda transformação das nossas identidades sociais, seja em termos pessoais ou geográficos (de bairro, urbanas, regionais e nacionais), contemplando aspectos positivos e otimistas. O processo de difusão e popularização do futebol na sociedade brasileira fez com que os valores até então propagados pela elite nacional, que indicavam a modalidade como produtora e promotora de civilidade, fossem alargados. Com isso, para além de uma “prática esportiva valorizada como um fim em si mesma, visando o aprimoramento do caráter a partir do exercício do autocontrole e do refinamento das atitudes, emergiam outros modelos e significados para o esporte” (DAMO, 2007, p 72). Com as grandes cidades em processo de industrialização e recebendo pessoas de outras regiões do país e até do exterior, se vislumbrava no futebol um espaço de socialização e de pertença que se, por um lado, servia para unir os iguais, por outro também possibilitava agudizar as diferenças, em boa parte “estereotipadas”, da mesma maneira como ainda

vivenciamos atualmente. Rivalidades religiosas, mas também de classe, de local, de moradia, de trabalho, de origem étnica ou qualquer outra se tornaram motivo para aderir a um clube e, por extensão, a uma comunidade de pertencimento (DAMO, 2007).

É justamente a partir dessas rivalidades que transcendem o campo de jogo que “as relações de identificação e rivalidade entre público e clubes começaram a ser perturbadas” (RODRIGUES DA SILVA, 2014, p 132). Se no começo era a proximidade territorial que servia de base para a afiliação clubística, com a popularização do esporte entre as camadas populares outras questões passaram a ser consideradas na hora de escolher por qual clube torcer. Neste momento, começam a surgir os clubes tidos como de massa, ligados às camadas mais pobres, e também aqueles considerados elitistas, que só foram abrir suas portas para esse público mais tarde. Conforme o antropólogo Arlei Damo (2007), a “estrutura agonística dos jogos, incorporada pelos esportes, de sempre haver um ‘eu’ ou ‘nós’ contra um ‘outro’ ou ‘eles’, é um potente mecanismo de produção de identidades coletivas” (2007, p. 73), que vem sendo explorado desde os primórdios até os dias atuais.

Inicialmente praticado pelas classes altas, sendo posteriormente difundido nas fábricas e nas comunidades de imigrantes, o futebol passa, então, a ser jogado por todos os segmentos da sociedade, inclusive por aqueles que antes eram excluídos da vida social, como os negros e os pobres (RODRIGUES DA SILVA, 2014). A entrada em cena desses novos atores transformou profundamente a forma de praticá-lo, acrescentando ao estilo físico dos europeus um pouco de malícia, ginga e malandragem, elementos que acabaram incorporados historicamente como características do povo brasileiro. O desempenho superior desses jogadores dentro de campo acabou lhes abrindo a porta dos grandes clubes e fizeram surgir as formas iniciais de remuneração. As agremiações mais tradicionais, obrigadas a aceitá-los em suas equipes devido ao futebol por eles praticado, ainda restringiam o acesso às suas sedes sociais. Nesse sentido, Damo (2007) ressalta que se criou uma “fronteira demarcando o *status* entre os associados, os ditos conselheiros, homens de ‘relevantes serviços prestados ao clube’, também denominados de ‘próceres’, ‘paredros’ e ‘cartolas’” (2007, p 79). Essa tensão, indica Rodrigues da Silva, teve como ponto culminante a disputa entre os defensores do amadorismo e os da profissionalização desse esporte, como veremos no próximo movimento.

Assim, ao invés de funcionar como uma simples repetição, o futebol se contaminou por elementos específicos da cultura local. O modo de jogar foi

recriado e investido de uma série de novas significações, e a dinâmica agonística foi preenchida por novos conflitos, diferentes daqueles que caracterizavam as rivalidades do futebol europeu. Esse choque do futebol com seu novo contexto gerou uma dissonância, um momento disruptivo, produtor de diferença. A disseminação do futebol como instrumento de homogeneização cultural acabou levando ao efeito inverso, produzindo heterogeneidade pelo cruzamento com outros domínios culturais e pela absorção pela economia cultural local (RODRIGUES DA SILVA, 2014, p. 133).

Por fim, o autor coloca ainda que não se pode esquecer que o futebol chega ao Brasil como um dos instrumentos de um processo mais amplo, que buscava incutir na sociedade brasileira o *ethos* da modernidade, um modelo europeizado, sendo ele um dos responsáveis por difundir esse ideal de civilização. Portanto, trata-se de um movimento que busca, por meio das práticas esportivas, expandir os ideais da cultura europeia por todos os continentes. Com isso, tais ideais civilizatórios passam a ser tomados como padrão hegemônico e modelo de sociedade a serem expandidos para além dos limites daquele continente. Por essa razão, não é nenhum exagero afirmar que as práticas esportivas funcionaram – e ainda funcionam – como uma importante ferramenta de “construção e de expressão dessa sociedade universal de dimensões globais” (RODRIGUES DA SILVA, 2014, p. 132). Podemos tomar como exemplo desse processo os Jogos Olímpicos e a megaestrutura em que se constitui hoje a FIFA, cujo poder muitas vezes se sobrepõe aos próprios estados nacionais.

3.6 As dramatizações na sociedade brasileira

Um dos pioneiros dos estudos sobre futebol dentro das ciências sociais, Roberto DaMatta (1982) foi o responsável por trazer a concepção de “dramatização” para o primeiro plano nas discussões sobre o futebol brasileiro. Tal concepção segue sendo utilizada por pesquisadores que desejam estudar a relação entre futebol e a sociedade, o que, acredito, comprova a sua validade como base conceitual. Penso ainda que essa noção é válida para a presente pesquisa pelo fato de que o grande palco dessas dramatizações foi, em muitas oportunidades, as páginas da imprensa esportiva, cabendo aos jornalistas a função de construir o roteiro desse espetáculo. O interesse do antropólogo no fato se dá por acreditar que, ao analisar a forma como os brasileiros praticam o futebol, terá mais condições de compreender o funcionamento da nossa sociedade. O pesquisador vê a ideia de “drama social” como uma forma de articular as observações do cotidiano do universo esportivo, as partidas de futebol e a infraestrutura do esporte, com valores sociais mais básicos. “Isto porque o drama, conforme tem indicado Turner, é uma ocasião onde as

normas sociais entram em crise e são pensadas de forma reflexiva” (1982, p. 55). Com isso, os dramas ajudam a indicar regras, relações e instituições, seja de forma concreta ou por meio de processos sociais. Um dos pontos fundamentais dessa concepção de drama social está no fato de que a sociedade “sempre se reproduz a si mesma em quaisquer domínios sociais que institui em seu meio” (DAMATTA, 1982, p. 55). Então, podemos considerar que a maneira como esse esporte é “praticado, vivido e teorizado no Brasil seria um modo específico — entre outros — pelo qual a nossa sociedade fala, apresenta-se, revela-se, exhibe-se, deixando-se descobrir” (1982, p. 55).

É importante ter em conta que o espaço destinado ao esporte dentro do contexto social varia de acordo com cada sociedade. Na perspectiva de DaMatta, para compreender a forma como vivemos o futebol, é indispensável considerar a relação que se estabeleceu no Brasil entre futebol e “jogo”, expressão que, na nossa realidade, está muito vinculada aos “jogos de azar”. Ela transmite duas ideias, ao contrário do inglês, idioma em que esta última ideia é expressa pela palavra *gamble*, sendo *game* a palavra que se utiliza para designar o jogo como prática esportiva – o que não significa a exclusão de *gamble* do universo de termos relacionados ao esporte em países como Inglaterra e Estados Unidos. Em função dessa distinção, “no Brasil, o esporte é vivido e concebido como um jogo. É uma atividade que requer táticas, determinação psicológica, habilidades técnicas, mas também depende das forças incontroláveis da sorte e do destino” (DAMATTA, 1982, p. 56). Tais características evidenciam a possibilidade – e se defende aqui nesse projeto a necessidade – de pensar o jogo e o futebol por meio de múltiplas dimensões.

Há um jogo que se passa no campo, jogado pelos jogadores como atividade profissional e esportiva. Há um outro jogo que se passa na vida real, jogado pela população brasileira, na sua constante busca de mudança para seu destino. E um terceiro jogo, jogado no "outro mundo", onde entidades são chamadas para influenciar o evento e, assim fazendo, promover transformações nas diferentes posições sociais envolvidas na ocasião esportiva (...) Neste sentido, o futebol praticado no Brasil deve ser visto não só como um esporte, mas também como o jogo de todo um outro conjunto de valores e relações sociais” (DAMATTA, 1982, p 56).

Também trabalhando a partir da perspectiva de dramatização damattiana, o sociólogo Ronaldo Helal (1997) traz outro elemento interessante para essa discussão: a proposta de democracia característica do drama esportivo ganha um potencial maior de resolução simbólica dos problemas do cotidiano naquelas sociedades que entraram na era moderna ainda conservando uma estrutura social fortemente estratificada, como é o caso do nosso sistema social. Por tais características, o futebol pode ser percebido como um

meio que possibilita aos “brasileiros de todas as classes sociais, raças e credos, quebrar simbolicamente a hierarquia cotidiana – baseada na ética tradicional – e experimentar igualdade e justiça social, elementos fundamentais na ética moderna” (1997, p. 31). Além disso, a maneira pela qual nos apropriamos desse esporte foi singular – com a improvisação, a individualidade e a habilidade se sobressaindo – e se constituiu em um traço de diferenciação daquele futebol praticado em solo europeu, se tornando um forte ingrediente da formação da nossa identidade nacional. Dentro da nossa sociedade, o futebol acabou sendo uma forma de se expressar individualmente. Conforme DaMatta, é “pelo futebol praticado nas grandes cidades que o povo brasileiro pode se sentir pessoalizado” e, nesse mesmo sentido, é através de uma equipe de futebol que um integrante da “massa anônima e desconhecida” tem a possibilidade de “tornar-se uma estrela e ganhar o centro das atenções como pessoa, como uma personalidade singular, insubstituível e capaz de despertar atenções ” (1982, p. 56). Outro aspecto importante no que se refere às dramatizações em torno do futebol na sociedade brasileira, conforme DaMatta, é a “reificação que o jogo permite, quando deixa que uma entidade como um ‘país’ ou um ‘povo’ seja experimentada empiricamente como algo visível, concreto, determinado. (1982, p. 58). Segundo o autor, numa sociedade em que sempre se negou voz às camadas sociais mais baixas, e que, quando permite a fala ao povo, o faz por meio de seus representantes políticos, dentro das hierarquizações do poder, o futebol permite uma experiência concreta de horizontalização do poder.

Não se pode esquecer que a nossa sociedade chegou à modernidade ainda conservando fortes resquícios do modelo tradicional. Portanto, passou-se a conviver com inúmeros e distintos códigos de dois domínios sociais que se interpenetram e são, de certa forma, antagônicos. Helal explica que, no moderno, podemos observar ideais como igualdade, direitos dos cidadãos, individualismo e leis universais; já o domínio tradicional, por sua vez, seria marcado pela “ética da hierarquia baseada nas relações pessoais, privilégios familiares, conexões sociais e paternalismo” (1997, p. 29). Essa simultaneidade está na base daquilo que DaMatta denominou como “dilema brasileiro”, que, conforme o pesquisador, pode ser compreendido como a “tensão entre relações pessoais que garantem um mundo pessoalizado, feito de gradações, e leis universais que exigem o oposto, pois conferem igualdade teórica a todos e demandam a liquidação dos privilégios pessoais e de família” (1982, p. 59). Dentro da mesma linha argumentação, Helal destaca que o dilema brasileiro é fruto de um “sistema que funciona por meios de

compensação e uma lógica de reciprocidade que, ao invés de colocá-los em oposição, são como dois lados da mesma moeda” (HELAL, 1997, p. 29). O pesquisador comenta que

Neste sistema, amizades e relações sociais ficam acima e além de normas universais e regras institucionais. Por isso, os brasileiros frequentemente fraudam o domínio moderno que é caracterizado pela crença de que a lei deve ser impessoal e universal, invocando a ideia tradicional de hierarquia baseada nas relações pessoais, privilégios familiares, status e paternalismo. Sempre que o *ethos* moderno prevalece e estabelece um sistema impessoal e universal de regras sociais, o *ethos* tradicional se opõe com instrumentos para reforçar a hierarquia e o conhecido “jeitinho brasileiro” (HELAL, 1997, p. 30).

Assim, o futebol possibilitava – e o faz até hoje - às camadas populares experimentar uma sensação de igualdade que ia de encontro às suas experiências nos demais domínios sociais. Retomando a perspectiva pedagógica discutida anteriormente, é importante frisar que os esportes coletivos contêm um ideal de democracia e oportunidades iguais, premiando o mérito, aspectos que evidenciam a aproximação entre a ideologia do esporte com as concepções do capitalismo liberal, que também exalta a possibilidade de sucesso sem “distinções de raça, credo ou classe social” (HELAL, 1997, p. 31). Neste sentido, Helal aponta que inúmeros pesquisadores acreditam que a “mensagem do esporte nas sociedades modernas tenta resolver simbolicamente as desigualdades econômicas e sociais do cotidiano”, posto que, se na vida os destinos já parecem estar traçados, “as competições esportivas ‘resolvem’ essa injustiça apresentando-se justas e democráticas” (1997, p. 31). Para DaMatta, a popularidade do futebol está na sua capacidade de permitir uma vivência com “estruturas permanentes”, em regramentos que devem ser respeitados por todos sem possibilidade de mudança. Ao contrário de outros campos sociais, como o da política, por exemplo, “onde após cada derrota (ou ao simples vislumbrar da derrota) os grupos dominantes buscam modificar as regras do jogo, o futebol proporciona uma experiência exemplar de legitimidade e de acatamento às leis” (1982, p. 59).

Trata-se, portanto, de enxergar o futebol como um instrumento de democracia, de vivenciar uma igualdade já que o que vale dentro de campo é o desempenho futebolístico apresentado. Diferentemente da vida cotidiana, espaço em que se definem as pessoas através das suas relações – como origem familiar, grau de escolaridade, o fato de conhecer alguém importante ou influente –, o que pode significar algum tipo de facilitação, no futebol o que está em evidência é o desempenho individual do sujeito, já que, como afirma DaMatta (1982, p. 59), “ninguém pode ser promovido a astro de futebol pela família, pelo compadre ou por decreto presidencial”. O futebol se constituía então em um universo

especial em nosso contexto, pois a vitória pelos próprios méritos dentro da sociedade brasileira só é possível em áreas mais voltadas ao lazer, como o futebol, o carnaval e a música, que, como veremos no próximo movimento, acabaram por se constituir em zonas dentro da sociedade brasileira em que o negro poderia ser protagonista e alcançar a redenção social.

3.7 A construção do estilo brasileiro

Apropriado de forma distinta nos contextos culturais em que foi inserido, o futebol acabou dando origem a diversas escolas que representam estilos de jogo peculiares. A Inglaterra ficou conhecida pela grande utilização do jogo aéreo, a Itália pelo forte poder de marcação, a Alemanha por seu futebol pragmático, a Holanda por seu futebol “total”, com intensa troca de posições e ocupação dos espaços, o Uruguai por seu futebol aguerrido. No caso brasileiro, deu-se origem ao que ficou conhecido por aqui como “futebol arte”, e, no restante do mundo, como *beautiful game*. As explicações em relação às razões que levaram a constituição desse estilo que nos é tão característico ainda precisam ser melhor aprofundadas, porém, qualquer tentativa de analisar o futebol brasileiro sem considerar em relação dialógica as dimensões esportiva e cultural tende a enxergar apenas uma imagem superficial e distorcida do objeto em questão.

Em *O país do futebol*, Luiz Henrique de Toledo (2000) traça um percurso dessa construção do estilo brasileiro dentro do plano esportivo. O antropólogo avalia que as diferentes interpretações das regras estimularam aprendizados diversificados. Se por um lado essas adaptações acabavam prejudicando uma ideia de universalidade do futebol, por outro possibilitaram e “estimularam, ao mesmo tempo, uma fragmentação de estilos de jogar (...) alterando as padronizações e conferindo plasticidade e emoções variadas à sua fruição, dentro e fora de campo” (TOLEDO, 2000, p. 27). No caso dos russos, por exemplo, onde existia uma espécie de “futebol-rúgbi”, não muito diferente do estilo praticado em outros lugares da Europa, o contato físico com os ombros para derrubar o adversário não era considerado falta. No Brasil, ao contrário, tal recurso, conhecido como “*charge*”, era tido como infração. Em parte, isso se deve ao fato mencionado anteriormente de que o futebol chegou ao país por meio das classes mais altas, que exaltavam seus aspectos civilizatórios. O desestímulo à adoção do tranco, portanto, tinha

origem na ideia do *fair-play*. Para o pesquisador, a forma como essa regra foi interpretada aqui no país acabou contribuindo para a construção de um estilo singular de praticar esse esporte consagrado mundialmente. O antropólogo destaca que esse estilo é caracterizado por uma utilização mais livre do corpo, pois, para conseguir se livrar dos rivais durante um choque ou um embate corporal, se fazia necessária uma técnica maior no controle da bola como forma de evitar esse contato físico. Tal interpretação dos regramentos favoreceu, portanto, o surgimento de um estilo menos combativo do que o dos europeus. Curiosamente, essa adaptação das regras pelas elites acabou aproximando o futebol de outras práticas sociais das camadas mais populares que se expressavam nas diversas formas de utilização do corpo que privilegiavam uma certa plasticidade, constituindo-se em “elementos estéticos e performáticos definidores de outros modos de vida, nitidamente mais populares, frequentemente perseguidos e socialmente discriminados” (TOLEDO, 2000, p. 34).

No plano simbólico, o estilo brasileiro foi construído tendo como fonte as ideias de Gilberto Freyre e seu “futebol mulato”²², conforme mencionado anteriormente. Como vimos, seu trabalho é alvo de críticas como as expostas por Muniz Sodré (2005). Sem entrar no mérito das considerações feitas, é interessante trazer para a discussão outra leitura sobre o seu trabalho e a forma com que suas ideias acabaram sendo incorporadas no processo de construção da identidade do futebol brasileiro. José Miguel Wisnik (2008) nos acompanha nessa jornada. O autor destaca que, ao vincular elementos da cultura negra, como a capoeira, ao futebol, Freyre de certa forma buscava comprovar na prática sua leitura da cultura nacional. Para Wisnik, “o alcance mais engenhoso e inovador dessa formulação é que ela extraía a sua potência afirmativa dos próprios estigmas da escravidão, como uma operação simbólica que extraísse do veneno o próprio remédio” (2008, p. 196). Neste sentido, Freyre teve papel central no processo de inserção num “país tardo-escravista da imagem do Brasil moderno e mulato, partilhado por intelectuais e povo, e da qual participam de maneira nova o futebol e a música popular” (2008, p 196).

Como analisaremos no próximo movimento, o jornalista Mário Filho foi o grande responsável por transpor esse imaginário em torno do negro no universo do futebol para

²²É importante ressaltar que o termo “mulato” tem origem na palavra “mula”, um híbrido entre o cavalo e o burro, sendo considerada por muitos pesquisadores uma expressão racista. Pelo IBGE, por exemplo, a categoria “negro” é constituída por pretos e pardos.

o jornalismo esportivo. Considerado uma referência em relação à história das primeiras décadas do futebol brasileiro, o livro de *O Negro no Futebol Brasileiro*, lançado em 1947, compila uma série de colunas escritas por Mário Filho ao longo daquela década para o jornal *O Globo*. É justamente Freyre quem assina o prefácio da obra.

A construção desse estilo brasileiro começa a ser delineada após o bom desempenho da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1938, na França, em que finalizou na terceira colocação. Os grandes destaques da equipe no torneio foram o zagueiro Domingos da Guia e o centroavante Leônidas da Silva, ambos negros. Conhecido como o “diamante negro”, Leônidas inclusive acabou inspirando o nome de um famoso chocolate. O Brasil caiu nas semifinais para a campeã Itália, em uma partida cuja arbitragem foi alvo de críticas por parte dos brasileiros. No dia seguinte à eliminação, o *Jornal dos Sports*, dirigido por Mário Filho, trazia em sua manchete “Queira ou não queira a Fifa, somos campeões do mundo” (Wisnik, 2008, p. 195). Porém, foi um artigo publicado por Freyre no Diário de Pernambuco, um dia após os brasileiros darem adeus ao torneio, que deu o pontapé inicial nessa discussão sobre o estilo brasileiro. De acordo com Wisnik (2008), Freyre via no jeito brasileiro de praticar esse esporte uma conversão de um “‘jogo britanicamente apolíneo’ em ‘dança dionisíaca’, incorporando à sua técnica ‘o pé ágil mas delicado’ do capoeira e do dançarino de samba” (2008, p. 195). Em uma versão posterior, o antropólogo pernambucano aprofunda essa confrontação de estilos afirmando que “o futebol europeu, reto e anguloso, ganhou, no Brasil, contornos sinuosos e curvilíneos que “arredonda(m) e adoça(m) o jogo”(2008, p. 195). Nesse sentido, Wisnik vê tais considerações como uma avaliação positiva do processo de integração do negro na sociedade.

De qualquer maneira, a construção simbólica dessa forma abasileirada de praticar o futebol pode ser entendida também como “o produto sempre renovado de valorização de um determinado tipo de corporalidade que, por extensão, passa a definir virtudes e defeitos morais dos brasileiros” (GUEDES, 1998, p. 50). Valorizado como uma versão artística da prática desse esporte, a habilidade e a criatividade dos nossos atletas nos brindaram com a criação de uma série de jogadas que se tornaram, muito e função das exaltações da imprensa esportiva, uma característica do povo brasileiro. Conforme a antropóloga Simoni Lihud Guedes (1998), os jornalistas atuavam como definidores de realidades durante esse processo. Em relação à prática, a autora comenta ainda que “dribles, fintas, gingas, firulas, lençóis, bicicletas, voleios, folhas secas” se constituem

em uma pequena amostra de um estoque mais amplo de formas de manejar o corpo que, de certa forma, ilustram a esperteza e a malandragem dos atletas e do povo brasileiro. Com isso, “o futebol institui abertamente a malandragem como arte de sobrevivência e o jogo de cintura como estilo nacional. Mas sem excluir a capacidade de jogar com técnica e com força” (GUEDES, 1998, pp. 50-51). Nesse sentido, a pesquisadora salienta que a forma como jogamos futebol estaria ligada a outros usos sociais da corporalidade que nos definem, como a dança, especialmente o samba, e a capoeira. Tais aspectos evidenciam a constituição de um estilo que privilegia o lado lúdico do jogo, valorizando seu potencial estético, em oposição a uma compreensão utilitária do jogo, em que o resultado está acima do desempenho.

Entretanto, se por um lado o futebol serviu para os negros como uma espécie de remédio de remissão do escravo, que passa a ver aspectos de sua cultura visibilizados de forma positiva para a sociedade, de outro também traz consigo sua face negativa, que, ao se revelar, acaba expondo a fragilidade e a artificialidade de tal construção. Guedes argumenta que a totalização que possibilitou o estabelecimento de um “primado da mestiçagem como produto novo, gerando o povo brasileiro com características globalmente partilhadas”, por outro lado, também produz um efeito no sentido inverso, sendo utilizada para explicar atraso e a imaturidade, pensadas como herança étnico-racial. Ressalto que nas discussões sobre o povo brasileiro que se materializa através do futebol, o indígena é ignorado, mesmo que existam inúmeras comprovações da prática de rituais com bola investidos de grande importância nas sociedades indígenas americanas (WISNIK, 2008). Portanto, no processo de construção desse imaginário, um “privilegio absoluto é atribuído à raça negra e aos mestiços que dela descendem, produzindo um colamento perfeito entre as características gerais atribuídas aos brasileiros e aquelas atribuídas aos negros” (GUEDES, 1998, p. 31). A maneira como o jornalismo esportivo constrói tais representações, por sua vez, reifica no imaginário “a permanência da tese da imaturidade e a necessidade de orientação – em suma, apresenta o jogador de futebol, essa “metonímia” do povo brasileiro, como uma espécie de irresponsável, em raras oportunidades fugindo desse lugar comum (GUEDES, 1998).

É interessante perceber como a entrada em cena por meio do futebol desse corpo até então estigmatizado e de certa forma invisibilizado no contexto social passa a chamar a atenção e a ser alvo de uma disputa por sua domesticação. A disputa de sentidos coloca o futebol então como uma “expressão otimista de uma singularidade cultural que se

expressa em noções intraduzíveis como ginga, malandragem, jeito de corpo, molecagem, tidas como marcas originais da formação mestiça”, e, ao mesmo tempo o denuncia “como uma via de escape que recobre o enfrentamento das realidades e dá chance à ideia mistificatória de uma ‘democracia racial’” (Wisnik, 2008, p. 182). Tal situação acabou fazendo com que, ao longo do tempo, a discussão em torno da capacidade peculiar do negro em praticar o futebol se tornasse um tabu na sociedade brasileira. Segundo Wisnik, a questão central está na consideração de que “afrodescendentes manifestam uma propensão congenial a responder instantaneamente, e com o corpo todo, a desafios que se colocam e se resolvem no tempo-espaço do jogo, assim como no da música e da dança” (2008, p 226). Para o autor, que tem como inspiração as ideias de Hans Gumbrecht, tal capacidade de improvisar poderia ser expressa na palavra “prontidão”, no que diz respeito à “presteza, agilidade, desembaraço espontâneo diante de uma demanda objetiva que encontra eco no desejo do sujeito” (2008, p. 226). Porém, ele reconhece tratar-se de uma discussão sensível, como toda consideração feita com base em um pressuposto racial, podendo ser mal compreendida.

De fato, a afirmação será confundida quase que fatalmente, num erro silogístico induzido pelo campo minado do embate ideológico, com o equívoco simplório de que todos os negros têm capacidade da prontidão nos esportes e na música, com a pretensão simplista de que somente negros detêm a capacidade da prontidão nos esportes e na música, e, mais grave, com a ideia espúria de que a única capacidade de negros é a prontidão nos esportes e na música (WISNIK, 2008, p 226).

Ainda em relação à “prontidão” para a prática do futebol, Wisnik destaca que ela se constitui em “uma forma específica e elevada de inteligência, não se confundindo com uma atividade puramente física. A prontidão, portanto, é uma “inteligência” do corpo” (2008, p. 228). O autor pondera que se ganha muito em perspectiva e compreensão do futebol brasileiro quando consideramos “que afrodescendentes manifestaram e manifestam uma extraordinária prontidão esportiva e musical, que veio a ter um papel decisivo na constituição cultural do Brasil moderno” (2008, p. 229). Se a prontidão representa uma “capacidade de improviso incorporada”, para Wisnik ela também deve ser vista como fruto “da falta de dinheiro, da ausência de recursos, da ‘dureza’ — vale dizer, ela é simultaneamente um traço de excesso e de carência, de mais e de menos” (2008, pp. 229-230). Com isso, Wisnik avalia que a exaltação do mulato no nosso futebol não se dá exclusivamente por um aspecto ontologicamente racial, e sim pelo fato de que, é por meio dele, “que os elos recalcados da cultura e da sociedade falam”. Para usar as palavras do autor, um “nem rejeitado nem admitido”, que traz consigo “o segredo

inconfessável do todo (séculos de escravidão e miscigenação)”, o que o torna um “intérprete privilegiado da sociabilidade ambivalente, do interstício, do intervalo, da margem em que o sentido se põe e se suspende, ou, em suma, o agente metacultural por excelência da prontidão e da bossa” (WISNIK, 2008, p. 230). Por fim, Wisnik acredita que tais considerações instruem mais do que a simplificação de uma “ideologia da ‘democracia racial’”, ou então, o que é ainda pior, do que a simples negação desse tipo de debate (2008, p. 199).

O autor também traz para discussão o livro *Negro, Macumba e Futebol*, de Anatol Rosenfeld, trabalho que ajuda a iluminar um aspecto bastante controverso e que muitas vezes é deixado de lado quando se discute a formação histórica desse estilo brasileiro, que se repete até os dias de hoje e será discutido detidamente mais adiante. Rosenfeld defendia que a grande produção de talentos oriundos das camadas mais populares, formadas em grande parte por negros e mulatos, se devia pela possibilidade de ascensão social, já que não se dedicavam aos estudos e, portanto, tinham condições de se entregar totalmente ao futebol. Por meio do futebol, podiam ascender “numa verdadeira linha de fuga, numa queda para o alto que redimensionava ao avesso, no entanto, o sentido da escravidão recentemente abolida” (WISNIK 2008, p. 240). Neste sentido, Rosenfeld afirma que “de repente o próprio jogo tornou-se para eles um trabalho, e pôde igualmente relacionar-se com a emancipação dos escravos (..) o fato de que, por outro lado, muitas vezes também o trabalho foi realizado como se fosse um jogo” (ROSENFELD, 1993, apud Wisnik, 2008, pp 240-241). Para Wisnik, essa percepção de Rosenfeld ajuda a demonstrar o alcance e o limite da concepção de Gilberto Freyre sobre futebol e cultura. Se por um lado o futebol brasileiro, pentacampeão do mundo, se constitui na expressão máxima em termos técnicos e artísticos, de outro viu as violências que ele sublimaria aumentarem exponencialmente.

Os horrores que Gilberto Freyre descreve como superados pelo advento do futebol parecem uma descrição cabal e precisa daqueles que conhecemos hoje: a violência urbana, o crime organizado (os morros enfrentando “a polícia das cidades sob a forma de confrontos mais sérios que os antigos”), a malandragem (elevada a oportunismo e irresponsabilidade generalizada) resistindo como “um mal” crônico e “um inconveniente”. O futebol chegou a se formar (no sentido de ter desenvolvido plenamente as suas potencialidades, a ponto de dominá-las), e a nação não. Os destinos opostos da cultura e da sociedade apresentam-se como duas faces do mesmo nó, e a terapia pela cultura, que faz do mal o seu antídoto, resiste no seu ponto estacionário. Não é à toa que, visto pelo prisma do futebol, que o encarna aos olhos de todos, o país se realiza extraordinariamente enquanto não se realiza nunca (WISNIK, 2008, pp. 243-244).

3.8 A rua no imaginário do futebol

Uma consideração feita acima por Rosenfeld ajuda a encaminhar a conclusão desse primeiro movimento. Trata-se da menção ao fato de o Brasil produzir jogadores com habilidade incomum em função dos jovens das camadas populares não frequentarem o colégio e, por isso, terem tempo para se dedicar plenamente no desenvolvimento de suas habilidades. Pouco antes do confronto entre Brasil e França pela fase de quartas de final da Copa do Mundo da Alemanha, em 2006, o atacante Thierry Henry, questionado sobre o tema, disse que sua mãe o obrigava a frequentar a escola durante o dia inteiro. Para ela, ressaltava o francês, estudar vinha em primeiro lugar. A impressão de Henry em relação ao Brasil, por sua vez, é de que “as crianças jogam das 8 às 18 horas. Em algum momento a técnica aparece. [...] [no Brasil as crianças] nascem com a bola nos pés. Na praia, na rua, na escola. Onde quer que você olhe, eles estão jogando” (GIGLIO; MORATO; STUCCHI, ALMEIDA, 2008, pp. 80-81.).

Em visita ao centro de formação do Athletic de Bilbao durante o trabalho de campo para sua tese de doutorado, em que analisa o sistema de formação de atletas no Brasil e na França, Damo (2007) questionou um diretor do clube espanhol sobre o quanto o fato de os jogadores não precisarem conciliar a rotina de estudos e treinos a partir da categoria juvenil (dos quinze aos dezessete anos) favorece o surgimento de talentos. Luiz Fradua Uriondo respondeu reclamando das limitações impostas na formação dos seus atletas. De acordo com o dirigente, “você não pode exigir muito, além de certos limites, pois o futebol não é a única opção desses jovens. Felizmente a nossa sociedade oferece outras chances”. No contexto da sociedade espanhola, portanto, o “futebol não é tudo do que eles dispõem (...) Eles não têm disposição para fazer qualquer coisa, e se aquilo que nós propusermos não agrada, eles deixam o futebol. Talvez no Brasil não seja bem assim”, enfatizou Fradua Uriondo (DAMO, 2007, p 155).

Realmente, a situação desses jovens atletas no contexto brasileiro é mais complexa, como pretendemos demonstrar ao longo desse trabalho. A dedicação exclusiva ao futebol é fruto de um aspecto simbólico extremamente relevante para a discussão aqui proposta: a valorização da rua no imaginário do futebol brasileiro. As razões para o desenvolvimento desse estilo que nos é tão peculiar parte sempre de uma representação

naturalizada. Conforme Arlei Damo (2007), a argumentação sempre aponta para o fato de que “é na infância que se define a maneira de usar o corpo e isso, no Brasil, é feito na rua, com os privilégios de estar à relativa distância da coerção institucional, sobretudo da escola e de seus métodos de disciplinamento” (2007, p. 227).

Colabora para isso o papel ocupado pelo futebol no “imaginário masculino” da sociedade brasileira, em que a prática do futebol é vista como algo natural, uma “competência nata”, algo que já se nasce sabendo. Por mais que se inspirem nos jogadores famosos, afirmar que esses meninos praticam tal esporte com o sonho de se tornarem profissionais seria ignorar que, no nosso caso, os “meninos jogam para se fazerem meninos, pois o futebol no Brasil é marcado por um arbitrário cultural que o considera próprio à homosociabilidade masculina – de um certo modelo de masculinidade, bem entendido” (2007, p. 228). Neste sentido, as ruas seriam um espaço que serve como “suporte prático à produção e reprodução de uma mitologia masculina”. Ao contrário do desempenho sexual masculino, em torno do qual, segundo o autor, existem inúmeras mitologias, no futebol tais performances acontecem aos olhos do público, ou seja, “não basta alguém dizer que é bom, é preciso prová-lo concretamente, ao alcance dos olhares de outros homens” (2007, p. 229).

A rua, então, se torna um “espaço social e simbólico” que serve de material para a construção de um imaginário em relação ao futebol brasileiro, no qual aparece geralmente de forma positiva, ao contrário do que acontece em outros campos da nossa sociedade, como defende Roberto DaMatta, em que a casa acaba prevalecendo na relação com a rua. No que se refere à construção de um estilo de futebol brasileiro, a rua “é seguidamente tomada como prenhe de positividade, como espaço de recriação por excelência, no qual prevalece a lógica da bricolagem” (2007, p. 236). Damo aponta a rua como polo masculino em relação à casa, recordando duas categorias bastante populares no universo futebolístico de Porto Alegre: o “guri de rua” e o “guri de apartamento” – sendo o primeiro aquele considerado com mais chances de vencer dentro do universo do futebol. O desenvolvimento das habilidades jogando na rua de terra ou paralelepípedo, com uma bola feita de meia, com os pés descalços, usando os chinelos ou sacos de lixo como traves, sendo obrigado a desviar dos carros que teimosamente insistem em interromper a partida são elementos que podem ser vistos como signos que representam um modelo de vida ou mesmo uma forma de ver o mundo. Damo pondera, porém, que todos esses elementos mencionados também poderiam ser vistos “como indicativos das

carências brasileiras, da falta de equipamentos adequados ao lazer e aos direitos das crianças e adolescentes”. O pesquisador ressalta ainda que tais aspectos incorporados ao jogo, de certa maneira, “o constituem como verossímil em relação às representações generalizadas de que é assim que se aprende a jogar futebol ‘à brasileira’ ou, como é definido entre nós, é assim que se faz futebol-arte” (DAMO, 2007, p. 236). A arte estaria justamente nessa “capacidade de contornar o incontornável”. Entretanto, não podemos esquecer que na construção desse estilo existem “conflitos, fluxos de poder e violências como em outros contextos” (2007, pp. 236-237).

Neste sentido, coloca-se logo cedo para os que sonham em se tornar jogadores profissionais um escolha que já aparece como naturalmente dada. Entre a rua e a escola, ainda mais considerando o sistema educacional brasileiro, para esses jovens deixar as salas de aula de lado para se entregar de corpo e alma ao desenvolvimento de seus talentos futebolísticos é o caminho a ser seguido. Afinal, como veremos no último movimento de aproximação ao problema de pesquisa, eles não carregam apenas o sonho de serem jogadores, representam projetos de famílias inteiras que enxergam no futebol uma das poucas oportunidades de redenção financeira dentro de uma sociedade altamente hierarquizada como a nossa. Mesmo que não possuam garantia alguma de sucesso, deixam tudo de lado por enxergarem o futebol como uma escolha natural.

A escola pública talvez não represente uma experiência que ofereça condições reais para a ascensão social e econômica. Sem perspectiva de ingressar em uma universidade ou curso técnico de prestígio como os oferecidos pelas Escolas Técnicas Federais, resta aos jovens homens sonharem com outras possibilidades. A corrida para alcançar um posto de trabalho no limitado campo do futebol profissional exige uma escolha precoce do jovem e, por vezes, dos familiares que oferecerão o suporte necessário para viabilizar o sonho. Trata-se, nos casos das famílias das camadas populares, de um projeto que prevê esforços para viabilizar a rotina de treinos, alimentação e descanso (GIGLIO; MORATO; STUCCHI, ALMEIDA, 2008, p. 83).

Nesse primeiro movimento, se pretendeu evidenciar o potencial simbólico e cultural do futebol e realçar alguns aspectos que consideramos fundamentais se desejamos compreender a forma como o futebol foi apropriado e é vivenciado pela sociedade brasileira. Com isso, o passo seguinte vai buscar analisar o papel da imprensa esportiva no processo de elaboração, reprodução e circulação desses significados e o reflexo desses discursos no contexto social. O objetivo é tentar demonstrar como essas narrativas foram construindo certas concepções que hoje se encontram naturalizadas na

sociedade, como as que levam esses meninos a investirem a vida no sonho de se consagrar dentro dos gramados.

4. SEGUNDO MOVIMENTO DE APROXIMAÇÃO: JORNALISMO ESPORTIVO, CULTURA E SOCIEDADE

A partir das discussões apresentadas no movimento anterior, esse segundo movimento de aproximação busca analisar o papel da imprensa esportiva na elaboração, reprodução e circulação desses simbolismos ligados ao futebol na sociedade brasileira. Marcelino Rodrigues da Silva (2014, p. 205) afirma que, assim como qualquer tipo de espetáculo esportivo, o “futebol funciona no Brasil como um complexo campo simbólico, cujos significados são permanentemente redefinidos por uma imensa batalha discursiva entre diferentes sujeitos e grupos sociais”. Em função da autoridade que a escrita lhe investe e de sua capacidade de permitir que sentidos sejam compartilhados, o autor acredita que a imprensa esportiva é palco fundamental para essa disputa.

Nessa mesma linha, ao justificar a opção por utilizar os jornais como fonte em suas pesquisas para estudar a memória do futebol brasileiro, o historiador Victor Andrade de Melo (2012) explica que, em função da estreita relação entre os dois campos, o jornalismo esportivo se constitui como importante manancial para analisar a construção das simbologias em torno do universo futebolístico. Mesmo que privilegiando os anseios dos grupos sociais mais ricos, por sua ambiguidade, característica do papel de mediador, também “possibilita captar diferentes e divergentes perspectivas sobre a prática, cuja conformação ajuda-nos a entender o quadro de uma sociedade em mudança” (2014, p. 47). No mundo do futebol os jornalistas esportivos são os “peritos que legitimam e emprestam credibilidade a determinadas interpretações, eventualmente esportivas” (GUEDES, 1998, p. 47).

Ao analisar a relação entre esporte e imprensa no final do século XIX e anos iniciais do século XX, Melo (2012) traz uma instigante reflexão em relação à popularidade das práticas esportivas e o espaço destinado a elas nos jornais. O autor questiona se a popularidade por elas alcançada se devia ao espaço que recebia na imprensa, ou se, ao contrário, o espaço que recebia na imprensa era em função de sua popularidade. Na perspectiva do pesquisador, dá-se uma retroalimentação, com a popularização das modalidades esportivas atraindo a atenção da imprensa que, por sua vez, com o espaço dado em suas publicações ao tema, acabava alimentando o interesse do público em consumir esse tipo de espetáculo. Em relação ao papel da imprensa, o autor ressalta que ela serviu como mediadora desse processo, com os jornais e revistas

“funcionando como agências educadoras no que se refere às peculiaridades da nova prática que se estruturava na cidade quanto como caixa de ressonância das posições dos aficionados” (MELO, 2012, pp. 23-24). Como indica Rodrigues da Silva (2014), ao fazerem uma sistemática reinterpretação e recriação dos fatos esportivos, os jornalistas esportivos, com seus discursos e representações, acabam por influenciar e até “mesmo a determinar o modo como fruímos, vivemos e praticamos o esporte, criando a brecha por meio da qual a ficção invade a realidade e a vida imita a arte” (2014, p. 39).

Nesse mesmo sentido, Guedes (1998) acredita que a imprensa teve um papel fundamental no poder de representação conquistado pelo futebol dentro da sociedade brasileira. Conforme a antropóloga, uma das pioneiras nas pesquisas sobre futebol e cultura nacional, ao criar discursos sobre qualquer aspecto vinculado direta ou indiretamente ao futebol, o jornalismo esportivo possui papel de destaque, pois fornece os discursos que servem de base para as discussões em torno desse esporte nos diversos âmbitos da sociedade. É em função desse papel de articulador, responsável por fazer circular pelos diversos campos da sociedade a produção simbólica em torno do futebol, que se faz necessário um olhar mais detalhado sobre o papel da imprensa esportiva na construção, reprodução e circulação desses simbolismos e de que forma tal atuação acabou se refletindo na construção da identidade do futebol brasileiro. Afinal, esse processo de mediação não ocorre sem envolver uma série de questões que muitas vezes ficam em menor evidência. Não se pode perder de vista que, invariavelmente, os sentidos e os significados relacionados ao futebol foram aqueles determinados pelos jornalistas, normalmente fazendo uma articulação buscando contemplar os “interesses da empresa, os seus interesses próprios e o que consideravam interesses públicos (o que normalmente significavam interesses de pequenos grupos ou setores), esferas que não poucas vezes se misturavam” (MELO, 2012, p. 24).

Para levarmos adiante a discussão, se faz necessária uma breve contextualização histórica. Como já discutimos no movimento anterior, o futebol chega ao país no final do século XIX como um dos instrumentos de promoção do projeto modernista europeu, logo após a abolição da escravatura (1888). Sua popularização e profissionalização, por sua vez, se dá durante o Estado Novo de Getúlio Vargas, período em que o Brasil e o mundo eram dominados por um forte discurso nacionalista, que serviu de base de sustentação para os inúmeros regimes totalitários que se constituíram em quase todo o planeta naquele momento histórico. Dois herdeiros da modernidade, esporte e mídia são parte de um

processo cultural mais amplo. Como argumenta Rodrigues da Silva, “os meios massivos surgem como uma forma de pedagogia e controle social, oferecendo às massas uma linguagem em conformidade com as exigências da modernização”, porém, para alcançar êxito, tal “linguagem tinha que se submeter a um processo de ‘mediação’, conectando-se às demandas simbólicas, formas de expressão e matrizes culturais das multidões desenraizadas” (RODRIGUES DA SILVA, 2014, p. 199).

Voltando às discussões sobre as origens da imprensa esportiva no Brasil, além de atender uma demanda dos leitores desejosos de consumir notícias esportivas, com o espaço aberto a este campo nas suas páginas os jornais se vinculavam a “uma nova prática que se instituía na cidade, ao redor da qual estavam envolvidos membros de elites e que se configurava como um sinal de progresso e civilidade” (MELO, 2001, p.25). Ainda que sem relevância nos destinos políticos e econômicos nacionais, nos clubes esportivos reuniam-se setores influentes da sociedade, fazendo do esporte uma espécie de ponte para buscar uma aproximação. Como comenta Rodrigues da Silva, “até mesmo por explicitamente assumir um papel de contribuir com a ‘civilização’ do país”, a imprensa não poderia deixar passar batida “aquela novidade que tanto se relacionava à ideia de progresso e que tantos serviços poderia prestar à construção de uma imagem para um país que pretendia se consolidar como ente independente” (2012, p. 47). Para os agentes esportivos, por sua vez, a aproximação com a imprensa também era benéfica, pois o destaque dado às práticas esportivas na imprensa foi um instrumento fundamental para sua popularização. Por essa razão, coube ao jornalismo não só a divulgação dos eventos, mas um papel propedêutico no sentido de explicar para o público as regras e as idiosincrasias desse novo universo. A imprensa se constituía numa “instância importante tanto no que se refere à conquista de um patamar mais alto de valorização, por tornar o esporte, por motivos distintos, atrativo para diferentes setores da sociedade”, como na construção dos “mitos e heróis que se tornavam importantes no processo de popularização do fenômeno” (MELO, 2012, pp. 28-29).

4.1 Narrativas em disputa

Se na virada do século XIX e XX o noticiário esportivo era dominado por modalidades como o turfe e o remo²³ (Melo, 2014), a partir da década de 1910 o futebol

²³Três dos quatro maiores clubes do Rio de Janeiro trazem tal modalidade no nome: Clube de Regatas do Flamengo, Clube de Regatas Vasco da Gama e Botafogo Futebol e Regatas.

começa a conquistar mais espaço nos jornais de maior circulação e a ser tema de uma série de novas publicações que começam a aparecer no mercado. Visto como algo menor pelas artes e pelas ciências humanas (RODRIGUES DA SILVA, 2014), que somente nos últimos tempos vêm se dedicando ao tema, a imprensa foi uma agente solitária – e, portanto, de importância fundamental – na construção das narrativas que deram sentido a esse esporte na nossa sociedade. Diante da ausência de outros atores, Marcelino Rodrigues da Silva sustenta que, “ao seu modo, essa produção tomou para si a tarefa de registrar e interpretar a história do futebol no país, e até mesmo de investigar as razões pelas quais esse esporte adquiriu tanta importância na cultura brasileira” (2014, p. 49). Naquele momento histórico, o processo de urbanização entre o final do século XIX e começo do século XX atingiu, em um primeiro momento, as cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro, à época capital da jovem República. Conforme Luiz Henrique de Toledo (2012), as duas capitais “deram vazão às novas formas de expressividades corporais de massa impulsionando estilizações culturais que marcaram profundamente as percepções sobre a ideia de nação capturada pelas elites” (2012, p. 52), com destaque para os festejos carnavalescos e os esportes.

Ao analisar em artigo a relação do jornal *A Gazeta Esportiva* com os sentidos de modernidade na São Paulo das cinco décadas iniciais do século XX, o antropólogo traz uma interessante discussão sobre as diferentes formas de apropriação do futebol pelos discursos da imprensa esportiva. No caso paulista, tais discursos serviram para uma aproximação entre “o jornal e a cidade num momento de retroalimentação simbólica entre ambos, que certamente acabou por exceder os propósitos anunciados de veículo propagador das notícias sobre o esporte” (TOLEDO, 2012, p. 52). Tal processo de retroalimentação simbólica entre o jornalismo esportivo e os sentidos de identidade e pertença, em todos os âmbitos, se tornou uma característica do processo de consolidação dessa prática. Ao refletir sobre a forma como essas novas expressões corporais foram utilizadas na construção de identidades durante aquele período, Toledo comenta que, no caso do carnaval, por exemplo, ele acabou se constituindo “síntese estética e política hegemônica identificada na então capital federal, que perdurou por décadas até a massificação midiática de outras corporalidades lúdicas” (2012, p. 52). No que diz respeito ao futebol, as imprensas carioca e paulista travaram uma acirrada disputa de sentidos pela hegemonia dos discursos ligados ao futebol. No caso dos paulistas, o campo de jogo eram as páginas do jornal *A Gazeta Esportiva*. Já o cenário carioca teve como

grandes protagonistas os irmãos Mário Filho e Nelson Rodrigues, cuja trajetória será vista a seguir.

De acordo com Toledo, os dois discursos colocados em disputa por paulistas e cariocas poderiam ser resumidos “entre cronistas comprometidos com o desenvolvimento dos aspectos mais competitivos e técnicos versus aqueles mais despojados, tidos por ‘amadores’, criticados pelos primeiros por carnavalizarem em demasia o futebol” (2012, p. 73). Essa disputa de narrativas domina boa parte da primeira parte do primeiro século de futebol no país. O autor comenta que

no Rio de Janeiro percebe-se uma precoce aliança, igualmente complexa e eivada de contradições, entre costumes populares e os da elite antes mesmo dos anos 1930 em torno das estilizações capitaneadas pelas manifestações musicais e esportivas, notadamente samba e futebol. Já em São Paulo, os corpos se prestariam a outra aliança dada urgência do capital mobilizado, que giraria em torno da esfera do trabalho. Trazido pelas elites como passatempo e rapidamente convertido em meio de vida, o futebol evocava noções caras à ideologia do trabalho, tais como disciplina, esforço, técnica, coletivismo, noções, enfim, que pautariam movimento do profissionalismo amplamente discutido por segmentos da imprensa esportiva capitaneada, sobretudo, pelos especialistas que militava nas páginas de *A Gazeta* (TOLEDO, 2012, p. 57).

Essa análise nos ajuda a evidenciar o quanto perdemos em complexidade quando analisamos o futebol como se consistisse um universo isolado, bem como ressalta a impossibilidade de desvincular tal observação dos aspectos socioculturais. Por isso, não é nenhuma surpresa que a imprensa esportiva de São Paulo tenha se preocupado desde o início em “estabelecer alguma relação moral entre formas de divertimento e formas de labor” (TOLEDO, 2012, p. 58), pois tal postura estaria em acordo com o protagonismo econômico que essa região do país exibe até os dias atuais. Na verdade, as narrativas da imprensa paulista relacionadas ao futebol nesse período ajudam a ilustrar bem o papel ideológico escondido no discurso jornalístico. No embate pela hegemonia dos discursos em torno do futebol, a imprensa paulista acabou derrotada pela carioca, que prevaleceu na disputa simbólica que marcou o processo de construção da identidade do futebol brasileiro. Se na cidade de São Paulo a locomotiva do progresso não pode parar, no Rio de Janeiro surge um empreendedorismo condizente com o espírito de competição característico da modernidade, mas que se distinguia por transformar festa em negócio, tendo à frente atividades lúdicas. Ainda conforme o autor, isso se explica pelo fato de que, no Rio de Janeiro, “o carnaval foi uma manifestação precocemente convertida em traço distintivo local na visão de parte das elites intelectuais” (TOLEDO, 2012, p. 58). Ninguém ilustra melhor este espírito carioca do que o jornalista Mário Filho, personagem

que dá nome ao principal palco do futebol brasileiro, o estádio do Maracanã, e foi o grande protagonista na construção da identidade do futebol nacional, sendo ainda, como já mencionado, o responsável pela criação do desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro nos moldes como conhecemos atualmente.

4.2 A ambivalência de Mário Filho

Para compreender como se constituiu parte do imaginário em torno do futebol brasileiro, portanto, é preciso analisar com mais profundidade a trajetória profissional desse personagem que teve papel central na construção do Brasil como o país do futebol. Mário Filho passou pelas redações de jornais e revistas como *A Manhã*, *Crítica* e *O Globo*, além de ter sido proprietário dos jornais *Mundo Esportivo* e *Jornal dos Sports* – contando em muitas dessas passagens com a parceria do irmão mais novo, Nelson Rodrigues. Tendo atuado como repórter, redator, colunista e diretor, Mário Filho acabou transformando os paradigmas da imprensa esportiva, trocando a linguagem formal do período por uma forma de escrever mais simples e abrindo as páginas do jornal para os novos personagens que começavam a emergir na sociedade por meio do futebol. Pesquisador da obra de Mário Filho, Marcelino Rodrigues da Silva (2014) avalia que o jornalista carioca teve papel fundamental na formação da cultura futebolística nacional, se constituindo em um personagem central para popularizar o futebol. De acordo com o autor, Mário Filho possuía um jeito todo peculiar de reinterpretar e recriar os fatos do universo do esporte, se alinhando e sendo "tributário dos valores, das ideias, das concepções estéticas e dos projetos que circulavam no cenário artístico e cultural de sua época" (2014, p. 40).

Nesse sentido, Toledo ressalta o ambiente de transformação e indefinição pelo qual o país passava naquele momento. As ideias disseminadas a partir da Semana de Arte Moderna, em 1922, acabaram contaminando toda a sociedade. Com isso, "buscava-se intensamente a definição de uma identidade nacional, fundamentada nas particularidades regionais do país e nos elementos da cultura popular" (2012, p. 65). O movimento de migração do campo para a cidade e o conseqüente crescimento dos grandes centros urbanos em função do processo de industrialização acarretaram uma reconfiguração desses territórios, aumentando os contingentes urbanos e fazendo emergir novos estilos de cultura popular vinculadas a esse novo grupo social. Rodrigues da Silva comenta que, dentro desse contexto, o futebol, o samba e o carnaval acabaram sendo elementos

fundamentais determinantes nas produções simbólicas em relação ao futebol brasileiro ao longo do século passado. Se olharmos a partir de uma perspectiva mais ampla, veremos que tais representações estão vinculadas “a um mesmo processo de construção e legitimação de significação e valores, por meio do qual alguns elementos da vida carioca se tornaram signos amplamente reconhecidos da identidade cultural brasileira” (Silva, 2014, p. 61).

Levando adiante a discussão, é interessante resgatar alguns pontos mais marcantes da trajetória de Mário Filho. No começo da década de 1930, ainda se travava uma dura disputa pela significação simbólica do futebol e da própria sociedade brasileira. Preocupado com a escassez de notícias no período entre as temporadas de 1931 e 1932 – época em que comandava a seção de esportes d’*O Globo* e possuía ainda uma publicação voltada para o universo dos esportes, chamada de *Mundo Esportivo* –, decidiu que iria divulgar o desfile que era promovido por grupos carnavalescos de origem popular que estava programado para acontecer no domingo de carnaval. Rodrigues da Silva destaca que tais grupos já realizavam o desfile desde o começo daquela década, reunindo escolas tradicionais como Mangueira e Portela. Na edição de 1933, com o fechamento de *Mundo Esportivo*, a “responsabilidade pelo patrocínio e a organização do concurso foram para *O Globo*, no qual o jornalista e sua equipe continuavam trabalhando” (Silva, 2014, pp. 61-62). Inspirado nas ideias de Gilberto Freyre e do movimento modernista, Mário Filho foi o grande artífice do reconhecimento e promoção da cultura negra que ganhava evidência na efervescência dos grandes centros urbanos, com isso, elementos “que antes eram repudiados pelas elites e vistos como barbarismo foram valorizados e legitimados” e, a partir desse processo, tornaram-se “parte essencial das representações que a nossa sociedade faz de si mesma” (2014, pp. 68-69).

No contexto esportivo, desde meados da década de 1910, tomava forma um embate entre as classes altas e as populares pelos significados em torno do esporte, conforme vimos anteriormente. Em 1932, tal processo se agudiza. O sucesso dos populares acabou atraindo a atenção dos clubes tradicionais. Nesses espaços, a presença de novos atletas acabava provocando perturbações, pois não se encaixavam nos padrões socioculturais apregoados por essa elite. Tais tensionamentos acarretaram um forte confronto entre os defensores do amadorismo, que queriam preservar as fronteiras que dividiam em classes o mundo do futebol e aqueles que eram a favor de um processo de profissionalização desse esporte, proposta que se alinhava com os interesses dos

jogadores menos favorecidos. Através das páginas esportivas d'*O Globo*, durante os anos de 1931 e 1932 Mário Filho promoveu uma forte mobilização em prol do profissionalismo, recorrendo a entrevistas com os diversos atores envolvidos no processo, “levando a público as injustiças e humilhações a que esses jogadores eram submetidos pelo amadorismo desencadeando uma acirrada polêmica, que se espalhou por toda a imprensa” (RODRIGUES DA SILVA, 2014, pp. 65-66) No ano de 1933, a Liga Carioca de Football decide tornar oficial o profissionalismo e permitir a remuneração dos atletas cariocas. O historiador Bernardo Buarque de Hollanda (2012) ressalta ainda a participação dos jornalistas Teixeira de Carvalho (*Jornal do Commercio*), Carlos Alberto de Magalhães (*Revista Olympia*) e José da Silva Rocha (*A Noite*) na defesa do processo de profissionalização.

No que diz respeito às práticas jornalísticas, Mário Filho promove uma verdadeira revolução. Deixando de lado uma série de recursos de representação que objetivavam limitar as possibilidades de interpretação em relação ao futebol, ele rompe com o velho paradigma da imprensa esportiva, que, por meio da seleção dos assuntos, das “formas textuais, dos métodos de obtenção da notícia, das escalas de valores que orientava os juízos e até a diagramação (...) construía e reiterava um modo único de viver e compreender o futebol” (RODRIGUES DA SILVA, 2014, p. 198). Nas páginas de *O Globo* e do *Jornal dos Sports*, o jornalista reelaborou tais recursos e, com isso, ampliou os modos com que o esporte podia ser interpretado, fugindo da perspectiva homogeneizante que até então dominava as páginas dos jornais. Segundo relata Rodrigues da Silva, é na página de número 8 do jornal *O Globo* que Mário Filho passa a elaborar um “discurso jornalístico mais aberto ao diálogo e ao contato com a diferença, mais permeável às formas de fruir e interpretar o futebol que vinham se desenvolvendo clandestinamente desde o início de sua popularização” (RODRIGUES DA SILVA, 2014, pp.198-199). Exercendo em muitas oportunidades o papel de mediador, o jornalista abre a imprensa para um universo até então pouco visibilizado.

’É necessário assinalar, no entanto, que esses novos personagens e modos de fruir e interpretar o futebol não eram transpostos aos jornais de uma forma neutra, que os revelasse em toda sua alteridade. Ao contrário, as marcas das subjetividades que operavam essa mediação se faziam sempre presentes, escondendo-se na seleção dos temas, nas perguntas propostas aos entrevistados e na escolha dos títulos e manchetes, em que transpareciam as simpatias e preferências de Mário Filho e seus colaboradores. Assim, mais do que levar aos jornais a heterogeneidade que havia se instaurado no mundo esportivo, a página de esportes d’*O Globo* já começava a construir novos estereótipos em que essas diferenças seriam, de certa forma, capturadas. Promovendo a fama

de cracks negros e mulatos como Domingos da Guia e Leônidas da Silva, estabelecendo as primeiras relações e entre o modo de jogar desses atletas, o samba e a capoeira e expondo os preconceitos raciais que existiam nos grandes clubes, aqueles jornalistas começavam a criar as condições para o surgimento dos grandes mitos do futebol que povoariam o imaginário brasileiro ao longo do restante do século XX (RODRIGUES DA SILVA, 2014, p. 210).

No segundo semestre de 1936, Mário Filho se torna proprietário daquela que viria a se tornar uma das principais publicações sobre esporte do país: o *Jornal dos Sports*. Criado em 1931, na capital carioca, por Argemiro Bulcão e Ozéas Mota, o jornal foi o “primeiro diário exclusivo de esportes no Brasil” (BUARQUE DE HOLLANDA, 2012, pp. 80-81). A operação só foi possível graças ao apoio financeiro de um grupo seletivo de amigos, grupo este que serve para ilustrar a naturalidade com que Mário Filho transitava pelos diversos segmentos da sociedade carioca: o seu chefe no jornal *O Globo*, Roberto Marinho²⁴; o então presidente do Clube de Regatas do Flamengo e seu futuro cunhado, José Bastos Padilha; e Arlindo Guinle, conhecido por patrocinar competições automobilísticas e que já havia ocupado a presidência do Fluminense Football Club e da Confederação Brasileira de Desporto. O pesquisador destaca, porém, que Mário Filho seguiu no comando da editoria de esportes de *O Globo* e foi nesse espaço que escreveu ao longo dos anos 1940, no intervalo entre as Copas do Mundo de 1938 e 1950, período em que o torneio não foi realizado em função da Segunda Guerra Mundial, os textos que foram transformados no livro *O Negro no Futebol Brasileiro*, de 1947, tema já discutido no segundo movimento de aproximação dessa pesquisa (BUARQUE DE HOLLANDA, 2012, p. 90).

É importante, porém, analisarmos alguns aspectos inovadores trazidos pelo *Jornal dos Sports*. O tema foi abordado por Bernardo Buarque de Hollanda (2012) em *O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do Jornal dos Sports, entre 1930 e 1980*. O pesquisador acredita que a longevidade e a representatividade do jornal se devem a motivos como o fato de estar localizado no Rio de Janeiro, à época capital do país, e também pela profissionalização e unificação das ligas de futebol – até então divididas entre as das agremiações elitistas e as das que aceitavam atletas negros e das camadas populares. Com sua ampla rede de influências e a proximidade de Mário Filho com as esferas de poder, é natural que a retórica do *Jornal dos Sports* compartilhasse “a

²⁴Sobre a relação com Roberto Marinho, Buarque de Hollanda comenta que Mário e Néson Rodrigues foram acolhidos pelo empresário depois “do conhecido ‘desastre’ familiar, com o assassinato do irmão Roberto, o falecimento repentino do pai e o desmantelamento dos jornais de propriedade da família” (2012, pp. 80-81).

linguagem doutrinária da época. Fazia-se eco a um discurso eivado de patriotismo, heroísmo e de doutrinações pedagógicas”. Neste sentido, o autor pontua que “as virtudes do esporte na conformação moral, racial e corporal do homem brasileiro e de seu povo eram lembrados a todo tempo nas páginas do *JS*” (BUARQUE DE HOLLANDA, 2012, p. 87). Entre os novos procedimentos de reportagem adotados pelo jornal, ele destaca as “entrevistas e depoimentos dos jogadores de futebol, transformados em ídolos da cultura de massa emergente, e passíveis, portanto, de compor relatos nos moldes de uma ‘história da vida privada’”. Com isso, o que se passava fora de campo com os jogadores, o dia a dia e os aspectos mais íntimos de suas vidas foram incorporados pela agenda da imprensa esportiva.

Buarque de Hollanda comenta que o *Jornal dos Sports* seguia uma tendência europeia de padronização dos jornais esportivos, processo esse que acabou refletindo na imprensa nacional. Em meio à popularização do futebol, os cronistas esportivos brasileiros demonstram sintonia com inúmeras características e estratégias assumidas por publicações daquele continente, que promoviam torneios e prêmios para mobilizar as comunidades.

Em termos gráficos, Mário Filho levou para o *Jornal dos Sports* as inovações que já vinha promovendo desde o final da década de 1920 no jornal *A Crítica*²⁵ e, posteriormente, em *O Globo*, para onde levou seus antigos colaboradores Nelson Rodrigues e o ilustrador Antônio Nássara. Marcelino Rodrigues da Silva ressalta que o novo estilo de abordagem da temática do futebol acabou provocando profundo impacto no mercado editorial da época.

A seção começou a ser composta por uma diagramação fragmentada, com a utilização mais frequente de charges, caricaturas e fotomontagens. No alto da página, o tradicional título da “seção esportiva” foi substituído pela manchete, sempre em tom polêmico e bombástico. A linguagem ficou mais leve e coloquial e novos métodos de obtenção da notícia, como a entrevista e o flagrante, passaram a ser sistematicamente empregados (RODRIGUES DA SILVA, 2014, p. 63)

O *Jornal dos Sports* esteve à frente do movimento em prol da realização da Copa do Mundo de 1950 no Brasil. Buarque de Hollanda comenta que Mário Filho foi o

²⁵Marcelino Rodrigues da Silva (2014) comenta que, por ter apoiado o governo Washington Luís, Mário Filho viu a redação do jornal ser “invadida” e “depredada” em meio às turbulências da Revolução de 1930, fazendo com que a publicação nunca mais voltasse a funcionar. Depois de um período sem conseguir recolocar-se no mercado, em 1931 Mário Filho foi convidado para assumir a seção de esportes de *O Globo* por “seu colega de sinuca” Roberto Marinho – que recém havia assumido o controle do jornal após a morte do seu pai, Irineu.

responsável pela articulação política entre prefeitura e governo federal, e também entre essas instâncias e a FIFA, cujo presidente, Jules Rimet, chegou a ser recebido pelo jornalista em terras cariocas. Após o país ser definido como sede do evento, em 1948, Mário Filho e o *Jornal dos Sports* passaram, então, a concentrar suas atenções na “construção do Maracanã”, estádio que leva o seu nome, inclusive promovendo inspeções para verificar o ritmo de realização dos trabalhos. (2012, p 91). Neste sentido, o autor afirma que, por meio do *Jornal dos Sports*, Mário Filho inovava na forma de fazer política, contornando conflitos e criando consensos. “Era-lhe lícito, dos bastidores de seu jornal, influenciar, de uma forma própria e muito sutil, os destinos esportivos brasileiros” (2012, p. 97).

Entre os cronistas que contribuíram para a representatividade política alcançada por Mário Filho e seu *Jornal dos Sports*, podemos mencionar João Lyra Filho, jurista paraibano autor de inúmeras obras sobre educação e desporto e indicado, em 1941, pelo à época presidente Getúlio Vargas, como primeiro presidente do Conselho Nacional de Desportos (CND). Outro nome importante foi Manuel do Nascimento Vargas Neto, também deputado federal, que atuava ainda como procurador do Estado do Rio de Janeiro e presidente da Federação Metropolitana de Futebol do RJ, além de ser sobrinho do então comandante da República. O escritor José Lins do Rego, pertencente a segunda geração do movimento modernista também se constitui em um personagem importante da publicação. Lins do Rego integrou o quadro de funcionários tanto do CND quanto da Confederação Brasileira de Desportos, já na década de 1950. Foi ainda o responsável por apresentar Mário Filho a Gilberto Freyre, em 1946, quando este último se mudou para a capital federal após ter sido eleito deputado federal pela Paraíba (2012, pp. 88-92). Com a morte de Mário Filho, em 1966, o protagonismo na construção desse universo simbólico em torno do futebol brasileiro passa a ser do seu irmão, Nelson Rodrigues – que assumiu o seu lugar tanto em *O Globo* quanto no *Jornal dos Sports*. Nelson Rodrigues traz para o universo do futebol o seu lado de dramaturgo, concebendo o futebol “como se ele fosse uma encenação em que se representa o destino trágico ou heroico do homem”. O irmão mais novo de Mário Filho passa a incorporar explicitamente a representação como elemento basilar em suas narrativas. O mundo do futebol recriado por Nelson em suas crônicas funciona segundo a “lógica do drama, e seus elementos se ajustam em função de seu caráter de representação” (RODRIGUES DA SILVA, 2014, p. 219).

Em *Antropologia do óbvio: um ensaio em torno do significado do futebol brasileiro*, Roberto DaMatta (2006) também destaca a importância desse personagem no processo de construção da identidade do futebol brasileiro, a partir de um olhar positivo e otimista em relação ao país. Na avaliação do pesquisador, tal protagonismo foi alcançado mais pela atuação de Nelson Rodrigues na imprensa esportiva do que como autor de teatro. Produzindo peças entre 1955 e 1978, o irmão mais novo de Mário Filho conseguiu traduzir “com uma deliciosa dose de metafísica carnavalesca, todo esse complexo processo de redesenho da identidade brasileira em relação com seus velhos tabus” (DAMATTA, 2006, p. 144), como a nossa “falsa humildade”, o chamado “complexo de inferioridade (de ‘vira-lata) e a “dialética da regra contra a sua a sua manipulação malandra ou corrupta” (DAMATTA, 2006, p. 145).

4.2.1 O elogio ao negro e a demarcação de zonas de atuação

Antes de seguir adiante com esse apanhado histórico dos discursos do jornalismo esportivo em relação ao futebol, penso ser importante refletir sobre o impacto social dessas narrativas construídas por Mário Filho. Como já mencionado, o trabalho do jornalista sempre buscou valorizar as qualidades do negro na prática futebolística, sendo um dos principais responsáveis pela construção da identidade nacional. Nesse sentido, o livro *O Negro no Futebol Brasileiro*, lançado em 1947, é considerado por muitos a obra mais significativa sobre as décadas iniciais desse esporte no país. Com prefácio de Gilberto Freyre e inspirado nas ideias de seu “futebol mulato”, a obra reúne uma série de crônicas publicadas por Mário Filho na página 8 d’O Globo. Portanto, foi através das páginas da imprensa esportiva que esses relatos foram sendo levados à cena pública nacional ao longo da década de 1940.

Assim como acontece com a obra de Freyre, o conteúdo do discurso utilizado por Mário Filho também é alvo de críticas. Em *História e Invenção das Tradições no Campo do Futebol*, Antônio Jorge Soares (2001) promove uma forte crítica à utilização da obra por pesquisadores das ciências sociais e por jornalistas como se fosse um relato fidedigno desse processo histórico. O autor comenta que os relatos sobre os primeiros anos do futebol brasileiro normalmente costumam dividir-se em “três momentos narrativos integrados ou amalgamados”. Nas palavras de Soares, eles poderiam ser resumidos à entrada do futebol como esporte de elite no país, o posterior processo de popularização e, por fim, o lugar central do negro nessa história. Como pano de fundo, conforme o

pesquisador, “o primeiro momento narra a chegada do futebol e enfatiza a segregação dos negros e dos pobres, o segundo relata suas lutas e resistências e o terceiro descreve a democratização, ascensão e afirmação do negro no futebol (2001, p. 13). O autor enxerga no estilo narrativo de Mário Filho uma semelhança com a estrutura do conto. Com isso, nos textos de Mário Filho o racismo surge como “o ‘inimigo interno’ que impedia a realização da nação, mas que acaba derrotado, no plano danarrativa, enquanto a nação se realiza em função da integração do negro e da afirmação do futebol brasileiro” (SOARES, 2001, p. 13). Infere-se então, nessa perspectiva, que a narrativa do jornalista acaba operando como mito, moldando-se assim às exigências de construção de identidade ou de combate ao racismo. A pesar de crítico em relação à visão de Soares, Marcelino Rodrigues da Silva comenta que o próprio Mário Filho enxergava em sua obra uma fragilidade dos limites entre história e ficção. O pesquisador avalia que ela precisa ser lida não como um relato histórico das décadas iniciais do futebol brasileiro ou como um romance, mas como um livro de memórias. Na perspectiva de José Miguel Wisnik (2008, p.239)

O projeto implícito na sua obra teórica e prática é o de que o Brasil atualize as suas instituições em consonância com a sua originalidade — a desvelar e fazer emergir. Mário Filho é um dos heróis de mil faces da singularidade plural do país e da cidadania associada à “diferença” (que terá um outro avatar à esquerda na figura de João Saldanha). (...) Mário Filho expõe a inclinação brasileira à adaptação miscigenante, à “reciprocidade de culturas” e raças, sem esconder-lhe os sinais contrários, num processo inacabado e não idílico, mesmo que triunfante em campo: violências, mazelas miúdas, preconceitos, estigmas, misérias, doenças (focos dentários, sífilis, alcoolismo) e fraquezas psicológicas povoam o livro, evidenciando o terreno minado de onde se extrai a sua afirmação. Ao mesmo tempo, o campo onde vige essa reinterpretção do futebol é um regime permeável, conflitivo e plástico, de exclusões e inclusões em revirada.

Também a partir da crítica de Soares, em *Sociologia, História e Romance na Construção da Identidade Nacional Através do Futebol*, Ronaldo Helal e César Gordon Jr. (2001) ajudam a aprofundar a discussão no que tange a esse atravessamento ideológico escondido nas narrativas da imprensa esportiva em relação à evidência dada ao negro no universo do futebol. Os pesquisadores lembram que a presença do discurso racista no futebol em nada se difere do constatado em outros segmentos da sociedade, portanto, de certa forma, é natural que o protagonismo conquistado pelo negro no cenário futebolístico tenha ocorrido dentro de um idioma racialista. Tal “ideologia racialista”, explicam os autores, costumava se manifestar em torno de dois eixos principais: de um lado, o ideal de branqueamento da população e, de outro, "a concepção desenvolvida por elites

políticas e intelectuais [...] sobre a harmonia e tolerância racial e a ausência de preconceito e discriminação racial” (2001, p. 56). Eles lembram que a questão do racismo historicamente ocupou grande espaço no pensamento social brasileiro, sendo que a perspectiva do “branqueamento” consistia na visão de que “o principal entrave ao desenvolvimento da sociedade brasileira teria sido a natureza de nossa miscigenação racial, marcada por uma predominância excessiva do sangue negro” (2001, 59).

Dessa vez na companhia de Bruno Otávio Lacerda Abrahão, Antonio Jorge Soares (2011) volta ao tema em *O elogio ao negro no espaço do futebol: entre a integração pós-escravidão e a manutenção das hierarquias sociais*. Os autores destacam que “os significados atribuídos aos diferentes grupos são posicionais e relacionais e partem daquele que goza de maiores cotas de poder na totalidade social” (2011, p. 78), o que leva a uma hierarquização entre os grupos. Comentam ainda que essa inferiorização da raça negra partia do pressuposto de que o “o atraso pensado sobre o continente africano seria herdado e assimilado pela raça negra como característica inata” (2011, p. 79), ignorando a heterogeneidade e o contexto histórico e político em que foram criadas as distintas nações do continente.

No caso brasileiro, prosseguem, a estruturação da sociedade entre senhores e escravos se tornou terreno fértil para o surgimento de preconceitos, como o racial. Os pesquisadores explicam que, com o processo de miscigenação, se constituiu na sociedade brasileira uma forma de classificar os sujeitos a partir de um modelo ideal europeizado. Com isso, o processo de branqueamento via mestiçagem criou um “racismo à la brasileira”, que, como indicam Soares e Abrahão, “percebe antes colorações do que raças, que admite a discriminação apenas na esfera privada e difunde a universalidade das leis, que impõe a desigualdade nas condições de vida, mas é assimilacionista na cultura” (2001, p. 81). Isso faz com que, no caso brasileiro, se dê mais atenção para as marcas da aparência física.

Tal processo sofre uma “inversão” a partir de Gilberto Freyre, conforme já mencionamos no primeiro movimento. O pernambucano traz às discussões sua concepção de “democracia racial”, viés ideológico que teve importância fundamental na construção de nossas identidades nacionais. Helal e Gordon Jr. comentam que, na visão de Freyre, a “miscigenação racial, empiricamente observada, era o resultado de uma norma harmônica, não conflituosa, nas relações entre as raças formadoras do complexo

populacional brasileiro”. Neste sentido, prosseguem, em contraponto ao “branqueamento”, a obra de Freyre traria “um ‘ideal de empretecimento: a multiracialidade tornava-se agora não uma desgraça, mas aspecto vantajoso e positivo da sociedade brasileira” (2001, pp. 59-60). É interessante uma observação feita por Helal e Gordon Jr. em relação à proposta de Freyre que, como vimos, acabou assumida por Mário Filho. Se inicialmente a teoria do “branqueamento” levava a um desejo de embranquecer, tanto no que se refere a questões físicas como a morais, a entrada em cena dessa nova perspectiva faz com que, a partir da década de 1930, o processo de mestiçagem e o negro assumam um valor positivo. Para Soares e Abrahão, tal “narrativa cultural institui o diálogo pós-colonial do que seria o Brasil” (2001, p. 82).

Valendo-nos da metáfora de Wisnik (2008), esses discursos que valorizavam a participação do negro no universo do futebol podem ser vistos como um “veneno remédio”, pois, da mesma maneira que colocam em evidência uma raça até então estigmatizada, de certa forma demarcam os territórios de atuação dessa cultura dentro do contexto social. Neste sentido, vale destacar um trecho da pesquisa de Lívio Sansone (1993) em relação ao cotidiano de Salvador (BA) trazido por Helal e Gordon Jr.:

Sansone delimitou as áreas nas quais a cor das pessoas assume maior ou menor importância na orientação das relações raciais. Distingue assim entre as áreas duras e as áreas moles das relações raciais. As áreas duras são as do trabalho, particularmente a procura do trabalho, o mercado matrimonial e da paquera e os contatos com a polícia. As áreas moles ou espaços negros implícitos estão vinculados ao domínio do lazer, mas incluem também a Igreja Católica, as igrejas de crentes e os círculos espíritas. Nestes espaços ser negro não deveria ser um obstáculo e neles pouco se fala sobre raça ou racismo. Haveria ainda os espaços negros explícitos, geralmente chamados da "cultura negra" (blocos afro, batucada, terreiros e capoeira). Neles, ser negro pode constituir uma vantagem; de fato, os negros são hegemônicos nestes espaços ao tempo que os brancos devem negociar as suas condições de participação (HELAL e GORDON JR, pp. 64-65).

Na perspectiva de Helal e Gordon Jr., transferindo o modelo de Sansone para o universo do futebol brasileiro, podemos perceber um processo em que essa modalidade passou de área dura para área mole dentro da nossa sociedade. Para os autores, o ponto de virada entre essas duas fases se dá na profissionalização do esporte, quando as classes sociais menos favorecidas economicamente passaram a ter no futebol um modo de entrada para a economia formal: o futebol pode ser pensado como um espaço de mobilidade social em que esses setores marginalizados da população podiam conquistar um emprego que não exigia que passassem pela educação formal ou por longos períodos de aperfeiçoamento.

Por outro lado, Soares e Abrahão apontam que “o sucesso dos negros nos gramados acabava por indicar a integração e os locais de atuação dos quais os negros deveriam apropriar-se na recente sociedade pós-escravocrata”, servindo como uma forma de manter as “hierarquias numa sociedade constrangida pelos valores da igualdade conferida pela abolição da escravidão” (2011, p. 87). Os pesquisadores acreditam ainda que esses traços distintivos em relação à identidade negra serviam para contrapor a identidade branca, fundada na racionalidade e na cultura. Com isso, as potencialidades destacadas nos negros – relacionadas à música, ao ritmo, à resistência física e à potência, por exemplo – eram opostas à racionalidade e ao refinamento atribuídos aos brancos. Helal e Gordon Jr. também consideram problemática tal delimitação de espaços como sendo “de cultura negra”. Indicam que, ao mesmo tempo em que “se constituem em foco de valorização do capital simbólico dos indivíduos negros (onde ser negro pode ser vantajoso), possibilitando a construção de uma identidade cultural específica e de uma autoestima necessária”, são discursos que possibilitam essencializações raciais e permitem que os negros sejam limitados a esses campos a partir de argumentos que reforçam a ideia de aptidões inatas. Sobre o poder de sedução desse discurso de “democracia racial”, os autores resgatam uma interessante observação de Robin Sheriff:

A democracia racial é certamente um mito, mas é também um sonho em que a maioria dos brasileiros de todas as cores e classes sociais deseja acreditar com paixão. Enquanto ele obviamente permite uma tremenda hipocrisia e ofusca a realidade do racismo, o mito da democracia racial é também um discurso moral que afirma que o racismo é nocivo, desnatural e contrário à brasilidade. [...] Ao mesmo tempo em que o mito nega [aos negros] a realidade de sua própria opressão, também lhes dá a certeza de sua igualdade inerente, fundamental, e lembra a seu opressor como se deve comportar um bom brasileiro. O conceito de democracia racial, como mito e como sonho, parece operar como uma totalidade [...] Como tal os afro-brasileiros não podem aceitá-lo totalmente nem rejeitá-lo totalmente. Eles ficam aprisionados entre a esperança e o silêncio, entre a resistência e a resignação (SHERIFF, 1993, *apud* SOARES E GORDON JR., 2001, pp. 67-68).

Por fim, pode-se perceber uma proximidade muito grande da perspectiva de Freyre em defesa da valorização de um “produto” genuinamente brasileiro com a do movimento modernista da década de 20. Resgatando Oswald de Andrade e seu *Manifesto Antropófago*, Wisnik aponta que essa reversão do olhar em relação ao negro na sociedade brasileira de certa forma pode ser relacionada à ideia de “devorar a dimensão assustadora do outro, ‘transformar o tabu em totem’, virar o recalque de ponta-cabeça e converter os próprios entraves traumáticos da formação brasileira em fermento libertador” (2008, p.

415). O autor critica quem procura reduzir a complexidade da questão racial no Brasil a uma simples dualidade entre branco e negro. De acordo com o autor, a “droga-Brasil é irreduzível a uma lógica simplista” (2008, p. 421). Para ele, de qualquer forma é preciso reconhecer que o país se tornou reconhecido globalmente “pela produção de uma espécie de tecnologia de ponta do ócio, do qual a música e o futebol são os sinais mais evidentes e refinados”, e, com isso, fez do futebol uma “via incontornável para se pensar as formas paradoxais de inserção do Brasil no mundo contemporâneo” (2008, pp. 182-183).

4.3 A retórica da crise na imprensa esportiva

O tricampeonato brasileiro nas copas de 1958, 1962 e 1970 acabou por confirmar o mito que vinha sendo construído desde o bom desempenho do país na Copa do Mundo de 1938, que, como vimos anteriormente, acabou inspirando a concepção de futebol-mulato de Gilberto Freyre. O período de regime militar viu o surgimento de outra publicação relevante no contexto esportivo brasileiro: a revista *Placar*. No artigo *Placar: 1970*, o historiador João Malaia faz uma análise do período inicial da publicação, que traz para o mundo do esporte outro personagem importante na história da imprensa esportiva: o sociólogo Juca Kfourri. Chefe de reportagem e, posteriormente, diretor do veículo, Kfourri ajudou a introduzir o jornalismo investigativo no jornalismo esportivo brasileiro. É interessante perceber, porém, como, apesar de tida como contestadora, a visão crítica da revista se atinha basicamente à organização de futebol, alinhando-se em diversos momentos ao discurso oficial do governo militar. Malaia comenta, que ao mesmo tempo em que contestava a “estrutura esportiva e à ligação do governo com a seleção brasileira, também havia um discurso editorial que se aproximava tanto da linha ideológica do governo, quanto do apoio à estrutura elitista da organização da sociedade brasileira” (2012, p. 165), refletindo na presença de matérias que indicavam um viés elitista nas discussões sobre o futebol nacional. Em relação a esse alinhamento, Malaia faz uma observação extremamente pertinente e que nos ajuda a reforçar os atravessamentos ideológicos que se escondem no discurso jornalístico. O autor lembra que a *Placar* pertencia à Editora Abril, uma das principais do país, por isso, diz não estranhar o fato de que a publicação “tivesse em seus discursos características próprias da classe que representava” (2012, p. 166). Mesmo que a sua linha editorial se posicionasse contra os excessos praticados pelo governo militar, Malaia não vê no discurso da revista a defesa de alguma mudança mais significativa na situação enfrentada pelo país.

O exemplo de *Placar* ajuda a introduzir na discussão uma espécie de virada nas narrativas da imprensa esportiva. Se até então as discussões se davam no plano dos sujeitos (os negros), agora elas se voltam para a estrutura, e os questionamentos se centram nos aspectos organizacionais do esporte. Tal alteração no foco da imprensa esportiva é aprofundada por Ronaldo Helal em *Passes e Impasses* (1997). Partindo da análise de reportagens publicadas em diversos veículos durante o período, o autor indica que as razões para a crise nos discursos da imprensa esportiva e dos dirigentes estavam centradas principalmente na desorganização administrativa resultante da dualidade entre dirigentes amadores e jogadores profissionais, e de uma legislação esportiva criada por regime ditatorial “que impede a modernização a nível organizacional e que privilegia a política de troca de favores, conciliação e paternalismo” (1997, pp. 64-65). É interessante perceber que tais questões seguem no centro do debate e são retomadas periodicamente em função do desempenho do selecionado nacional – neste caso, a discussão começa a partir das “más” campanhas nos mundiais de 1974 e 1978, onde a equipe finalizou em quarto e em terceiro lugares, respectivamente.

4.3.1 O início da comercialização das marcas dos clubes e dos torneios

O trabalho de Helal evidencia os primeiros passos da transformação do futebol como evento exemplar da sociedade do espetáculo. A comercialização de publicidade estática²⁶ ao redor dos campos começa em 1977, sendo a receita dividida entre os estádios e as federações. No mesmo período as partidas dos torneios nacionais passam a ser transmitidas pela televisão por meio de vídeo-tapes, sendo que os clubes não tinham direito a esse dinheiro. Os uniformes passam a estampar publicidade a partir de 1983.

A primeira venda dos direitos de transmissão dos jogos acontece em 1987, a partir da formação do Clube dos 13, que reunia os treze primeiros colocados no ranking da Confederação Brasileira de Futebol – os quatro grandes de São Paulo e Rio de Janeiro, os dois principais times de Minas Gerais e os dois do Rio Grande do Sul, mais o Bahia (1997, pp. 54-55). A entidade nasceu em um momento de insatisfação dos clubes com a gestão do futebol nacional. Nesse sentido, Mauricio Stycer (2012) destaca que o ano de 1987 marcou o ápice desse período de crise. Sem verba para bancar a organização do

²⁶Consiste nas placas de publicidade comercializadas ao redor do campo de futebol.

torneio, a CBF repassou aos clubes os custos da competição, o que forçou um movimento de aproximação entre as principais agremiações esportivas do país. Nascia, então, o Clube dos 13. Em um movimento de rebelião, organizou-se, então, a Copa União, que contou com o apoio de marcas fortes como Rede Globo, Coca-Cola e Varig. Na perspectiva do autor, “esse evento marca, para muitos, o início do processo de ‘modernização’ do futebol brasileiro, em outras palavras, a entrada do futebol na era do marketing e do patrocínio esportivo” (2012, p. 192).

Em relação a esse processo, Helal lembra que uma das primeiras atitudes comerciais do Clube dos 13 foi registrar a marca dos clubes para que fosse possível cobrar royalties pelo seu uso por outras pessoas. O autor afirma que tal medida, somada à assinatura da venda dos direitos de transmissão do torneio para a Rede Globo e as parcerias firmadas com a iniciativa privada, representam “um marco histórico na organização deste esporte no país, dando um passo importante em direção à profissionalização administrativa e à transformação da legislação vigente” (1997, p. 95). O autor comenta ainda que, com o começo das transmissões ao vivo, se inicia uma nova polêmica via imprensa, desta vez referente ao “esvaziamento dos estádios e as compensações financeira dos contratos assinados pelos clubes com a televisão” (1997, pp. 54-55).

Ao analisar as reportagens veiculadas pela imprensa durante o período, Helal diz ficar evidente uma tensão entre um discurso em defesa da adoção de uma estrutura profissional, racionalizada, e outro que de certa forma recusa tal processo de profissionalização, com a defesa de um certo viés mais amador. Tal discussão nos remete ao dilema brasileiro²⁷ de Roberto DaMatta (1982). Neste sentido, não causa estranhamento a constatação do pesquisador de que, nas últimas décadas, a estrutura organizacional do futebol brasileiro passou por diversas transformações, sendo que nenhuma delas conseguiu transformá-la de forma significativa. Ora, tal estranhamento só é possível se ignorarmos o fato de que a crise do futebol brasileiro reflete uma crise muito mais ampla vivida dentro da nossa sociedade. A tensão entre tradicional e moderno,

²⁷Conforme DaMatta, o dilema brasileiro pode ser entendido como uma tensão entre relações pessoais que garantem um mundo pessoalizado, feito de gradações, e leis universais que exigem o oposto, pois conferem igualdade teórica a todos e demandam a liquidação dos privilégios pessoais e de família. O Brasil, como outras sociedades com um forte ranço tradicional (dado na ênfase nas relações pessoais, verticalizadas e hierárquicas), tem dificuldades para aceitar o postulado da igualdade entre todos, sobretudo quando se trata de regras ligadas aos processos de transmissão do poder e decisão política entre grupos (1982, p. 59).

entre o pessoal e o impessoal é algo que está presente na nossa formação cultural, como já comentado anteriormente. Portanto, acreditar que tal mudança na estrutura patriarcal do futebol nacional se daria por meio dos dirigentes dos clubes, classe composta justamente por representantes dessa estrutura arcaica, é desconhecer todo o jogo de interesses que atravessam as questões ligadas ao futebol. O Clube dos 13 foi extinto em 2011, em meio a uma disputa pela comercialização dos direitos de transmissão do Campeonato Brasileiro, a partir de uma articulação da principal emissora de televisão do país. A Rede Globo, que liderou o processo de modernização ao comprar os direitos de transmissão dos jogos da Copa União, em 1987, ao ver seus interesses comerciais ameaçados quando a entidade decidiu promover uma licitação pública para venda dos direitos de televisão, resolveu que tal *ethos* modernizador não era mais interessante para seus interesses. A emissora articulou junto aos presidentes de Flamengo e Corinthians, os clubes mais populares, a manutenção de seus privilégios, passando a negociar tais direitos de transmissão de forma individual, diretamente com cada agremiação esportiva – num típico movimento pendular do nosso dilema nacional, quando o *ethos* moderno encontra o seu limite na manutenção dos interesses pessoais e tradicionais.

Chegamos, então, ao passo final desse segundo movimento, que servirá, também, de transição para o movimento final de aproximação ao problema de pesquisa. Em *Lance! Um jornal do seu tempo*, Maurício Stycer analisa o diário esportivo *Lance!*, que se constitui no “primeiro projeto de mídia financiado integralmente por investidores profissionais (e não por empresas familiares) ligados ao mercado financeiro” (2012, p. 186) – inovação essa que acabou inspirando as iniciativas semelhantes que se seguiram. O autor comenta que a publicação foi o primeiro jornal diário criado no país em duas décadas, tendo sido lançado no final de 1997.²⁸ O modelo editorial buscou inspiração nos jornais *Marca* (Espanha) e *Olé* (Argentina), e partia da percepção de que “os esportes deixaram de ser uma competição e hoje são um show, um espetáculo, que necessitam ser mostrados por meios novos” (2012, p. 187), para usar as palavras do diretor da publicação argentina, Ricardo Roa, em palestra para os profissionais do *Lance!*, conforme nos relata Stycer.

O pesquisador destaca que a publicação brasileira é pioneira dentro do contexto de “mercadorização do futebol” (Damo, 2007) que se inicia na Europa a partir da década

²⁸O idealizador, Walter de Mattos Júnior, tinha como sócios iniciais Marcos Falcão (Banco Icatu), Bruno Rocha (Dynamo), Júlio Bozano (Banco Bozano Simonsen) e Tobias Cepelowicz (Petroserv) (Stycer, 2012).

de 70, mas que toma impulso mesmo a partir do processo de globalização, transformando o futebol em um negócio multimilionário. Na avaliação de Stycer, com a qual me associo, desde o processo de profissionalização desse esporte, já nas primeiras décadas do século passado, não ocorria uma mudança tão profunda na estrutura do futebol e nas relações entre seus principais agentes (dirigentes, atletas, torcedores)” (2012, p. 187). O autor faz uma afirmação que nos ajuda a chegar em um ponto fundamental na nossa discussão: se no século inicial de futebol no Brasil as narrativas tinham um forte viés nacionalista, dentro de um contexto geopolítico de estados totalitários, na busca da construção da identidades dos novos Estados-Nação que tomavam forma naquele período, com o processo de globalização elas se deslocam para o “discurso que prega a liberação econômica, a desregulamentação dos mercados, a reforma do Estado, a privatização, a busca da competitividade, entre outros valores do neoliberalismo” (2012, p. 188). Portanto, em função dessa ótica liberal, Stycer comenta que “as mudanças no futebol serão sempre vistas como um ‘processo de modernização’, a despeito dos inúmeros problemas que provocaram e continuam a provocar” (2012, p. 188).

Nesse segundo movimento procurou-se destacar os inúmeros atravessamentos que ajudaram a dar forma aos discursos da imprensa esportiva em relação ao futebol e de que forma esses discursos auxiliaram na construção da identidade nacional e desse universo simbólico em torno dele que discutimos no segundo movimento. A intenção foi procurar evidenciar o impacto das narrativas do jornalismo esportivo na nossa forma de perceber e fruir esse jogo, e trazer para a discussão elementos que nos possibilitasse compreender melhor a razão pela qual esse esporte se consolidou simbolicamente como um importante instrumento de mobilidade social para as camadas mais pobres dentro de uma sociedade extremamente hierarquizada como a brasileira. Penso que agora reunimos os elementos necessários para darmos início ao movimento final de aproximação do problema de pesquisa.

5. TERCEIRO MOVIMENTO DE APROXIMAÇÃO: GLOBALIZAÇÃO E O FUTEBOL ENQUANTO ESPETÁCULO GLOBALIZADO

Após analisar nos dois movimentos anteriores a relação entre futebol, jornalismo, sociedade e cultura brasileira durante o século XX, procuro agora discutir os impactos causados pelo processo de globalização nos âmbitos social, midiático e futebolístico: a globalização e o crescimento das desigualdades em escala mundial, a transformação do esporte mais popular do planeta em espetáculo midiático, a consolidação do modelo capitalista de livre mercado no futebol – em acordo com outros segmentos da economia global – e, como consequência, o aumento no deslocamento de trabalhadores entre as fronteiras nacionais, fato que atinge também a esfera esportiva. Considerando tais aspectos, acredito ser possível evidenciar o papel central que o futebol adquire hoje para a indústria do entretenimento, sendo os espetáculos esportivos um dos carros-chefe da economia global. Conforme dados da consultoria Repucom²⁹, a indústria da bola movimentava cerca de 50 bilhões de dólares anuais.

Nesse terceiro movimento de aproximação, portanto, pretendo discutir justamente esse processo de transformação de uma prática amadora em um dos segmentos que mais movimentam dinheiro na economia global, bem como as consequências dessa mutação para o jornalismo esportivo. Para tanto, é preciso considerar que, a partir da virada das décadas de 1960 para 1970, o mundo passou a experimentar uma série de transformações que tiveram forte impacto nas sociedades contemporâneas – fenômeno que ficou conhecido pelo nome de globalização. Como afirma o filósofo e sociólogo austríaco Zygmunt Bauman (1999), para certos sujeitos a globalização é a receita para a felicidade; para outros, a razão de nossas tristezas; para todos nós, porém, é um processo sem volta que vem impactando fortemente a realidade global. Independentemente da definição escolhida, o conceito “globalização” invariavelmente se refere ao fluxo cada vez mais rápido de capitais, informações, mercadorias e sujeitos, resultante de um processo de encolhimento do tempo e do espaço (OLIVEN e DAMO, 2001). Na mesma linha, Stuart Hall (2005) pontua que a emergência desse fenômeno está relacionada a uma série de processos desenvolvidos em âmbito mundial que cruzam as fronteiras dos estados nacionais interligando povos – concreta e virtualmente – em uma nova relação entre o espaço e o tempo. Bauman (1999) destaca como uma das características da

²⁹Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/05/29/economia/1432,8459_563187.html

contemporaneidade o fato de estarmos todos em constante movimento, mesmo quando estamos fisicamente parados. Por meio da televisão por satélite ou via cabo, por exemplo, podemos nos mover pelo mundo mesmo sem sair de casa. Com isso, a distância perde importância, sendo que em muitas ocasiões passa a impressão de que “só existe para ser anulada, como se o espaço não passasse de um convite contínuo a ser desrespeitado, refutado, negado. O espaço deixou de ser um obstáculo — basta uma fração de segundo para conquistá-lo” (BAUMAN, 1999, p. 85).

Neste cenário, os lugares seguem fixos, porém o espaço pode ser vencido por diversos meios, em rápida velocidade e num curto período de tempo (Hall, 2005). Tal concepção de um espaço-tempo contraído possibilita idealizar o mundo como um só, posto que, por meio de um mercado globalizado, “coisas, relações, dinheiros, gostos largamente se difundem por sobre continentes, raças, línguas, religiões, como se as particularidades tecidas ao longo de séculos houvessem sido todas esgarçadas” (SANTOS, 2015, p. 41).

Com as mudanças geopolíticas ocorridas no início da década de 1990 – que podem ser sintetizadas pelo fim da União Soviética e pela queda do muro de Berlim, encerrando o período que historicamente se denominou de Guerra Fria –, o mundo passa a ser percebido como uma unidade de atividades entrelaçadas sem restrições fronteiriças. Tal reordenamento traz impactos profundos na cultura e nas sociedades contemporâneas, que podem ser resumidos sob o signo do modelo hegemônico do capitalismo de livre mercado global. Conforme o historiador britânico Eric Hobsbawm (2007), apesar dos discursos mais otimistas dos seus defensores, a globalização de livre mercado acabou aprofundando as desigualdades econômicas e sociais, seja internamente ou na relação entre os diversos países. O grande problema está no fato de que tais impactos são sentidos mais fortemente pelos que menos benefícios colhem do processo. Hobsbawm afirma ainda que as visões antagônicas em relação ao fenômeno costumam se dividir entre aqueles que de certa maneira estão imunes aos efeitos colaterais do sistema – como os empresários que se deslocam pelo globo na procura por mão-de-obra mais barata, ou quem trabalha com alta tecnologia ou possui ensino superior e tem a possibilidade de conseguir trabalho em economias mais desenvolvidas – e aqueles que ficam expostos a seus efeitos mais cruéis.

5.1 Um sistema produtor de perversidade

Milton Santos (2015) também ressalta que o processo de integração global foi e ainda é guiado e, concomitantemente, homogeneizado, pelas leis do mercado global. Na visão do autor, a globalização representa o ponto mais alto da internacionalização do sistema capitalista. Em função disso, ele defende a necessidade de estarmos atentos para a existência de ao menos três mundos: a globalização como fábula, que seria o mundo na forma como nos fazem percebê-lo; a globalização como perversidade, ou o mundo tal como existe na realidade; e, por fim, um outro mundo possível, que consiste em um olhar crítico sobre esse processo. Assim como Bauman (1999), Milton Santos também procura evidenciar aquilo que ele classifica como a face perversa do fenômeno. Apesar dos discursos que procuram exaltar as maravilhas desse mundo integrado e sem fronteiras, o autor destaca que para maior parte da população o processo de globalização se apresenta de forma dura, o que pode ser percebido na elevação crescente dos índices de desemprego, no aumento da pobreza e na perda de poder econômico e de qualidade de vida das classes médias, na diminuição dos salários e no avanço da fome, e na falta das mínimas condições de moradia em todos os continentes. Nesse ponto, é importante ressaltar que, apesar de os efeitos serem comum a todos, é no Sul que os impactos mais duros do processo de globalização são sentidos.

Por essa razão, não soa estranho quando lemos ou ouvimos que atualmente, conforme dados das ONU³⁰, mais de dois bilhões de pessoas sobrevivem sem água potável e 4,5 milhões (mais da metade da população mundial) não possuem saneamento básico seguro; ou que o número de pessoas sem moradia aumenta exponencialmente, assim como a fome e o desemprego; que o ensino público vem sendo sucateado e, como consequência, temos um aumento das taxas de analfabetismo. Nesse novo contexto, a condição de pobreza não se resume a ganhar menos do que uma quantia determinada, “ser pobre é participar de uma situação estrutural, com uma posição relativa inferior dentro da sociedade como um todo. E essa condição se amplia para um número cada vez maior de pessoas” (SANTOS, 2015, p. 59). Para Milton Santos, estamos vivendo atualmente num mundo de exclusões, em que a perversidade deixa de ser vista de forma isolada e passa a constituir um sistema. A seu ver, esse é um dos principais fatores do aumento das desigualdades dos mais diversos gêneros. Às desigualdades já existentes, acrescentam-se outras tantas. O autor alerta para o fato de que

³⁰Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2017-07/mais-da-metade-da-populacao-mundial-nao-tem-acesso-saneamento-basico>

essa produção maciça da pobreza aparece como um fenômeno banal. Uma das grandes diferenças do ponto de vista ético é que a pobreza de agora surge, impõe-se e explica-se como algo natural e inevitável. Mas é uma pobreza produzida politicamente pelas empresas e instituições globais. Estas, de um lado, pagam para criar soluções localizadas, parcializadas, segmentadas, como é o caso do Banco Mundial, que, em diferentes partes do mundo, financia programas de atenção aos pobres, querendo passar a impressão de se interessar pelos desvalidos, quando, estruturalmente, é o grande produtor da pobreza. Atacam-se, funcionalmente, manifestações da pobreza, enquanto estruturalmente se cria a pobreza ao nível do mundo (SANTOS, 2015, p. 73).

Na mesma linha de raciocínio, o sociólogo australiano Stephen Castles (1996) aponta que no processo de reconfiguração da ordem global alguns grupos se tornaram membros de pleno direito, enquanto outros acabaram marginalizados. De acordo com o pesquisador, a questão da inclusão e exclusão social está no centro dos dilemas das sociedades contemporâneas. Aqueles sujeitos e grupos sociais que se enquadram no novo contexto são incluídos no sistema mundial com plenos direitos civis, políticos e sociais; já quem não encontra seu lugar nesse novo ordenamento é escanteado e tem direitos básicos negados, como o direito ao trabalho e à comida. Sendo tal processo conduzido pelo que ele chama de “forças anônimas do mercado”, nem os sujeitos, nem o Estado, nem as instituições assumem responsabilidade pelo processo que vem arrastando milhares de pessoas à miséria. Essa proeminência do mercado “significa que muitos governantes já não vêm as grandes desigualdades como um problema, senão como algo essencial para a eficácia do sistema econômico” (CASTLES, 1996, p. 03, tradução nossa)³¹. Outra peculiaridade do processo reside no fato de o capital global armar lanças na defesa de seus interesses como se eles respondessem pelos interesses de todos. Para o autor, essas mudanças na ordem econômica mundial e os avanços da tecnologia têm relação com a propagação universal de valores baseados na noção de racionalidade ocidental.

Não é por outra razão que Muniz Sodré (2003) classifica a globalização como “neobarbarie”. Na sua perspectiva, ela consiste no “avatar” moderno do mesmo processo civilizador que consolidou o sistema capitalista durante o século XIX. O autor afirma que “essa financeirização veloz e instável da riqueza, que desterritorializa espaços e mercados nacionais em favor do espaço e mercados mundiais, sob o controle de empresas multinacionais, é a face verdadeira da presente globalização” (SODRÉ, 2003, p. 29).

³¹“(…) significa que muchos gobernantes ya no ven las grandes desigualdades como un problema, sino como algo esencial para la eficacia del sistema económico”.

Apesar do discurso de integração global, podemos dizer que os efeitos do processo acabam sentidos por dois vieses: enquanto serve aos interesses econômicos do Norte desenvolvido, o sistema global deixa para o Sul periférico os efeitos colaterais que só contribuem para aumentar o enorme fosso que historicamente separa os dois polos. Sodré aponta que a liberdade desse mundo globalizado se restringe ao deslocamento dos capitais e informações, possibilitados pelos avanços tecnológicos. O autor comenta que globalização nada mais é do que um outro nome “para a ‘teledistribuição’ mundial de um determinado padrão de pessoas, classes e, principalmente, informações”, o que acaba se concretizando no “modo contemporâneo de ser – diverso de outros modos – de um antigo colonialismo em escala mundial ou ‘planetarista’” (SODRÉ, 2003, pp. 23-24).

O estreitamento dos vínculos entre capital e informação na defesa do modelo hegemônico de globalização é outra característica dos tempos atuais. No que diz respeito à informação, Milton Santos (2015) critica a maneira como é ofertada, pois, acredita que normalmente acaba sendo utilizada em função de interesses particulares e dos grupos hegemônicos. Nesse sentido, Santos recorda que o desenvolvimento científico ao longo do último século acabou por produzir “um sistema de técnicas, presidido pelas técnicas da informação, que passaram a exercer um papel de elo entre as demais, unindo-as e assegurando ao novo sistema técnico uma presença planetária” (SANTOS, 2015, p. 23). Em relação ao dinheiro, a crítica foca-se no papel central que ele assume como propulsor da economia e da vida social. Para ele, os dois aspectos são base do sistema hegemônico e ajudam a formular visões fragmentadas, a estabelecer uma narrativa única sobre o mundo.

A associação entre a tirania do dinheiro e a tirania da informação conduz, desse modo, à aceleração dos processos hegemônicos, legitimados pelo "pensamento único", enquanto os demais processos acabam por ser deglutidos ou se adaptam passiva ou ativamente, tornando-se hegemonzados. Em outras palavras, os processos não hegemônicos tendem seja a desaparecer fisicamente, seja a permanecer, mas de forma subordinada (SANTOS, 2015, p. 35).

Para Milton Santos (2015), vivemos uma crise estrutural. Por essa razão, quando se formulam soluções que não mexem na estrutura, o resultado final é um agravamento do quadro descrito acima. Ele afirma que esse mesmo aparelho ideológico que sustenta o processo de globalização como único caminho viável a ser seguido, também molda nossas percepções sobre tal fenômeno e nos determina as alternativas possíveis para os problemas que surgem. Faz isso em escala global, como se o mundo fosse uma massa

homogênea e os problemas enfrentados nos mais diversos países fossem os mesmos e necessitassem das mesmas soluções. Isso fica patente na forma como alguns organismos financeiros internacionais como o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial buscam impor suas soluções econômicas a países em desenvolvimento por meio de políticas desenvolvidas em contextos que pouco dialogam com o vivido atualmente pelas nações subdesenvolvidas ou com desenvolvimento tardio. A preocupação de tais iniciativas, como indica Santos, é uma só: a crise financeira. Para o autor, essa visão monetarista do mundo é “uma causa para mais aprofundamento da crise real — econômica, social, política, moral — que caracteriza o nosso tempo” (SANTOS, 2015, p. 36). Dessa maneira, acaba por reforçar ainda mais a condição periférica de quem sempre viveu nas margens do sistema econômico global, pois lhes faltam o acesso e/ou o controle dos novos meios de produção.

5.2 Os fiadores do sistema hegemônico

O geógrafo brasileiro ressalta o papel desempenhado pelos meios de comunicação na defesa desse sistema global. O pesquisador destaca a transmissão de informações que, ao invés de informar, confundem, o que é considerado grave por ele, tendo em vista o papel central e fundamental da informação no contexto em que vivemos atualmente. Para Santos, hoje em dia a informação se apresenta com uma dupla face: por um lado procura a instrução do público, enquanto, pelo outro, busca o seu convencimento. E, se assumimos essa dupla face, é forçoso reconhecer que o viés do convencimento está muito mais presente em função do papel central assumido pela publicidade. Por isso, para o pesquisador, “há uma relação carnal entre o mundo da produção da notícia e o mundo da produção das coisas e das normas. A publicidade tem, hoje, uma penetração muito grande em todas as atividades” (SANTOS, 2015, p. 40).

Em relação ao papel desempenhado pela informação nas sociedades contemporâneas, é necessário atentarmos para o processo de fusões que vem dando forma a grandes conglomerados financeiros e midiáticos de abrangência global. Atualmente, a produção da informação está concentrada em um número muito reduzido de empresas. Conforme Milton Santos (2015, p. 66), “o essencial do que no mundo se lê, tanto em jornais como em livros, é produzido a partir de meia dúzia de empresas que, na realidade, não transmitem novidades, mas as reescrevem de maneira específica” (SANTOS, 2015, p. 66). Para Milton Santos, a informação e o dinheiro são dois dos grandes responsáveis

pela fluidez do mundo moderno. Ainda que considere que a realidade é construída por meio das relações sociais (BERGER e LUCKMANN, 1996), portanto, não sendo a mídia a única fonte para reflexão sobre o mundo, as palavras e imagens postas em circulação possuem uma magnitude em nossas sociedades que nos permite pensar que os produtos comunicacionais instauram e reproduzem regulações sociais (MATA, 2006).

Em função disso, acredito ser importante ressaltar o duplo papel desempenhado pelas empresas de informação nesse sistema global. Por um lado, são agentes discursivos na defesa e legitimação do modelo global, tornando-o discurso hegemônico e difundindo valores e percepções de mundo que acabam repassando para o mercado o papel de gerenciar os anseios da coletividade. De outro, os conglomerados de mídia aparecem como agentes importantes nesse sistema econômico globalizado (Moraes, 2003). Em relação ao primeiro ponto, Dênis de Moraes (2003) comenta que os media assumem papel relevante no que diz respeito à relação de produção, pois é no âmbito comunicacional que se consolida a ideologia da ordem hegemônica. Nesse sentido, são eles os principais responsáveis por alçar o consumo como um valor universal, capaz de transformar anseios, fantasias e vontades em mercadorias. Como afirma Robert Mcchesney (2003), a “globalização econômica e cultural seria claramente impossível sem um sistema de mídia comercial global para promover os mercados globais e encorajar os valores de consumo (MCCHESENEY, 2003, p. 217). O jornalista e sociólogo espanhol Ignacio Ramonet (2003) aponta que tal sistema pode muito bem ser definido como o “aparato ideológico da globalização (...) quer dizer, o que a imprensa diz a televisão repete, a rádio repete, e não apenas nos noticiários, mas também nas ficções, na apresentação de um modelo de vida que se deva apresentar” (RAMONET, 2003, pp. 246-247). A adesão à defesa da retórica da globalização capitalista de livre mercado, soma-se o poder de interligar o planeta por meio de dados, satélites, redes de fibra ótica, etc. Moraes diz não existir outra esfera da vida cotidiana com a mesma capacidade de conectar as diversas regiões do planeta. Além disso, esses conglomerados globais de comunicação trabalham com o mesmo apetite por lucros que as grandes empresas transnacionais que dominam o mercado global de produtos. Atuam em diversas frentes, “explorando ramos conexos e sinergias capazes de racionalizar custos, abater dívidas, conjugar *know how* e economizar na escala” (MORAES, 2003, p. 190). Como destaca o autor, ter consciência dessa dupla atuação é fundamental para compreendermos o papel desempenhado pelos sistemas midiáticos nas sociedades contemporâneas.

Pesquisador com foco de interesse em questões ligadas à economia política da comunicação, Mcchesney (2003) comenta que tal realidade começa a tomar forma a partir da década de 1990. Até então, os sistemas de mídia eram compostos basicamente de empresas domésticas. Isso não significa que não existia um mercado de produtos culturais (filmes, livros, música, programas de televisão) de empresas sediadas nos Estados Unidos, mas que prevaleciam os interesses comerciais locais. Na opinião do autor, está acontecendo com o mercado de mídia o que já ocorreu em outros segmentos do mercado global, que é a formação de um oligopólio global, em uma movimentação parecida com as ocorridas nas indústrias do petróleo e automobilística. Conforme explica Mcchesney, convergência e consolidação passam a ser as palavras de ordem. Com isso, “indústrias específicas de mídia tornam-se cada vez mais concentradas e os *players* que dominam cada uma delas são cada vez mais subsidiários de imensos conglomerados globais” (MCCHESENEY, 2003, p. 220).

Atualmente, busca-se explorar ao máximo todas as possibilidades de produção multimidiática. Em outras palavras, “industrializar conteúdos com acesso global e que possam ser vendidos no formato digital, a um público de massa” (MORAES, 2003, p. 193). Em muitos casos, essas empresas globais firmam parcerias com redes locais a fim de contemplar aspectos socioculturais das sociedades onde estão se inserindo. Para elas pouco importam questões como pobreza ou desigualdades sociais, o único interesse real é aproveitar todas as possibilidades de consumo possíveis. Moraes (2003) traz como exemplo o caso do canal ESPN, pertencente ao Grupo Disney, que transmite programação esportiva em mais de 20 idiomas para cerca de 160 países, intercalando produções locais com material vindo da matriz estadunidense. O modelo idealizado rende grandes quantias em dinheiro na forma de produtos agregados, bem como com o licenciamento de bares, revistas e dos portais ESPN existentes em diversas regiões do planeta. Essa tendência em atuar nos mais diversos segmentos do setor de entretenimento não é exclusiva do grupo Disney. Atualmente, esse sistema midiático está concentrado nas mãos de poucos conglomerados, que

entrelaçam a propriedade de estúdios, produtoras, distribuidoras e exibidoras de filmes, gravadoras de discos, editoras, parques de diversões, TVs abertas e pagas, emisoras de rádio, revistas, jornais, serviços *on line*, portais e provedores de Internet, vídeos, videogames, jogos, software, CD-ROMs, DVDs, equipes esportivas, megastores, agências de publicidade e marketing, telefonia celular, telecomunicações, transmissão de dados, agências de notícias e casas de espetáculos (MORAES, 2003, p. 199).

O domínio do mercado torna-se ainda mais absoluto quando esses grandes agentes acabam por fundirem-se, restringindo a entrada em cena de novos atores. De acordo com Moraes (2003), ao unirem-se, aumentam seu poder de barganha junto a fornecedores, diminuem gastos operacionais, compartilham os resultados negativos, aglutinam poder financeiro e acabam reunindo sob o mesmo guarda-chuva ampla gama de serviços e produtos.

Na América Latina, o processo de expansão global desses conglomerados se acentua a partir da última década do século pasado, com foco em países como Brasil, México e Argentina. De acordo com Moraes (2003, p. 204), a “ofensiva de grupos traduz-se em *joint ventures*, controles acionários e acordos operacionais”. Para ilustrar, vou me valer dos portfólios de três dos grandes conglomerados de mídia da atualidade que possuem atuação no segmento esportivo no âmbito brasileiro. O grupo Time-Warner, por exemplo, oferece opções que passam pelos canais HBO, TNT, Cinemax e Cartoon Network, possui a empresa de desenhos Hanna Barbera, a DC Comics, os estúdios Warner Bros. Entertainment, além de editoras de revistas, operadoras de televisão por satélite e redes de televisão aberta no Estados Unidos. No Brasil, também opera os canais Esporte Interativo 1 e 2, sendo detentora dos direitos de transmissão em território nacional para televisão fechada da Champions League, principal campeonato de clubes do mundo. A entrada no mercado esportivo brasileiro se deu a partir de 2014, consolidando-a como a grande das principais operadoras de televisão a cabo nos dois anos seguintes.

O Grupo Disney, mencionado anteriormente, controla os canais ESPN, que a partir dos anos 90 passaram a transmitir os principais campeonatos europeus no território nacional. Hoje oferece transmissões esportivas nos canais ESPN, ESPN Brasil, ESPN + e ESPN Extra. Controla ainda a Walt Disney Pictures, a Pixar Animation, a Lucasfilm, a Marvel Entertainment Inc., a rede de televisão estadunidense ABC e os canais de televisão a cabo Disney Channel e Fox Family.

Em dezembro de 2017, o grupo Disney comprou a 21st Century Fox da News Corporation, assumindo o controle de franquias famosas como X-Men e Os Simpsons. Tal negócio terá implicações no contexto do jornalismo esportivo brasileiro, pois incluiu no pacote ainda a rede de canais Fox Sports fora do território dos Estados Unidos. Por ser um negócio fechado recentemente, o futuro dos dois canais Fox Sports na grade de programação da televisão por assinatura nacional ainda é uma incógnita. Conforme

publicado pelo site *Esporte e Mídia*³², ao menos nos próximos 18 meses a situação deve permanecer inalterada. Porém, conhecendo a lógica da otimização de recursos em nome da maximização dos lucros, pode-se especular sobre o fechamento de postos de trabalho nesses empresas. A Fox Sports divide com os canais Sportv (de propriedade da Rede Globo) os direitos de transmissão da Copa Libertadores da América, carro-chefe entre os torneios sul-americanos. A News Corporation de Rupert Murdoch ainda detém uma série de publicações impressas nos Estados Unidos, Reino Unido e Austrália nos mais diversos segmentos.

Curiosamente, Mcchesney aponta que nenhuma das empresas que controlam o mercado de mídia global existiam no seu atual formato há 15 anos. Frutos do processo de globalização, tais conglomerados midiáticos são tidos como exemplos puros de empresas multinacionais. Atuam nas mais diversas partes do planeta, respaldando valores e interesses empresariais desses grupos e desacreditando ou deixando à margem aqueles que não se integram no processo. Com isso, cria-se uma tendência à homogeneização dos conteúdos produzidos e oferecidos por essas empresas em âmbito global. “Quanto mais os conglomerados da mídia estendem seus tentáculos, mais razão há para acreditar que encorajarão o gosto popular a tornar-se cada vez mais uniforme, pelo menos em alguns veículos de comunicação” (MCCHESENEY, 2003, p. 238).

O autor explica que o sistema midiático global é composto ainda por uma série de empresas classificadas por ele como de segundo nível, seja por sua atuação nacional ou regional, seja porque controlam um segmento específico do mercado, como publicações sobre a área de administração ou comércio, por exemplo. Entre elas, destaca os grupos Televisa (MEX), Globo (BRA), Clarín (ARG) e Cisneros (VEN). No caso latino-americano, elas trabalham em parceria com os grandes conglomerados estadunidenses, que acabam por abocanhar parte das receitas da mídia comercial. A atuação desses grupos regionais se dá no sentido de “manter agendas políticas pró-empresariais e a apoiar a expansão do mercado de mídia global, o que as deixa em desacordo com grandes segmentos da população em seu país de origem” (MCCHESENEY, 2003, p. 228).

Para tentar entender a razão de tamanha intimidade entre o sistema econômico e de informação, o pesquisador diz que é necessário olhar com mais atenção para o papel desempenhado pela publicidade. Afinal, ele acredita que o “sistema de mídia comercial é

³²Disponível em: <http://www.esporteemidia.com/2017/12/disney-comprou-o-fox-sports-no-brasil.html>

a correia de transmissão indispensável para que as empresas comercializem seus produtos em todo o mundo; na verdade, a globalização como conhecemos não poderia existir sem ele” (MCCHESENEY, 2003, p. 225). Tais corporações se beneficiam do fato de controlarem direta ou indiretamente – por meio da publicidade – os próprios veículos de comunicação, de quem justamente a população esperaria uma postura crítica e uma discussão sobre o papel da mídia em uma sociedade livre. O pesquisador argumenta que os riscos de um pequeno grupo controlando a produção jornalística e os meios de comunicação são bem conhecidos, pois tais sistemas serão dirigidos “por aqueles que se beneficiam da desigualdade existente e da preservação do *status quo*” (MCCHESENEY, 2003, p. 233). A postura conservadora que o sistema de mídia global costuma assumir se deve em boa medida ao fato dessas empresas serem elas mesmas as grandes beneficiárias da atual conjuntura vigente no sistema global. Na visão de Mcchesney, essa grande concentração gera o que dele chama de “hipercomercialismo”, posto que elevou as possibilidades das próprias empresas aumentarem os lucros com suas atividades. Questões complexas como o consumismo, as desigualdades sociais e a postura individualista frente ao mundo são naturalizados. Nesse cenário, o “melhor jornalismo é afinado com a classe empresarial e adequado às suas necessidades e preconceitos” (MCCHESENEY, 2003, p. 235). Também é preciso considerar que as grandes agências de notícias do ocidente trabalham para consolidar esse ponto de vista hegemônico, controlando em grande medida o jornalismo global.

Ainda sobre os impactos desse reordenamento na estrutura da mídia global no jornalismo, Ramonet (2003) destaca que uma das características mais marcantes é a percepção da informação como uma mercadoria. Ou seja, se negocia informação com o objetivo de máxima rentabilidade, sendo que agora, assim como em qualquer outro segmento do mercado, ela está sujeita à lei da oferta e da demanda. O autor comenta que a informação deixa de se mover pelas suas próprias regras e passa cada vez mais a depender dos compromissos comerciais. Valores como instantaneidade e a capacidade de gerar audiência passam a se sobrepôr aos critérios de verdade que caracterizavam a prática jornalística. Para o espanhol, saímos de uma época em que um jornal vendia informação para os cidadãos para um período em que uma empresa de mídia passa a vender consumidores aos seus anunciantes. Nesse sentido, Ramonet aponta três características no discurso dessas grandes conglomerados midiáticos:

Em primeiro lugar, é um discurso rápido, não há efeitos longos; na imprensa, os artigos são cada vez mais curtos, as frases são breves, os títulos impactantes, como um modelo publicitário ou qualquer discurso da cultura de massa. Primeira característica: a rapidez para evitar o tédio. Segunda característica: a simplicidade. O discurso dominante, nos grandes sistemas midiáticos, é muito elementar, é um vocabulário que todo mundo possui, é uma construção sintática, uma construção retórica que todo mundo pode entender. (...) A terceira é utilizar constantemente algo que poderíamos chamar de elementos de espetacularização, de dramatização: o riso, por exemplo, no discurso publicitário; o discurso eufórico ou a tragédia no discurso do noticiário. Fazer rir ou fazer chorar. Em todo caso, expressar-se através das emoções (RAMONET, 2003, pp. 248-249).

O jornalista espanhol chama atenção ainda para o espaço cada vez maior destinado ao que ele denomina de “imprensa *people*”, que acrescenta outra dimensão aos fatos do dia a dia. O autor explica que utiliza a expressão “*people*” para se referir ao grande público. Por meio desse tipo de jornalismo, “personalidades públicas, famílias reais e vedetes de todo tipo permitem ao leitor projetar-se num universo ao mesmo tempo totalmente diferente, mas também, em certos pontos, profundamente semelhante ao seu” (RAMONET, 2010, p 12). Nesse sentido, a vida fora de campo dos jogadores de futebol recebe cada vez mais espaço na imprensa, não necessariamente a esportiva.

Outro aspecto por ele destacado se refere ao papel central da imagem nas sociedades contemporâneas. Em função disso, a própria imprensa escrita passa a trabalhar no sentido de tentar reelaborar as emoções sentidas pelos telespectadores a partir de materiais que buscam trabalhar “no registro afetivo e sentimental, dirigidas ao coração, à emoção e não à razão e à inteligência. (...) chegam a negligenciar crises graves, que nenhuma imagem permite fazer existir concretamente” (RAMONET, 2010, p 27). Ramonet avalia que tal inclinação a representar a realidade faz com que o fundamental seja que o cenário construído funcione, não deixando que a informação fique subordinada a valores como “verdade” ou “realidade”. Tal visão é muito semelhante a de Douglas Kellner (2004), que alerta para o fato de que a capacidade de entreter o público vem tendo um aspecto determinante na seleção e produção das notícias.

5.3 Futebol e o espetáculo midiático

Os conglomerados globais de mídia vêm cada vez mais voltando suas atenções para o universo esportivo, principalmente para o futebol. A relação entre os dois campos é cada vez mais estreita. Tais grupos financiam as principais competições do planeta por meio da compra dos direitos de transmissão dos campeonatos, ao mesmo tempo em que, ao televisionarem as partidas, conquistam cotas de publicidade daqueles anunciantes que

querem vincular suas marcas com o esporte mais popular do planeta. É interessante apontar ainda que o empresário Rupert Murdoch, dono da News Corporation, tentou comprar o Manchester United, um dos maiores clubes do mundo, no final da década de 1990. Como aponta Ramonet (2003), o interesse do magnata da comunicação certamente pouco tem a ver com os aspectos esportivos e muito mais com seu viés espetáculo, de entretenimento.

Kellner (2004) vê o “espetáculo” como um aspecto marcante do mundo globalizado, pois permite a representação de princípios fundamentais da contemporaneidade e ajuda a moldar o comportamento dos sujeitos ao encenar seus dilemas e suas lutas, bem como as alternativas para contornar tais embates.

Há tempos o esporte é uma das áreas que fazem parte do espetáculo com eventos como as Olimpíadas, o Super Bowl, a Copa do Mundo e os campeonatos da NBA, atraindo grande público e ao mesmo tempo gerando verbas publicitárias altíssimas. Esses rituais culturais celebram os mais profundos valores da sociedade (por exemplo, a competição, a vitória, o sucesso e o dinheiro), e as empresas estão dispostas a investir grandes verbas para terem seus produtos associados a esses eventos. Na verdade, parece que a lógica do espetáculo da mercadoria está inexoravelmente penetrando nos esportes profissionais, que não podem mais se realizar sem o acompanhamento dos líderes de torcidas, mascotes gigantes que brincam com os jogadores e com o público, sorteios, promoções e competições que exibem os produtos de vários patrocinadores (KELLNER, 2004, p. 07).

Nesse sentido, o futebol foi sendo apropriado por marcas globais. Os principais nomes do esporte extrapolam os limites dos gramados para se tornarem garotos propaganda em escala mundial, inclusive promovendo produtos que não possuem qualquer relação com o esporte. Os jogadores com maior destaque transformam-se em personagens reconhecidos em todo o planeta, estrelam comerciais, ilustram anúncios publicitários, viram personagens de videogame, têm suas trajetórias de sucesso retratadas em filmes e livros, exibem uma vida luxuosa nas redes sociais. Ao mesmo tempo que concentra poder nas mãos dos grandes grupos econômicos, tal reordenamento permite uma abertura para o surgimento de novos narradores e estabelece outros circuitos de circulação da informação (BRAGA, 2012). Nas redes sociais, por exemplo, os jogadores passam a ter um contato direto com seu público, recebendo apoio e também sendo cobrados de forma direta pelo torcedor. Seus perfis no Instagram e em outras redes sociais com milhões de seguidores se tornam um território cobiçado pelo mercado publicitário, quiçá até mais atrativo que os meios tradicionais de publicidade, além de fonte de matéria-prima para a produção de conteúdo por parte da mídia em geral. Celebidades como essas

são tidas por Kellner como símbolos da nova cultura midiática, servindo de modelo para o restante da sociedade. Estilo e aparência “se tornam parâmetros cada vez mais importantes de identidade e de apresentação do indivíduo na vida cotidiana, e os espetáculos da cultura da mídia mostram e dizem às pessoas como devem se apresentar e se comportar” (KELLNER, 2004, p 09).

Ainda em relação à espetacularização do campo futebolístico, utilizo o exemplo da reconfiguração dos eventos institucionais promovidos pelo campo esportivo. Os sorteios de grupos da Copa do Mundo, da Champions League e da Copa Libertadores seguem a tendência da espetacularização e acabam se transformando em eventos no melhor estilo Hollywood, com trajes de gala, tapete vermelho, shows com artistas renomados, premiações especiais pela trajetória. O que antes era uma definição de confrontos entre equipes de futebol acaba transformado em um grande espetáculo midiático. A taça destinada ao campeão brasileiro, por exemplo, já não é mais entregue ao capitão da equipe vencedora dentro do campo para a tradicional volta olímpica. Hoje, ela é oferecida ao campeão durante uma cerimônia oficial onde também são destacados os principais nomes da competição, tudo com transmissão ao vivo pela televisão e plataformas digitais, potencializando os ganhos com publicidade. Alguns teóricos enxergam esse processo como um atravessamento das lógicas do sistema midiático nos demais campos sociais, exemplo do que definem como processo de midiatização da sociedade (BRAGA, 2012; FAUSTO NETO E SGORLA, 2013; GOMES, 2017).

Para Jose Miguel Wisnik, “o alcance global, o poder de apelo e a adesão magnética fazem do futebol um veículo ideal da mercadoria em seu estado de irradiação onipresente”, nutrindo, diferentemente de outros fenômenos de massa, a capacidade de ser “centrífugo e centrípeto: atinge as bordas mais distantes e reporta-se ciclicamente a ritos centralizados, em escala regional, nacional e mundial (WISNIK, 2008, p 351). Por isso, não é de se estranhar que, ao mesmo tempo em que marketing tomou conta do campo do jogo, com a publicidade ocupando todos os espaços possíveis e imagináveis, as principais estrelas do esporte se tornem “suporte privilegiado de marcas publicitárias, emergindo como ícones de um mercado mundializado envolvendo interesses bilionários” (WISNIK, 2008, p. 351).

Em relação à entrada das grandes marcas esportivas no mercado do futebol, é interessante analisarmos rapidamente o caso da Nike. Wisnik (2008) lembra que, após a

parceria com a rede estadunidense ESPN não ter logrado êxito no intuito de tornar o basquete o esporte mais popular do planeta, a emissora pertencente ao grupo Disney e a gigante do material esportivo tiveram que, inesperadamente, ingressar num universo nem um pouco familiar para seguirem crescendo. Nesse período, as redes de televisão a cabo expandiam-se mundialmente com a transmissão dos campeonatos europeus, fazendo com que o volume de recursos envolvidos no negócio crescesse continuamente, de modo que a Nike se viu obrigada a começar trabalhar com o produto futebol. O autor lembra que tal mudança representa uma adequação do interesse econômico à realidade cultural, oferecendo “uma curiosa e nada desprezível contraparte simbólica à hegemonia do imaginário norte-americano (sic), assinalando, nesta, um intrigante ponto de falha do seu empuxo totalizador” (WISNIK, 2008, p. 22). Ao mesmo tempo em que chama atenção por seu potencial midiático, o futebol também representa um imenso desafio para as marcas que a ele querem se vincular, pois uma de suas principais características reside no fato de ser imprevisível. Acostumada ao olhar voltado para o *business* do esporte estadunidense, a Nike passou a lidar com um universo de poder – o dos dirigentes das entidades e clubes esportivos – mais interessados em tirar proveitos pessoais (políticos e/ou econômicos) do que num planejamento estratégico de longo prazo – seja no caso da entrada no mercado brasileiro ou de sua atuação em escala global³³.

Na visão de Wisnik, a qual me associo, a confluência de todos esses fatores econômicos e culturais vem afetando o que ele classifica de “textura” do jogo. Para o autor,

o fato de que o esporte se enquadre então numa poderosa estrutura mundial de entretenimento, tendo jogadores como estrelas, permite que estes, vindos da periferia ou da favela, além de ligados a contratos milionários com os grandes clubes da Europa e participantes da efervescente e altamente rentável venda de camisas com seu nome, tornem-se também astros publicitários e celebridades globais que dividem treinamentos e jogos com aparições mundanas, gestos de filantropia simbólica, amores espetaculosos postos em cena como novela pública, grandes decisões financeiras, tudo gerido por empresários, assessores de imprensa e de imagem, fisioterapeutas e advogados. O que se constitui numa versão potencializada daquela violenta sucção para cima a que se referia Anatol Rosenfeld, isto é, uma queda para o alto em que a habilidade brasileira, escondida originariamente no recesso mais fundo do nosso amadorismo, ganha um lugar no pináculo da capitalização da imagem pessoal associada à marca, no momento histórico em que esta passou “a ter mais peso no valor de mercado de uma empresa do que o somatório de seus valores tangíveis”. Assim, uma

³³Não que a Nike seja uma vítima do sistema – ao contrário, se favorece dele. A empresa já foi ligada a denúncias da utilização de mão-de-obra em condições análogas à escravidão. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/negocios/como-a-nike-esta-lutando-contr-o-uso-de-mao-de-obra-escrava/>

moeda produzida por geração espontânea, no viveiro das periferias brasileiras — isto é, o talento futebolístico —, encontra uma conversão insólita no cenário volátil em que o capital globalizado varre o mercado com imagens (num sentido amplo de varrer: inundar e capturar). Nesse arco vertiginoso o extremo da gratuidade e o extremo da capitalização do imaginário se tocam, por que, em última análise, a otimização do rendimento capitaliza o inconsciente e o desejo: a lógica tecnoempresarial, aplicada ao mercado global, pressiona por engolir a seu modo — ou “devorar antropofagicamente” — a “lógica da diferença” (WISNIK, 2008, pp 357-358).

5.4 A técnica e a matematização do jogo

Ainda em relação à mudança na textura do jogo, penso ser importante atentar para o alerta feito por Milton Santos sobre o papel central da técnica e do que ele classifica como cientificismo na retórica da globalização. Ele afirma que em virtude das técnicas dominantes serem fruto do desenvolvimento científico e estarem trabalhado em prol do mercado, cria-se uma mescla que acaba por gerar uma idealização da técnica e do mercado que é respaldada pela ciência, que, por sua vez, é envolta numa aura de infalibilidade. Tudo parece de alguma maneira depender da técnica, o que reforça um imaginário “alicerçado nas suas relações com a ciência, na sua exigência de racionalidade, no absolutismo com que, a serviço do mercado, conforma os comportamentos; tudo isso fazendo crer na sua inevitabilidade” (SANTOS, 2015, p. 45). Para ele, aí se origina uma das bases de sustentação do pensamento único. Com isso, aquilo que se realiza por meio da “mão dos vetores fundamentais da globalização parte de ideias científicas, indispensáveis à produção, aliás acelerada, de novas realidades, de tal modo que as ações assim criadas se impõem como soluções únicas” (SANTOS, 2015, p. 53). Como explica o autor, também é dessa confluência de fatores que surgem outras características do mundo atual, como o fascínio pelos números e o que ele classifica como uso mágico das estatísticas, frutos, a seu ver, de uma matematização da nossa vivência.

Por esse motivo, não é de se surpreender que os discursos do jornalismo esportivo sobre o jogo propriamente dito venham se baseando muito mais por aquilo que se mede do que pelo que se vê e se sente no momento da partida. O discurso hoje classificado nacionalista e ultrapassado da época de Mário Filho e Nelson Rodrigues dá lugar a uma profusão de números e dados que vêm reconfigurando nossa percepção em relação ao jogo. Em algumas oportunidades, os recursos empreendidos na exibição de dados e estatísticas parecem servir apenas para demonstrar que a empresa está em sintonia com o

que há de mais sofisticado em termos tecnológicos no mercado europeu. Como muitas das empresas de televisão que operam no mercado brasileiro possuem vínculos com redes internacionais, a importação de tais modelos acaba por criar uma tendência à homogeneização com viés nortista. Quem não se adéqua à “modernidade”, é considerado ultrapassado e acaba descartado do jogo. Afinal, como veremos a seguir, o sistema hegemônico não é muito afeito a discursos dissonantes. Como pontuado anteriormente, não é exagero afirmar que os grandes conglomerados que controlam as transmissões esportivas são os principais fiadores desse discurso.

Tal fascínio em relação à técnica é problematizado por Tomás Maldonado (2007), que critica o distanciamento entre o que ele denomina de técnica mediata, que seria a técnica experimentada enquanto discurso, e a técnica imediata, que consistiria na técnica experimentada como realidade no seu uso cotidiano. Conforme o autor, atualmente a técnica se constitui numa presença constante em todos os aspectos da nossa existência. Se até pouco tempo ela apenas nos provocava questionamentos de cunho filosófico, hoje passa a interferir na “gestão concreta dos problemas éticos, sociais e culturais – sem excluir os políticos – relacionados com o desenho de digitalização global da nossa sociedade (MALDONADO, 2007, p. 204).

5.5 A globalização do futebol

A partir da década de 1980, as televisões passam a investir no futebol, fazendo aumentar o dinheiro em circulação no mercado através da compra dos direitos de transmissão das principais competições do planeta. A exposição midiática atraiu investidores, patrocinadores e anunciantes, multiplicando o volume das cifras exponencialmente. O esporte passa, então, a adquirir as características de uma indústria global. Especialista em geopolítica com atuação na Organização das Nações Unidas (ONU), Pascal Boniface (2002) considera difícil imaginar fenômeno mais difundido pelo mundo do que a prática do futebol. Para o francês, o futebol está mais difundido pelo planeta do que os sistemas democráticos, a internet ou a economia de livre mercado, pois “já não existem fronteiras que lhe resistam, e utiliza os meios de comunicação modernos que lhe permitem ter uma presença verdadeiramente global” (BONIFACE, 2002, p. 12). Segundo ele, a face ambígua do processo de globalização também abarca o futebol. Se para alguns tal esporte pode representar a possibilidade de difundir no âmbito global valores democráticos e de prosperidade, para outros significa o domínio do mundo pelas

multinacionais, onde a razão econômica acaba se sobrepondo às demais. Assim como nos demais segmentos do mundo contemporâneo, a globalização do futebol é fortemente nortecentrista, cabendo aos europeus o papel de superpotência no que diz respeito ao mercado da bola. Boniface aponta o que ele chama de *foot drain*, que, num paralelo com os estudos sobre migrações que veremos a seguir, consiste na cooptação por parte dos clubes europeus dos jovens talentos surgidos nas regiões mais pobres do planeta. Esse processo acontece cada vez mais cedo, constituindo-se muitas vezes em rapinagem e exploração (BONIFACE, 2002). Com isso, não só enfraquecem os mercados locais como também causam inúmeros transtornos à vida desses jovens que buscam o sonho da profissionalização. Pontua o especialista: “Quando estes jogadores não conseguem integrar-se em clubes profissionais no final de sua formação, ficam não só sem qualquer tipo de qualificação profissional, mas também em situação ilegal” (BONIFACE, 2002, p. 87).

Os impactos da globalização no futebol são discutidos também pelo economista espanhol José Gay de Liébana (2016) em seu último trabalho, chamado *La gran borbuja del fútbol*. Para o autor, a transformação do futebol em um espetáculo milionário “condiciona a própria essência do futebol, que deixou de ser um espetáculo popular e local para se converter em uma grande indústria de caráter global (...) em uma grande indústria do entretenimento”(GAY DE LIÉBANA, 2016, p. 18, tradução nossa)³⁴. Gay de Liébana destaca o papel central das redes de televisão na transformação do futebol nesse fenômeno global assim como conhecemos hoje, que foi acentuado nos anos 2000. “Desde então, e cada vez com mais força, a principal fonte de receitas são os direitos de televisão, junto com a faceta comercial e da publicidade” (GAY DE LIÉBANA, 20016, p. 26, tradução nossa)³⁵. Aparecer nas emissoras de televisão aumenta a exposição do clube, o que acaba atraindo os mais diversos interesses comerciais.

O autor comenta que mesmo a emergência de novas tecnologias como a internet e os telefones móveis permitindo a ampliação das possibilidades de receitas, o papel central das redes de televisão no financiamento e promoção dos espetáculos esportivos segue inalterado. Se, como mencionamos anteriormente, a informação passa a se guiar por meio das lógicas do mercado, maximizando as potencialidades de lucro, é natural que

³⁴“(...) condicionan la esencia misma del fútbol, que ha dejado de ser un espectáculo popular y local para convertirse en una gran industria de carácter global”.

³⁵“Desde entonces, y cada vez con mayor fuerza, la principal fuente de ingresos son los derechos televisivos, junto con la faceta comercial y de publicidad”.

o jornalismo praticado por essas emissoras busque também trabalhar em grande medida com o aspecto promocional, de valorização de seus produtos. Afinal, bons índices de audiência são fundamentais na hora de convencer os anunciantes a investir nos seus produtos.

Para ilustrar o papel chave que os espetáculos esportivos representam na economia desses grandes conglomerados e comunicação, vale a pena mencionar o caso recente das disputas pelos direitos de transmissão dos campeonatos promovidos pela Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol). Em depoimento prestado à justiça dos Estados Unidos³⁶, um dos envolvidos citou o pagamento de propina reiteradamente por parte da Rede Globo e da Fox Pan America Sports³⁷ para transmitir a Copa Libertadores da América e as Eliminatórias da Copa do Mundo. Com a ação ilegal, conforme destaca o site especializado *Trivela*³⁸, a Globo conseguia desembolsar pelos direitos de transmissão da Copa Libertadores da América um valor menor do que o pago para transmitir o estadual carioca. O executivo também denunciou o pagamento de propina por parte da Rede Globo para ter o direito de transmitir os jogos do Brasil nas Eliminatórias da Copa do Mundo. Neste caso, não necessariamente ligado aos jogos do selecionado brasileiro, também foram citadas a mexicana Televisa, a espanhola Media Pro e a argentina Full Play. O pagamento era intermediado pelas empresas de marketing esportivo Torneo y Competencias (ARG) e Traffic (Brasil), que juntas formaram a T&T Sports Marketing, responsável por tais negociações. Junto com o Grupo Clarín, a TyC possui a rede de televisão paga argentina TyC Sports. Recentemente, uma investigação conjunta empreendida por vários veículos sul-americanos³⁹ já havia apontado a 21th Century Fox (recentemente vendida ao grupo Disney, proprietário da rede concorrente ESPN) como sócia da T&T. Como é possível observar, estamos diante de um emaranhado de relações e interesses inter cruzados que mesmo os responsáveis pelas investigações têm dificuldade

³⁶Em 2015, o FBI e o Departamento de Justiça dos Estados Unidos deflagraram a operação que ficou mundialmente conhecida como *Fifagate* - numa alusão ao célebre caso de Watergate, que culminou com a queda do presidente estadunidense Richard Nixon na década de 1970. A operação resultou na prisão de inúmeros dirigentes de todo o globo envolvidos em esquemas de corrupção dos mais variados tipos. Uma das suas principais consequências foi a saída de Joseph Blatter do commando da Fifa, cargo que ocupava desde a aposentadoria de João Havelange em 1998.

³⁷A Fox Pan American Sports é a empresa que dirige os canais esportivos em espanhol da Fox nas Américas do Norte, Central e do Sul.

³⁸<http://trivela.uol.com.br/denuncia-propina-globo-fox-conmebol/>

³⁹http://maquinadoesporte.uol.com.br/artigo/empresa-ligada-fox-pagou-propina-para-ter-libertadores-revela-justica-dos-eua_30223.html

de destrinchar. A corrupção no universo do futebol é um tema complexo e que já foi investigado e discutido com a profundidade devida por inúmeros autores (Jennings, 2014; Chade, 2015; Ribeiro Jr., Cipoloni, Azenha e Chastinet, 2014; Foer, 2004; Galeano, 2014).

Acredito que o parágrafo acima ajuda a ilustrar que o jogo de interesses característico das disputas comerciais pelos principais mercados globais também se estabelece na relação entre grupos de mídia e o futebol. Naquilo que se propõe a discutir a presente pesquisa, é interessante refletir sobre como e se isso afeta o trabalho dos jornalistas que atuam nessas empresas e enfrentam esse tipo de situação. As vagas já são escassas e as que existem, como podemos perceber, colocam os profissionais da área frente a constrangimentos que podem causar conflitos de natureza ética. Por isso, julgo apropriada a imagem criada pelo jornalista e escritor uruguaio Eduardo Galeano (2014), que, provocativamente, versa sobre um futebol ao sol e à sombra. No jornalismo esportivo atual, o foco está no espetáculo, no centro do palco. Aquilo que acontece nas margens sombrias do sistema só é destacado quando sua menção é obrigatória para não prejudicar profundamente a credibilidade da empresa. Mesmo assim, não se verificam grandes apurações, sendo apresentado somente um material básico para sustentar a nota oficial com as explicações por parte da(s) empresa(s) citada(s). O que pode ser observado, por exemplo, na cobertura do GloboEsporte.com em relação à menção do nome da Rede Globo no esquema de pagamento de propinas⁴⁰. As empresas concorrentes tampouco demonstram interesse em aprofundar a questão, pois sabem que, em algum momento, teriam que atentar contra seus próprios interesses comerciais.

Assim sendo, não faz sentido classificar os veículos como bons ou maus, ou entre os que apresentam uma postura mais crítica ou não, visto que todos os meios de comunicação estão envolvidos com algum tipo de interesse, como aponta o professor da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Márcio Guerra (2017). Ele comenta que é preciso estar atento para que não se confunda “negócio do esporte” com “negócio no esporte”. Segundo o pesquisador, a transformação do futebol em uma das mais pujantes indústrias globais certamente implica uma mudança nas rotinas dos principais veículos esportivos, o que reflete na prática jornalística. Ele

⁴⁰Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/executivo-diz-que-subornou-dirigentes-da-cbf-e-que-algumas-das-maiores-empresas-de-midia-incluindo-a-globo-pagaram-propina.ghtml>

afirma: “Não mais se leva em consideração apenas a atuação nos campos, quadras, piscinas, etc. Aqui estão interesses de patrocinadores, empresas que detêm direitos de transmissão, agentes, fabricantes de material esportivo” (GUERRA, 2017, p. 59).

Abordando outro aspecto, é interessante observar que as lógicas do espetáculo e do consumo têm afetado também a experiência de assistir a uma partida de futebol no próprio estádio. Seguindo o modelo inglês, o público vai aos estádios não mais para assistir “apenas” às partidas. Atualmente, está em voga o conceito de *matchday*, que busca uma exploração ampla dos estádios e arenas, que passam a ser idealizados como grandes centros comerciais. Esse modelo inglês acabou exportado para o restante do mundo, de forma muitas vezes alheia à realidade local, como podemos perceber nas construções dos estádios para a Copa do Mundo do Brasil, em 2014, visto que alguns foram erguidos a custos milionários em regiões sem tradição futebolística e sem condições econômicas de sustentar tais estruturas no longo prazo⁴¹. Foram construídas arenas multiuso de inspiração europeia para a população de um dos países com maior desigualdade social⁴². Com isso, aprofundou-se ainda mais o processo de elitização dos estádios brasileiros, posto que os valores dos ingressos acabam adequados ao novo tipo de público/consumidor desejado. Já não basta ao torcedor apenas torcer, é preciso que ele consuma os variados produtos comercializados nesses locais.

Para os clubes que assumem o desafio de erguer novos palcos ou invertem na remodelação dos antigos, sobram os riscos de um mercado cujo futuro é difícil prever. Junto com o elevado custo dos financiamentos assumidos, temos ainda uma questão cultural que afeta as novas gerações: o hábito de consumir entretenimento por meio da internet, sem sair de casa. Conforme observa Gay de Liébana (2016, p. 31, tradução nossa)⁴³, “esses e outros fatores ajudam a explicar porque a cultura de ir aos estádios tenha se diluído e que esteja desaparecendo a liturgia das tardes de domingo vivendo o ambiente futebolístico com amigos e famílias”. Some a isso a violência e a insegurança presentes na sociedade brasileira e temos uma equação arriscada para quem depende de estádios lotados para cobrir os investimentos. Porém, isso parece importar pouco. O

⁴¹ Disponível em: <http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,elefantes-brancos-estadios-da-copa-pedem-socorro,70001644556>

⁴² Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/21/politica/1490112229_963711.html

⁴³ “Este y otros factores explican que se haya diluído la cultura de asistir a los estadios, y que este desapareciendo la liturgia de las tardes de domingo viviendo el ambiente futbolístico con amigos o en familia”.

fundamental agora é estar inserido nesse novo universo das modernas arenas multiuso. Afinal, no competitivo mercado global, tudo o que não se deseja para a sua marca é que ela seja vista como ultrapassada. Para Gay de Liébana,

o papel comercial significa a valorização de um capital intangível da primeira ordem para os clubes, e esses sentimentos devem ser vendidos e canalizados de maneira apropriada. Se dentro de campo jogadores e equipe devem estar a altura, desde os escritórios os departamentos de marketing têm de comercializar os encantos e virtudes da equipe e seus componentes. E a maneira de fazê-lo é assinar bons contratos, tirar proveito dos aspectos intangíveis, tirar o máximo proveito da essência que cada clube, enquanto instituição, representa (...) sabendo conquistar e fidelizar tanto os seus torcedores como os dos outros clubes (GAY DE LIÉBANA, 2016, p. 29, tradução nossa)⁴⁴.

Nesse sentido, é necessário considerar que já não é possível ficar restrito às fronteiras de uma cidade, região ou país. Com as facilidades em termos comunicacionais geradas pelos avanços tecnológicos, hoje existe um mercado mundial a ser conquistado. Os maiores clubes do planeta se transformam em empresas transnacionais, como é o caso de Real Madrid, Barcelona, Manchester United, Manchester City, Chelsea, Bayern de Munique, Paris St. Germain, Arsenal, Milan, Inter de Milão, para ficarmos em alguns exemplos. O próprio ex-presidente da Fifa, João Havelange, ao comentar a expansão do futebol mundial sob o seu comando, costumava classificar a Fifa como a maior multinacional do mundo. Com a adesão de Kosovo e Gibraltar, em 2016, a entidade que comanda o futebol chegou a 211 filiados. Como comparação, o Comitê Olímpico Internacional conta com 206 integrantes e a Organização das Nações Unidas (ONU), 193. A multiplicação das possibilidades de ganhos e o aumento da visibilidade acabaram por atrair para o universo do futebol uma série de interesses que muito pouco – ou nada – tem a ver com aspectos esportivos propriamente ditos.

Uso como exemplo o caso da entrada em campo de grandes magnatas asiáticos e do leste europeu que vêm investindo fortemente nos clubes do continente. Como exemplo podemos citar os casos dos russos Roman Abramovich, dono do Chelsea (ING), e Dmitri Rybolovle, que controla o Mônaco (FRA), o catari Nasser Al-Ghanim Khelaïfi, que controla o PSG, o xeque e membro da família real de Abu Dhabi, Mansour bin Zayed

⁴⁴ “El papel comercial significa la puesta en valor de un capital intangible de primer orden para los clubes, y estos sentimientos han de venderse y canalizarse de manera adecuada. Si sobre el terreno de juego los futbolistas y el equipo están obligados a dar la talla, desde los despachos los departamentos de marketing han de comercializar los encantos y virtudes de la escuadra y sus componentes. Y la forma de hacerlo es firmar buenos contratos, sacar jugo a los intangibles, expresar la esencia que cada club, como institución, representa... sabiendo enganchar y fidelizando tanto al aficionado de siempre como al de otros clubes”.

Al Nahyan, proprietário do Manchester City, e os empresários chineses Li Yonghong e Zhang Jindong, que recentemente assumiram o controle de Milan (ITA) e Inter de Milão (ITA), respectivamente. Tirando o caso italiano, os demais eram clubes de menor expressão no contexto europeu e só alcançaram o protagonismo graças a esses megainvestidores. Gay de Liébana (2016) ressalta que, por trás dos interesses esportivos, muitas vezes tais investidores desejam de fato abrir as portas necessárias para levar adiante “projetos urbanísticos ou imobiliários, para dar um salto na posição social ou simplesmente para se aproximar das elites empresariais e buscar aproximação com o *establishment* político” (GAY DE LIÉBANA, 2016, p.49, tradução nossa⁴⁵). Também vemos o surgimento de uma série de intermediários e fundos de investimentos que acabam comprando os direitos econômicos de jogadores ao redor do mundo como se fossem ações na bolsa. O autor argumenta que, para esses investidores, as regras esportivas contam pouco frente às oportunidades de negócio, por isso, não se constroem em colocar os negócios à frente do esporte.

Gay de Liébana (2016) comenta que tal reconfiguração do universo futebolístico acabou criando uma espécie de hierarquização no mercado do futebol europeu, muito parecida com o que conhecemos como pirâmide social. No topo da pirâmide figura a nobreza, cerca de 20 clubes, seguida de um segundo escalão, uma classe alta composta por equipes com peso em competições europeias, mas pouca projeção mundial. A classe média consistiria naqueles clubes que se destacam nas ligas nacionais, mas não alcançam êxito nas ligas da Europa. Por fim, os clubes pequenos, que só existem para, de certa forma, ajudar a animar os campeonatos locais.

Sobre isso, poderiam ainda ser acrescentados dois aspectos. Primeiro, o fato de que, mesmo dentro da nobreza, hoje existem oito clubes que podem ser considerados mais nobres que os demais e controlam as principais ligas do velho continente: Real Madrid (ESP), Barcelona (ESP), Manchester United (ING), Chelsea (ING), Manchester City (ING), Bayern de Munique (ALE), Juventus (ITA) e Paris St. Germain (FRA). Esse seleto grupo se estabelece muito mais pelo poderio econômico que possui do que por sua tradição no futebol⁴⁶. Segundo: nesse novo contexto do futebol, cabe aos demais

⁴⁵“(…)proyectos urbanísticos e inmobiliarios, para dar el salto en la posición social o simplemente para hacerse con un hueco entre las elites empresariales y buscar acercamientos con el establishment político”.

⁴⁶Não deixa de ser curioso o fato do número de clubes que controlam o mercado mundial do futebol não ser muito diferente da quantidade de conglomerados que hoje dominam o sistema midiático internacional ou que controlam outros setores da economia global, como o setor financeiro ou de alimentos. Disponível

continentes o papel de fornecedor de matéria-prima barata. Atualmente, muitas equipes sobrevivem financeiramente devido à formação ou lapidação de talentos para vendê-los a essas superpotências do futebol. Portanto, a transferência de atletas de futebol entre países é algo inerente ao atual estágio do futebol de livre mercado. Com a venda de atletas movimentando verdadeiras fortunas, é provável que o ir e vir desses profissionais se intensifique cada vez mais.

5.6 Migrar para driblar o destino

A menção à mobilidade cada vez mais crescente de profissionais do futebol ajuda a retomar a questão da compressão do tempo e do espaço discutida no começo desse movimento. Milton Santos (2015) comenta que hoje em dia se fala de uma humanidade “desterritorializada”, sendo a derrubada das fronteiras algo fundamental para o processo de globalização. Junto a ela surge outra idealização muito presente na retórica da globalização: a da existência de uma cidadania universal. Em relação ao primeiro aspecto, o autor afirma que as fronteiras apenas “mudaram de significação, mas nunca estiveram tão vivas, na medida em que o próprio exercício das atividades globalizadas não prescinde de uma ação governamental capaz de torná-las efetivas dentro de um território” (SANTOS, 2015, p. 42). Portanto, classifica tal perspectiva da desterritorialidade como um mito e recorda que o exercício de uma cidadania plena depende ainda da atuação dos estados nacionais.

Retomo Bauman (1999) e sua impressão de que hoje estamos em movimento mesmo quando estamos parados e de que no mundo globalizado as distâncias parecem existir apenas para serem vencidas, pois o espaço deixou de ser um obstáculo. Nessa reflexão, o pensador toca em um ponto determinante para outra questão fundamental do processo de globalização e que é parte do objeto de análise da presente pesquisa: os fluxos migratórios da contemporaneidade. Na perspectiva de Stephen Castles (1996), tais fluxos são, ao mesmo tempo, resultado das mudanças ocorridas em âmbito global e peça central nas transformações que se seguiram, tanto nas sociedades de origem quanto nas de destino. O pesquisador explica que, inicialmente, seus efeitos são sentidos na esfera

econômica, mas acabam trazendo impactos à vida social, cultural, política e ao relacionamento entre as diversas nações.

Dentro dessa perspectiva, o processo de globalização estimula tais fluxos ao criar fortes pressões dentro das sociedades dos países pobres para que tentem a sorte em outras regiões do globo. Os meios de comunicação também acabam contribuindo para alimentar o fenômeno ao idealizar para esses sujeitos um estilo de vida dos países desenvolvidos que, em muitas oportunidades, diferem da realidade que os migrantes encontram. Além disso, as novas tecnologias facilitam o acesso a rotas e regiões com maior oferta de trabalho.

Ao analisar o contexto atual, Bauman comenta que todos temos a possibilidade de nos tornarmos “andarilhos, de fato ou em sonho — mas há um abismo difícil de transpor entre as experiências que podem ter, respectivamente, os do alto e os de baixo da escala de liberdade” (BAUMAN, 1999, p. 96). Se os fluxos de capitais e informações são livres, no que diz respeito à mobilidade humana, essa liberdade só é gozada no sentido Norte-Sul. Para usar uma figura que infelizmente está muito em voga nos tempos atuais, existe um “muro” entre os dois polos. O pesquisador destaca que para os empresários globais e os cidadãos do norte desenvolvido, as fronteiras foram derrubadas, enquanto àqueles oriundos do sul periférico resta o controle migratório. Nas palavras do autor, no primeiro caso, “viajam à vontade, divertem-se bastante viajando (particularmente se vão de primeira classe ou em avião particular), são adulados e seduzidos a viajar, sendo sempre recebidos com sorrisos e de braços abertos”; já aqueles oriundos das margens do sistema global “viajam às escondidas, muitas vezes ilegalmente (...) e ainda por cima são olhados com desaprovação, quando não presos e deportados ao chegar” (BAUMAN, 1999, p. 97).

O pesquisador austríaco argumenta ainda que o sistema que assume a bandeira do fim das fronteiras para o livre trânsito do capital, dos produtos e da informação é o mesmo que força a criação de barreiras – por meio de legislações – para limitar o movimento daqueles tidos como indesejados. No sentido Sul-Norte, livres mesmo são somente os fluxos de capitais e de matérias-primas – que acabam sendo processadas nos parques industriais dos países desenvolvidos e fazem o caminho de volta na forma de produtos e mercadorias industrializados para serem consumidos pelas populações dos países de origem, deixando para o Norte os lucros obtidos com o valor agregado na produção e para o Sul um valor mais alto do produto em função das taxas de importação.

É importante frisar que as razões que motivam esses fluxos migratórios contemporâneos são complexas e, geralmente, estão além do simples desejo dos sujeitos. Para muitos, migrar é a escolha que resta – seja pela instabilidade política, pela fragilidade econômica, pela desigualdade social ou falta de perspectivas e emprego, por conflitos étnicos-raciais e/ou religiosos, devido a desastres naturais ou questões ambientais ligadas ao aquecimento global. Por mais que os especialistas tentem classificar em categorias tais motivações, nem sempre isso é possível, pois “as motivações de quem emigra são complexas e multidimensionais” (CASTLES, 1996, p. 02, tradução nossa)⁴⁷. Porém, ressalta o autor, é possível afirmar que muitos desses emigrantes deixam sua terra de origem por se sentirem economicamente e socialmente excluídos, com a ideia de que já não existe espaço para eles dentro de suas sociedades. Independentemente dos motivos, tais fluxos migratórios trazem impactos relevantes pois “geram novas formas de desigualdade entre os países e no interior dos mesmos” (CASTLES, 1996, p. 09, tradução nossa)⁴⁸.

Nessa mesma linha, Alejandro Portes e Josh DeWind (2006) têm as migrações como o mais sensível desses livres fluxos do mundo globalizado, pois, ao invés de produtos, dinheiro ou informações, estamos falando de seres humanos. Os pesquisadores avaliam que o abismo econômico que se abriu entre o Norte e o Sul é tão grande que acaba por criar uma fábrica inesgotável de migrantes potenciais. Muitos deles migram seduzidos pelos benefícios do consumo decantados pelas forças que conduzem o sistema capitalista global, e depois lhes têm negados os meios econômicos para poder fazer parte desse mundo do consumo.

Aliás, a temática migratória nos países desenvolvidos evidencia o que alguns pesquisadores classificam como “paradoxo liberal” (PORTES e DEWIND, 2006; HOLIFIELD, 2006). Ele consiste no fato da maioria dos países receptores estarem impedidos por suas próprias legislações internas de suprimir os fluxos migratórios não desejáveis, afinal, a questão dos direitos humanos vale para todos que estão dentro dos seus territórios. Assim, há dificuldades para os governos agirem arbitrariamente com quem ingressa de forma indocumentada no seu território. Como argumenta James Hollifield,

⁴⁷ “(...) las motivaciones de quienes emigran son complejas y multidimensionales”.

⁴⁸ “(...) generan nuevas formas de desigualdad entre países y en el interior de los mismos”.

para “manter suas vantagens competitivas, as economias e sociedades desses países devem estar abertas ao comércio, aos investimentos e às migrações” (HOLLIFIELD, 2006, p. 67, tradução nossa)⁴⁹.

Os fluxos de seres humanos, contudo, trazem riscos políticos mais graves. Olhando a questão pelo viés dos países de origem, os governos acabam vendo o movimento emigratório como forma de minimizar os problemas sociais internos e também de garantir futuras contribuições financeiras com as remessas de dinheiro enviadas às famílias por quem está vivendo no exterior (PORTES e DEWIND, 2006).

Um dos pontos mais sensíveis desses fluxos migratórios contemporâneos consiste naqueles indivíduos que optam por migrar mesmo sem a documentação necessária para ingressar no país de destino. Como destacam Portes e De Wind, a migração indocumentada tem origem no conflito entre as iniciativas dos países de destino para “controlar suas fronteiras e as forças das motivações dos migrantes e suas redes, que se apoiam mutuamente, e da demanda de mão de obra barata entre os patrões das sociedades receptoras” (PORTES E DEWIND, 2006, p. 18, tradução nossa)⁵⁰. Além disso, devemos considerar ainda que a emergência de partidos e movimentos xenófobos de extrema-direita no continente europeu ao longo das últimas décadas tem contribuído para que se fechem as vias regularizadas para migração e, conseqüentemente, para aumento do número de pessoas que cruzam as fronteiras mesmo sem possuir a documentação necessária para fazê-lo. Os governos têm resistido em aumentar as cotas já existentes e acabam por impôr ainda mais barreiras para a entrada em seus territórios (HOLLIFIELD, 2006). Tais restrições fomentam a criação de uma indústria paralela formada por contrabandistas profissionais, algo que vem contribuindo para o aumento do tráfico de seres humanos desde o final da década de 1990 (HOLLIFIELD, 2006). Conforme Portes e DeWind, as redes que são estabelecidas pelos migrantes através das fronteiras nacionais e a indústria migratória formada por atores dos mais diversos, como “agentes de viagem, advogados, contrabandistas de pessoas, falsificadores de documentos (...) têm ganhado uma força extraordinária nos últimos anos” (PORTES E DEWIND, 2006, p. 18, tradução

⁴⁹“Para mantener sus ventajas competitivas, las economías y sociedades de estos países deben mantenerse abiertas al comercio, la inversión y la migración”.

⁵⁰“(...) controlar sus fronteras y las fuerzas, que se apoyan mutuamente, de las motivaciones de los migrantes, sus redes y la demanda de mano de obra barata entre los patrones de las sociedades receptoras”.

nossa)⁵¹. Uma das razões se deve ao fato de que trabalhar como facilitador desses processos de migração se constitui num importante negócio em escala global e é, de certa forma, algo tido como legal (CASTLES, 2006). De qualquer maneira, Portes e DeWind acreditam que todas as adversidades a que as pessoas estão dispostas a se submeter para conseguir ingressar nos países desenvolvidos são provas cabais da enorme desigualdade que existe entre o Norte desenvolvido e o Sul periférico.

De acordo com Castles (2006), as fronteiras internacionais contribuem para reforçar as condições de desigualdade entre as diversas nações, porém, as fronteiras mais sensíveis não são aquelas que dividem as diversas nações, e sim as que separam o Norte formado pelos países industriais desenvolvidos (Estados Unidos, Canadá, Europa, Japão, China, Coreia do Sul, Austrália e Nova Zelândia) e os países do Sul periférico (África, demais países asiáticos e América Latina). Assim sendo, aquilo que é classificado como uma “crise migratória” evidencia uma crise nas relações Norte-Sul, “provocadas pelo desenvolvimento não igualitário e pela desigualdade exagerada. O controle migratório se refere essencialmente à regulação das relações entre o Norte e o Sul” (CASTLES, 2006, p. 44, tradução nossa)⁵². Segundo o autor, a globalização traz consigo o paradoxo de ser a responsável por produzir esse abismo entre os dois polos, como também pelo desenvolvimento dos dispositivos técnicos necessários para superá-lo.

Como já mencionado, no caso dos países de origem, o processo de migração é até incentivado como forma de diminuir a pressão social interna gerada por suas economias fragilizadas. Em diversas oportunidades, tentar a vida em outro país acaba sendo algo que faz parte da vida dessas comunidades, uma marca cultural. Conforme Peggy Levitt e Nina Glick Schiller (2006), no caso mexicano, por exemplo, muitos jovens “enxergam a migração como um rito de passagem, como uma possibilidade de ganho econômico que não poderiam alcançar no México” (LEVITT E GLICK SCHILLER, 2006, p. 206, tradução nossa)⁵³. Todavia, quando falamos da migração de mão de obra dita altamente

⁵¹agentes de viajes, abogados, contrabandistas de personas, falsificadores de documentos, etcétera, han adquirido un nivel de fuerza extraordinario al paso del tiempo

⁵² “Así pues, lo que se percibe como la “crisis migratoria” es en realidad una crisis en las relaciones norte-sur, provocada por el desarrollo no equitativo y la desigualdad exagerada. El control migratorio se refiere esencialmente a la regulación de las relaciones norte-sur”.

⁵³“(…) veían a la migración como un rito de paso y como una forma de fruto económico, mismo que no podrían alcanzar en México”.

qualificada, esses mesmos governos tendem a tratá-la como uma “fuga de cérebros”, como um entrave para o desenvolvimento da nação.

Na outra ponta do processo, acontece o inverso: os países desenvolvidos estão de portas abertas para receber os trabalhadores com grande qualificação, e cada vez mais resistentes em receber trabalhadores imigrantes comuns, a não ser quando necessitam de mão de obra barata. Nesse sentido, Portes e DeWind comentam que, quando se fala em “invasão” de imigrantes para se referir a determinado fluxo migratório, geralmente se esconde o fato de que esses imigrantes, sejam eles documentados ou não, chegam aos países de destino porque lá, de alguma maneira, são desejados. “Ainda que a população em sua maioria possa ser contra a presença deles, as empresas e os patrões de diversos setores necessitam e, em grande medida, dependem dessa oferta de mão de obra” (PORTES E DEWIND, 2006, p. 18, tradução nossa)⁵⁴. É importante atentar para o fato de que nos países periféricos, essa saída de uma grande massa de pessoas com idade para trabalhar pode causar um forte impacto nos sistemas produtivos locais, transformando ainda as relações de gênero e as estruturas familiares (CASTLES, 1996).

Durante muito tempo duas certezas sustentaram a criação de políticas públicas voltadas aos migrantes: uma se baseava no aspecto econômico, no comportamento do mercado, acreditando que os sujeitos se deslocam pelo globo para tirar máximo proveito de suas habilidades individuais e que eles naturalmente tomariam o rumo de casa em caso de mudança na relação custo-benefício do processo; a outra é acreditar que os regramentos burocráticos criado pelos governos locais para regular esses fluxos determina a conduta das pessoas. Como destaca Castles (2006), tais fluxos são muitos mais complexos, e, para não cair no determinismo econômico, ele defende a necessidade de se compreender a migração como um processo social. Nesse sentido, explica o autor, ao analisarmos o fenômeno devemos atentar para três fatores: a importância da agência migrante, a natureza autosustentável desses fluxos migratórios e a tendência de tantos os países receptores quanto os de origem dependerem estruturalmente da sequência desses fluxos uma vez que eles tenham se estabelecido. Além disso, reforça Castles, é importante sempre termos em mente que a maior parte dos fluxos migratórios contemporâneos tidos como indesejados está diretamente vinculada à desigualdade econômica existente na relação Norte-Sul. O pesquisador recorda ainda que essa tensão política em relação aos

⁵⁴ “Aunque la población en su mayoría puede estar en contra de su presencia, las empresas y los patrones de diversos sectores necesitan y en gran medida dependen de esta oferta de mano de obra

imigrantes “não desejados” ganha força no Reino Unido durante os anos 1960, chega à Europa Ocidental na década seguinte e logo depois aos Estados Unidos e Canadá.

Durante muito tempo, a literatura trabalhou com o termo “migração em cadeia” para designar a maneira como um processo inicial de migração para determinado país, normalmente envolvendo força de trabalho jovem, acabava por gerar outros fluxos naquele mesmo sentido, seja de familiares ou de outros membros da comunidade de origem. Atualmente, os pesquisadores que investigam a temática têm preferido centrar seu foco no papel desempenhado pelas redes de migrantes, que são responsáveis por facilitar essa mudança auxiliando na busca por emprego e moradia, por exemplo. Tais redes funcionam tanto para aqueles que migram por razões econômicas quanto para quem busca refúgio ou asilo em outro país. Elas muitas vezes influenciam, inclusive, a rota a ser escolhida por esses sujeitos e ajudam também a fornecer a “base para o processo de adaptação e formação de comunidades. Os grupos migrantes criam sua própria estrutura social e econômica, como lugares de culto, associações, lojas, cafés, advogados e médicos” (CASTLES, 2006, p.41, tradução nossa)⁵⁵.

Outro ponto importante a ser considerado é o fato de que os sujeitos não optam sozinhos pela migração. Geralmente, essa é uma decisão tomada pela família em conjunto. Castles (2006) argumenta que em situações muito drásticas, famílias muitas vezes enviam um ou mais membros para tentar trabalho em outras localidades como forma de aumentar as possibilidades de ganho, e, com isso, a renda familiar como um todo. Quando a razão para a migração é econômica, o migrante principal normalmente é um homem ou mulher em idade jovem que parte em busca de trabalho, mas com o desejo de voltar depois de alcançar um certo padrão econômico – que muitas vezes jamais atingirão. Tal dificuldade faz com que a família passe a pensar em voltar a se reunir e imaginar que, talvez, seu destino esteja mesmo longe da terra de origem. Como indica o pesquisador,

Todos esses fatores podem ser resumidos na noção de agência migrante: os migrantes não são indivíduos isolados que reagem a estímulos do mercado e regramentos burocráticos, são seres sociais que tentam obter algo de melhor para si, suas famílias e suas comunidades, dando forma de maneira ativa ao processo migratório. Os movimentos migratórios, uma vez iniciados, se convertem em processo sociais autosustentáveis. É vital acrescentar essa

⁵⁵“(…) la base para los procesos de adaptación y formación de comunidades. Los grupos migrantes crean su propia estructura social y económica; como lugares de culto, asociaciones, tiendas, cafés, abogados y médicos”.

perspectiva sociológica e antropológica aos modelos estruturais e institucionais que oferecem economistas, cientistas políticos e juristas (CASTLES, 2006, p. 42, tradução nossa)⁵⁶.

Por fim, em relação aos estudos sobre os fluxos migratórios é importante mencionar uma outra mudança significativa. Se antigamente as pessoas migravam pensando em ficar de forma definitiva no novo país ou viver lá por algum período, hoje em dia as facilidades de mobilidade permitem ir e voltar, ou ainda buscar novas oportunidades em outros países (CASTLES, 2006). Tal condição representa o que muitos pesquisadores chamam de transnacionalismo. De acordo com Portes e De Wind (2006), a concepção transnacional vai de encontro com a antiga ideia da assimilação cultural e da aculturação experimentados no processo de integração dessas pessoas nas novas sociedades onde se inseriram. Ela trabalha com a compreensão de um movimento irrefreável entre as sociedades de origem e destino, lhes dando a possibilidade de continuar vivendo nessas duas sociedades e culturas e desfrutar das chances, seja em termos econômicos ou políticos, que ocasionam essas duas vidas.

Apesar de possuírem características próprias, os fluxos migratórios do futebol não podem ser pensados fora dessa conjuntura. A mobilidade ligada ao esporte mais popular do planeta será analisada mais detidamente a seguir, junto com a discussão em relação à carreira e ao mercado de trabalho para atletas profissionais. De qualquer forma, é possível adiantar que a migração de pés de obra também se constitui num projeto familiar em que esses sujeitos correm atrás não apenas o sonho de ser jogador de futebol, mas buscam principalmente possibilitar melhores condições de vida para suas famílias. Como já mencionado, a ida dos profissionais mais qualificados dos países periféricos para os centros mais desenvolvidos em busca de melhores salários também encontra relação com o futebol. Porém, a circulação de pessoas ligada ao universo da bola possui suas peculiaridades e acredito que elas são compreendidas mais facilmente quando analisadas dentro do contexto da profissão.

A partir do que foi exposto anteriormente, acredito que é possível perceber uma

⁵⁶“Todos estos factores pueden resumirse en la noción de la agencia migrante: los migrantes no son individuos aislados que reaccionan a estímulos del mercado y reglas burocráticas, sino seres sociales que intentan obtener algo mejor para sí mismos, sus familias y sus comunidades dando forma de manera activa al proceso migratorio. Los movimientos migratorios, una vez iniciados, se convierten en procesos sociales autosostenibles. Es vital añadir esta perspectiva sociológica y antropológica a los modelos estructurales o institucionales que ofrecen economistas, politólogos y juristas”.

mudança radical no universo do futebol e na relação dele com o jornalismo e demais segmentos da sociedade. Enquanto no primeiro século de vida, o jornalismo brasileiro se valeu do futebol para construir e consolidar uma identidade nacional sustentada na mestiçagem e na antropofagia, o processo de globalização promove uma torsão nesse processo. Hoje o que se busca já não é mais uma singularidade. No universo globalizado do futebol moderno, não há espaço para diferenças. A tendência é pela homogeneização do jogo em favor de um cientificismo de forte cunho eurocentrista. Engana-se, porém, quem pensa que tal movimento se dá por uma questão puramente esportiva. Não podemos esquecer jamais a lógica da potencialização dos lucros e a busca pelo produto mais valorizado do mercado. Como aponta Pablo Alabarces (2012), o grande desejo dessas forças que controlam a indústria do futebol é a formação de um torcedor universal, que deixe de ser um apaixonado por seu clube e se torne um apreciador do espetáculo futebolístico, passando a acompanhar com o mesmo entusiasmo os jogos de seu time e das principais equipes europeias. Isso pode até ocorrer em regiões com menos tradição no futebol, como o mercado asiático, australiano ou de países da América do Norte como Canadá e Estados Unidos. No caso latinoamericano, porém, as culturas locais ainda dificultam a formação dessa espécie de torcedor genérico. Nesse sentido, como forma de exemplificar, para a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) aderir à padronização significa aumentar as receitas na hora de comercializar os direitos de transmissão do campeonato brasileiro no exterior, posto que segue o mesmo modelo praticado nos principais torneios nacionais europeus.

Por outro lado, é interessante para as redes que controlam globalmente as transmissões esportivas sustentarem discursivamente esse processo de homogeneização, pois facilita a aceitação do produto brasileiro nos mais diversos mercados onde estão inseridos. Com isso, dentro da perspectiva do pensamento único discutida anteriormente, o futebol europeu se torna o único modelo viável dentro e fora das quatro linhas. Tal mudança vem afetando inclusive os discursos do jornalismo, cada vez mais encantados com a retórica da modernidade, preocupados com números e estatísticas e desinteressados por aquilo que não pode ser medido e traduzido em gráficos, mapas e estatísticas. Os efeitos colaterais do sistema são vistos como parte natural do processo e um mal necessário para que a indústria do futebol siga multiplicando seus lucros, mesmo que isso signifique dar mais valor aos aspectos econômicos do que aos humanos.

6. QUARTO MOVIMENTO DE APROXIMAÇÃO: MERCADO DE TRABALHO DO FUTEBOLO, PÉROLAS NEGRAS E O QUE MOVE OS MIGRANTES

Nesse quarto e último movimento de aproximação, começo apresentando algumas peculiaridades da profissão e do mercado de trabalho para jogadores profissionais, destacando ainda aspectos relacionados aos fluxos migratórios ligados ao futebol. Em seguida, como passo final, aprofundo o caso Pérolas Negras, procurando relacioná-lo aos fluxos migratórios da contemporaneidade e à diáspora haitiana para o Brasil.

Como anteriormente pontuado, a televisão foi fundamental no processo de expansão global do futebol. Entretanto, a formação do mercado de trabalho do futebol tal qual conhecemos hoje se deve à reconfiguração geopolítica resultante da formação da União Europeia, cujo tratado passa a vigorar em 1993, bem como à decisão da justiça europeia que ficou conhecida como “sentença Bosman”. Como explica José Gay de Liébana (2016), tal sentença decretou como ilegal a limitação de número de jogadores comunitários (nascidos em estados pertencentes à comunidade europeia) em clubes de países parte da UE. Até então, era permitido um número máximo de três atletas estrangeiros no time, independentemente da procedência. A decisão do Tribunal de Justiça da União Europeia, datada de 1995, foi provocada por uma ação do então jogador do RFC Liège Jean Marc Bosman, que se negou a aceitar uma renovação de contrato com o clube belga em que seu salário seria reduzido em quatro vezes. Na sentença, ficou estabelecido que, “em nome da livre circulação dos trabalhadores, é ilegal tanto a indenização de transferências de jogadores (passe) quanto a limitação do número de estrangeiros que podem jogar por um clube” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 120), colocando em colapso a estrutura vigente no período. Até então, o jogador permanecia vinculado ao clube mesmo depois do final do contrato. Com a decisão, o atleta passa a ficar livre quando do término do contrato, podendo se transferir para outro clube de forma gratuita.

Estas não foram, porém, as únicas mudanças. Três anos depois, o jogador búlgaro Tibpr Balog moveu ação solicitando que a decisão que beneficiou Bosman fosse estendida a todos os países do continente, mesmo os não comunitários – o que foi aceito pelo Tribunal Europeu. Como explica o historiador Hilário Franco Júnior (2007), “depois de muitos debates, em maio de 2001, a FIFA aceitou e a circulação dessa mão-de-obra especializada que é o futebolista acelerou-se em todo o mundo” (FRANCO JÚNIOR,

2007, pp. 120-121). Nas palavras de Gay de Liébana, pode-se afirmar que existe um antes e um depois dessas decisões. A partir de então, o mercado europeu foi unificado, aumentando de forma significativa as possibilidades de negócios e de ganhos econômicos. Segundo ele, “o volume de dinheiro aumentou, mas atraiu também homens de negócio que não amavam o esporte, e sim buscavam benefícios particulares” (GAY DE LIÉBANA, 2016, p. 20, tradução nossa)⁵⁷.

No contexto brasileiro, a figura do passe foi extinta durante o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, em 1998, com a Lei Pelé. Em relação a tal aspecto, pode-se refletir sobre a aplicação de modelos concebidos no contexto europeu sem adequá-los às realidades locais, visto que, como coloca Franco Jr. (2007), a nova legislação, ao atribuir ao mercado a função de construir um modelo empresarial de futebol, gerou novos problemas aos clubes brasileiros, que seguiam moldes ultrapassados em comparação com a Europa. As consequências das mudanças ocorridas são complexas. Embora as condições na hora de negociar ou renovar o contrato de trabalho tenham melhorado para os jogadores mais famosos, para a imensa maioria significaram a perda da já frágil estabilidade que o passe vinculado a um clube representava na carreira profissional, posto que muitas vezes os clubes optavam por renovar os contratos para não perderem parte do seu patrimônio.

Além disso, a nova legislação tirou das equipes de menor expressão uma das únicas possibilidades de receita, que era justamente a chance de negociar os jogadores que revelavam. Franco Jr. (2007, p. 121) postula: “Como em outros domínios, também no futebol o liberalismo favorece a elite (de clubes e jogadores) e abandona os demais à própria sorte”. Pode-se perceber que a reorganização do mercado do futebol aumentou as possibilidades de negócios e impulsionou a exportação de pés de obra (DAMO, 2007; OLIVEN e DAMO, 2001; RIAL, 2008) dos países periféricos. Nesse sentido, é interessante a observação do pesquisador, que vê no novo sistema um prolongamento do modelo colonial dos séculos XVI-XVIII, com o Brasil exportando seus futebolistas, especialmente para Portugal.

Antes de prosseguirmos com a análise, é importante ressaltar que o mercado de trabalho do futebol aqui descrito corresponde ao domínio Fifa-International Board,

⁵⁷“El volumen de dinero aumento, pero atrajo también a hombres de negocios que no amaban el deporte sino que buscaban beneficios particulares”.

composto por seis confederações continentais e mais de duzentas federações nacionais, que possuem controle sobre a prática do futebol na “forma de espetáculo, como um bem simbólico com valor econômico”, sendo que, para tanto, “seu modelo operacional estrutura-se nos moldes dos Estados modernos e suas agências transnacionais” (DAMO, 2007, p. 37). Entre as principais particularidades dessa vertente espetáculo, o autor menciona a “estrutura organizacional monopolista, globalizada e centralizada (...); a divisão social do trabalho dentro e fora de campo (...); e a excelência performática exigida dos praticantes” (DAMO, 2007, pp. 42-43).

Para entender o processo de espetacularização do futebol, não se pode pensá-lo sem considerar o processo de espetacularização da própria sociedade ocidental. Nele, comenta o pesquisador, as partidas de futebol se transformaram em uma forma de bem simbólico de grande atração, despertando fortes emoções seja para quem está na arquibancada ou mesmo para aqueles que preferem assistir o jogo no conforto de casa ou em um bar, na companhia de amigos, pela televisão. Damo ressalta ainda que tais experiências esportivas adquirem múltiplos sentidos para quem acompanha a partida e ressalta que a demanda incessante dos aficionados “pelo consumo de informações, especulações e fofocas de seus clubes e seus ídolos gerou uma indústria no entorno dos espetáculos” (DAMO, 2007, p. 69). Como já discutido no movimento anterior, a lógica do espetáculo preocupa-se mais em entreter do que em informar, o que acaba criando percepções equivocadas, no caso específico, relacionadas à profissão de jogador de futebol.

Pode-se considerar o caso brasileiro como exemplo. Em sua imensa maioria, os jogadores de futebol recebem salários baixos, mas a imagem transmitida ao público se baseia naquelas poucas estrelas que se constituem em exceções no mercado. Dados divulgados pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), referentes aos valores registrados no contrato de trabalho em 2015, indicam que mais de 96% dos 28.203 atletas inscritos na entidade recebem até R\$ 5 mil mensais⁵⁸, sendo que cerca de 82% desses ganham até R\$ 1 mil por mês, bem abaixo dos valores idealizados pela maioria da sociedade – e dos próprios jogadores. Nesse sentido, é possível afirmar que a pirâmide social dos pés de obra que atuam no futebol brasileiro é composta por sete níveis. Além da base mencionada acima, ela conta ainda com um terceiro patamar composto por 381

⁵⁸ Disponível em: <https://www.cbf.com.br/noticias/a-cbf/raio-x-do-futebol-salario-dos-jogadores#.WkN7G2Q-eu4>

atletas que percebem mensalmente de R\$ 5 mil a R\$ 10 mil (1,77%); outros 499 aparecem logo acima, na faixa dos R\$ 10 mil aos 50 mil (1,77%); seguidos por 112 atletas que embolsam entre R\$ 50 mil e R\$ 100 mil (0,40%); próximo ao topo, temos ainda 78 jogadores que ganham de R\$ 100 mil a R\$ 200 mil (0,28%); superados por um grupo seleto de 35 profissionais da bola que tem um contracheque na casa dos R\$ 200 mil aos R\$ 500 mil (0,12%). No ponto mais alto, com um salário superior aos R\$ 500 mil reais (0,00%), naquele ano reinava solitariamente o atacante Alexandre Pato, repatriado pelo Corinthians após ter defendido as cores do italiano Milan entre 2007 e 2013 e que está atualmente no futebol chinês. Ainda conforme os números da CBF⁵⁹, o Brasil contava em 2015 com 776 clubes profissionais, 435 amadores e outros 42 que trabalham somente com a formação de jogadores. Em relação aos formadores, os dados de 2016 apontam que o número de clubes nesse segmento subiu para 56. A entidade contabilizava 28.203 atletas com contrato profissional registrado – 83 estrangeiros – e outros 22.782 jogadores com vínculos não profissionais. Em relação aos profissionais registrados, chama atenção o fato de que somente 11.571 deles chegaram a janeiro de 2016 com o vínculo ativo – pouco mais da metade. Foram registradas 7.973 rescisões de contrato ao longo do ano. O restante dos que ficaram sem emprego diz respeito a contratos mais curtos, feitos por um período específico, que normalmente compreende a disputa dos torneios estaduais no primeiro semestre do ano. A saída que resta para o sustento da família é buscar trabalho em outras áreas, geralmente compatíveis com sua baixa formação educacional.

Além disso, como destaca Damo (2007), trata-se de uma profissão caracterizada por ser de “tiro curto”, cujas habilidades motoras com os pés adquiridas ao longo da formação são de difícil reconversão para outros segmentos profissionais, que não permite autonomia no seu exercício e possui um mercado de trabalho restrito. Como o número de vagas nos campeonatos organizados por entidades vinculadas à Fifa é limitado “e não tende a aumentar, antes a diminuir à medida que as disputas passam da escala local para a global, não há expansão de postos de trabalho, nem dentro e tampouco fora do circuito agenciado pela FIFA” (DAMO, 2007, p. 99).

Outro ponto a ser destacado diz respeito à compreensão simbólica, cristalizada ao longo do tempo, de que o futebol é um meio propício para a ascensão social dos negros na sociedade brasileira. Tal entendimento é questionável, visto que, de modo semelhante

⁵⁹ Disponível em: <https://www.cbf.com.br/noticias/a-cbf/raio-x-do-futebol-numero-de-clubes-e-jogadores#.WkOWLWQ-eu6>

ao que ocorre em outras profissões, existe inclusive uma disparidade entre os salários recebidos por negros e brancos. Olhando de forma superficial e estereotipada, uma razão possível para essa diferença estaria na baixa escolaridade dos atletas negros e de seus familiares, o que os prejudicaria na hora de negociarem seus contratos. Damo, porém, apresenta outra hipótese, que consiste na possibilidade de que a média salarial mais baixa se deva ao fato de que os jovens brancos, principalmente em melhores condições financeiras, largam o futebol logo que percebem que as chances de sucesso na profissão são remotas. Para o autor,

o mais importante disso tudo são as consequências que essas percepções desiguais acarretam no comportamento dos futebolistas, estejam em formação ou atuando profissionalmente. Os futebolistas egressos das classes populares vêem a carreira de futebolista como prestigiosa, a partir de uma modalidade de percepção incorporada em forma de *habitus*. Entregam-se de corpo e alma, priorizando os capitais futebolísticos em detrimento dos escolares. Jovens de classe média (...) tendem a conciliar, no limite das possibilidades, a formação de futebolista com a formação escolar, não raro trocando a bola pelos livros quando percebem que suas chances no futebol profissional são remotas. Na França – ver-se-á oportunamente – a legislação exige que os centros de formação/produção assegurem a formação escolar, o que implica reduzir significativamente os treinamentos (quanto a horários e intensidade). No Brasil, há legislação, mas cada centro aplica-a a seu modo, se assim desejar. Treinos pela manhã e pela tarde; supletivo, quando muito, à noite. Um modelo assim não poderia senão produzir excelentes resultados futebolísticos, e uma extensa quantidade de jovens sem nenhuma perspectiva de reconversão, afinal, o que se pode fazer com os pés além de jogar futebol? (DAMO, 2007, p 108).

Para se tornar um jogador de futebol profissional não basta sonhar e ter talento, é preciso muita dedicação e trabalho. Como destaca Damo (2007), trata-se de um processo altamente competitivo. São mais de cinco mil horas empregadas ao longo de uma década trabalhando diretamente com o corpo, o equivalente a dois cursos de graduação universitária. Na maioria das vezes, a formação é realizada em clubes localizados longe da cidade de origem desses jovens, fazendo-os experimentar desde cedo a condição de migrante que caracteriza a carreira de jogador profissional. O antropólogo divide as lógicas de formação/produção de jogadores em três: a endógena, que são aqueles clubes que formam atletas basicamente para suprir as demandas do plantel profissional; a lógica exógena, que, ao contrário, forma jovens atletas como forma de investimento, para lucrar em uma futura venda, priorizando os interesses econômicos; e o modelo híbrido, que procura formar atletas para o grupo profissional, mas, caso surja uma boa proposta ao longo do trajeto, pode vender o jogador mesmo sem que ele tenha vestido a camiseta do time principal. Esse é um modelo característico da maioria dos principais clubes brasileiros e da periferia global, bem como das equipes europeias que não figuram na elite

do futebol mundial. No que diz respeito à lógica exógena, é importante frisar que ela vem ganhando cada vez mais espaço em países periféricos, que em função da falta de uma fiscalização estatal em relação à atividade, faz desse tipo de formação de jogadores uma prática quase informal, sujeita somente aos interesses dos clubes formadores e dos empresários – isso quando o empresário não é o próprio dono do centro de formação.

Ao realizar seu trabalho de observação etnográfica em centros de formação do Brasil e da França, Damo (2007) percebeu a existência de dois modelos completamente distintos. Como entidade que regula a prática do futebol profissional no mundo, a Fifa estabelece uma série de regras para o mercado de compra e venda de jogadores. Todavia, sua liberdade de atuação não é total, sendo que é obrigada a se moldar às leis e às peculiaridades econômicas e socioculturais de cada local. Tanto a Confederação Brasileira de Futebol quanto a Federação Francesa de Futebol têm poderes para reger a formação de jogadores, mas a atuação da entidade brasileira é omissa nesse sentido, se restringindo basicamente a convocar jogadores para participar de torneios de base promovidos pela Fifa. Por decisão estatal, na França existe um equilíbrio entre as formações esportiva e escolar. O autor comenta que, ao observarmos pelo viés da formação desses jovens, “particularmente dos que não terão colocação satisfatória no concorrido mercado de pés de obra, o modelo brasileiro deixa muito a desejar. Tal modelo não é apenas diversificado, mas precarizado” (DAMO, 2007, p. 151). Segundo Damo, mais do que com um problema de responsabilidade apenas dos clubes brasileiros, estamos lidando com uma questão cultural, pois para muitos desses jovens oriundos das camadas mais pobres da população, a escola está longe de ser uma instituição valorizada. No caso francês, a estrutura ofertada pelos clubes no que diz respeito à formação educacional é um dos trunfos que eles possuem na hora em que os pais precisam escolher em qual centro de formação colocar seu filho. No caso do modelo brasileiro, só quem sai ganhando são os clubes e os empresários. Não precisando conciliar a formação esportiva com a educacional, a partir dos 15 anos esses meninos passam a se dedicar ao esporte de forma praticamente integral. Para quem deseja seguir estudando, resta o turno da noite, após um dia exaustivo de trabalhos físicos. Assim, o autor destaca que, ao observarmos o processo de formação de atletas temos acesso, “por uma via ainda pouco explorada, às tramas da sociedade e da cultura locais” (DAMO, 2007, p 155).

Durante muito tempo o sonho de ser jogador de futebol começava bem cedo, ainda nas escolinhas de futebol dos clubes, onde os jovens ficavam durante praticamente toda

a formação. Atualmente, não são muitos os que percorrem todo esse caminho. Os principais clubes formadores trabalham com olheiros espalhados por todo o território nacional, alguns, inclusive, contam com observadores no mercado sul-americano. Prospeccionar jovens talentosos virou uma profissão altamente especializada. Damo (2007) comenta que a faixa etária observada normalmente se concentra em jovens a partir dos catorze anos. Antes disso, existe um consenso de que faltam condições emocionais para esses meninos enfrentarem a distância da família e passarem a viver nos alojamentos do clube. Porém, há um motivo que fala ainda mais alto do que o desejo de manter esses jovens perto de casa: a certeza de lucro com os investimentos feitos em tão baixa idade praticamente inexistente.

As dificuldades de acesso aos centros de formação são grandes. O pesquisador revela que, durante o período em que fez observação presencial nas categorias de base do Sport Club Internacional, em 2004, 550 meninos foram testados nas categorias juvenil e juniores, sendo que apenas catorze foram aprovados. Disputa digna de vestibular de curso concorrido em universidade federal, com cerca de 39 candidatos por vaga. Para aqueles que conseguem seguir durante todo o processo de formação, a luz no fim do túnel aparece na forma de funil. De um grupo de cerca de 30 atletas que atingem a idade limite para profissionalização anualmente, cerca de quatro são realmente utilizados na equipe principal (Damo, 2007). Para muitos, o sonho de ser tornar jogador profissional inicia e se encerra dentro desses centros. Por isso, Damo diz ser impossível compreender a razão que leva esses jovens a investir suas vidas em um projeto tão incerto sem considerar que desde os pontapés iniciais eles são levados a acreditar que têm o dom para a prática do futebol.

É interessante questionar, então: no que consistiria exatamente esse dom para a prática do futebol, algo que muitos consideram ser inato ao brasileiro? Em primeiro lugar, é preciso ter em conta que a ideia do “dom” funciona como uma espécie de operador mágico. Trata-se de um objeto de crença, portanto, ou se acredita nele, ou não. No contexto futebolístico, o termo acaba possuindo dois significados, “sinônimo de talento, em que ele seria uma predisposição inata, algo que pertence ao sujeito e pode ser aperfeiçoado, ou sinônimo de dádiva, em que seria uma predisposição que, além de inata, é hereditária” (GIGLIO, MORAT, STUCCHI e ALMEIDA, 2008, p. 70). O dom é algo que habita o universo simbólico do futebol, aparecendo nos discursos dos mais diversos atores, incluindo, entre outros, jogadores, técnicos e profissionais da imprensa esportiva.

Ao enxergarem o talento como dádiva, muitos acreditam que é uma predisposição inata, herdada, e que os jovens brasileiros já nascem futuros craques. Conforme colocam Giglio, Morat, Stucchi e Almeida (2008, pp. 77-78), “para o imaginário social, os maiores craques são aqueles que se destacam devido aos seus dons, às suas virtudes intrínsecas consideradas frequentemente como inatas e intuitivas”. Por sua vez, Damo (2007) alerta para o fato de que nem tudo pode ser explicado por esse operador mágico materializado na ideia de “dom”. Como explica o autor, essa abertura ao imponderável vai depender da forma como o futebol é articulado dentro de cada configuração social e dos sistemas simbólicos correspondentes. Como exemplo, o antropólogo cita o caso do ex-jogador Ronaldinho Gaúcho:

O instinto ao qual Ronaldinho credita sua habilidade invulgar não é um mero dom/talento, e não se trata de vestir a carapuça do *habitus*, dizer que há nele uma natureza cultivada. Isto encobriria algo fundamental, que é a auto percepção do artista. Há algo que está nele, mas é algo mais, um dom que Deus lhe deu, uma dádiva, portanto. Ou seja, ele se percebe não apenas como portador, mas como receptor de um dom, uma espécie de predestinado ou vocacionado. E o que faz então Ronaldinho com o dom que lhe foi dado por Deus? Diverte-se, brinca, regozija-se e, ao fazê-lo, acredita divertir também o público, o que poderia ser interpretado como uma forma de redistribuição da dádiva divina. (...) não há como pensar o dom artístico e, particularmente, o dom futebolístico, sem o público, pois o dom não sugere substância, mas relação de troca, circulação (DAMO, 2007, PP. 192-193).

Ter o dom, contudo, não é suficiente para garantir destaque nos concorridos centros de formação de atletas. Inspirado em Pierre Bourdieu, Damo (2007) desenvolveu o conceito de capital futebolístico, que consiste numa série de propriedades que levam esses meninos a ingressarem nos centros. A noção de capital futebolístico abarca uma série de aptidões “físicas, psíquicas e sociais que extrapolam, significativamente, a dimensão técnica e, sobretudo, uma dada dimensão em particular, muito valorizada pelo senso comum, associada ao controle de bola – malabarismos, floreios, etc.” (DAMO, 2007, p.112). O conceito abarca ainda questões como o reconhecimento desse talento por clubes e empresários por eles autorizados e o entendimento das possibilidades de movimentação no mercado profissional. O capital simbólico desses meninos também possui papel fundamental na definição do futuro – o jogador que cresce em jogos decisivos ou aquele que não se intimida em partidas importantes, por exemplo. Nesse sentido, “há um jogo que os meninos precisam aprender a jogar, tão importante quanto o jogo de futebol propriamente dito” (DAMO, 2007, p. 114). O pesquisador explica ainda que a noção de capital futebolístico busca escapar de duas armadilhas bastante comuns:

pensar que o dom não pode ser manipulado e desenvolvido e acreditar que somente os aspectos biológicos determinam o futuro brilhante de um atleta.

Como podemos observar, somente o talento não basta. Conseguir um lugar no concorrido mercado da bola requer uma série de fatores, entre eles a sorte. Para os eleitos, ela reserva uma dura rotina de treinamentos, deslocamentos, jogos, repouso funcional. Uma árdua realidade que muitas vezes vai de encontro à percepção que a sociedade tem dessa profissão, em grande medida devido à forma como tais profissionais são construídos pela imprensa, já que “apenas um grupo reduzido dentre eles alcançam os altos salários e o status de pop stars, conquanto sejam esses os que são tomados mormente como referência” (DAMO, 2007, p. 123).

No que tange à grande maioria que não consegue um lugar nos clubes de elite do futebol – nas duas primeiras divisões –, a carreira tende a acabar em função do desemprego crônico. Nesse sentido, Damo (2007) comenta que existe uma grande diferença entre largar o futebol e ser largado por ele. No primeiro caso, implica normalmente num processo de aposentadoria, previamente planejado. Ser largado pela profissão, entretanto, denota uma exclusão do mercado laboral, gerando a necessidade de buscar trabalho em outras áreas, num processo de reconversão profissional. Para muitos desses meninos abandonados pela bola, resta a impressão de terem perdido a oportunidade de suas vidas. O autor afirma ainda que boa parte do sucesso brasileiro na formação de jogadores se dá “à custa de investimentos sem reconversão e de carreiras precocemente interrompidas, pois a oferta de pés de obra é muito maior do que a demanda do mercado profissional (DAMO, 2007, p. 99). Além disso, a reconversão desses capitais futebolísticos é complexa, pois são fruto de especialização de pouca utilidade fora do universo do futebol.

O Brasil é um celeiro de craques, mas com uma porção de ressalvas. Quando se deixa um pouco de lado o senso comum, especialmente o veiculado pelos mídias, e se investe mais a fundo em pesquisa com base empírica, vê-se ruir certas impressões superficiais. A reputação técnica dos brasileiros é, certamente, um dos motivos de cobiça estrangeira, mas além de bons são baratos – por isso são levados em quantidade. O que explica o baixo custo dos pés de obra produzidos no Brasil é um conjunto de elementos que convém explicitar. Não se trata, tão-somente, das diferenças de cotação das moedas – euros/dólares *versus* reais – ou do maior poder aquisitivo dos consumidores europeus e, por extensão, da capacidade de remuneração dos clubes do velho continente. Trata-se da liberdade ou mesmo descaso das agências nacionais – dos clubes às federações passando pelo próprio Estado – em relação à produção/formação, permitindo uma ampla liberdade de ação de instituições e agentes interessados no lucro imediato. Há uma extensa quantidade de jovens sendo investidos para uma profissão que não se expande e tampouco prevê

reconversão, sem que paralelamente se dê a eles uma formação complementar, como exige, por exemplo, a legislação francesa. Assim sendo, os jovens brasileiros podem ser desterritorializados segundo as estratégias de clubes e agentes/empresários – diferentemente da produção francesa, que coloca formação escolar e esportiva em paralelo; recrutados e dispensados dos centros de formação/produção de acordo com a conveniência destes e a tantos outros procedimentos, mais ou menos naturalizados como próprios do ‘mundo da bola’. Com uma oferta de dons/talento excepcional e praticamente nenhuma restrição legal, ética ou cultural para manipulá-los, não haveria senão de transformar-se em ‘celeiro de craques’ (DAMO, 2007, p 110).

A formação de jogadores à brasileira tem como uma de suas principais estratégias a “desterritorialização”, o que significa que migrar ainda muito jovem é algo inerente ao processo. Nesse sentido, Damo (2007) argumenta que os valores masculinos que impregnam o ambiente do futebol profissional “fazem crer aos jovens que inexistem fronteiras quando o assunto é ‘ganhar a vida’, ‘sustentar a família’, ‘alimentar as bocas’, ‘tentar a sorte grande’ e outras expressões do gênero que denotam a noção de macho provedor” (DAMO, 2007, p. 103). Conforme o autor, migrar na busca de oportunidades de trabalho é o tipo de aventura que todos eles buscam. Em função disso, muitos acabam virando presas fáceis para artimanhas de empresários desonestos que transformam o que seria um grande sonho de vida em um verdadeiro pesadelo, muitas vezes em lugares longínquos e com uma cultura que lhes é completamente estranha. Na visão do pesquisador, hoje em dia nenhum espaço social converte pessoas em mercadorias sem o menor senso ético como ocorre no futebol. ele defende a necessidade de que olhar “para o processo de espetacularização/profissionalização/mercadorização do futebol em diacronia é fundamental para evitar a naturalização do comércio dos jogadores” (DAMO, 2007, p 92).

No caso brasileiro, um dos marcos iniciais dessa mercadorização⁶⁰ foi o acordo entre as ligas do Rio de Janeiro e São Paulo, na década de 1930, que estabelecia o pagamento para a transferência de atletas – medida que acabou estendida a todo o território nacional. Para Damo (2007), a partir daí, o atleta profissional passa a ter um duplo estatuto, sendo ao mesmo tempo pessoa e mercadoria, o que também contribuiu para afastar as elites dessa modalidade esportiva, visto que, de acordo com o pesquisador, “uma coisa era mudar de clube por interesses pessoais. Outra, bem diferente, era vir a ser cotizado, podendo valer menos do que um rele operário de subúrbio e, o que seria ainda pior, de um negro” (DAMO, 2007, p 81). Tal processo se acentua no período posterior a

⁶⁰Mercadorização é um termo criado por Arlei Damo (2007) para se referir ao processo que fez com que os jogadores de futebol passassem a possuir, simultaneamente, a condição de pessoa e mercadoria.

Segunda Guerra Mundial, culminando no modelo de futebol de livre mercado que vigora atualmente. Com a aprovação da Lei Pelé que deu aos jogadores a possibilidade de se transferirem de clube ao final do contrato sem a necessidade de ressarcir quem detinha o vínculo anterior -, ideia vendida foi de que ela viria para acabar com alguns resquícios escravagistas que ainda dominavam no mercado brasileiro.

A grande questão, contudo, é que os jogadores foram retirados do domínio dos clubes e colocados sobre o controle dos agentes/empresários, quando a expectativa era de que os próprios atletas fossem assumir o controle do processo. É um tanto ingênuo imaginar que esses jovens com baixa escolaridade tivessem condições de operar em um mercado que, como tenho tentado demonstrar, é extremamente complexo. A figura do agente/empresário pode ser compreendida com a de um investidor no mercado de ações apostando numa valorização futura. Tais figuras procuram se antecipar ao sucesso, o que facilita o estabelecimento do “vínculo moral de que necessitam para mais tarde convertê-lo em vínculo legal (um contrato de imagem ou uma procuração qualquer), que lhes renderá dividendos proporcionais ao sucesso dos futebolistas” (DAMO, 2007, p. 322). Dar presentes e atender os desejos dos jogadores também contribui para que esse vínculo moral acabe se tornando afetivo. Conforme dados da CBF⁶¹, os empresários ficaram com cerca de 25% dos mais de R\$ 70 milhões gerados com a negociação de jogadores no mercado de transferências interno em 2016 – 49 49 contratações definitivas e 52 empréstimos. Eles se envolveram em 71 dessas transações, ficando com mais de R\$ 18 milhões por terem feito a intermediação. A entidade registra em torno de 330 profissionais aptos para fazer esse tipo de negócio. Até 2015, era possível dividir os valores da multa entre empresário/investidor, clube e jogador, por exemplo. Desde então, a Fifa determinou que terceiros não podem mais ter parte dos direitos econômicos dos atletas, sendo cabível aos empresários atualmente apenas um valor por ter intermediado a negociação.

Ainda em relação às transferências de atletas, é importante destacar que a Fifa vem aumentando o controle sobre a contratação de atletas menores de 18 anos. A partir de 2015, uma alteração no seu estatuto passou a exigir o certificado de transferência internacional para as negociações de jogadores com mais de 10 anos. Com isso, as equipes devem solicitar permissão prévia para qualquer negociação internacional com atletas

⁶¹ Disponível em: <https://www.cbf.com.br/noticias/a-cbf/raio-x-do-futebol-contratos-e-valores#.WIX8EGQ-d-U>

menores de idade, bem como para poder realizar a primeira inscrição de um jogador menor de idade estrangeiro. Porém, a entidade máxima do futebol permite algumas exceções: transferência dos atletas de 16 a 18 anos entre dois clubes da UE; se o jovem morar a menos de 50 quilômetros da fronteira com o país de destino e o clube envolvido na transação também não fique localizado a mais de 50 quilômetros da fronteira; e, por fim, o principal meio utilizado para burlar esses regramentos, quando da mudança dos país para o novo país por motivos não vinculados ao futebol. No começo de 2017, por exemplo, o Grêmio perdeu o maranhense Emanuel Silva Ferreira, o Manu, de 10 anos, para o Barcelona⁶². Mesmo com as ameaças do clube gaúcho de levar o caso a Fifa, acusando os catalães de aliciamento, o garoto abandonou as categorias de base da equipe porto-alegrense para morar com a família na Espanha⁶³. O Grêmio, inclusive, pediu que a CBF⁶⁴ acompanhe a situação de Manu por acreditar que o time espanhol está apenas ganhando tempo para utilizá-lo com o intuito de evitar acusações por infringir o regulamento citado anteriormente. Como, em função da legislação brasileira, o primeiro contrato profissional só pode ser assinado aos 16 anos, o menino não possuía nenhum vínculo formal com os gaúchos. Interessante observar que mesmo com pouco mais de 10 anos, o menino nascido em Rosário, a 60 quilômetros da capital São Luís, já tenha migrado para São Paulo, Porto Alegre e Barcelona para levar adiante seu sonho.

Em relação à mobilidade, é importante ter em mente que a maior parte dos fluxos migratórios de pés de obra brasileiros geralmente se dá para regiões distantes dos principais centros, em mercados tidos como periféricos. Durante o ano de 2016⁶⁵, o Departamento de Registros e Transferências da CBF contabilizou mais de 1.372 negociações envolvendo jogadores profissionais (760), amadores (285) e atletas que saem do Brasil como profissionais para atuar como amadores em outros países (327). Do total, 110 envolveram valores, movimentando mais de R\$ 654 milhões. No sentido inverso, 818 chegaram ao mercado nacional, sendo 694 profissionais e 124 amadores – a grande maioria composta por brasileiros voltando do exterior. Foram 44 transações com valores, fazendo circular algo em torno de R\$ 212 milhões. O número de transferências cresceu

⁶²Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/rs/futebol/times/gremio/noticia/2017/03/gremio-perde-joia-da-base-para-barca-e-promete-ir-fifa-contra-aliamento.html>

⁶³Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/rs/futebol/noticia/2017/04/caso-manu-joia-mirim-comemora-aniversario-com-tema-do-barcelona.html>

⁶⁴Disponível em: <http://www.correiodopovo.com.br/blogs/hiltormombach/2017/06/51118/gremio-notifica-cbf-sobre-manu-e-o-assedio-do-barca/>

⁶⁵ Disponível em: <https://www.cbf.com.br/noticias/a-cbf/raio-x-do-futebol-numeros-do-mercado?ref=bigfeatured#.WIX9W2Q-d-V>

cerca de 18% em 2017⁶⁶. A CBF indica que 1.630 atletas deixaram o país no último ano entre profissionais (853), amadores (381) e aqueles que partem na condição de profissionais, mas figuram como amadores nos clubes estrangeiros (396). As chegadas aumentaram em menor proporção, somando 890 jogadores entre profissionais (742) e amadores (148). Nas informações fornecidas pela entidade referentes a 2017 não constam valores. Em relação às saídas, tamanha procura não está relacionada somente às qualidades do nosso “produto”, pois “há que se trabalhar com a ideia de que existe um mercado globalizado, e não se trata apenas de um trabalho, mas de mercadorias, de pessoas que são agenciadas e transacionadas por agentes especializados” (DAMO, 2007, p. 25). Segundo Damo, o problema não está no fato de os jogadores brasileiros atraírem a atenção do mercado externo, mas nas condições em que se dão esses processos migratórios. O pesquisador comenta que mesmo que a profissão contemple esse duplo estatuto – mercadoria e pessoa –, e que tal condição esteja de certa forma naturalizada no contexto futebolístico, isso não elimina o fato de que o mercado de seres humanos costuma ser visto com ressalvas nas sociedades ocidentais, ainda que mesmo assim ele exista em variadas formas. De qualquer maneira, na hora de analisar tal questão, é importante considerar que

o mercado de atletas segue as leis da oferta e da demanda, tendo os atletas um preço de compra e venda; as transações têm lugar num mercado relativamente estruturado, respeitando-se determinados fluxos, matizados pelos aspectos macroeconômicos, como é o caso do fluxo de brasileiros em direção à Europa e não o inverso; no preço dos jogadores, constam atributos de ordem diversas, associados à expectativa de *performance*, à cor, à nacionalidade, ao comportamento extracampo, ao agente/empresário que os representa, ao clube que detém o vínculo e assim por diante. Por fim, não custa lembrar que é o dom que interessa aos agentes/empresários, e não o sujeito em si (DAMO, 2007, p. 313).

Por tudo o que foi exposto anteriormente, podemos dizer que os caminhos que levam à concretização do sonho de se tornar jogador de futebol profissional são tortuosos e muitas vezes levam a destinos dificilmente imaginados, tendo que migrar para países com pouca ou nenhuma tradição no futebol. É, portanto, um mercado de trabalho complexo e difícil de conquistar. Com base nos períodos de observação realizados nos centros de formação do Sport Club Internacional e do francês Olympique de Marseille, Damo (2007) elenca alguns aspectos que são determinantes para o sucesso nessa longa jornada. Conforme o autor, os jovens que logram êxito normalmente exibem uma boa

⁶⁶Disponível em: <https://www.cbf.com.br/noticias/a-cbf/raio-x-2017-1630-jogadores-para-o-exterior?ref=bigfeatured#.WlcxM2Q-d-U>

qualidade técnica, que permite um ganho de tempo em função de um uso mais econômico dos movimentos; possuem conhecimento e disciplina tática; têm um maior poder mental para lidar com os percalços pelo caminho (dentro e fora de campo); e demonstram disciplina tanto para o trabalho em grupo dentro de campo quanto para a convivência dentro das rotinas diárias de trabalho.

6.1 Vidas a rodar

A diáspora futebolística abordada no presente trabalho não é nenhuma novidade. Conforme indica a antropóloga Carmen Rial (2008), o primeiro grande fluxo de jogadores registrado se deu no período posterior à Copa do Mundo de 1930, no Uruguai. Diversos atletas com ascendência italiana voltaram à terra dos seus ancestrais emigrantes, o que pode ser percebido como uma espécie de retorno às origens. A seleção italiana bicampeã mundial em 1934 e 1938 contava com quatro jogadores que haviam defendido a Argentina na decisão de 1930.

Como vimos anteriormente, tais fluxos se acentuam a partir da formação da União Europeia e da entrada em vigor da Lei Bosman e, no caso brasileiro, da Lei Pelé, durante a década de 1990. Nos anos que se seguiram, também foram firmados acordos de livre circulação de atletas oriundos das antigas repúblicas soviéticas, bem como de antigas colônias europeias na África e Caribe. Com isso, jogadores nascidos nessas regiões também deixaram de ser considerados estrangeiros nas ligas europeias. Para a pesquisadora, um dos principais reflexos desse reordenamento jurídico foi trazer o aspecto econômico para o primeiro plano no que se refere ao mercado de jogadores, fazendo com que os principais nomes do esporte se concentrem nos grandes clubes europeus. Transformados em empresas transnacionais, esses clubes têm na obtenção de lucros um aspecto tão preponderante quanto a conquista de títulos. Não existiu dilema nessa equação, posto que ganhar títulos significa mais dinheiro entrando nos cofres do clube com premiações e patrocínios, bem como a valorização de seus ativos (jogadores).

Ainda que os fluxos de pés de obra possam ser tidos como menos significativos no contexto das migrações contemporâneas, “não há meio de comunicação importante no mundo hoje que não dedique espaço para o futebol e para seus protagonistas principais, os jogadores” (RIAL, 2008, p. 27), hoje convertidos em migrantes potenciais. Todavia, a autora ressalta que, diferentemente do que ocorre em outras diásporas, em que os sujeitos

são transformados em números estatísticos, nesse caso os atores envolvidos no processo são bem conhecidos. Partindo das teorias marxistas, ela classifica os migrantes do futebol como “especiais”, pois se constituem simultaneamente em força de trabalho e mercadoria. Afirma Rial (2008, p. 29): “Como mostrado em diversos trabalhos, eles concentram em si trabalho de outros e circulam como mercadorias, auferindo lucros a terceiros quando dessa circulação”.

Seguindo a linha defendida por Pascal Boniface (2002), anteriormente mencionada, a antropóloga traça um paralelo entre os fluxos migratórios de jogadores saídos de países periféricos para os principais mercados globais e o que acontece em outras indústrias, como a cooptação de cientistas e pesquisadores para atuar nas principais universidades e centros de produção de alta tecnologia situadas no Norte. Os pés de obra, segundo ela, constituem uma categoria de migrantes que ainda muito cedo deixam suas famílias atrás do sonho de propiciar uma ascensão social para sua família.

A também antropóloga Bea Vidacs (2012), que desenvolve suas pesquisas sobre esporte no âmbito do continente africano, destaca que enxergar esse potencial transformador no futebol está muito vinculado aos anseios e às formas de percebê-lo de cada indivíduo. De acordo com a pesquisadora, inúmeras são as formas pelas quais as pessoas podem conceber a prática esportiva como uma via eficaz de mudar a realidade que as oprime, como uma possibilidade real de fugir da miséria e da fome que o futuro normalmente reserva para os nascidos naquele continente. Se tal percepção é ilusória ou não, vai depender sobre qual prisma vamos examinar a questão. Para os sujeitos que têm o futebol como uma chance de “redenção”, a esperança por ele gerada “faz suas vidas serem não apenas passíveis de serem vividas, como também proporciona um sentido e um sentimento de autoestima que poderiam de outra forma não existir” (VIDACS, 2012, p. 42).

A evasão de jogadores dos países mais pobres para os grandes centros econômicos traz como consequência direta uma desvalorização das competições locais, posto que os principais nomes do esporte estão atuando na Europa, diminuindo o nível técnico das competições. No caso brasileiro, também traz impactos no estilo que sempre caracterizou as principais estrelas nacionais, uma vez que o assédio do futebol tem acontecido cada vez mais cedo, fazendo com que esses jovens concluam seu processo de formação dentro da escola europeia. Aliás, tal processo de “juvenilização” (Rial, 2008) tem caracterizado

o mercado de transferências brasileiro, trazendo ainda um distanciamento do torcedor em relação aos ídolos e à seleção brasileira.

Conforme explica Rial (2008), as mudanças constantes de clubes e, por consequência, muitas vezes de nação, aliadas ao elevado número de atletas que acabam retornando ao país – em torno de 30% deles, conforme a pesquisadora –, faz com que esse movimento migratório seja visto como circular, como “o ‘rodar’ de que falam os jogadores, atribuindo a essa noção um valor positivo de propiciar ‘experiência’, de ensinar”(RIAL, 2008, p. 31). A pesquisadora comenta que imaginava inicialmente que a mudança para outro país representasse um marco de ruptura em suas trajetórias. Porém, afirma que em suas entrevistas com jogadores constatou que tal ruptura acontecia bem antes, quando, ainda adolescentes, eram obrigados a sair de casa. “Essa saída de casa é o início de sua circulação, o começo do *rodar*, onde a fronteira superada é a do círculo familiar e do círculo de vizinhança” (RIAL, 2008, p. 47). Pode acontecer dessa mudança se dar para uma cidade vizinha, mas é comum o caso de jovens obrigados a trocar de estado e até de região para levar seu sonho adiante, normalmente seguindo dos locais mais pobres para os grandes centros. Mesmo difícil, o distanciamento do círculo familiar é percebido como um passo a mais rumo à profissionalização.

Como o número de vagas para estrangeiros (não comunitários) por clube nas principais ligas europeias se limita a quatro atletas, outro mercado que movimenta grandes quantias de dinheiro é o relacionado às naturalizações. Ao contrário de outros tipos de fluxos migratórios, em que a obtenção do passaporte ajuda a fincar raízes no novo país, no caso do futebol serve para facilitar ainda mais o processo de circulação, pois, uma vez cidadãos europeus, eles passam a ser considerados comunitários, abrindo vaga no clube para um novo jogador sem passaporte europeu. Nas palavras de Rial (2008), deixam de ser tidos como mercadorias estrangeiras e passam a ser vistos como mercadorias da União Europeia, o que implica numa livre circulação naquele continente.

O sociólogo escocês Richard Giulianotti (2010) alerta ainda para outro efeito colateral desse sistema, que diz respeito ao tráfico de pessoas ligado ao futebol. Ele comenta que muitos jovens africanos pagam altas quantias a agentes – que podem ser comparados com a figura do coioite – para que estes facilitem o ingresso no continente europeu. Embora inicialmente essa intermediação pareça mais um passo rumo à materialização dos sonhos, revela-se por vezes uma grande armadilha, pois não é raro o

caso de jovens acabarem abandonados e sem a documentação legal exigida quando reprovados nos testes. Conforme Giulianotti (2010), a organização não-governamental francesa *Culture Foot Solidaire*, que presta auxílio a esses jovens traficados, contabiliza milhares de africanos vivendo em condições precárias e de forma indocumentada na Europa .

Mesmo quando aprovados nos testes, o baixo nível educacional e o estranhamento cultural contribui para que muitas vezes os jovens jogadores sigam sendo vítimas de exploração por parte dos agentes ou empresários. O próprio ex-presidente da Fifa Joseph Blatter chegou a manifestar seu descontentamento com a postura “neocolonialista” dos clubes europeus. Essa situação não difere de outros contextos da economia global, reforçando a exploração do trabalho e do produto africanos. Mesmo que possuam mais qualidade técnica, acabam recebendo menos do que seus colegas de clubes europeus, ainda que esses tenham menor qualificação. Para o autor, “essa economia virtual neoliberal contemporânea do mundo do futebol é o mais novo meio no qual a África se encontra junto ao esporte mundial, em posição altamente desfavorável” (GIULIANOTTI, 2010, pp 23-24).

Como já discutimos anteriormente, os fluxos migratórios da contemporaneidade não podem ser explicados somente a partir de determinismos econômicos. A decisão de migrar em grande medida se constitui em um projeto familiar, sendo que o membro escolhido geralmente é aquele considerado mais apto para encarar os desafios e as agruras de fazer a vida em outro país. Rial (2008) destaca ainda que, em suas pesquisas com jogadores brasileiros que migraram para seguir a carreira em outro país, chamou a atenção o fato de poucos dos entrevistados serem os primogênitos da família. Em sua grande maioria são os filhos mais novos os que geralmente alcançam o êxito na profissão, num fenômeno por ela denominado como “caçulismo”. Muitos deles, inclusive, tiveram irmãos mais velhos que acabaram abandonando o sonho de ser jogador no decorrer do caminho para ajudar no sustento da casa. Para a pesquisadora, o fenômeno do “caçulismo” evidencia o fato de que a carreira de jogador de futebol pode ser realmente pensada como um projeto familiar, posto que “é necessário algum excedente econômico para propiciar a liberação de um integrante da família do trabalho remunerado” (RIAL, 2008, p 35). O filho mais novo é liberado de auxiliar na renda familiar e geralmente conta com o apoio de alguém do núcleo familiar para acompanhá-lo durante todo o processo.

Nesse sentido, para os filhos mais velhos que se aventuram no mundo do futebol resta a necessidade de conciliar o futebol com o trabalho, o que diminui suas chances de êxito.

Por fim, Rial (2008) comenta ainda que, mesmo quando cruzam fronteiras geográficas, os jogadores migrantes não ingressam nos países, pois suas fronteiras são as agremiações esportivas que defendem, não o local de destino. Mesmo aqueles que conseguem a naturalização no novo país são tidos e se percebem como estrangeiros, pois a busca pelo passaporte, como vimos, se constitui simplesmente em uma estratégia. Eles não estão num país ou cidade, mas em clubes, entidades que possuem certa padronização de ambientes e rotinas. Além dos treinamentos diários, os atletas “devem apresentar-se para os jogos, todos devem viajar e hospedar-se em hotéis, todos frequentam salas de ginásticas, *halls* de aeroportos, salas de imprensa” (RIAL, 2008, p 52). Com as facilidades propiciadas pelas novas tecnologias, mesmo em casa permanecem vinculados simbolicamente ao país de origem. Talvez por isso dificilmente são percebidos como emigrantes em sua terra natal. Raramente aparecem em reportagens sobre a migração de brasileiros para a Europa, por exemplo. Nas matérias da imprensa, a figura do imigrante geralmente é construída com um tom depreciativo, tratando a presença desses sujeitos como problema e associando-os geralmente ao crime e à ilegalidade. Ou seja, nada a ver com o *glamour* que envolve a figura do jogador de futebol.

Nesse sentido, Denise Cogo e Terezinha Silva (2016) identificam em suas pesquisas sobre a cobertura da imprensa em relação à chegada dos haitianos um forte tom alarmista na construção das narrativas, com a utilização de termos e expressões, como “invasão”, “ilegalidade”, “fuga”, “superlotação”, “excesso”, que acabam por criminalizar a experiência migratória e ajudam a naturalizar uma visão do povo haitiano como vítimas da miséria e da tragédia, como se elas, enquanto sujeitos, fossem determinadas somente por tais aspectos.

6.2 Pérolas Negras e a migração haitiana para o Brasil

Mesmo que possua suas peculiaridades, o caso do Pérolas Negras faz parte desses fluxos migratórios do futebol. Ao contrário do que ocorre tradicionalmente, a chegada dos jovens haitianos ao Brasil não se dá por meio de um clube de futebol, mas através de uma organização não governamental, com visto humanitário, e acontece no em meio a um processo mais amplo de migrações do Haiti para o Brasil. Até então pouco expressiva,

a chegada de haitianos aumenta a partir de 2010 devido ao terremoto que atingiu o país caribenho. Segundo dados levantados por Cogo e Silva (2016) junto à Embaixada Brasileira do Haiti, até o final de 2014 mais de 53 mil haitianos haviam entrado no território nacional. Em torno de 20 mil deles de forma regularizada, por meio de visto humanitário, modalidade criada pelo governo brasileiro exclusivamente para o caso do Haiti.

Naquele mesmo ano, o Observatório das Migrações Internacionais apontou os haitianos como povo migrante com maior presença no mercado de trabalho formal do Brasil (COGO, SILVA, 2016). A explicação para o fenômeno geralmente se concentra nos problemas internos enfrentados pelo país, porém, para entender a diáspora haitiana para o território brasileiro é preciso olhar para alguns fatores externos. Pensando no contexto global, a crise econômica que atingiu as economias dos países desenvolvidos a partir 2008 fez com que os fluxos migratórios que, historicamente, seguiam o sentido Norte-Sul se tornassem diversos e multidirecionais. Em âmbito local, o Brasil despontava à época no cenário internacional como sede futura dos dois principais eventos esportivos do planeta: a Copa do Mundo de Futebol, em 2014, e os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, em 2016. A soma desses dois fatores – crise econômica no Norte e a expectativa de vagas de emprego em função dos megaeventos – fez com que o país voltasse a figurar como um destino atrativo aos olhos de quem precisa migrar. Com isso, o país recebe imigrantes das mais diversas regiões do globo, como Estados Unidos, Espanha, Portugal, Senegal e Haiti (Cogo, 2014). Atualmente, tal quadro vem passando por transformações. Em função da crise econômica enfrentada pelo Brasil desde 2015, o número de haitianos entrando no território nacional tem diminuído, com as redes se direcionando para outros países, como o Chile. Muitos dos que aqui estavam têm seguido o mesmo caminho.

Antes de avançarmos na questão haitiana, é importante ressaltar que ocupar a posição de país de destino para migração não é algo inédito na história do Brasil. Foram mais de cinco milhões de migrantes recebidos entre 1819 e os anos finais da década de 1940. Os grupos mais numerosos vieram da Itália, Alemanha, Portugal e Japão, sendo que o país foi destino também de imigrantes vindos da Síria, Líbano, Polônia e Áustria. Porém, como destacam Denise Cogo e Maria Badet (2013), desde os tempos iniciais foi possível perceber uma espécie de controle sobre esses fluxos a partir do ideário do migrante europeu branco. Esses sujeitos viriam oferecer ao país justamente aquilo que ele

mais necessitava: “Trabalhadores brancos e sadios, agricultores exemplares, oriundos do meio rural europeu, com todas as ‘boas qualidades’ do camponês e do artífice, obedientes à lei, dóceis e morigerados, de moral ilibada, etc” (COGO e BADET, 2013, p. 21). Em virtude disso, conforme as autoras, mesmo aqueles vindos da Europa poderiam ser tidos como indesejados – os que chegavam ao país em busca de refúgio, portadores de deficiência, ciganos, condenados, idosos, comunistas. No sentido inverso, ao longo do século passado, o Brasil acabou se consolidando no cenário mundial como um país de emigração. Nesse caso, da mesma maneira que provocou um redirecionamento das rotas, a crise econômica dos países mais ricos também obrigou o retorno de milhares de brasileiros que haviam realizado seus projetos migratórios em países como Estados Unidos, Japão e Portugal devido à diminuição das vagas de trabalho.

Em relação à diáspora haitiana, primeiramente é importante frisar que ela é recorrente na história daquele país. Antes de seguirmos adiante com o tema, é interessante fazer algumas contextualizações em relação ao Haiti. A antiga colônia francesa foi a primeira nação do mundo a abolir a escravidão (1793) e o segundo país das Américas a se tornar independente (1804) – o primeiro entre os latinoamericanos. Durante muito tempo, foi a colônia francesa mais próspera da região. Cogo e Silva (2016) apontam que os primeiros fluxos migratórios relevantes oriundos daquele país têm início no mesmo período da ocupação militar estadunidense, entre 1915 e 1934. Desde então, a condição de imigrantes têm caracterizado os haitianos. O Haiti conta hoje com cerca de 15% de sua população vivendo no exterior, algo em torno de um milhão e meio de pessoas. As pesquisadoras ressaltam que não se pode ignorar a relação entre a intervenção dos Estados Unidos no território caribenho e a fuga de haitianos para outros países. Elas destacam ainda os reflexos do passado agrário, cuja economia se sustentava a partir das indústrias da cana e do café, resultando na exploração da mão-de-obra e no esgotamento dos recursos naturais, cenário agravado por governos ditatoriais, golpes de Estado e uma longa guerra civil. Porém, um marco que parece determinante no fenômeno atual foi o terremoto de 12 de janeiro de 2010, que matou mais de 200 mil pessoas e deixou outras 1,5 milhão sem casa, além de ter destruído boa parte da já frágil infraestrutura do país.

Como mencionado, porém, é preciso fugir da armadilha de determinar o desastre natural como única razão para o aumento da chegada de haitianos ao país. Como explicam Cogo e Silva (2016), “além da experiência diaspórica que demarca a trajetória do povo haitiano, é preciso considerar também a existência de vinculações geopolíticas e

simbólicas anteriores entre Brasil e Haiti” (COGO e SILVA, 2016, pp. 04-05). As pesquisadoras citam como exemplos o fato de o exército brasileiro ter assumido, em 2004, o comando das tropas da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH) e a presença de organizações não governamentais (ONGs) que já estavam no país ou chegaram depois do terremoto. A atuação do exército brasileiro se deu em diversas frentes – segurança, infraestrutura, estrutura estatal, defesa das liberdades democráticas – e foi alvo de inúmeras críticas quanto à sua eficácia, ao seu caráter imperialista de agir, gerador de mais insegurança, e aos recursos financeiros empreendidos, que poderiam ter sido destinados a um processo autônomo de reconstrução do país (COGO, 2014).

Sobre vínculos históricos, é preciso considerar ainda que, no ano de 2004, foi realizado em Porto Príncipe um amistoso entre as seleções do Brasil e do Haiti que ficou conhecido como “Jogo da Paz”. Por iniciativa do então presidente Luís Inácio Lula da Silva, a equipe brasileira, campeã mundial à época, levou ao país caribenho astros como Ronaldo Nazário, Ronaldinho Gaúcho, Roberto Carlos, Juninho Pernambucano, todos destaques em suas equipes europeias. A ideia do jogo surgiu durante as discussões sobre o papel das forças armadas brasileiras em território haitiano, quando o primeiro-ministro haitiano Gerard Latortue provocou o governo brasileiro dizendo que o Brasil deveria enviar a seleção de futebol e não soldados para o país. Conforme citado anteriormente, o crescimento econômico experimentado pelo Brasil até a metade dessa década e as oportunidades de empregos geradas pela realização da Copa do Mundo e dos Jogos Olímpicos projetaram a imagem do país internacionalmente e também contribuíram para que o país passasse a fazer parte do imaginário haitiano como um possível destino para os seus projetos migratórios” (Cogo e Badet, 2013). Em relação aos eventos internacionais, Cogo (2014) comenta que muitos vieram com a promessa de pagamento em dólares e acabaram se frustrando com os valores recebidos na realidade.

A presença de Organizações Não Governamentais como a Viva Rio – que atua no Haiti desde 2004 e é a idealizadora dos Pérolas Negras –, e de outros brasileiros atuando no país, é mais uma forma pela qual se dá o estreitamento desses laços, reforçado ainda por questões culturais como a mesma origem africana, a música e o futebol. Tais ligações alimentam as construções simbólicas em torno do Brasil como país de destino e acabam sendo renovadas por intermédio do consumo de informações veiculadas na mídia sobre a situação brasileira, bem como em relação à presença de brasileiros no Haiti, alimentadas

ainda pelo compartilhamento de experiências dentro das próprias redes de migrantes haitianos. Para a pesquisadora, as redes estabelecidas reforçam o caráter familiar que marca a diáspora haitiana para o território nacional (COGO, 2014).

O trajeto até o Brasil dura cerca de 15 dias, sendo que pode levar até um mês. As rotas incluem normalmente um deslocamento aéreo do Haiti ou da República Dominicana, país vizinho, até o Equador. Em alguns casos, o trajeto inclui ainda um trecho de carro ou a pé até o Peru. Independentemente do ponto de partida, os migrantes seguem por terra para cidades brasileiras localizadas em estados fronteiriços, como o Acre ou o Amazonas. Corumbá, no Mato Grosso do Sul, é outra via escolhida. Aqueles com mais recursos entram no país pelos principais aeroportos do país. Como explica Cogo, a definição das rotas de acesso depende de fatores como logística e custo do transporte, bem como das “possibilidades efetivas de entrar no país, além de interesses e estratégias traçadas pelos ‘coiotes’ que impõem a exigência de pagamento para o ingresso no Brasil e se interpõem ao controle e às políticas migratórias brasileiras” (COGO e SILVA, 2016, p. 04).

As idealizações sobre o Brasil que motivam a chegada ao país muitas vezes acabam frustradas na experiência concreta no cotidiano das cidades brasileiras, que se revela mais dura que o imaginado. Se a origem africana em comum era esperança de facilidade no processo de integração, os atos de racismo e xenofobia fazem com que esses sujeitos despertem para uma realidade inesperada. A atuação da mídia em alguma medida contribui para o processo de estigmatização e exclusão dessas pessoas. Nesse sentido, é fundamental considerar que os espaços midiáticos oferecem à sociedade formas de se relacionar com os sujeitos migrantes. Assim como Cogo, entendo

que ao, se ocupar da imigração haitiana, através de uma composição de vozes de atores e instituições vinculadas a essa imigração, incluindo os próprios imigrantes, a mídia intervém no reconhecimento e afirmação públicos dessa nova imigração como realidade e na proposição de modos de vivenciá-la como alteridade, constituindo-se, portanto, como uma ambiência em torno da qual passaram a se mover a imigração haitiana e a sociedade brasileira que passou a conviver com os imigrantes haitianos. Em consonância com o que Silverstone (2002) denomina de “textura social da experiência” para refletir sobre a nossa impossibilidade de escapar à presença e representação midiáticas, consideramos que os próprios imigrantes haitianos se movem entre os espaços midiáticos que os enunciam e para além deles, em uma dinâmica de fluxos para dentro e fora da mídia, porém invariavelmente impactados, de algum modo, por sua presença (COGO, 2014, p. 30).

Como mencionado acima, a forma como a mídia constrói esses sujeitos em suas

narrativas contribui para um processo de marginalização dentro do contexto social. Nesse sentido, Cogo e Silva (2016) questionam as matérias que procuram fazer comparações com a situação de países vizinhos refratários à chegada de haitianos, caso de Peru e Bolívia, que inclusive se negavam a conceder auxílio humanitário. Esse tipo de discurso alimenta as manifestações de preconceito, racismo e xenofobia que acabaram acontecendo em diversas partes do país.

6.2.1 O maior clube de refugiados do mundo

Voltando ao caso do Pérolas Negras, o clube surge entre os inúmeros projetos sociais desenvolvidos pela ONG Viva Rio no Haiti desde 2004. O convite para atuar no país caribenho partiu do setor de Desarmamento, Desmobilização e Reintegração (DDR) da Organização das Nações Unidas (ONU) e pretendia aplicar a experiência dos brasileiros atuando nas comunidades conflagradas do Rio de Janeiro para enfrentar os problemas enfrentados em solo haitiano, buscando interlocução com os grupos armados que dominavam diversas partes da capital, Porto Príncipe. Em uma entrevista transformada no livro *Fora de Ordem: viagens de Ruben César* (OLIVEIRA e PANDOLFI, 2014), o antropólogo Ruben César Fernandes, diretor da Viva Rio, conta diversas passagens do trabalho desenvolvido no país. Quando as forças da Minustah comandadas pelo Exército Brasileiro retomaram o controle de Bel Air, em 2005, coube à organização brasileira desenvolver os projetos sociais para atender a população do bairro central, que se constituía na região mais violenta da cidade, com inúmeras barricadas erguidas pelos rebeldes que dificultavam o acesso ao local.

Replicando a metodologia utilizada nas comunidades cariocas, se buscou desenvolver um trabalho de dentro para fora desses locais, e não no sentido inverso. Ruben César comenta que, por esse motivo, a decisão foi construir a sede da Viva Rio no Haiti dentro de Bel Air. Assim, pensava ser possível fazer um trabalho de mediação entre o interior e o exterior dessas comunidades. Aproveitando a experiência nordestina das cisternas, foi desenvolvido um programa de captação de água da chuva dentro da cidade utilizando o teto das escolas. Também foi criado um programa de coleta de lixo com apoio de uma empresa brasileira especializada em gestão de resíduos sólidos. Também foi feito um trabalho com biodigestores para amenizar o problema da falta de saneamento já que a rede de esgoto é inexistente.

Nesse período, a Viva Rio contava com cerca de 400 pessoas trabalhando na capital haitiana. Com o terremoto de 2010, a sede da organização foi destruída e virou um imenso campo de abrigo para mais de 480 famílias – em torno de 2 mil pessoas. O local foi reconstruído, mas como explica Ruben César, foi difícil seguir trabalhando com a simbologia da esperança. Naquele momento, revela, a palavra de ordem no país era reconstrução. Esse processo de reconstrução passava por descentralizar os investimentos e as regiões a serem ocupadas. Como o terremoto destruiu a parte centro-sul, o caminho escolhido foi o norte.

Assim, a cidade de Bon Repos, na região metropolitana de Porto Príncipe, acabou sendo o local eleito para erguer a Academia de Formação de Base em Futebol, que leva o nome de Pérolas Negras. Atualmente, atende 150 meninos a partir dos 11 anos. De acordo com a apresentação no site do projeto, a intenção é gerar um impacto social naquela comunidade. A Academia se constitui simultaneamente em casa, escola e centro de treinamentos. Quando completam 16 anos, os meninos mais talentosos são trazidos à sede brasileira para o processo final de formação. O centro foi construído entre 2009 e 2011 e conta com quatro campos, vestiários, piscina, academia, escola, centro de fisioterapia e alojamentos para os jovens. A metodologia de trabalho compreende que as formações educacional e esportiva devem ocorrer de forma conjunta. Com isso, a busca por desempenho esportivo é tão importante quanto a construção de valores e o desenvolvimento humano e intelectual dos alunos. Acredito que esse trecho da apresentação virtual resume bem o teor da iniciativa:

A vocação do Pérolas Negras é ser um clube formador, mas sabemos que nem todos os jovens conseguirão ganhar a vida como jogadores de futebol. Por isso, mesmo com a rotina pesada de treinos, não descuidamos nem por um dia do trabalho de educação e de formação cultural e instrumental dos alunos. Assim garantimos que, seja no Brasil ou em seus países de origem, os que não seguirem carreira nos campos estarão em boas condições para disputar vagas de trabalho dentro ou fora do mundo do futebol. Disponível em <http://academiaperolasnegras.org/metodologia/>

Para levar adiante o projeto, foi firmada uma parceria com a Universidade de Viçosa (MG), de onde vem a equipe técnica que trabalha no clube. A fonte de financiamento da iniciativa é, no mínimo, curiosa: o célebre megainvestidor George Soros foi o responsável pelos recursos que possibilitaram alavancar o desenvolvimento do projeto⁶⁷. Com isso, a inauguração da Academia de Futebol Pérolas Negras ocorreu em

⁶⁷Ruben César conta que, durante uma reunião em que se discutia o processo de reconstrução do Haiti, provocou o milionário estadunidense George Soros dizendo que o país não necessitava apenas de socorro

julho de 2011. De acordo com o diretor da Viva Rio, é um investimento feito pensando no longo prazo, pois “os meninos vão levar de sete a 10 anos para maturar e mostrar valor no mercado do futebol. Já sabemos que praticamente todos que formamos terão espaço no futebol haitiano, produzindo um impacto difuso” (OLIVEIRA E PANDOLFI, 2014). Ele projeta ainda que de cinco a dez por cento desses jovens têm chances de ingressar nos mercados brasileiro, europeu e estadunidense.

A sede brasileira do Pérolas Negras fica em um sítio localizado na cidade de Paty do Alferes, região serrana do Rio de Janeiro, dentro de um espaço que leva o nome de Colônia Pérolas Negras⁶⁸. O local também conhecido como Fazenda Quindins contacom uma construção estilo colonial do século XIX, tendo sido o primeiro hotel fazenda do Rio de Janeiro, aberto em 1928. A Viva Rio ocupa as instalações desde o final e 2015. As pistas de hipismo que abrigavam as aulas de salto foram transformadas em um campo oficial. Segundo a apresentação do site, a Colônia Pérolas Negras conta com piscina, restaurante, sauna, atividades com animais, circuito para bicicletas, entre outras atividades. É nesse ambiente rural, em meio ao Vale do Café, que os jogadores haitianos vivem, treinam e estudam. A rotina é pesada e começa por volta das 8 horas da manhã. Os jovens dividem o dia entre aulas e treinamentos. Algumas vezes por semana, à noite, ainda estudam idiomas como português, francês e inglês.

Apesar das aspirações mundiais, a Viva Rio também atua em nível local, promovendo peneiras para jovens da região com o objetivo de fortalecer o time. Por isso, as equipes que disputam os torneios profissionais e Sub-20 promovidos pela Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro (Ferj) são formadas por atletas haitianos e brasileiros. O Pérolas Negras foi obrigado a se transformar em clube profissional para poder participar das competições. Para não estourar o número limite de quatro atletas estrangeiros por time estabelecido na legislação brasileira, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) considera os atletas refugiados e os imigrantes, por razões humanitárias, como brasileiros.

imediate, mas de investimentos no longo prazo. Ao ouvir do megainvestidor o pedido de exemplos possíveis de onde empregar o seu dinheiro, o antropólogo chamou os amigos Newton de Oliveira e Nilton Leão e, juntos, idealizaram um centro de formação de atletas que apostasse nos jovens haitianos. Ao apresentar a ideia, Ruben César afirma ter ouvido de Soros que, apesar de boa, ela era “maluca” demais para passar pelos critérios de investimento da sua fundação. O magnata, então, surpreendeu dizendo que colocaria dinheiro do próprio bolso para financiar o Pérolas Negras (OLIVEIRA e PANDOLFI, 2014).

⁶⁸Disponível em: <http://coloniaperolasnegras.com>

O Pérolas Negras disputou as edições da Copa São Paulo de Futebol Júnior – também conhecida como Copinha – em 2016 e 2017, tendo sido eliminado na primeira fase do campeonato. No ano de 2018, não participou do torneio. Devido à repercussão obtida na Copinha de 2016, o time haitiano firmou uma parceria com o time Audax, do Rio de Janeiro, para disputar a segunda divisão estadual naquele ano. Com a profissionalização, no segundo semestre de 2017 a equipe disputou o campeonato carioca estampando no uniforme o nome Viva Rio/Pérolas Negras, nas categorias “Profissional” e “Sub-20.

Conforme estabelecido pela Ferj, os novos filiados devem ingressar nos torneios da entidade disputando a Série C do estadual. A estreia se deu em grande estilo. No Sub-20, os meninos conquistaram o título de forma invicta, vencendo o Itaperuna nos dois jogos da decisão. Os cinco jovens haitianos que integram o grupo foram titulares durante o torneio – os atacantes Davidson Claude e Edmondo Dorvilus, o meio campo Anderson Nalien, o zagueiro Saint Nosier Badio Stanley e o lateral direito Frandy Pierre. Os adultos também obtiveram resultados importantes. Depois de vencer em casa o Campos na primeira partida - por 3 x 0 - e garantir um empate sem gols nos domínios do adversário, o Viva Rio/Pérolas Negras subiu para a divisão B2. Seis haitianos fizeram parte do grupo: o atacante Fenelon Marckenson, os laterais pela direita Simson Destine e Duce Elison, o lateral esquerdo Philogène Jackyto, o zagueiro Oracius Wilmond e o volante Jean Louis Anel.

Entusiasmado com as conquistas obtidas, o gerente de futebol Marcos Baday declarou⁶⁹ que o grande objetivo do projeto é fazer do Pérolas Negras o maior clube mundial de refugiados. Nesse sentido, o projeto passou a abranger migrantes e refugiados de outras nacionalidades. Em dezembro, o jovem venezuelano Juan Andrés Rodriguez Collado, de 18 anos, foi apresentado como novo reforço para a equipe Sub-20⁷⁰. Segundo Ruben César⁷¹, o desejo agora é trazer para o clube jovens sírios, jordanianos, iraquianos e palestinos.

⁶⁹ Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/lance/perolas-negras-celebra-titulo-e-sonha-ser-o-clube-mundial-dos-refugiados,25300d6ca24b4ccc47c68bc44d6b351aq3920jaw.html>

⁷⁰ Disponível em: <http://academiaperolasnegras.org/perolas-negras-contrata-refugiado-venezuelano-para-equipe-sub-20/>.

⁷¹ Disponível em: <http://academiaperolasnegras.org/perolas-encontram-torcida-goleiam-o-campos-e-ficam-perto-do-titulo/>

De acordo com a equipe diretiva do projeto, o sucesso do trabalho se deve à continuidade. O time segue sendo comandado pelo técnico brasileiro Rafael Novaes, há seis anos no projeto. O salário médio de R\$ 1 mil⁷² é pago em dia, diferentemente do que ocorre em outros clubes – até de maior porte – do estado. O clube já deu entrada na Ferj com o pedido para certificar o Pérolas Negras como clube formador de atletas, com processo já em andamento. No Rio de Janeiro, somente Vasco, Flamengo, Fluminense, Botafogo e Nova Iguaçu possuem a certificação. Ela possibilita à agremiação esportiva firmar contratos de formação com jovens a partir dos 14 anos e garante o pagamento de indenização em caso de transferência de atletas entre 14 e 16 anos, posto que até essa idade a legislação brasileira não permite firmar vínculo profissional. Possibilita ainda o acesso a leis de incentivo fiscal. A CBF repassou a responsabilidade pelo credenciamento às federações estaduais, que estipulam seus regramentos próprios para a concessão. No caso carioca, são avaliados aspectos como assistência médica e educacional oferecida aos jovens, a manutenção de alojamentos para abrigá-los, o fato de possuir centro de reabilitação com fisioterapeuta e publicizar os programas de treinamentos, entre outros itens.

A partir dessa explanação sobre o projeto da equipe mantida pela ONG Viva Rio, é relevante afirmar que não creio ser possível abordar o caso do Pérolas Negras sem relacioná-lo com a chegada dos demais imigrantes haitianos ao país. Mesmo que em contextos diferentes, a busca por construir uma vida melhor para si e para os seus é o que move todos esses sujeitos. Como veremos na análise das matérias sobre a equipe, ser jogador de futebol é só mais uma das formas encontradas pelos haitianos para tentar fugir as adversidades enfrentadas na terra natal. É interessante constatar que, nas entrevistas feitas pelos pesquisadores que trabalham com o tema, o futebol brasileiro é uma das grandes referências que os habitantes do Haiti possuem sobre o Brasil. Pensando na carreira de jogador como outra profissão qualquer, poderíamos afirmar que a passagem desses jovens haitianos pelo Brasil serve para a qualificação dos seus currículos, uma forma de valorização dos seus capitais simbólicos. Afinal, ingressar no mercado de trabalho, tendo feito a parte final de sua formação em um dos grandes centros de produção de jogadores do mundo, é muito diferente do que tentar a profissionalização realizando todo o processo no Haiti, país sem nenhuma tradição no futebol. Mais do que garantir um

⁷² Disponível em: <http://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2017-11-26/apos-terremoto-no-haiti-refugiados-formam-time-de-futebol-e-superam-obstaculos.html>

contrato de trabalho com um clube brasileiro, a vinda para o Brasil serve para abrir as portas do mundo do futebol para esses jovens. Portanto, ao analisar o caso Pérolas Negras é preciso olhar a questão por meios de suas múltiplas dimensões para evitar o reducionismo ou a reprodução de estereótipos.

7. MOVIMENTO DE ANÁLISE DO *CORPUS*

Conforme mencionado no capítulo metodológico, foram escolhidas 12 matérias que tematizavam a participação do Pérolas Negras na Copa São Paulo. Para observar se existem diferenças nas abordagens – e, caso existam, quais – feitas por veículos que realizam uma cobertura do dia a dia dos assuntos ligados ao futebol (não necessariamente exclusiva) e os que trabalham com a temática por meio de uma temporalidade mais ampla, a seleção do material buscou contemplar tal pluralidade. O grupo que trabalha com a perspectiva menos factual foi subdividido ainda entre mídia hegemônica e os que vamos denominar aqui, simplesmente como uma maneira de diferenciação, de veículos da era da internet. O agrupamento do material foi feita de forma equânime, sendo que cada grupo acabou composto por quatro matérias. Passo então a explicitar mais detidamente o meu *corpus* de análise.

Grupo 1-Veículos que fazem uma cobertura diária dos temas ligados ao futebol:

A) *Haitianos “jogam a vida” na Copa SP por sonho de contrato no Brasil*, publicada no dia 2 de janeiro, de 2016, no site do jornal *Folha de São Paulo*, que se constitui no jornal digital com maior circulação no país⁷³. O texto de 4.423 caracteres é assinado pelos repórteres Luiz Cosenzo e Renan Marra, que, aparentemente, pelas 13 imagens da galeria de fotos que ilustra a matéria, estiveram presente na concentração da equipe em São Paulo antes da estreia no torneio. Fora as imagens, não se valeram de nenhum outro tipo de meio para enriquecer o material, como vídeos, áudios ou *hiperlinks*.

B) *Pérolas Negras viram atração internacional da 47 Copa São Paulo*, do jornal *O Estado de São Paulo*, disponibilizada no *Estadão.com* em 1 de janeiro. Publicado desde 1875, se constitui em um dos principais jornais brasileiros. O texto de 2.112 caracteres tem a assinatura da agência de notícias *Estadão Conteúdo* e é o único entre todos os analisados a não utilizar nenhum tipo de recurso fora o texto. Também não traz entrevistas.

C) *O Haiti na Javari: histórias de sonhos, esperança e amor ao futebol brasileiro*, feita pelos repórteres Pedro Venancio e Fernanco Vidotto para o *GloboEsporte.com*, site de esportes pertencente ao Grupo Globo e que congrega material de diversas produções esportivas da rede carioca. É o principal site de esportes do país. O texto conta com 5.519 caracteres e foi postado no dia 7 de janeiro, sendo atualizado no dia seguinte. Os

⁷³Disponível em: <http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>

jornalistas acompanharam a derrota do Pérolas Negras para o América-MG por 2 a 1, em jogo disputado no dia 6. Traz somente duas fotos, uma do *Estadão Conteúdo* e outra feita pelo repórter Pedro Venancio, além de um vídeo ambiental de 30 segundos.

D) *Com Beбето e Edinho, time do Haiti estreia na Copa SP antes de iniciar fase profissional no RJ*, do *ESPN.com.br*, pertencente à filial brasileira da emissora ligada ao Grupo Disney. A matéria é assinada por José Edgar de Matos e Rafael Valente, que, assim como no caso da *Folha de São Paulo*, também estiveram na concentração da equipe na capital paulista. Conta com 7.118 caracteres e três imagens feitas por Rafael Valente. Foi colocada na rede e atualizada no dia 2 de janeiro. Chamo a atenção para o fato de que nenhum material desse grupo recorreu ao uso de *hiperlinks* para ajudar a enriquecer e aprofundar aquilo que é oferecido ao leitor.

Grupo 2 - Veículos tradicionais que trabalham com o futebol dentro de uma temporalidade mais ampla

E) *Pérolas Negras: conheça os haitianos que jogaram a Copa SP*, do site *Exame.com*, tem Raphael Martins como autor e foi publicada em 8 de janeiro. A revista *Exame* é uma publicação que pertence à Editora Abril, sendo especializada em economia e negócios. O texto possui 3.362 caracteres e traz ainda 13 fotos fornecidas pela assessoria de imprensa da Viva Rio. Os *hiperlinks* oferecidos, que remetem a outras seções do site sobre temas como a Copa São Paulo, Haiti, Rio de Janeiro e ONU, não funcionam e dão erro.

F) *Pérolas Negras: haitianos de projeto social são atração internacional na Copa SP*, produzida pela *Empresa Brasil de Comunicação*, com assinatura de Gésio Passos e editada por Edgard Matsuki. A *EBC* é uma empresa pública federal fundada em 2007. O material disponibilizado em 30 de dezembro de 2017 e atualizado em 8 de janeiro de 2017 tem 5.105 caracteres e possui quatro imagens – três dos Pérolas Negras e do técnico, feitas pela assessoria de imprensa da Viva Rio – e uma quarta foto sem identificação de autoria em que aparecem as tropas do exército brasileiro no Haiti. Oferece ainda três audios, com cerca de um minuto e meio cada, com uma entrevista do técnico Rafael Novaes. Tem ainda um “Saiba mais”, com *links* para três outras matérias da própria *EBC*: *Haiti: à espera da reconstrução*; *Cinco anos depois*,

terremoto que devastou Haiti ainda deixa marcas pelo país; e Governo concede autorização de permanência a 43,8 mil imigrantes haitianos.

G) *Da tragédia à série C carioca: a saga brasileira de um time de futebol haitiano*, feita pela BBC Brasil, filial brasileira da tradicional emissora pública do Reino Unido. O material assinado por Renata Mendonça foi colocada na rede no dia 7 de janeiro e conta com 4.789 caracteres. Traz ainda cinco fotos feitas pela equipe da *BBC Brasil* durante a partida contra o América-MG e outras duas imagens de divulgação do Pérolas Negras.

H) *O Haiti é aqui na Mooca*, texto de Luiz Felipe Castro e postada no dia 6 de janeiro no site da revista *Veja*, publicação pertencente à Editora Abril e que se constitui na revista semanal com maior circulação no país⁷⁴. Além de um texto de 7.606 caracteres, oferece ainda uma galeria de fotos com 23 imagens produzidas pela fotógrafo Ricardo Matsukawa durante o jogo contra o América-MG. O único hiperlink leva a uma matéria específica contando o drama do jogador Fenelon Marckenson, que perdeu o pai pouco antes da competição.

GRUPO 3 - Veículos da era da internet que trabalham com o futebol dentro de uma temporalidade mais ampla:

I) *Sonhos, derrotas e vitórias: O que os jogadores haitianos do Pérolas Negras pensam sobre a vida*, do *HuffPost Brasil*, versão nacional do Huffington Post, publicação virtual presente em mais de dez países e vencedora do prêmio Pulitzer de jornalismo em 2012. O portal de notícias é fruto de uma parceria da matriz americana com a Editora Abril. A matéria de Rafael Nardini possui 7.975 caracteres, com postagem datada de 7 de janeiro. Traz o depoimento com foto de três atletas para a série Atletas Invisíveis, feita pelo perfil do Facebook SP Invisível, oferecendo ainda *hiperlinks* para o site da Viva Rio e para a página a página do SP Invisível na rede social mencionada.

J) Como o futebol do Haiti quer conquistar o Brasil, de autoria do jornalista inglês radicado no Brasil James Young para a Vice Brasil, pertencente ao grupo de mídia Vice, com atuação em mais de 25 países. A empresa se considera a maior companhia de mídia e produção de conteúdo para o público jovem do mundo. Destinada a um público entre 18 e 34 anos, a Vice Brasil distribui conteúdo de mídia em plataformas próprias e de

⁷⁴Disponível em: <http://www.aner.org.br/dados-de-mercado/circulacao>

terceiros (Snapchat, YouTube e Facebook). Tem como proposta oferecer entretenimento com foco em comportamento. Entre seus sócios internacionais aparece o Grupo Disney, enquanto a versão brasileira tem uma participação minoritária do Grupo Globo⁷⁵. O material tem 2.602 caracteres e foi traduzido para o português por Stephanie Fernandes e disponibilizado em 21 de janeiro. As quatro fotos utilizadas foram feitas pela assessoria do time haitiano. A produção do texto se deu depois do término da participação do Pérolas Negras.

L) *Pense no Haiti, torça pelo Haiti*, matéria realizada por Diana Dantas para a *Calle 2*, revista digital que, conforme sua apresentação, se propõe a ter um novo olhar sobre a América Latina. O material possui 9.336 caracteres e traz quatro imagens feitas pela assessoria de imprensa do time, tendo sido publicado no dia 19 de janeiro. A repórter esteve na sede do clube em Paty do Alferes (RJ).

M) *A Rua Javari abraçou o Haiti: Como a Copinha retratou a esperança dos imigrantes em SP*, de autoria de Leandro Stein para o *Trivela*, site especializado que busca discutir o futebol a partir de seus aspectos socioculturais. Para produzir o texto de 12.540 caracteres, colocado na rede no dia 8 de janeiro, o repórter acompanhou o confronto contra o São Caetano (SP). O material conta com cinco fotos, sendo três de autoria de Stein e outras duas da assessoria do time haitiano. Contém ainda um vídeo de 30 segundos com torcedores haitianos apoiando a equipe e nove *hiperlinks* que remetem para matéria de *O Globo* noticiando a concessão de vistos por parte do governo federal aos haitianos; reportagem da *TV Brasil* sobre a chegada de imigrantes haitianos a São Paulo; o site da Missão Paz, organização que atua no acolhimento a esses imigrantes; matéria da *Carta Capital* noticiando que seis imigrantes haitianos foram baleados em São Paulo; site *História do Mundo*, seção a respeito da independência do Haiti; matéria do *Estadão* relacionada a uma rede de coiotes que atua na fronteira com o Brasil; site da ONG *Voluntários em campo*; o perfil do Facebook de uma torcida do Juventus (SP); material do próprio *Trivela* sobre o “Jogo da Paz”; e perfil do Facebook do Pérolas Negras. Também oferece ao leitor *links* para outras seis matérias sobre a participação do Pérolas Negras na Copa São Paulo: “*Haiti tem a essência perdida pelo futebol*”, diz técnico, do site *Terra*; *O Haiti na Javari: histórias de sonhos, esperança e amor ao futebol brasileiro*, do *GloboEsporte.com*; *Da tragédia à série C carioca: a saga brasileira de um time de futebol haitiano*, da *BBC Brasil*; *Haitianos ‘jogam a vida’ na Copa SP por sonho de*

⁷⁵Disponível em: <http://www.valor.com.br/empresas/5013682/globosat-cria-joint-venture-com-vice-media-com-foco-na-geracao-y>

contrato no Brasil, da Folha de São Paulo; O Pérolas Negras e a aventura haitiana pela terra do cannoli, do ABCD Maior; e Depoimentos de vida dos jogadores do Pérolas Negras, do SP Invisível.

Após uma exploração inicial do *corpus*, elenquei os diversos aspectos abordados nos 12 textos selecionados, chegando a um número total de 24 pontos que foram posteriormente organizados em uma grade de entendimento (em anexo). Para facilitar a análise dos textos, eles ainda foram agrupados em seis eixos temáticos com questões afins da seguinte maneira:

- **Eixo temático 1: Pérolas Negras na Copa São Paulo**

- 1.1 Participação do time no torneio

- 1.2 Memória da Copa SP

- **Eixo Temático 2: Viva Rio e os Pérolas Negras**

- 2.1 História do projeto

- 2.2 Rotinas de treinos no Brasil e no Haiti

- 2.3 Futuro do projeto

- 2.4 História dos jogadores

- 2.5 Imagem do Haiti

- 2.6 Viva Rio no Haiti

- **Eixo temático 3: Profissionalização como forma de dar melhores condições de vida para a família**

- 3.1 Sonho com contrato profissional

- 3.2 Ajudar a família que ficou no Haiti

- **Eixo temático 4: O Haiti no imaginário brasileiro**

- 4.1 Pobreza e miséria

4.2 Terremoto

4.3 Situação atual do país

4.4 História do Haiti

- **Eixo temático 5: O Brasil no imaginário haitiano**

5.1 Minustah

5.2 Futebol brasileiro

5.3 Jogo da Paz

- **Eixo temático 6: Migração haitiana para o Brasil**

6.1 Contextualização dos fluxos migratórios

6.2 Rotas de migração

6.3 Haitianos no Brasil

6.4 Preconceito e xenofobia

6.5 Haitianos na torcida

6.6 Recepção da torcida brasileira

6.7 Relação migrantes comuns x migrantes do futebol

7.1 Análise do *corpus*

7.1.1 Eixo temático 1: Pérolas Negras na Copa São Paulo

A partir dessa breve reflexão sobre a maneira como percebo o jornalismo e a prática jornalística, passamos então ao processo de descrição analítica do *corpus* selecionado. Como não poderia ser diferente, mesmo que de maneiras distintas, todas as matérias observadas contemplam o primeiro eixo temático, referente à participação do Pérolas Negras na Copa São Paulo de Futebol Júnior 2016. Olhando pelo vies competitivo, os textos destacam questões ligadas à participação no torneio, como a tabela

de jogos do time haitiano, o sistema de disputa, trazem ainda descrições de momentos das partidas, os resultados obtidos e o desempenho apresentado pela equipe. Por se constituir na razão principal para a presença dos jovens haitianos no país, era esperado que os aspectos ligados à competição em si acabassem se sobressaindo em relação aos demais. No caso do *Estadão*, por exemplo, a opção foi por destacar apenas as informações referentes ao torneio. O único dado destoante é o que reforça a condição de vítimas da população do Haiti, ressaltando que “a média de idade do time do país mais pobre das Américas é de 18 anos” (PÉROLAS, 2016). A vitimização dos haitianos é algo recorrente no material pesquisado e será discutida mais detidamente no quinto eixo temático.

Ainda em relação ao o jornal paulista, ele se utiliza de algo recorrente no jornalismo quando busca contextualizar os acontecimentos no âmbito esportivo, que é o recursada memória. Ao invés de informações sobre os caribenhos, a escolha da publicação trazer um resgate histórico das equipes estrangeiras que já participaram do campeonato – o que também aparece no texto da EBC, como se vê a seguir:

A última vez que um time do exterior participou da Copinha foi em 2014, quando o time japonês do Kashiwa Reysol surpreendeu e avançou da primeira fase até parar na fase seguinte contra o Santos, que goleou os japoneses por 4 a 0. A ideia de internacionalização da disputa surgiu na década de 80. Os primeiros clubes convidados foram o Providencia, do México, em 1980, o Vélez Sarsfield, da Argentina, em 1981 e 1982, e o Bayer de Munique, da Alemanha, em 1985. No período entre 1993 e 1997 a Federação Paulista de Futebol (FPF) voltou a convidar times estrangeiros, como o Boca Juniors, da Argentina; o Peñarol, do Uruguai, o Cerro Porteño, do Paraguai; o Nagoya Grampus Eight e Yomiuri Verdy, ambos do Japão, bem como seleções sub-20 do Japão e da China. Mas a participação estrangeira, normalmente, era negativa, e deixou de ocorrer. Os estrangeiros só voltaram à Copinha em 2010, com o Al-Hilal, da Arábia Saudita. Em 2014, o Kashima Reysol, foi convidado para participar, inclusive, com uma cota de patrocínio. Na época, o time profissional japonês era dirigido pelo brasileiro Nelsinho Batista. O Reysol foi o primeiro time estrangeiro a romper o tabu de não morrer na primeira fase (PÉROLAS, 2016).

O caso do *Estadão* permite discutir algo muito marcante na imprensa esportiva, que é a superficialidade com que lida com questões não vinculadas ao jogo propriamente dito. Frequentemente esse segmento tem como característica olhar basicamente para o que acontece dentro das quatro linhas, trabalhando “exclusivamente em cima da instantaneidade dos fatos, ou seja, treinos, jogos, etc.” (BARBEIRO e RANGEL, 2015, p. 25). Isso nos remete ao paradigma da simplificação discutido por Mar de Fontcuberta (2006). Nesse mesmo sentido, Wilson Costa Bueno (2005) avalia que não existe espaço para matérias com mais profundidade, sendo que o jornalismo esportivo se orienta apenas

em função de treinos e jogos. Como busquei demonstrar ao longo dos quatro movimentos, o caso Pérolas Negras envolve atravessamentos de inúmeros interesses, sendo que não considerá-los dificulta a contextualização e a compreensão sobre o que acontece nesse universo. Bueno defende que a cobertura esportiva deveria olhar o futebol por meio de uma lente angular e não a partir de um zoom, pois na aproximação do foco acabamos por perder o “pano de fundo, essencial para o entendimento de como e porque os personagens do esporte assumem determinados comportamentos” (BUENO, 2005, p. 16).

O pesquisador também critica a questão da instantaneidade, que, na sua visão, acaba por restringir as possibilidades de atuação do jornalista, já que ele acaba se atendo somente a aspectos ligados às competições. Com isso, pontua, aspectos e temas fundamentais deixam de ser abordados e a cobertura acaba centrando-se em pautas pobres, fofocas e intrigas. O autor cita como exemplo o período de férias no calendário do futebol brasileiro, momento em que a imprensa, “que vive de cobrir jogos, perde o rumo e sai por aí inventando fatos, buscando ‘ganchos’ artificiais, ao invés de, inteligente e competentemente, pensar o esporte brasileiro, investigando suas raízes, sua estrutura” (2005, p. 21). O caso do Pérolas Negras surge justamente nesse período de entressafra no futebol brasileiro, e, por isso mesmo, poderia ter sido melhor trabalhado pelo *Estadão*. Em uma tirada típica do futebol, Bueno compara a atuação do jornalista esportivo nessa época com a de “um jogador malandro, destes já bem ‘rodados’, que quando a partida se torna mais difícil, ele simula contusão e se recolhe aos vestiários”. Lamenta não haver espaço para investigações mais aprofundadas, uma vez que, em função do calendário cheio, a imprensa esportiva acaba vivendo da cobertura e repercussão de jogos, treinos e entrevistas coletivas, o que acaba levando a não enxergar ou, ainda pior, simplesmente ignorar aquilo que foge a essa rotina. (2005, p. 21).

Neste mesmo sentido, Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel (2015) destacam que o jornalismo esportivo parece “condenar o torcedor a ser um homem a viver num presente perpétuo, como propôs Buda”, lembrando que o jornalismo jamais deve prescindir da “contextualização histórica”, pois é ela que ajuda a densificar a abordagem dos conteúdos levados ao ar. “A reportagem não é uma sucessão de datas, nomes e fatos. É muito mais, por isso é necessário uma abordagem através de uma reflexão sociológica e histórica” (BARBEIRO E RANGEL, 2015, pp. 125-26). Contudo, o que vemos no caso do jornal paulista é uma atuação “burocrática”, impotente frente às rotinas de produção. Os autores indicam ainda que, para dar conta da complexidade do mundo contemporâneo, o

profissional da imprensa esportiva deve procurar se manter sempre bem informado sobre as coisas do mundo, visto que as pautas de esporte não são construídas somente a partir do esporte, como podemos perceber no caso dos jovens haitianos.

Em relação ao impacto das rotinas de produção no trabalho de investigação e apuração do jornalista esportivo, Luciano Maluly (2005) chama a atenção para o fato de que em tal segmento da imprensa, diferentemente de outras áreas, a competição e os competidores têm data marcada e já são conhecidos previamente, facilitando um aprofundamento na abordagem dos acontecimentos a serem narrados. Por essa razão, “os dados são trabalhados com tempo, e cabe tanto ao pauteiro quanto ao repórter inserir informações adicionais, porque a cobertura não está diretamente ligada ao fato imediato, mas sim a um evento já pautado” (2005, p. 45). Em função das características do processo produtivo, o autor reforça ainda a importância de o profissional conhecer o assunto sobre o que está falando sob pena de cair na simplificação e na fragmentação. Conforme Maluly, “se um repórter não conhece nada sobre o assunto, o tempo para a coleta de informações e para a compreensão do fato tornam-se um empecilho à produção, porque há um espaço perdido pelo desconhecimento” (2005, p. 45). Com isso, a tendência é cair na simplificação, já que, em função da falta de familiaridade com o tema, o caminho natural é buscar aquele olhar que está cristalizado no senso comum. Portanto, é fundamental que o jornalista tenha consciência que para atingir o ideal de esclarecimento, produzir um conhecimento complexo que fuja da simplificação, é preciso assumir a condição de um eterno aprendiz e estar aberto para conhecer aquilo que lhe é estranho

7.1.2 Eixo Temático 2: Viva Rio e o Pérolas Negras

Ao lado dos aspectos ligados ao torneio propriamente dito, as informações relacionadas ao projeto e à Viva Rio foram as que mais se sobressaíram, aparecendo nos doze textos. Algo esperado, pois soaria estranho ao leitor falar sobre os Pérolas sem ao menos explicar no que consiste o projeto. A matéria do *Estadão*, porém, confunde o leitor ao afirmar que “a equipe amadora contou com o apoio da ONG Viva Rio para participar da competição”, demonstrando certa falta de compreensão sobre a iniciativa idealizada – e não apoiada – pela organização brasileira. O jornal paulista, de longe, foi o que menos explorou as potencialidades da pauta. Os demais textos buscam apresentar uma contextualização histórica do projeto. Alguns de forma mais sucinta, como é possível perceber nos trechos abaixo:

A Academia de Futebol Pérolas Negras, a sede do time em Porto Príncipe, é bancada pela Viva Rio, ONG que trabalha em parceria com a ONU no Haiti desde 2004 e que elegeu o esporte como forma de promover o desenvolvimento no país mais pobre da América Latina (CASTRO, 2016).

Se o motor do Pérolas Negras é haitiano, o combustível é brasileiro. A equipe é mantida desde 2011 pela organização social carioca Viva Rio, que investe anualmente US\$ 500 mil dólares no projeto, e tem como treinador o mineiro Rafael Novaes (MATOS e VALENTE, 2016).

Criado pela ONG Viva Rio, a academia do Pérolas Negras em Porto Príncipe garante, além dos treinamentos, também estudo e moradia para os seus atletas. O projeto começou a ser desenvolvido em 2008, mas só foi iniciado três anos depois, atrasado pelo terremoto de 2010. Hoje, atende 110 jovens de 12 a 20 anos. A Copa SP recebeu aqueles que vivem os seus últimos dias no projeto (STEIN, 2016).

A Academie de Football Perles Noires foi instituída em 2010 e hoje conta com quatro gramados e uma academia profissional. A proposta do lugar é oferecer um lugar para morar, treinar e estudar aos jovens jogadores talentosos das regiões mais pobres do Haiti. "Todos os garotos sonham serem jogadores de futebol, e o Perles Noires dá a eles a chance de se aproximar desse sonho", contou a VICE Sports o técnico brasileiro da equipe, Rafael Novaes (YOUNG, 2016).

Outros textos buscaram trazer uma descrição mais detalhada sobre a história dos Pérolas Negras relacionando-a com aspectos não esportivos.

O Pérolas Negras é resultado de duas ideias casadas. Percebemos que o futebol é uma linguagem campeã no Haiti. Todo mundo adora. E é muito bom para trabalhar com a juventude, porque as pessoas conhecem o esporte, participam e sabem as regras, não precisa explicar nada. Mas não havia um trabalho organizado por lá. A segunda ideia é investir no Haiti, apostar no país, em vez de ficar só pensando em caridade, ajuda humanitária. Juntamos as duas ideias, conseguimos o apoio financeiro do George Soros (investidor bilionário que tem uma fundação no Haiti) e começamos o projeto – explica o antropólogo Rubem César, diretor da Viva Rio, organização social que comanda o projeto. Idealizado em 2008, o projeto iniciou a construção do CT naquele ano, mas o terremoto de 2010 comprometeu as obras, e o local passou a ser utilizado apenas em julho de 2011. Hoje, cerca de 70 garotos entre 12 e 20 anos ficam alojados em tempo integral e voltam para suas casas nos fins de semana. “Quando um jogador vai para o Pérolas Negras, a família comemora. Pelo sonho de jogar futebol e por ser “um filho a menos” para ser sustentado” – conta o técnico Rafael Novaes (VENANCIO e VIDOTTO, 2016).

O time existe desde 2009, antes da chegada da ONG. Mas foi por meio dela que ganhou nova estrutura. Localizado na periferia de Porto Príncipe, o centro de treinamento foi erguido pela Viva Rio após o terremoto que devastou o país em 2010. Possui hospedagem para 96 pessoas, além de campos, vestiários, refeitório e piscina. No centro, também recebem aulas de línguas, história, entre outras disciplinas. "A fila da seleção [para o Pérolas] estava enorme quando me inscrevi. Eram mais de 2.000 pessoas de todo o Haiti para só 23 vagas", diz o preparador físico do time, Solon Jonathan, que inicialmente foi aprovado como jogador (CONSENZO e MARRA, 2016).

A equipe haitiana surgiu em 2011, como projeto social da ONG brasileira Viva Rio (realiza projetos sociais no Haiti há mais de uma década). A entidade construiu um centro de treinamento na cidade de Bon Repos, nos arredores da capital do país, Porto Príncipe. De acordo com o diretor-

executivo da Viva Rio, Rubem César Fernandes, o projeto busca dar uma oportunidade para os jovens haitianos progredirem com o futebol aliado a uma formação cidadã. O projeto tem a capacidade de atender até 110 meninos e meninas que vivem no centro de treinamento, onde estudam e desenvolvem seus talentos. Eles contam com a estrutura de quatro campos, piscina, academia, salas de aula e alojamento. Rubem César aponta que o projeto tem uma parceria da Federação Haitiana de Futebol, mas é financiado por vários doadores privados que acreditam na formação destes jovens. O técnico do time, Rafael Novaes, chegou ao Haiti em 2011 e, desde então, acompanha as atividades da academia. Ele explica que a academia surgiu a partir da deficiência de formação de atletas no país, mesmo que o futebol seja o esporte mais popular na região. “A academia veio para diminuir a distância entre o sonho e do poder. Antes os meninos queriam muito ser jogador, mas sem um trabalho de formação de atletas o sonho fica ainda mais distante”, avalia. “Novaes explica que como a maior parte da educação no Haiti é privada, os pais veem no projeto uma oportunidade de aliar o ensino com a prática do esporte, exemplo raro para a maior parte da população haitiana. “O processo seletivo geralmente tem 400, 500 pessoas que participam. Infelizmente, não podemos atender a todos e acabamos selecionando 4 ou 5”, afirma o técnico (PASSOS, 2016).

A manifestação do treinador brasileiro para a matéria da *EBC* evidencia que a concorrência por um espaço no mercado do futebol não é muito diferente entre os dois países. Assim como acontece na formação de jogadores brasileiros, as vagas nos centros de formação são extremamente disputadas. No caso haitiano, é preciso considerar que o Pérolas Negras se constitui em uma exceção em termos estruturais, oferecendo algo que o próprio governo local encontra dificuldades em ofertar: ensino gratuito e de qualidade. Nesse sentido, é interessante constatar as visões de certa forma antagônicas entre os jovens brasileiros e haitianos que sonham em ser profissionais da bola em relação à educação. Enquanto os brasileiros largam a escola para se dedicar exclusivamente aos treinos por não enxergarem o ensino público como um caminho viável de mudança, os haitianos procuram o projeto da Viva Rio justamente pela possibilidade de conciliar formação esportiva e educacional. Mesmo que muitas matérias tenham mencionado o tema da educação, nenhuma delas conseguiu perceber ou registrou essa diferença de percepções sobre a questão. Para o *Vice Brasil*, o diretor da Viva Rio Ruben Fernandes explica que a iniciativa procura “oferecer oportunidades para esses jovens e evitar o que chamamos no Brasil de nem, nem – jovens que nem estudam, nem trabalham” (YOUNG, 2016).

Tendo que conciliar estudos e treinamentos, a rotina diária do Pérolas Negras no Haiti é exaustiva. O cotidiano da preparação dos atletas foi abordado em três matérias. O *ESPN.com.br* brindica que os jovens haitianos trabalham na academia de segunda-feira a sábado. Se dedicam aos treinamentos pela parte da manhã e pela tarde, intercalando com o intervalo para os estudos, e fazem cinco refeições diárias. Conforme o diretor da Viva

Rio Ruben César explica no texto, “lá é trabalho, trabalho e trabalho. Eles acordam cedo, comem, treinam, estudam e depois dormem de novo” (MATOS e VALENTE, 2016), continua. A revista *Exame* destaca em sua matéria que “os jovens passam por dois treinos diários, das 6h às 10h30 e das 16h às 19h, em troca de estudo no meio tempo” (MARTINS, 2016). O *Calle 2*, por sua vez, visitou a sede brasileira do projeto em Paty do Alferes (RJ) para acompanhar as atividades do dia a dia. Como é possível perceber no trecho destacado abaixo, o cronograma de tarefas é extenso. Novamente traçando um paralelo com a discussão sobre os modelos de formação francês e brasileiro levantada por Arlei Damo (2007), podemos afirmar que o papel central que a educação tem no processo aproxima o Pérolas Negras do modelo francês. Como curiosidade, fica o fato do projeto ter sido idealizado por brasileiros e aplicado numa antiga colônia francesa.

No Haiti, o cotidiano na Academia era bem puxado. Todos dormem por volta de 20h30 e 21h e acordam entre 4h e 5h, por conta do calor muito forte durante o dia e da rede elétrica instável. Às 6h, o time já está treinando. De 8h30 às 13h, os meninos estudam e depois almoçam. O treinamento só recomeça às 17h. Em alguns dias, à noite, ainda fazem curso de línguas, como inglês, francês ou português. No Brasil, a rotina é um pouco diferente. Como não há tanta necessidade de manter esses horários, acordam um pouco mais tarde, às 8h. (DANTAS, 2016)

A matéria do *Calle 2* traz ainda uma entrevista com Iolanda Fortuna, 53 anos, cozinheira responsável por preparar a alimentação dos atletas, que revela algumas curiosidades sobre o convívio diário com os haitianos:

Mas o que chamou a atenção da cozinheira, Iolanda Fortuna, 53 anos e com 35 de experiência na área, é quantidade de fruta que comem. “Adoram.” O almoço também é bem caprichado. “Precisa ver, fazem um pratão”, conta. E, assim como ao clima, já estão se adaptando bem à culinária local. Sábado foi dia da tradicional feijoada. “Muito boa”, comenta Anel. Iolanda também, em poucas semanas de convívio, já vem criando laços com os meninos. “Já tenho um caderninho, em que anoto todas as palavras em ‘haitiano’ [sic] que me ensinam. E ensino português também. Brincam que sou a mãe branca deles”, assegura. Segundo a cozinheira, ela ainda ensina aos garotos a comer novos pratos. “Outro dia, fiz peixe frito, que nunca tinham comido. Um se arrisca e prova e fala para os outros se é bom.” (DANTAS, 2016)

O futuro do projeto depois da participação na Copa São Paulo foi abordado em oito matérias, em sua grande maioria destacando a abertura da filialdo Pérolas Negras no Rio de Janeiro e o desejo de disputar a Série C do Campeonato Carioca de 2017. Segundo a revista *Exame*, “a unidade no Haiti pretende agora garimpar os melhores talentos em escala nacional e mandá-los para ‘sucursal’ brasileira para disputar campeonatos já este ano” (MARTINS, 2016), enquanto a *EBC* comenta que “proposta é ser uma ponte entre Haiti e o Brasil, dando possibilidade para os jovens de 18 e 19 anos que não tem

“muitas perspectivas de profissionalização em seu país” (PASSOS, 2016). Para o ESPN.com.br, Ruben César afirma que a intenção é “formar jogadores de até 17 anos no Haiti e de 18 anos para frente eles terão sequência no Brasil. A ideia é fazer uma ponte permanente entre Haiti e Brasil. É a diplomacia do futebol” (MATOS E VALENTE, 2016). Como é possível perceber nos diversos trechos selecionados, não existe nenhuma reflexão – seja por parte dos jornalistas ou dos próprios envolvidos no projeto – sobre as possibilidades de inclusão desses jovens no mercado de trabalho do futebol, parecendo que a simples vinda para o Brasil já é uma garantia de se tornar atleta profissional. Tampouco há referências ao salário médio recebido pelos profissionais da bola.

Agora, a Academie de Football Perles Noires planeja trazer mais jogadores de futebol para o Brasil. "O próximo passo é abrir um time no Brasil, onde os jogadores possam atuar depois de se formar na Academia", explicou Rubem Cesar Fernandes. Isso lhes dará acesso ao esporte profissional e dará continuidade ao projeto (YOUNG, 2016).

No Brasil, o objetivo é ampliar cada vez mais o intercâmbio de jogadores haitianos. O clube assinou nesta terça-feira um contrato para construção de um CT em um terreno em Paty do Alferes, município do Rio de Janeiro, para abrigar os haitianos que vierem para o Brasil. E almeja se filiar à Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro (Ferj) para disputar campeonatos com cinco haitianos, número limite de estrangeiros por equipe permitido no Brasil. A ideia é jogar também o campeonato sub-20 com mais cinco haitianos, além de estreitar relações com os clubes brasileiros (CONSENZO e MARRA, 2016).

Como a equipe haitiana é apenas amadora, isto é, conta apenas com as categorias sub-12, sub-15, sub-17 e sub-20, a expectativa é que os jogadores consigam atrair a atenção dos clubes brasileiros e recebam convites para ficar no país. A preocupação recai especialmente sobre os atletas próximos da idade limite. São nove dos 23 que tem 19 anos. Mas, ainda que não apareça uma oportunidade após a Copa São Paulo, a trajetória deles no Pérolas Negras não será encerrada. O clube conseguiu montar uma filial no Rio de Janeiro e inscreveu-se para jogar a terceira e última divisão do Estado. Após o fim do torneio paulista, a delegação viajará para a cidade de Paty do Alferes, a pouco mais de 100 km do Rio, onde poderá treinar para o campeonato Estadual (MATOS E VALENTE, 2016).

Fazer bonito em campo era parte fundamental do plano do Viva Rio para os Pérolas Negras. A ideia era aproveitar a vitrine do campeonato para chamar a atenção dos clubes; negociar jogadores; atrair investidores para a manutenção do centro de treinamento em Paty do Alferes; e ainda formar um time misto, de haitianos e brasileiros, para participar da terceira divisão do campeonato carioca. “Queremos deixar todos os meninos encaminhados”, explica o técnico, que aguarda o fruto das negociações (DANTAS, 2016).

Mesmo que sejam os grandes protagonistas dessa história, as experiências de vida dos jogadores do Pérolas Negras aparecem pouco nas matérias analisadas, e, quando aparecem, é para contar alguma passagem trágica de suas vidas. Parece que suas histórias só aparecem para reforçar o contexto dramático que está sendo construído nos textos.

Os casos do *Globo Esporte.com* e da *BBC Brasil* são bem evidentes nesse sentido e já aparecem na abertura das matérias:

Fim do primeiro tempo de Pérolas Negras x América no estádio Conde Rodolfo Crespi, na Rua Javari, pela segunda rodada do Grupo 28 da Copa SP de Futebol Júnior. Prestes a cobrar um pênalti, Marckenson Fenelon olha fixamente para a bola. O camisa 10 da equipe haitiana, convidada para disputar a competição, tem a chance de empatar a partida. Da arquibancada, ouve-se o grito. “É pelo seu pai, Fenelon!” Ele desperdiça a cobrança, mas no rebote o camisa 7 Dany Camille cabeceia para a rede. Festa total da comissão técnica e dos jogadores. E também dos torcedores do Juventus que assistiram ao primeiro jogo do dia, contra o São Caetano, e ficaram para incentivar os haitianos, pressionando o árbitro e gritando a cada bela jogada. A Rua Javari, por mais um dia, foi um pedaço do Haiti no Brasil. No fim, o Pérolas Negras acabou eliminado com a derrota por 2 a 1, mas o resultado era o que menos importava. Fenelon, que chegou a passar por Cruzeiro e Botafogo e deve jogar o Campeonato Carioca Sub-20 pelo Boavista, foi o jogador mais festejado após o gol, mesmo sem ter convertido o pênalti, jogando para escanteio um abatimento não apenas pelo lance. Ele perdeu o pai durante a Copinha, mas mesmo assim seguiu em frente. “Ele foi e é tudo na minha carreira, me incentivou a vir ao Brasil, a jogar futebol. E sei que está em um lugar bom, me apoiando” – diz (CONSENZO e MARRA, 2016).

Em 2010, um terremoto devastou o Haiti, matando pelo menos 316mil pessoas. Entre as vítimas, estavam o pai e a mãe de Frantzi Pyerre, um garoto de 12 anos à época, que, como outros milhares no país, viu sua vida mudar completamente após a tragédia. Quatro anos depois, o menino decidiu tentar a sorte em Porto Príncipe para perseguir um sonho antigo. De Cabo Haitiano até a capital, ele viajou cerca de cinco horas pegando caronas para chegar à Academia de Futebol Pérolas Negras (Perles Noires em creole). O centro de futebol, montado pela ONG Viva Rio, oferece treinos, estudo e moradia para até 110 jovens de 12 a 20 anos no Haiti. Os portões estavam fechados – era período de férias na academia – mas, por coincidência, o fisioterapeuta do time estava saindo dali e, após ouvir a história do garoto, deixou ele ficar. Mais dois anos se passaram até que Frantzi tivesse a chance de viajar ao Brasil para disputar a Copa São Paulo de Futebol Júnior – torneio sub-20 que reúne 112 equipes – com o time haitiano. Foram três jogos, duas derrotas –em jogos bem disputados – e a eliminação logo na primeira fase. Ainda assim, ele descreve a experiência como “inesquecível”. “O Haiti tem muitos problemas, mas provamos que, no futebol, brasileiros ou haitianos não têm diferença”, disse à BBC Brasil. “O futebol hoje é a minha vida. Eu perdi minha mãe, meu pai, tenho só uma prima que me ajuda. Ela pode me deixar um dia, mas o futebol nunca vai me deixar. Vai ficar comigo para sempre, para toda hora, todo dia, toda a vida”, completou o lateral direito. (MENDONÇA, 2016)

Aproveitando a série *Atletas Invisíveis* produzida pelo perfil do Facebook *SP Invisível*, o HuffPost Brasil optou por outra abordagem, fazendo apenas um texto de abertura e colando os depoimentos que estavam circulando pela rede social. Penso que a escolha de visibilizar as vozes desses sujeitos é importante pois abre espaço para a subjetividade envolvida nesses projetos migratórios. Por outro lado, ao fazer apenas uma colagem das falas dos jogadores, o leitor fica um pouco perdido em relação ao o que é o projeto exatamente a ao que ele se propõe.

Solon Jonathan: Antes eu era jogador, mas agora sou treinador dos meninos junto com o Rafael. Aos 18 anos, ele me deu uma chance de trabalhar no time. Eu não tinha dinheiro, trabalho, nem oportunidade, então agarrei essa. Meu nome é Solon Jonathan. Desde pequenininho eu aprendi a jogar bola, com 10 anos entrei no meu primeiro time, o Champion de Porto Príncipe, tenho uma camiseta deles aqui no meu quarto guardada. Depois eu fui pro Pérolas Negras e to até agora. Antes, meu sonho era ser um grande jogador, mas agora quero ser um grande técnico, esse é meu lugar no futebol. O futebol é minha vida e me dá muitas coisas. Foi o futebol que me deu educação, amigos, oportunidades e agora dinheiro pra poder cuidar do meu filhinho que nasceu. Eu quero tentar ser técnico aqui pra trazer minha esposa e meu filho pro Brasil, meu futuro tá aqui. No Haiti tem oportunidades, mas tem muito problema e lá o potencial desses meninos não é tão valorizado. Aqui sim, aqui eles tem uma chance maior de realizar o sonho deles de ser jogador de futebol. #SPInvisível #SP(NARDINI, 2016).

Saint Schwetzek: Aprendi a jogar futebol numa escolinha dentro de um clube no Haiti mesmo. O primeiro time que eu joguei foi com 15 anos e hoje jogo no Pérolas Negras. Eu quero ser jogador profissional, meu sonho sempre foi jogar bola. Meu nome é Saint Schwetzek e tenho 18 anos. Tenho um irmão gêmeo também quer ser jogador de futebol, ele não veio porque tá machucado. Eu jogo no meio-campo, gosto muito do Neymar, do Robinho e do Lucas Lima. Meu time preferido aqui é o Santos. Pra Copinha, a gente veio bem focado, eu quero ser campeão. No ano passado os meninos foram vice-campeões lá na Noruega. Eu não fui, mas esse ano quero muito ajudar o time. Eu to com muitas saudades do meu pai, da minha mãe e do meu irmão, mas eu não penso em voltar pro Haiti, quero ficar pra fazer um teste em algum clube daqui do Brasil. Lá não tem muito lugar pra gente treinar, tem muito campo, mas poucos times." #SPInvisível #SP #UnidosPorUmSonho (NARDINI, 2016).

Paradoxalmente, mesmo que as narrativas analisadas tendam a reforçar a estigmatização em relação aos haitianos como vítimas da pobreza (como veremos mais detidamente no quinto eixo temático), em diversos momentos os envolvidos no projeto aparecem nelas destacando que um dos grandes objetivos do Pérolas Negras é justamente mostrar que no Haiti existe algo mais do que somente as tragédias normalmente vinculadas ao país.

Acho que essa imagem negativa do haitiano como povo triste, miserável, de uma terra cheia de desastre, é muito ruim. Aí quando vem os haitianos jovens, fortes, querendo mostrar seu valor, isso cria uma surpresa, algo que provoca uma simpatia. A gente não esperava que tivesse essa dimensão. Parece até que foi o Barcelona que esteve jogando aqui (MENDONÇA, 2016).

Haiti jogou somente uma Copa do Mundo e foi em 1974. Eles querem voltar ao Mundial, mas é muito difícil. Vimos aprender um pouco mais, mas também queremos deixar uma mensagem. A gente fica chateado quando as pessoas mostram apenas as dificuldades do Haiti. As pessoas só lembram do terremoto, mas no futebol podemos mostrar que lá também tem trabalho, tem meninos com sonhos", completou o treinador (MATOS e VALENTE, 2016).

(Ruben César) "Quando se pensa no Haiti se pensa somente na tragédia que foi o terremoto. Mas a gente vê valor no Haiti. E onde achamos isso? No futebol. Se eles têm tanta paixão pelo futebol é possível que tenham talento

também. E estamos dando oportunidades para eles”, finaliza (MATOS e VALENTE, 2016).

Graças ao Pérolas Negras, jovens como Felon Marckenson e Anel Jean Louis têm chances de realizar seus sonhos e oferecer ao mundo uma visão diferente de seu país. "A ideia por trás da Academie é mostrar que o Haiti é capaz de mostrar excelência", disse Rubem Cesar Fernandes. "Não é apenas um lugar de pobreza e tragédia, mas sim de espírito aguerrido e habilidade" (YOUNG, 2016).

Por fim, em relação a esse segundo eixo temático que analisa a maneira como as diversas matérias apresentaram o projeto, também aparecem menções sobre atuação da Viva Rio em território haitiano.

Rubem César Fernandes, o diretor-executivo da Viva Rio, conta que as boas perspectivas no Haiti ruíram junto com as casas há seis anos. “De 2004 a 2009 houve um progresso impressionante, bonito de se ver. Era consenso inclusive na ONU que o Haiti estava no caminho certo. Tanto que o Bill Clinton foi indicado a ser o representante da ONU no Haiti e fez uma reunião com 600 empresários para discutir como investir no país. Essa era a perspectiva até que veio o terremoto e jogou tudo para o alto”, contou o antropólogo, que desde 2006 passa dez dias por mês em Porto Príncipe. “A coisa foi muito impressionante porque trouxe o que há de pior e melhor no ser humano. Dizimou o país, inclusive gente da ONU e do exército brasileiro. O bairro em que estávamos foi 90% destruído, muitos amigos queridos morreram. Mas tenho muitas histórias alegres também. Às vezes o humor deles é bem parecido com o nosso. Malandragem também existe lá, é chamada de *marronage*, mas é um pouco diferente, tem a ver com o histórico de escravidão no país.” (CASTRO, 2016)

“A Academia de Futebol Pérolas Negras, apesar de ficar na capital haitiana, Porto Príncipe, é mantida pela organização social brasileira Viva Rio. A entidade está presente no Haiti desde 2004, depois de convite da ONU para ações de integração social da juventude no país — uma delas, o incentivo ao esporte. O projeto foi criado em 2008, mas inaugurado apenas em julho de 2011, por conta dos efeitos do terremoto que atingiu o país em 2010. Alguns dos jovens atletas, inclusive, perderam parentes no desastre” (MARTINS, 2016).

O envolvimento da Viva Rio com o Haiti começou em 2004, quando a organização foi convidada para participar da "missão de estabilização" das Nações Unidas, liderada por tropas brasileiras. A escolha do grupo aconteceu devido às duas décadas de experiência em driblar a violência urbana em algumas das regiões mais complicadas do Rio de Janeiro, "As Nações Unidas decidiram que a situação do Haiti era bem diferente do que já havia sido enfrentado na África, no Oriente Médio ou em outras partes do mundo, e tinha mais em comum com a situação do Brasil, do Rio de Janeiro em particular, por causa do nível de violência armada localizada", explicou Fernandes. "Era uma situação sem guerra, mas também sem paz, com gangues dominando comunidades pobres e vulneráveis." Quando a Viva Rio começou a pensar em maneiras de criar um legado permanente para o Haiti, o futebol emergiu como a solução mais óbvia. "Eu queria aproveitar a paixão haitiana por futebol. O futebol de rua é uma febre lá. Nos fins de semana, as ruas dos bairros pobres são bloqueadas para as partidas. E você não precisa se esforçar muito para convencer um jovem a jogar futebol", disse Fernandes (YOUNG, 2016).

7.1.3 Eixo Temático 3: Profissionalização como forma de dar melhores condições de vida para a família

Como procurei evidenciar ao longo dos quatro movimentos de aproximação, existe uma percepção cristalizada em relação ao futebol como um caminho viável para que os jovens de origem pobre possam buscar melhores condições de vida para suas famílias. Esse olhar naturalizado em relação a tal prática esportiva transparece nas matérias, conforme passaremos a analisar agora no terceiro eixo temático, por meio de dois aspectos – o sonho de assinar um contrato profissional e o desejo de ajudar a família – que em muitas oportunidades aparecem misturados. A busca pela profissionalização é mencionada em onze dos dozes textos analisados – não sendo citada somente na matéria do *Vice Brasil* –, como no caso da revista *Exame*, que salienta: “é justamente este o objetivo do Pérolas Negras no Brasil: destacar talentos entre os 23 integrantes do elenco para tentar uma carreira como profissional” (MARTINS, 2016); da *EBC*: “a Academia de Futebol Pérolas Negras, ou *Perles Noires* (em francês), trará ao Brasil 23 jogadores haitianos em busca de uma oportunidade no futebol” (PASSOS, 2016); ou, ainda, da *BBC Brasil*: “Para Frantzi e outros 22 jogadores do Pérolas Negras que vieram ao Brasil disputar a Copinha, o torneio trazia também uma chance de conseguir um contrato com algum clube brasileiro para poderem ficar no país” (MENDONÇA, 2016). Nesse último caso, aliado ao aspecto esportivo aparece outro elemento: a vontade de permanecer no Brasil. O trecho abaixo da matéria da *ESPN.com.br* ilustra a forma como o futebol é visto como possibilidade real de transformação em sociedades onde a pobreza e a desigualdade social são características marcantes. É interessante perceber que tanto o repórter na sua narrativa quanto os jogadores nas suas falas reforçam tal percepção.

A alegria é vista em campo. Com brincadeiras e tentativas de reproduzir dribles de craques como Messi, Cristiano Ronaldo e Neymar, o sonho de todos recai apenas em um ato: alcançar o sucesso. "O futebol representa para mim a chance de melhorar a minha vida e a vida da minha família", disse o zagueiro Wilmond Oracius, 18, um dos poucos que fala português. Assim como ele, os demais jogadores vivem a expectativa de transformar o futuro por meio da Copa São Paulo de futebol júnior. Querem ganhar dinheiro para receber os familiares no Brasil. A maioria tem muitos irmãos e os pais desempregados. "A Copinha pode mudar tudo para mim. Se eu for um jogador profissional, posso trazer minha família para cá. Ajudar os meus pais e meus amigos. Eu fico muito triste quando lembro do terremoto que atingiu meu país. Tinha 12 anos. Vi muita gente morta. Só de lembrar eu me entristeço. Tenho alegria com o futebol", lembrou o meia-atacante Fenelon Marckenson, 17. (MATOS e VALENTE, 2016)

Na perspectiva trazida pela *Folha de São Paulo*, transparece uma diferenciação

entre a situação dos jovens haitianos com os demais jogadores que disputam a Copa SP no que diz respeito à aposta no futuro. De acordo com o jornal paulista, o torneio é tido “pelos 2.700 jogadores inscritos como grande oportunidade de chegar ao time principal ou, ao menos, de melhorar as condições de seu contrato com o clube”(CONSENZO e MARRA, 2016). No que diz respeito ao Pérolas Negras, porém, os repórteres Luiz Cosenzo e Renan Marra acreditam que “a competição significa muito mais”, impressão que acaba sendo reforçada pela manifestação do jogador Fenelon Marckenson afirmando que “essa competição pode mudar tudo, minha vida e a dos meus companheiros” (CONSENZO e MARRA, 2016).

Acredito que ao longo dos quatro movimentos dessa pesquisa ficou evidente que a esperança nutrida em relação ao futebol como oportunidade para mudar de vida é comum a boa parte dos que buscam o seu espaço no mercado da bola. A matéria da *ESPN.com*, por exemplo, não faz tal distinção e aponta que “seduzir uma grande equipe e assinar um contrato profissional é o sonho da maioria dos garotos que disputam a Copa São Paulo (...) O sonho não é diferente para os 23 jovens haitianos que defendem a Academia Pérolas Negras” (MATOS e VALENTE, 2016). Nesse sentido, penso que se os repórteres do jornal paulista tivessem entrevistado algum jogador pertencente a equipes de menor expressão que participam do torneio, a resposta recebida não seria muito diferente daquela dada por Fenelon. Certamente existem inúmeras diferenças socioculturais entre o contexto brasileiro e o haitiano, porém, a aposta no futebol como forma de mudar de vida é o que move todos esses jovens.

Conforme citado anteriormente, relacionado à profissionalização geralmente aparece o desejo de possibilitar melhores condições de vida para o círculo familiar. Na matéria da *BBC Brasil*, por exemplo, o atleta Anel Jean Louis afirma achar “que, no Brasil, tem muitas oportunidades para jogar e para conseguir dinheiro para ajudar minha família” (MENDONÇA, 2016). A aposta no futebol como projeto de vida também é destacada pelo técnico Rafael Novaes no texto da *EBC*, quando ele comenta que a vinda para o país “É a última etapa para eles tentar o sonho e a oportunidade de se transformarem em jogadores e ajudarem suas famílias” (PASSOS, 2016). Em entrevista ao jornal *Folha de São Paulo*, o treinador brasileiro destaca que “os jovens vão ‘jogar a vida’ em cada partida” (CONSENZO e MARRA, 2016). Conforme a matéria do jornal paulista, assinar contrato com um clube brasileiro representa, “mais do que prestígio, um acerto desse tipo garantiria ajuda às suas famílias” (CONSENZO e

MARRA, 2016). Nesse sentido, creio que o fragmento abaixo da matéria do *GloboEsporte.com* é um bom exemplo das idealizações em torno da carreira de jogador. Como é possível constatar, os autores, além de reforçarem a estigmatização em relação aos haitianos, revelam ainda um olhar distorcido em torno da profissão.

Sempre associado à pobreza extrema no noticiário internacional, o Haiti adotou o futebol como principal esporte. É o que mexe com os sonhos de garotos que normalmente são membros de famílias numerosas, com quatro, cinco irmãos. A bola representa a perspectiva de mobilidade social, de proporcionar uma vida melhor à família, mas as condições do trabalho de formação de atletas no país eram um impeditivo para esse sonho. Faltava um "empurrãozinho" (VENANCIO e VIDOTTO, 2016).

Ainda em relação ao tema, é interessante destacar a matéria produzida pela revista *Veja*. A publicação foi uma das poucas a relacionar, mesmo que de forma superficial, os anseios dos jogadores do Pérolas Negras com as aspirações dos demais migrantes haitianos que escolheram o Brasil para emprender seus projetos migratórios. Nesse sentido, o repórter Luiz Felipe Castro ressalta a presença de um grupo de torcedores haitianos apoiando o time nas arquibancadas e lembra que, assim como seus conterrâneos jogadores, eles também buscam “construir uma carreira em solo brasileiro para ajudar suas famílias que sofrem na América Central” (CASTRO, 2016). Mesmo que caia na vitimização ao comentar sobre o “sofrimento” da população do Haiti, o autor ao menos consegue perceber, mesmo que de forma tímida, uma relação entre o Pérolas Negras e a diáspora haitiana para o território brasileiro.

A partir dos elementos trazidos acima, fica claro que a percepção do futebol como forma de ascender socialmente é recorrente no material analisado. Como procurei demonstrar no decorrer na discussão teórica, quando se observa a questão em perspectiva é possível perceber que, historicamente, o futebol foi visto dentro da sociedade brasileira como uma via de ascensão social para os pobres – principalmente para os negros pobres. Essa situação não é diferente de outros países com grande disparidade social. Por isso, não causa estranheza que tanto o técnico quanto os jogadores e os repórteres discorram tão naturalmente sobre a questão, sem ao menos ponderar acerca das dificuldades de se tornar um jogador profissional e, em caso de êxito, de conseguir um espaço nesse mercado profissional que realmente possibilite a concretização de seus sonhos.

Como indica Vera Regina Toledo Camargo (2005), a imprensa tem grande parcela de culpa nessa questão, pois reforça tal impressão quando exhibe inúmeras reportagens

sobre a vida luxuosa dos astros do esporte, destacando as mudanças nas vidas desses jovens. Trazem geralmente a história de jogadores criados em situações de pobreza e que conseguiram conquistar posições de destaque, riqueza e prestígio na sociedade brasileira. Atletas surgem na imprensa com seus carros importados e grandes casas, são requisitados pelo mercado publicitário, estampam as capas dos principais jornais e revistas do país, participam de programas de televisão voltados ao entretenimento. Tal tipo de abordagem ajuda a criar uma visão distorcida da carreira de jogador de futebol, como já discutimos anteriormente. Nesse sentido, a forma como a profissão aparece idealizada nas matérias sobre a participação do Pérolas Negras na Copa São Paulo evidencia essa visão naturalizada no contexto social em relação a esse universo profissional.

Portanto, acredito que é necessário ao jornalista que trabalha com o futebol um exercício constante de reflexão para evitar a reprodução de uma versão distorcida da realidade, fugindo das naturalizações e do lugar comum – algo que pode ser aplicado não só ao futebol, mas à imagem que temos do Haiti. Nesse sentido, parece-me instigante a proposta de Sylvia Moretzsohn (2007) de “pensar contra os fatos” para não incorrer em visões naturalizadas dos acontecimentos sociais. A pesquisadora explica que tal ideia surge do desejo de pensar com mais profundidade sobre um aspecto que considera crucial no jornalismo: tendo como ponto de partida o ideal iluminista do esclarecimento que está na origem dessa profissão, em articulação com suas relações com o universo social, ela acredita ser possível para o jornalista, mesmo dentro de suas rotinas profissionais, ir além do imediatismo dos fatos e propiciar a seu público elementos para reflexão sobre o assunto que está sendo trabalhado. Na perspectiva de Moretzsohn, é preciso compreender os fatos em toda a sua complexidade, buscando romper com as naturalizações que acabam nos levando a aceitar e reproduzir as visões hegemônicas em determinado contexto social. Para tanto, a autora considera fundamental enfrentar a máxima popular que afirma que “contra fatos não há argumentos”. Segundo ela, isso é crucial se desejamos “valorizar os argumentos que investem contra a naturalização dos fatos” (2007, p. 25). Ao considerar a construção das narrativas sobre o Pérolas Negras, o que se encontra é justamente essa naturalização que simplifica e ignora a complexidade dos fatos e a heterogeneidade das histórias dos jovens migrantes.

A autora ressalta que sua proposta não tem nada de novo, pois esse ideal de esclarecimento impõe implicitamente como imprescindível um recuo para reflexão. Surge, então, um problema cuja solução não é fácil: “lidar com a imediaticidade dos fatos

com um distanciamento capaz de conferir-lhes sentido e lidar com a vida cotidiana com a perspectiva de fornecer-lhe elementos de crítica” (2007, pp. 29-30). Tal situação gera uma contradição entre a necessidade de um olhar desnaturalizado dos fatos e a propensão a visões naturalizadas que as rotinas de produção impõem ao profissional, gerando uma percepção do mundo completamente desconectada da complexidade da vida social. Um ponto que necessariamente precisa ser considerado quando discutimos essa tendência à naturalização dos fatos sociais pelo jornalismo está relacionado às rotinas de produção dos veículos, típicas do processo industrial, caracterizando o que a autora define como uma linha de montagem simbólica na qual ele funciona. Com isso, no lugar de esclarecer, o caminho geralmente escolhido é o de se valer do olhar socialmente hegemônico, acabando por fortalecer as expectativas do senso comum.

Nesse sentido, tal tendência à naturalização também ocorre em relação às rotinas de produção, o que ajuda a dar forma a uma “determinada maneira de se fazer jornalismo que aparece como evidente e, mais do que isso, como a única possível” (MORETZSOHN, 2007, p. 238). Em função disso, são estabelecidos procedimentos na rotina de trabalho para garantir que o produto seja entregue dentro dos prazos determinados. A autora lembra que os próprios profissionais da área costumam brincar que jornalista não possui tempo para reflexão, pois está sempre ocupado em fazer. Para ela, tal ironia valoriza a ação ao invés da reflexão, e ilustra uma maneira de ver o mundo “automatizada, por estereótipos, perfeitamente adequado às rotinas, que por sua vez funcionam para alimentar o sistema” (2007, p. 241). Este sistema de produção, como indica a autora, impõe, ou ao menos contribui consideravelmente, para a simplificação dos procedimentos para a apuração e para a uma previsibilidade das notícias decorrente da naturalização dos fatos. Com isso, no lugar de se considerar que os os problemas sociais são decorrentes das contradições dentro da própria sociedade, o caminho mais fácil, tomado pelo jornalismo, é o de defender “que os problemas derivam de si mesmos, de modo que basta livrar-se deles que a sociedade está saneada” (2007, p. 244).

Acredito que essa breve reflexão sobre a necessidade do profissional do jornalismo estar atento para não cair na reprodução de percepções naturalizadas dos acontecimentos do cotidiano é de fundamental importância na discussão aqui proposta, pois fica evidente a forma idealizada como a carreira de jogador profissional é retratada nas matérias analisadas, como já destacado. Ela permite ainda levar adiante a discussão, possibilitando entrar em outro aspecto bastante propício ao lugar comum e às

estereotipizações: a forma como Haiti e os haitianos são representados nas matérias, foco do próximo eixo temático.

7.1.4 Eixo Temático 4: O Haiti no imaginário brasileiro

No *Guia das Migrações Transnacionais e Diversidade Cultural para Comunicadores – Migrantes no Brasil*, Denise Cogo e Maria Badet (2013) destacam uma série de elementos que buscam auxiliar o trabalho dos profissionais da comunicação na hora de trabalhar pautas relacionadas aos fluxos migratórios para o Brasil. Entre as advertências, aparecem a necessidade de atenção para evitar o uso de termos estigmatizantes, o risco das generalizações em relação a esses sujeitos e grupos, o cuidado no uso de dados e estatísticas sem as devidas contextualizações, a necessidade de evitar alarmismos em relação à chegada de determinados fluxos com o uso expressões relacionadas à ideia de invasão, bem como “não associar imigração unicamente à pobreza ou a fatores econômicos, embora eles sejam um motivo para alguns dos fluxos migratórios” (COGO, BADET, 2013, tabela G3). As pesquisadoras alertam ainda para a não vinculação de grupos migrantes de forma generalizada com situações de criminalidade, para que se evite o foco somente em aspectos folclóricos e para que se tenha muita atenção com a utilização de termos pejorativos. Por fim, recomendam que, mesmo quando as motivações são econômicas, as coberturas devem evitar focar somente nas questões ligadas à miséria para não contribuir ainda mais para a exclusão desses sujeitos. As recomendações feitas pelas autoras caberiam aos veículos cujos textos são aqui analisados.

Após a leitura das matérias, acredito que, ao abordar o Haiti, é quase impossível fugir da associação da nação caribenha à extrema pobreza. Como mencionado na análise do primeiro eixo temático, a única menção na matéria do *Estadão* sobre o Pérolas Negras que não dizia respeito ao torneio propriamente dito destacava a condição do Haiti como nação mais pobre do continente americano. A revista *Exame* também salientou que o país “marca o pior índice de desenvolvimento humano das Américas (IDH de 0,483 para 2014, segundo a ONU) (MARTINS, 2016), assim como o texto do *ESPN.com.br*, que aponta o Haiti como “a nação mais pobre de toda a América Latina – com IDH calculado pela ONU em 0,483 –, a população vive em condição de miséria e quase não há oportunidades de emprego e estudo para a população” (MATOS e VALENTE, 2016).

Tal quadro é atribuído nos textos ao terremoto que atingiu o país em 2010. A revista *Veja*, por exemplo, comenta que o Pérolas Negras “foi fundado meses depois do terremoto que tirou a vida de cerca de 100.000 pessoas em janeiro de 2010. Todos os atletas da equipe estavam no país no dia do abalo sísmico e vários deles perderam parentes na tragédia” (CASTRO, 2016). No caso da matéria da *BBC Brasil*, o desastre natural é utilizado para dar um grau ainda maior de dramaticidade à história do jovem Frantzi Pyerre, conforme trecho abaixo.

Em 2010, um terremoto devastou o Haiti, matando pelo menos 316 mil pessoas. Entre as vítimas, estavam o pai e a mãe de Frantzi Pyerre, um garoto de 12 anos à época, que, como outros milhares no país, viu sua vida mudar completamente após a tragédia. Quatro anos depois, o menino decidiu tentar a sorte em Porto Príncipe para perseguir um sonho antigo. De Cabo Haitiano até a capital, ele viajou cerca de cinco horas pegando caronas para chegar à Academia de Futebol Pérolas Negras (Perles Noires em creole). (MENDONÇA, 2016)

O mesmo enfoque dramático se repete no texto do *GloboEsporte.com*, que aborda a história de Philogene Jakito:

Zagueiro e capitão do time, Philogene Jakito é mais um jovem com um drama pessoal para contar: perdeu a casa em que vivia no terremoto que matou cerca de 300 mil pessoas e devastou todo o país em janeiro de 2010. Por sorte, a família inteira havia saído de casa na hora do tremor. Todos se salvaram, mas precisaram morar em uma tenda até conseguir remontar a casa. (VENANCIO e VIDOTT, 2016)

A situação atual do Haiti foi tema mencionado em duas matérias. O site *Calle 2* destaca o processo de estabilização do país, mas ressalta que a “insegurança alimentar, gerada por secas e efeitos do El Niño, e um surto de cólera no país, causado pela precariedade do acesso à água potável, ainda preocupam as Nações Unidas” (DANTAS, 2016). Cita ainda a eleição presidencial ocorrida no Haiti em 2016. No caso da *BBC Brasil*, o técnico brasileiro Rafael Novaes salienta que “a situação lá não é fácil, energia elétrica não é todo dia que tem, as condições são precárias...eles estão sempre no limite” (MENDONÇA, 2016). Fazendo uma comparação com a situação brasileira, Novaes sublinha que a crise estrutural no Haiti vem de décadas e explica, a “própria família (do jogador) fala: filho, se tiver a oportunidade, vá, fique. Porque você não sabe quando vai ter outra” (MENDONÇA, 2016). Nesse sentido, a matéria traz uma interessante reflexão do treinador em relação à importância que o projeto tem para esses jovens e sobre as repercussões que determinadas decisões podem ter em suas vidas.

Nosso trabalho é difícil. Teve vezes lá que eu fui dispensar um menino, e ele falou: 'Poxa, mas eu não tenho para onde ir, não tenho pai, nem mãe.' Aí como

“você faz? Que situação você fica? A gente tem que usar um pouco o coração também”, conta. “Isso te faz pensar muito na vida, porque uma ação sua pode ser catastrófica para esse menino. A gente reclama tanto da vida, mas eles escolheram não reclamar. Escolheram ir atrás” (MENDONÇA, 2016).

Na manifestação do treinador, transparece outro aspecto do Pérolas Negras pouco evidenciado ao longo dos textos: a visão do projeto como caridade. Afinal, como demonstramos nos movimentos anteriores, tal preocupação com o futuro desses jovens é algo raro no universo do futebol. A fala de Rafael Novas também evidencia um vies de superação, que valoriza a força de vontade dos atletas haitianos para buscar melhores condições de vida, mas de certa maneira ignora que, assim como em qualquer outro projeto migratório, alcançar esse objetivo na maioria das vezes independe somente da ação desses sujeitos e está muito mais vinculado a uma questão de oportunidade do que simplesmente o desejo de mudança.

Ainda em relação à presença do Haiti no imaginário brasileiro, é interessante destacar que o site *Trivela* aproveitou a oportunidade representada pelo Pérolas Negras para apresentar alguns aspectos sobre a história do país, como se percebe no seguinte trecho: “Antiga colônia escravagista francesa, o território se tornou livre graças à rebelião de cativos liderada por Toussaint Louverture, o primeiro general negro do exército francês, influenciado pelos ideais iluministas” (STEIN, 2016). A matéria traz ainda um link do site *História do Mundo* com mais detalhes sobre a independência da nação caribenha. Lembra também que o “Haiti se transformou no segundo país independente das Américas, depois apenas dos Estados Unidos” (STEIN, 2016), e que sucessivas ditaduras acabaram por torná-lo “o país mais miserável do continente” (STEIN, 2016). Por fim, ressalta que muitos haitianos viram o Brasil como “destino ideal não somente pela representatividade econômica, mas também por adotar a política de não deportar quem chegasse” (STEIN, 2016).

Conforme mencionado anteriormente, é perceptível a constante vitimização dos haitianos. O que permite refletir sobre a necessidade de ressaltar todos os aspectos negativos possíveis para gerar uma empatia do leitor com os personagens da história narrada. Nesse sentido, os jogadores só aparecem nos textos para acentuar a dramaticidade contando suas tragédias pessoais em meios ao caos gerado pelo terremoto. Nas narrativas construídas para relatar a participação do Pérolas Negras na Copa São Paulo, mesmo que em diversos momentos os envolvidos mencionem o desejo de

transmitir uma imagem positiva do país (como vimos no segundo eixo temático), o estigma que impera é o do povo miserável, vítima da pobreza, que vive no país com o pior IDH das Américas. Por mais que jogadores e diretores ressaltem o desejo de transmitir a alegria do povo haitiano, os textos salientam uma representação que remete a imagem triste e sofrida da miséria e da devastação.

7.1.5 Eixo Temático 5: O Brasil no imaginário haitiano

No último eixo temático discutimos as construções simbólicas sobre o Haiti contidas nos textos selecionados. Passamos agora a trabalhar os pontos destacados nas matérias em relação à presença do Brasil no imaginário social haitiano. De acordo com o que foi exposto no quarto movimento de aproximação dessa pesquisa em relação à imagem que os haitianos têm do Brasil e os motivos de escolherem o país como destino para seus projetos migratórios, a realização da Copa do Mundo e dos Jogos Olímpicos, a atuação de organizações não-governamentais brasileiras, como a Viva Rio, e do exército brasileiro no Haiti geralmente são mencionados ao lado da paixão pelo futebol brasileiro. No material analisado, contudo, apenas os dois últimos aspectos são abordados.

Curiosamente, apenas a *EBC*, empresa de comunicação pertencente ao governo federal, abriu espaço para falar sobre a atuação dos militares no comando da Missão das Nações Unidas para a estabilização no Haiti (MINUSTAH), criada pelo Conselho de Segurança da ONU. A matéria comenta sobre a guerra civil iminente, a instabilidade política, e os conflitos armados em todo o país que marcaram o início da atuação da Minustah e faz questão de realçar que as “tropas brasileiras lideraram o processo de pacificação do país, que teve sua crise agravada com um terremoto de grandes proporções ocorridos em 2010, que devastou o país e deixou mais de 300 mil mortos” (PASSOS, 2016). O outro texto que menciona a Minustah, do site *Trivela*, fala do tema para destacar um protesto de torcedores do Juventus –, clube cujo estádio serviu de sede para as partidas do Pérolas Negras – contra a presença brasileira em solo haitiano durante a estreia da equipe no torneio. De acordo com o texto do repórter Leandro Stein, a Polícia Militar chegou inclusive a proibir a exibição de uma faixa pelos torcedores. A matéria traz um link para a página do Facebook Setor 2, vinculada à torcida juventina, com a foto de uma faixa com os dizeres: “Pelo fim da invasão da Minustah”. A publicação na página do Facebook traz ainda o seguinte texto:

Torcida juvenil em atitude anti-imperialista no jogo contra a equipe vinda do Haiti. Que as tropas lideradas pelo governo e exército brasileiro em defesa dos interesses colonialistas da ONU (EUA e França) saiam do Haiti. Viva a classe operária e os imigrantes de todos os lugares (SETOR 2, 2016).

Tal tensão com a presença do exército brasileiro no Haiti não é mencionada pelo texto do repórter Gésio Passos para a *EBC*, deixando de trazer para os seus leitores um aspecto importante em relação à Minustah, mas que certamente desagradaria ao Ministério da Defesa, por exemplo. Como se trata de uma empresa pública, é possível pensar sobre a intenção de evitar um conflito político dentro do governo por explorar o lado negativo do trabalho desenvolvido na América Central. Por outro lado, o *Trivela* traz uma menção ao protesto contra a atuação da Minustah, mas em momento algum explica qual foi o trabalho desenvolvido em solo haitiano e a razão das críticas por parte da população local. Mais do que simplesmente um arroubo anti-imperialista, como faz parecer a manifestação dos torcedores do Juventus, a crítica se centra na falta de autonomia do povo haitiano para gerir o processo de reconstrução do país (COGO, 2014; COGO e SILVA, 2016). Questionado sobre o tema, o diretor da Viva Rio Ruben Fernandes não concorda com as críticas e avalia que a missão da ONU fez o possível frente ao cenário encontrado (OLIVEIRA e PANDOLFI, 2014). De qualquer forma, as duas matérias perderam a oportunidade de apresentar para o seu público toda a complexidade que envolve o tema.

O fascínio dos haitianos pelo futebol brasileiro também aparece nas pesquisas entre os motivos citados para explicar a escolha do Brasil como destino para seus projetos migratórios. Tal relação também é perceptível nas matérias estudadas. Como explica o técnico Rafael Novaes na matéria da *ESPN.com.br*, “os haitianos são apaixonados pelo Brasil. Conhecem mais do futebol brasileiro do que o próprio brasileiro. Lembram de várias gerações da seleção brasileira. Muitos têm nome de jogadores do nosso país” (MATOS e VALENTE, 2016). Em relação às homenagens aos antigos astros do futebol brasileiro, destacam-se o atacante Etnil Garrincha, o meio-campista Bebeto Muraille e o volante Oxat Edinho. Se o torcedor brasileiro ainda olha para a seleção nacional com desconfiança em função do fraco desempenho na Copa do Mundo de 2014, Ruben Fernandes afirma para o *Vice Brasil* que “no Haiti, o Brasil ainda é o país do futebol” (YOUNG, 2016). No mesmo texto, o atacante Fenelon Marckenson diz sempre ter adorado a seleção brasileira: “Eles jogam o futebol mais bonito” (YOUNG, 2016). A admiração dos haitianos pelo futebol brasileiro foi destacada em sete matérias, como a da

BBC Brasil, conforme trecho a seguir.

a paixão pelo futebol é comum no Haiti, e a identificação com a seleção brasileira também vem desde o berço. Prova disso são os próprios nomes dos atletas do Pérolas Negras. Um dos jogadores da equipe se chama Bebeto, em homenagem ao atacante da seleção de 1994. Outro, Edinho, em lembrança ao zagueiro da Copa de 1986. Outro, que ficou no Haiti, mas espera a oportunidade para vir ao Brasil, também leva nome de craque: Etmil Garrincha, ou "Garrinchá", como eles pronunciam em creole. Quando perguntados sobre ídolos no futebol, eles sempre mencionam brasileiros e dizem que querem ser "Luiz Gustavo", "Júlio Baptista", "Neymar", "Ronaldinho Gaúcho". (MENDONÇA, 2016)

Assim como nas pesquisas sobre migração haitiana, o amistoso da seleção brasileira contra o Haiti realizado em 2004, no que ficou conhecido como “Jogo da Paz”, também é citado por *Vice Brasil*, *Trivela* e *GloboEsporte.com* como uma dos fatores para o estreitamento de relações entre os dois países. O *Trivela* traz um link para uma matéria de 2014 com o título *15 histórias em que o futebol foi mais que um jogo nos 15 anos da Trivela*, com um breve relato da partida, enquanto o site do grupo Globo cita o jogo ao contar a história do jogador de Fenelon Marckenson, que, por ser muito novo, não pode estar presente. No texto assinado por James Young, o *Vice Brasil* é o único que procura contextualizar o confronto histórico.

A ideia da partida surgiu quando o governo brasileiro decidiu enviar, em 2004, 1.200 soldados para liderar a intervenção das Nações Unidas no Haiti (na época, atormentado por uma agitação civil violenta que seguiu a destituição do presidente Jean-Bertrand Aristide). O primeiro ministro interino Gérard Latortue disse à mídia que "alguns jogadores de futebol brasileiros poderiam fazer mais pelo desarmamento das milícias do que milhares de tropas pacifistas". O presidente Lula acatou o desafio e organizou uma partida com a seleção no Haiti. "Embora eu tenha jogado pelo Brasil em outras ocasiões, em amistosos e nas Olimpíadas, nunca experimentei sensação como essa. As emoções foram muito fortes... Eu me considero privilegiado por ter participado", disse o meia Roger, um dos jogadores da seleção à época, quando retornou ao Haiti para o aniversário de 10 anos da partida. (YOUNG, 2016)

Acredito que fica evidente o fascínio exercido pelo futebol brasileiros e seus principais jogadores no imaginário haitiano. Esse último trecho referente ao “Jogo da Paz” permite constatar a capacidade do futebol de se desdobrar para muito além das quatro linhas do campo de jogo. A presença da seleção brasileira no Haiti teve pouco a ver com os aspectos esportivos propriamente ditos. Com a fama conquistada nos gramados, Ronaldinho Gaúcho e seus companheiros serviram muito mais como embaixadores da missão do exército brasileiro no país caribenho. Nesse sentido, é interessante resgatar um episódio ocorrido com o Santos de Pelé no continente africano. Em 1969, o time paulista esteve na Nigéria para um amistoso contra uma seleção local na

cidade de Benin. A passagem de Pelé pelo território nigeriano interrompeu por dois dias os confrontos da guerra civil nigeriana⁷⁶, iniciada dois anos antes. Uma prova do poder de atração e do alcance desses grandes ídolos do esporte.

7.1.6 Eixo Temático 6: Migração haitiana para o Brasil

No sexto e último eixo temático da presente análise, busco perceber de que forma a diáspora haitiana para o Brasil aparece retratada nas matérias. Para tanto, é interessante resgatar mais algumas recomendações do *Guia das Migrações* de Denise Cogo e Maria Badet (2013). As pesquisadoras comentam que se deve discutir a questão migratória como um tema e não como um problema, tendo em conta que atrás dos números e estatísticas existe a experiência sociocultural desses sujeitos. Em relação especificamente à abordagem da diáspora haitiana para o Brasil, Cogo e Badet ressaltam a importância de se destacar o contexto em que ela ocorre e evitar a utilização de expressões que de alguma maneira criminalizem ou discriminem essas pessoas ou grupos migrantes. Reforçam ainda a importância de se “produzir notícias que ajudem a comunidade brasileira conhecer mais sobre a sociedade e cultura haitiana”. Todavia, isso está muito distante do que temos visto ao longo desse capítulo de exploração do empírico.

Dentre todas, a matéria do *Vice Brasil* foi a única que procurou contextualizar a participação do Pérolas Negras na Copa São Paulo em relação ao fluxo de migrantes haitianos para o Brasil que se intensificou a partir de 2010. O texto destaca que a conexão entre as duas nações vai muito além do futebol e ressalta que mais de 70 mil imigrantes haitianos viviam no território brasileiro em 2016. A explicação dada para o aumento do número de haitianos chegando ao país é atribuída ao terremoto que destruiu o Haiti deixando milhares de mortos. O repórter James Young comenta ainda que, mesmo tendo o governo brasileiro oferecido vistos humanitários aos haitianos, o processo de integração na sociedade de destino não tem sido nada fácil. Cita o caso do Acre como exemplo. “Em 2013, o Acre, principal ponto de entrada dos haitianos, declarou estado de emergência em duas cidades por causa do vasto número de imigrantes, muitos deles sem documentos, que vinham da fronteira com o Peru” (YOUNG, 2016). Ainda conforme a publicação, “o governo do Acre gerou controvérsia quando expulsou vários haitianos do estado em 2014 e os depositou em São Paulo, a centenas de milhares de quilômetros” (YOUNG, 2016).

⁷⁶Disponível em: <http://www.santosfc.com.br/memoria-especial-santos-fc-de-pele-parava-guerra-na-africa/>

Ainda em relação à chegada dos caribenhos ao Brasil, a matéria do *Trivela* aborda de forma sucinta as rotas por onde esses sujeitos cruzam a fronteira brasileira, ressaltando apenas que “uma das rotas mais comuns de entrada no Brasil passa pelo Equador, cruzando a fronteira do Peru com o Acre” (STEIN, 2016). O material também oferece um link para reportagem do Estadão⁷⁷ sobre a atuação de coiotes que, na época, já haviam faturado mais de 60 milhões de dólares facilitando a entrada de migrantes no país pelo Acre.

Em sua matéria, o *Trivela* lembra ainda que, por meio de vistos humanitários, o governo brasileiro autorizou a permanência de mais de 43 mil haitianos no país, sendo que em sua maioria tiveram São Paulo como destino. Conforme o texto, a “cidade que chegou a receber por dia três ônibus cheios de imigrantes”, gerando uma “situação preocupante” (STEIN, 2016). A visibilidade alcançada por tais fluxos gerou uma série de episódios de xenofobia e preconceito, sendo que o repórter resgata – inclusive com link para reportagem da TV Brasil – o caso ocorrido na Missão Paz, responsável por desenvolver uma trabalho junto à população migrante, em que seis haitianos foram baleados. “O atirador teria gritado contra os ‘empregos roubados’ antes de cometer o crime” (STEIN, 2016). A mesma agressão é relatada no texto do *Vice Brasil*. “Em agosto de 2015, seis homens haitianos foram alvejados com chumbinho no centro de São Paulo. Segundo testemunhas, o atirador gritou ‘Haitianos roubam os trabalhos dos brasileiros’ depois de puxar o gatilho” (YOUNG, 2016).

A presença de torcedores haitianos nas arquibancadas do estádio da Rua Javari também despertou a atenção da imprensa presente nas partidas do Pérolas Negras na Copa São Paulo. O repórter Luiz Felipe Castro, da *Veja*, afirma em seu texto que, “desconfiados, não queriam muito papo com os brasileiros” (CASTRO, 2016). Conforme o texto, a resistência se deve ao fato de que muitos imigrantes haitianos “vêm sendo vítima de preconceito e maltratados em seus abrigos no centro de São Paulo” (CASTRO, 2016). Talvez por isso tenha optado por entrevistar o humorista brasileiro Batoré, presente entre os torcedores, ao invés de ouvir os caribenhos que assistiam o confronto. O caso da escolha das fontes será discutido mais detidamente no momento oportuno. O *Trivela*, por sua vez, dedicou grande espaço para falar sobre a presença haitiana na torcida:

⁷⁷ Disponível em: <http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,rede-de-coiotes-ja-faturou-us-60-mi-com-haitianos-diz-relatorio,1692709>

Os haitianos formaram um grupo mais numeroso com o passar do primeiro tempo. Mesmo sendo dona da casa naquele momento, a torcida do Pérolas Negras se reuniu no lado das arquibancadas de menor apelo aos juveninos. Tornou-se o seu próprio lugar no estádio. Sob o sol forte das 14 horas, os imigrantes tiveram a companhia dos brasileiros – estudantes, aposentados, missionários. Os gritos de allez ganhavam sotaque em português. Juntos, cantavam uma música crioulo dizendo que o “Haiti pertence ao Senhor Jesus”, graças a um folheto que facilitava a leitura mesmo a quem não domina a língua. (STEIN, 2016)

O texto destaca ainda o nervosismo dos torcedores haitianos com o desempenho do Pérolas Negras em campo:

Um haitiano não se conteve. O homem se juntou a outros brasileiros grudados no alambrado. Baixo, não mais de 1,70 m, o rapaz tinha até pinta de empresário de jogador: camisa polo, brinco prateado, óculos escuros na testa. Tentava orientar, em crioulo, os atletas do Pérolas Negras. A cada lance errado, se exaltava. Mas era apenas mais um torcedor dominado pelo espírito fervoroso do fanatismo. Quando o São Caetano abriu o placar, já nos minutos finais da etapa inicial, ele voltou resignado para as arquibancadas. Passou a falar em alto e bom som com outros amigos haitianos, no que parecia ser uma crítica à postura do time. E não queria conversar com mais ninguém. (STEIN, 2016)

Ressaltou ainda a festa feita pelos torcedores presentes no estádio para o Pérolas Negras. Fora a simpatia pelos haitianos também pesou o aspecto histórico, pois a região da Mooca, onde fica localizado o estádio da Rua Javari, tem forte tradição migrante.

Diante do sol que castigava as cabeças, os haitianos se reuniram durante o intervalo na sombra que fazia ao lado do placar manual. Por lá ficaram, sem o mesmo ânimo, para o segundo tempo. “Cadê os nossos irmãos haitianos?”, perguntou um brasileiro. Ainda assim, menos numeroso, o grupo na lateral do campo voltou a se reunir e a cantar. Se as circunstâncias do jogo não ajudavam, com o São Caetano ampliando a vantagem para 2 a 0, a torcida do Pérolas Negras encontrava a sua brecha para festejar. Os toques de bola se encadeavam sob os gritos de olé. E um belo drible na lateral do campo causou furor, quase tão explosivo quanto um gol. Ainda assim, derrotados por 2 a 0, faltou o tento dos haitianos, como já haviam feito nas duas primeiras partidas. “Pô, queria ver a festa em um gol deles”, falou um menino juvenino, ao amigo. Não só você, meu caro, não só você. (STEIN, 2016)

Curiosamente, ao contrário da Veja, o repórter do *Trivela* não encontrou resistência para falar com os “desconfiados” torcedores migrantes, trazendo outra perspectiva sobre a presença do Pérolas Negras no Brasil e de como eles, de certa forma, representam o sonho dos milhares de haitianos que vieram buscar melhores condições de vida em solo brasileiro.

Ao final da partida, os jogadores do Pérolas Negras saudaram os dois setores nas laterais do campo. Foram correspondidos por aplausos agradecidos de sua torcida. “Quando os brasileiros falam ‘é nós’, é um sentimento que eles têm com os haitianos. Sabem que somos um país muito sofrido, isso aumenta a sensibilidade. A paciência que os brasileiros têm com a gente é incrível. É uma coisa assustadora. Ver eles torcendo por nosso time é uma emoção. Eu não

consigo nem explicar o tanto de emoção que eu senti dentro do estádio”, complementa o servente Gabriel (STEIN, 2016).

Aliás, a acolhida dada pela torcida brasileira ao Pérolas Negras foi destaque em diversas matérias. Presente na partida contra o América-MG, a repórter da *BBC Brasil*, Renata Mendonça, destacou que o público passou todo o tempo apoiando o time haitiano “com gritos de ‘Olê olê olê olê, Perle, Perle’ (nome do time em creole) e ‘Haiti, Haiti’. Eles até tentavam se comunicar com os jogadores em português: ‘Não desiste, não desiste’, ‘vai, chuta pro gol’, diziam” (MENDONÇA, 2016). Na percepção da jornalista, tal apoio é uma forma de retribuição pelo carinho dos haitianos com o futebol brasileiro. O texto traz também uma declaração do diretor da Viva Rio, Ruben Fernandes, em que ele se diz surpreendido com as manifestações e com a forma como a equipe foi recebida. “Tivemos uma repercussão impressionante. Olha só (recebe cumprimentos de um torcedor), estão me dando parabéns com a derrota”(MENDONÇA, 2016). O texto do *Trivela* também buscou ressaltar a recepção calorosa dos brasileiros aos jogadores e torcedores haitianos, reforçando que o “espaço que os haitianos receberam no futebol não deixa de refletir as esperanças de sua comunidade no Brasil. O respeito que todos os imigrantes almejam e que, no caso do clube, começa desde a ajuda ao próprio Haiti” (STEIN, 2016). Em tom nostálgico, o repórter discorre sobre a passagem dos haitianos pelo bairro da Mooca, tradicional reduto de migrantes na capital paulista, relacionando-a com o futebol do passado:

Refúgio. Talvez não haja palavra mais cheia de significado para descrever o que aconteceu na Javari. Afinal, a casa do Juventus já serve a cada semana como refúgio a um futebol que não se vive muito mais na capital paulista. Futebol torcido no alambrado e no cimento, e não sentado nas cadeiras de plástico das arenas. Apaixonado pela identidade de sua região. Apegado às tradições. Por tudo isso, o estádio que remete a outros tempos e a outra cidade serviu de abrigo perfeito ao Pérolas Negras – ou o Perles Noires, como é chamado em seu país. O clube haitiano que disputou a Copa São Paulo de Futebol Júnior foi acolhido na Javari. Da mesma maneira como os imigrantes do país caribenho acabaram abraçados pela torcida grená e quem mais apareceu nas arquibancadas(STEIN, 2016).

Outra questão trazida por algumas matérias diz respeito à relação existente entre os jovens do Pérolas Negras e os demais migrantes haitianos que escolheram o Brasil como país de destino para migrar. A *BBC Brasil*, por exemplo, oferece uma visão idealizada sobre o tema, apontando que da mesma forma que seus conterrâneos que “vieram ao Brasil em busca de melhores condições de vida, os jovens do Pérolas Negras também veem o país como uma ‘terra de oportunidades’, onde poderão usar o futebol para conseguir dinheiro e sustentar suas famílias no Haiti” (PASSOS, 2016). A

informação não está equivocada, mas “esquece” que muitas vezes tal discurso acaba não se consolidando na prática e ajuda a distorcer uma realidade que em boa medida se revela bastante dura para esses sujeitos. Como explica o ajudante geral haitiano Wendy Josef para o repórter do *Trivela*, “a vinda do Pérolas Negras ao Brasil representa um pouco dessa chance que temos de viver bem em outro país. Eu vim ao Brasil para trabalhar e para estudar, porque meu país não tem condições verdadeiramente boas para viver com minha família. É o mesmo que sonham esses jogadores” (STEIN, 2016). Quando fala em “chance”, Josef remete às incertezas que envolvem qualquer processo de migração. Em tom menos festivo que o da *BBC Brasil*, a matéria do *Trivela* indica que o “futebol, no fim das contas, se tornou um recorte da realidade vivida pelos haitianos. A oportunidade de viver bem, que todos esperam quando cruzam a fronteira” (STEIN, 2016). O repórter encerra a matéria ressaltando novamente a integração entre brasileiros e haitianos nas arquibancadas do estádio:

A cena simples acaba tendo um significado bem mais profundo. Sobre a vontade do haitiano em ser mais um ao Brasil. De poder se integrar ao resto da população, e não ser visto como um intruso. “Mesmo que o time esteja eliminado, eu estou muito feliz. Os jogos ajudaram a nossa relação, um monte de brasileiros nos apoiou e nos aplaudiu. Isso é muito mais importante para mim do que a classificação. Eu vou mais longe, na situação a parte do futebol, entre brasileiros e haitianos. Não é algo simples. Mas eu tenho que ver além, pensar na relação entre nós e os brasileiros. Tudo isso foi muito legal”, concluiu o professor Bertrand, com um sorriso expresso no rosto. Uma alegria contagiante que, por si, já faz a participação do Pérolas Negras valer (STEIN, 2016).

De uma maneira geral é possível afirmar que os textos analisados seguem um mesmo fio condutor na construção de suas narrativas: a história dos jovens haitianos que buscam fugir do futuro miserável destinado ao povo haitiano por meio de um contrato de trabalho com um clube de futebol brasileiro. Nesse sentido, onze das doze histórias – com exceção do *Trivela* –, poderiam ser resumidas no título da matéria da *Folha de São Paulo*: *Haitianos “jogam a vida” na Copa SP por sonho de contrato no Brasil*. O modo é basicamente o mesmo: procura-se realçar os aspectos trágicos relacionados ao Haiti, como a miséria, o baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), a destruição causada pelo terremoto, os dramas pessoais desses jovens, para depois apresentar o ingresso no mercado de trabalho do futebol brasileiro como uma possibilidade concreta de mudança de vida para esses jovens. A narrativa hegemônica ajuda a reforçar a visão do senso comum em relação ao esporte mais popular do mundo, bem como sobre o Haiti e os

haitianos. A impressão que fica é que o que define esses sujeitos no olhar brasileiro é a pobreza, não existindo Haiti ou haitiano fora dessa moldura.

A matéria do *Trivela* se constitui em uma exceção entre o material selecionado, pois, ao invés de focar na busca pela profissionalização, procurou trabalhar a relação entre o Pérolas Negras e os demais imigrantes haitianos que chegaram ao Brasil, sendo a única produção a ter entrevistado os haitianos que estavam nas arquibancadas da Rua Javari. Tais manifestações, aliás, ajudam a evidenciar os laços comuns, enriquecendo a matéria.

A partir do que foi até agora exposto, proponho aqui uma reflexão a partir das idéias da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2013) sobre o “perigo da história única”.⁷⁸ Chimamanda destaca que durante algum tempo acreditou que, para ter sucesso, um escritor necessariamente precisava ter enfrentado uma infância infeliz, por isso passou a imaginar diversas maldades que seus pais poderiam ter feito com ela no intuito de se enquadrar nas características necessárias para ter sucesso na profissão. Afinal, tinha naturalizado que ser infeliz era o único caminho possível para alcançar seu objetivo. O discurso de Chimamanda alerta para as distorções que tais reduções causam. Lembra que a vida é feita de histórias, algumas tristes, outras alegres. E é justamente o conjunto dessas experiências que nos forma enquanto sujeitos. Ao focar somente nos aspectos negativos de sua trajetória de vida, destaca, estava superficializando sua experiência e de certa forma apagando as diversas outras histórias que ajudaram a formá-la. “A única história cria estereótipos. E o problema com estereótipos não é que eles sejam mentira, mas que eles sejam incompletos. Eles fazem uma história tornar-se a única história” (ADICHIE, 2009). Tal entendimento suscita a reflexão sobre a maneira como o Haiti e os haitianos foram representados nas matérias observadas, quase sempre ocupando a posição de vítimas da miséria e da pobreza, e como isso reflete na forma com que esses sujeitos acabam sendo percebidos pelo público. Nesse sentido, como reforça Chimamanda, o resultado da história única é que ela acaba roubando a dignidade das pessoas. Segundo ela, “faz o reconhecimento de nossa humanidade compartilhada difícil. Enfatiza como nós somos diferentes ao invés de como somos semelhantes” (ADICHIE, 2009). Para ela, mostrar um povo somente como uma coisa, de forma repetida, faz com que ele rapidamente se torne essa coisa.

⁷⁸Discurso proferido durante apresentação realizada no TED (Technology, Entertainment, Design), em 2009, nos Estados Unidos.

Nesse sentido, se tivessem parado um momento para refletir sobre o fato a ser narrado, os jornalistas que cobriram a participação do Pérolas Negras na Copa São Paulo talvez tivessem percebido que a história dos jovens haitianos que enxergam no futebol uma alternativa para construir uma vida melhor para suas famílias não é muito diferente da trajetória dos brasileiros que perseguem o mesmo sonho. Se o Haiti é o país com o pior IDH das Américas⁷⁹, com índice Gini⁸⁰ de 0,608, sendo o terceiro pior do mundo, o Brasil também aparece entre os dez mais baixos, com 0,515 – fora o Haiti, no continente americano o país fica à frente apenas de Colômbia, em oitavo, e Paraguai, em nono. Portanto, pobreza e miséria não são uma exclusividade da nação caribenha. Como afirma Chimamanda, se os repórteres não estivessem tão preocupados em realçar as diferenças entre brasileiros e haitianos e parassem para refletir sobre o tema, perceberiam que existem muito mais semelhanças do que diferenças entre os dois países, bem como entre esses jovens que depositam suas esperanças de uma vida melhor no futebol.

7.1.7 Títulos das matérias, fontes ouvidas e as diferenças percebidas entre os três grupos

Ao considerar os títulos das matérias analisadas, percebo que, de uma maneira geral, há uma mensagem de acolhida ao Pérolas Negras, como é possível constatar nos seguintes casos: revista *Veja*, *O Haiti é aqui na Mooca*; do *Vice Brasil*, *O futebol do Haiti é aqui*; do *Calle 2*, *Pense no Haiti, torça pelo Haiti*; e do *Trivela*, *A Rua Javari abraçou o Haiti: Como a Copinha retratou a esperança dos imigrantes em SP*. Também ressaltam a presença dos jovens haitianos no país para a disputa do torneio, como fazem o *HuffPost Brasil*, *Sonhos, derrotas e vitórias: O que os jogadores haitianos do Pérolas Negras pensam sobre a vida*; *GloboEsporte.com*, *O Haiti na Javari: histórias de sonhos, esperança e amor ao futebol brasileiro*; revista *Exame*, *Pérolas Negras: conheça os haitianos que jogaram a Copa SP*; *ESPN.com.br*, *Com Bebeto e Edinho, time do Haiti estreia na Copa SP antes de iniciar fase profissional no RJ*; *Estadão*, *Pérolas Negras viram atração internacional da 47 Copa São Paulo*; e *EBC*, *Pérolas Negras: haitianos de projeto social são atração internacional na Copa SP* (EBC). No material analisado, destacam-se negativamente os títulos das matérias da *Folha de São Paulo*, *Haitianos “jogam a vida” na Copa SP por sonho de contrato no Brasil*, e da *BBC Brasil*, *Da tragédia à série C carioca: a saga*

⁷⁹ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/brasil-o-10-pais-mais-desigual-do-mundo-21094828>.

⁸⁰O Coeficiente de Gini é uma medida de desigualdade desenvolvida pelo estatístico italiano Corrado Gini.

brasileira de um time de futebol haitiano, pois já iniciam o processo de vitimização dos haitianos e de idealização da carreira de jogador de futebol logo na chamada dos textos.

Acredito também ser importante analisar as fontes utilizadas nas matérias. Os personagens que mais aparecem falando nos textos são o técnico do Pérolas Negras, o brasileiro Rafael Novaes, e o diretor da Viva Rio, Ruben César Fernandes. Novaes aparece em oito textos (*GloboEsporte.com*, *Folha de São Paulo*, *ESPN.com.br*, *Veja*, *BBC Brasil*, *EBC*, *Vice Brasil* e *Calle 2*), contra sete do dirigente da organização não-governamental (*GloboEsporte.com*, *ESPN.com.br*, *Veja*, *Exame*, *BBC Brasil*, *EBC* e *Vice Brasil*). Nesse sentido, é interessante refletir se, ao dar maior destaque às vozes oficiais (técnico e diretor da ONG), deixando em menor evidência os principais envolvidos, que são os migrantes haitianos (sejam jogadores ou torcedores), o jornalismo não acaba por perder a subjetividade que faz parte da vivência do processo migratório (Cogo, 2001). Como veremos a seguir, abrir espaço para as falas desses sujeitos migrantes contribui para ampliar os olhares e as perspectivas em relação a algo tão rico e complexo. Nos materiais da *Exame* e da *EBC*, aparecem somente as fontes oficiais.

Por outro lado, distintos jogadores são escutados em seis textos, sendo que Fenelon Marckenson e Jean Louis Anel são os mais ouvidos, surgindo em quatro deles. As falas de Anel são empregadas no sentido de destacar a alegria com a oportunidade de participar do torneio e ressaltar a admiração pelo futebol brasileiro, como nos casos da *Folha de São Paulo*: “Os haitianos gostam muito do Brasil. Lá as pessoas deixam o trabalho para ver os jogos da seleção brasileira”; da *Veja*: “Agora estou triste, mas perder e ganhar faz parte da vida. Muito obrigado aos torcedores que estavam aqui para nos apoiar”, e do *Calle 2*, a quem revela ainda o desejo de cursar medicina caso não surja a tão sonhada chance nos gramados.

“Foi uma boa experiência. Fico feliz de ter participado, o campeonato é muito difícil e tem boas oportunidades para fazer testes para grandes times”, explica Anel, que também quer aproveitar seu período no país para cursar Medicina. “Quero poder ajudar as pessoas”(DANTAS, 2016)

No caso de Fenelon, as manifestações no *Vice Brasil* e no *ESPN.com.br* ajudam a reforçar a idéia do sonho da profissionalização como forma de ajudar a família que ficou no Haiti. No caso dos textos do *GloboEsporte.com* e da *Folha de São Paulo*, além das esperanças depositadas no futebol, Fenelon surge lamentando ainda a morte do seu pai, ocorrida pouco antes da Copa São Paulo. Para o veículo do grupo Globo, diz: “Ele foi e

é tudo na minha carreira, me incentivou a vir ao Brasil, a jogar futebol. E sei que está em um lugar bom, me apoiando” (VENANCIO e VIDOTTO, 2016). Por sua vez, o jornal paulista postula:

Ele anseia por um contrato melhor para ajudar o pai, que está internado no Haiti. Os médicos, diz ele, não sabem exatamente qual é o problema do seu pai. "Hoje o dinheiro do tratamento é pouco. Precisamos de mais para pagar os médicos", conta. (CONSENZO e MARRA, 2016)

Nos demais textos, Wilmond Oracius (*ESPN.com.br*), Solon Jonathan (*Folha de São Paulo*) e Elien Gooly (*Calle 2*) falam sobre as esperanças depositadas no futebol, conforme já vimos no terceiro eixo temático. Enquanto os jogadores Solon Jonathan, Jean Louis Anel e Saint Schwetzek aparecem na matéria do *HuffPost Brasil* falando sobre a vida, o futebol e as expectativas em relação ao Brasil. Tais depoimentos foram dados para a série *Atletas Invisíveis* do perfil do Facebook *SP Invisível*, conforme foi apresentado durante as discussões do segundo eixo temático. Na matéria da *Veja*, além das falas de Anel, Ruben César e Rafael Novaes, também aparece a manifestação do humorista Batoré, que, presente nas arquibancadas, foi ouvido pelo repórter Luiz Felipe Castro. Questiono-me sobre o que a fala de Batoré acrescenta à matéria, visto que o jornalista estava no estádio e, nas arquibancadas, como já destacamos, haviam dezenas de migrantes haitianos. A escolha do repórter, porém, foi deixar de lado os haitianos torcedores, qualificados por ele como “desconfiados”, para abrir espaço para o comediante do SBT.

Até mesmo o conhecido humorista Batoré apareceu para dar uma força. “Vi na TV a história linda desses meninos e resolvi vir para cá torcer”, contou o comediante. Entre a maioria formada por moradores da região se misturou também um grande grupo de haitianos que veio trabalhar em São Paulo e tem sonhos semelhantes aos dos atletas. Muitos deles, porém, vêm sendo vítima de preconceito e maltratados em seus abrigos no centro de São Paulo. Desconfiados, não queriam muito papo com os brasileiros (CASTRO, 2016).

Por fim, ainda em relação às fontes, é relevante ressaltar que o *Trivela* foi o único a abrir espaço para os torcedores haitianos que foram prestigiar os seus conterrâneos do Pérolas Negras. Como foi possível observar no sexto eixo temático, a fala dos imigrantes evidencia que existem mais semelhanças do que diferenças entre os dois casos, como, por exemplo, a busca de possibilitar uma vida mais digna para suas famílias ou o desejo de ser bem acolhido no país que escolheram para empreender seus projetos migratórios. É justamente a fala dos imigrantes torcedores que possibilita fugir da narrativa dominante, direcionando a matéria no sentido de explorar a relação entre eles. Porém, como mencionado por Carmen Rial (2008), em nenhum momento os jogadores do Pérolas

Negras são tratados como imigrantes. As matérias os retratam como atletas de futebol oriundos de um país pobre, sem se dar conta de que esses jovens são tão migrantes quanto os demais haitianos que vivem no Brasil. A diferença é que a via que escolheram para migrar foi através do futebol, com a Viva Rio assumindo o papel da rede que facilita esse processo. Apesar de se dar em um contexto diferente, as dificuldades para arranjar um emprego que permita a concretização de seus projetos é a mesma. Porém, nesse jogo de identidades (HALL, 2005), mesmo que percebam características em comum e que todos se valham do visto humanitário para estar no país, nas matérias a condição de jogador de futebol acaba se sobressaindo a de imigrante. .

Em relação aos grupos, é possível afirmar que existe uma diferença significativa entre a forma como a mídia tradicional (grupos 1 e 2) e os veículos da era da internet (grupo 3) abordaram a pauta. No caso da mídia tradicional, o foco se concentrou basicamente nos aspectos esportivos e nos dados referentes à pobreza do Haiti, reproduzindo e reforçando idealizações e estereótipos em ambos os casos. Primeiramente, é importante ressaltar que, a julgar pelo tamanho e tipo de abordagem dados ao tema, o *Estadão* não percebeu potencial algum na história do Pérolas Negras. Por sua vez, acostumados a lidar com o dia a dia do futebol, os demais integrantes do primeiro grupo (*GloboEsporte.com*, *Folha de São Paulo*, *ESNP.com.br*) não conseguiram fugir da narrativa sobre a história dos meninos haitianos vítimas da pobreza que sonham em mudar de vida por meio de um contrato de trabalho com um clube de futebol brasileiro. Nesse caso, surpreende que, mesmo acostumados a acompanhar esse universo, os repórteres e redatores não conseguiram fugir do lugar comum e simplesmente ignoraram – ou, o que é mais grave, demonstraram desconhecer – as dificuldades de conseguir espaço no mercado da bola. Já o material dos componentes do grupo de número dois (*BBC Brasil*, *Veja*, *Exame* e *EBC*) acaba dando mais ênfase às questões referentes à miséria no Haiti e ao terremoto que atingiu o país caribenho, ressaltando também as esperanças depositadas por esses jovens no futebol, como se constata na matéria da *Veja*. No que se refere à *BBC Brasil*, como vimos ao longo da discussão, a vitimização dos haitianos começa logo na abertura, com a história do jogador Frantzi Pyerre, que aos 12 anos perdeu os pais no terremoto de 2010 (segundo eixo temático). Chama atenção ainda que a revista *Exame*, especializada em economia e negócios, não tenha trazido dados ou explorado mais profundamente a realidade desse segmento profissional. Com uma abordagem mais institucional, a *EBC* oferece grande destaque para a atuação das tropas brasileiras na

reconstrução do Haiti.

Por outro lado, mesmo que também tenham incorrido na vitimização e na idealização, *Trivela*, *Calle 2*, *Vice Brasil*, e *HuffPost Brasil* buscaram trabalhar a história do Pérolas Negras com um olhar mais aberto, menos preocupado com os jogos em si e procurando dar maior ênfase aos aspectos socioculturais envolvidos na questão. No último caso, valendo-se apenas dos depoimentos dos atletas. É importante destacar ainda que nas matérias do *Trivela* e do *Calle 2*, os repórteres Leandro Stein e Diana Dantas escolheram construir uma narrativa leve, mais aberta à subjetividade. O que não significa, como vimos no decorrer da análise, que tal atitude tenha implicado numa perda de densidade na abordagem.

A saída do metrô e as ruas da Mooca não indicavam nada de diferente na primeira quinta-feira do ano. A pressa do dia a dia se repetia nos passos apertados de cada pedestre. Mas, a cada quarteirão em que a Rua Javari se aproximava, dava para sentir a atmosfera bem mais calorosa na já quente tarde de verão. O Estádio Conde Rodolfo Crespi, mais uma vez, serviu de refúgio à desgastante intensidade de São Paulo. Os gritos se ouviam nas redondezas. Pouco importava se a capital seguia a sua rotina em horário de expediente. Centenas de pessoas viviam um dia de domingo nas arquibancadas cheias – e, melhor, com entradas gratuitas (STEIN, 2016).

Com apenas a iluminação natural de um dia cinza e chuvoso, meninos de 15 a 19 anos se reúnem em um canto no imenso salão de um casarão colonial, em torno de uma TV ligada em uma partida de futebol. A atenção de boa parte deles, entretanto, está voltada para telas bem menores, as dos celulares. Com fones de ouvido, a televisão só serve de pano de fundo. O cenário, fiel ao retrato da juventude atual, é a Fazenda Quindins, na cidade de Paty do Alferes, região serrana do Rio de Janeiro. O local já teve várias funções. Em 1928, foi transformado no primeiro hotel-fazenda do Estado. Em 2011, se tornou casa de festas. E, no dia 31 de dezembro de 2015, virou residência e centro de treinamento de futebol do Pérolas Negras, time formado por jovens haitianos e mantido pela organização social Viva Rio (DANTAS, 2016).

É interessante observar que o repórter da *Veja* Luiz Felipe Castro também buscou fazer uma abertura mais leve, destacando o pitoresco, mas, ao contrário dos exemplos anteriores, em que o texto flui de uma forma mais harmônica, nesse caso específico penso que o resultado final ficou um tanto quanto caricato, conforme é possível perceber abaixo.

O saboroso cannoli da Rua Javari, como é conhecido o tradicional estádio do Juventus da Mooca, já estava esgotado quando a equipe do Pérolas Negras pisou no gramado onde Pelé marcou, segundo ele próprio, o gol mais bonito de sua carreira. Desde sua chegada, um dia antes da virada para 2016, a equipe haitiana se tornou a grande sensação da 47ª edição da Copa São Paulo de Futebol Júnior e fez do italianíssimo bairro da capital paulista um pedacinho de Porto Príncipe no Brasil. Em sua segunda partida na competição, o Pérolas Negras – ou *Perles Noires*, no nome original – recebeu apoio irrestrito das

quase centenárias arquibancadas da Rua Javari, com o reforço de um grupo de haitianos que, assim como os atletas, busca construir uma carreira em solo brasileiro para ajudar suas famílias que sofrem na América Central (CASTRO, 2016).

Em relação aos atletas, é importante mencionar que alguns textos citam testes feitos por jogadores do Pérolas Negras em clubes brasileiros, principalmente Fenelon Marckenson. Ainda que tenham rodado por outras equipes após a participação no torneio, os jovens que permanecem no futebol brasileiro seguem vinculados ao projeto. Fenelon, Jean Louis Anel e Oracius Wilmond, para pegar três personagens das matérias aqui analisadas, fizeram parte do time profissional que conquistou no mês de novembro o título da Série C do campeonato estadual do Rio de Janeiro de 2017. A meu ver, o fato de seguirem no Pérolas Negras mesmo após dois anos atuando no Brasil reforça as dificuldades de conseguir espaço no mercado de trabalho do futebol.

Vale ainda uma menção específica à matéria de Leandro Stein para o *Trivela*, que se destaca das demais por buscar explorar toda a complexidade envolvida na pauta. Somente ele se dispôs a ouvir os imigrantes torcedores que estavam no estádio e foi o único a perceber e trabalhar as semelhanças entre seus projetos de vida e os dos jogadores do Pérolas Negras. Fugiu da armadilha de construir sua narrativa em cima da luta desses jovens por superar a pobreza através do futebol e das idealizações em torno do mercado de trabalho do futebol. Trouxe ainda inúmeros *hiperlinks* que permitem ao leitor se aprofundar nos diversos aspectos que envolvem a história, bem como links para matérias de outros veículos sobre a participação do Pérolas Negras na Copa São Paulo. O texto do *Trivela* comprova que, quando o repórter amplia sua capacidade de observar, é possível o jornalismo se valer da popularidade do futebol para apresentar e discutir questões relevantes e complexas que vão muito além das quatro linhas do gramado.

CONCLUSÃO

Os quatro movimentos teóricos ajudaram a expor a multiplicidade de fatores que envolvem as questões ligadas ao futebol e possibilitaram explorar as relações entre futebol, jornalismo e fluxos migratórios contemporâneos em toda sua multidimensionalidade. Dessa forma, os movimentos de aproximação contribuíram ainda no sentido de criar uma base sólida para proceder a descrição analítica das doze matérias selecionadas na tentativa de perceber a forma como o jornalismo esportivo lida com questões que estão além das quatro linhas do gramado. No processo de exploração do material ficou evidente uma forte tendência à simplificação na forma como a imprensa esportiva narrou a participação do Pérolas Negras na Copa São Paulo de Futebol Júnior 2016, com a reprodução de idealizações, estereótipos e lugares comuns. Penso que se trata de um problema relevante, posto que, conforme exposto ao longo do trabalho, o jornalismo teve e ainda tem um papel fundamental na forma como percebemos o futebol.

A partir do que foi exposto ao longo do movimento de análise, é possível afirmar que, excetuando-se a do *Trivela*, as demais matérias resvalam na simplificação. Tirando o texto do *Estadão*, os outros textos buscaram explorar as múltiplas dimensões, porém o fizeram de forma superficial, fragmentada, e em muitas oportunidades caíram no clichê da vitimização, da reprodução de estereótipos e da idealização sobre o mercado de trabalho do futebol, transmitindo ao leitor uma percepção distorcida da realidade abordada (MARCONDES FILHO, 2002). Usando a imagem proposta por Mar de Fontcuberta (2006) de que o jornalismo deve enxergar os fatos como a ponta de inúmeros *icebergs* sociais, buscando explorar aquilo que está submerso e não aparece numa primeira mirada, tem-se a impressão de que tal exploração não foi feita com um mergulho profundo, mas a partir de um olhar da superfície. Com isso, a visão do todo acaba comprometida pela interferência do reflexo da água, que aqui poderia ser representada pela visão de mundo hegemônica ou pelo olhar cristalizado no senso comum, que também é compartilhado pelos jornalistas.

Tal quadro reforça a perspectiva, discutida ao longo do trabalho, de que as notícias são uma construção, registram a realidade social ao mesmo tempo em que acabam se constituindo em um produto dessa mesma realidade. Gaye Tuchman (2002) destaca que as notícias não são um espelho da realidade, mas contribuem para a sua construção “como fenômeno social partilhado, dado que no processo de descrição de um acontecimento as

notícias definem e moldam esse acontecimento” (TUCHMAN, 2002, p. 94). Na pequena linha de argumentação, Nelson Traquina (2001) ressalta que a maneira escolhida pelo jornalista para construir sua narrativa normalmente é guiada pela forma como ele concebe a “realidade”. No presente trabalho, percebo que a análise das matérias evidencia essa tendência à naturalização através da reprodução de visões estereotipadas em relação aos haitianos e ao Haiti, bem como pelas idealizações em torno do futebol. Isso reforça a necessidade de uma atitude reflexiva por parte do jornalista para apresentar o acontecimento ao leitor em toda sua complexidade. Nesse sentido, Frederico de Mello Brandão Tavares (2012) alerta para o fato de que o “fazer jornalístico”, por estar “envolto pela leitura e proposição de uma “realidade” sobre a sociedade, compartilha de conceitos que permeiam o estoque cotidiano de conhecimentos” (2012, p. 12).

Como foi possível demonstrar ao longo dos movimentos teóricos, o futebol é polissêmico e foi apropriado de diferentes formas conforme o contexto cultural onde se inseriu. A partir de Roberto DaMatta (1982, 2006), procurei demonstrar que o futebol foi se constituindo com o passar do tempo num espaço em que a sociedade brasileira dramatiza seus dilemas, sendo a imprensa esportiva o palco principal dessas dramatizações. Dentro de uma estrutura social hierarquizada, tal prática esportiva foi se constituindo ao longo do tempo como um dos poucos espaços em que as camadas populares podiam experimentar uma situação de igualdade. No futebol era possível vencer pelos próprios méritos, sendo que a origem familiar e as redes de relações não tinham influência decisiva para o sucesso – diferentemente do que acontecia nos demais âmbitos da sociedade brasileira. Inspirados nas ideias de “mulatismo cultural” e “democracia racial” de Gilberto Freyre e na perspectiva antropofágica do movimento modernista de 1922, Mário Filho e seu irmão Néelson Rodrigues foram os grandes responsáveis por esse processo de valorização do negro por meio das páginas dos jornais *O Globo* e *Jornal dos Sports*. Num momento em que o Brasil ainda buscava construir sua identidade enquanto nação, a imprensa encontrou no futebol um instrumento de valorização da mestiçagem, que até então era apontada como razão do atraso do país. Com isso, elementos da cultura negra como o samba e a capoeira passam a representar a nossa identidade nacional. Como destaca José Miguel Wisnik (2008), o sucesso do futebol brasileiro acabou por constituir-lo metaforicamente no Brasil que deu certo de uma promessa de “país do futuro” que nunca se concretizou.

Tal processo contribuiu para que fosse sendo construída uma percepção do futebol como caminho viável para aqueles sujeitos oriundos das classes mais pobres da população que desejam ascender socialmente. Se por um lado a exaltação dos negros por seus desempenhos dentro dos gramados representou uma forma de valorização e integração dentro do contexto da época, ao mesmo tempo ela contribuiu para estabelecer simbolicamente algumas áreas de atuação para essa população – como se o trabalho com o corpo fosse algo inato aos negros, enquanto aos brancos caberia o uso do cérebro, da razão. Nesse sentido, nos textos observados se destaca a reprodução da percepção do futebol como importante instrumento de mobilidade social. Isso se dá não somente por parte dos repórteres, mas de todos os atores envolvidos, o que demonstra como tal visão está cristalizada no contexto brasileiro. Afinal, conforme dado apontado no decorrer da pesquisa, mais de 80% dos atletas que atuam no mercado brasileiro recebem menos de mil reais mensais. Ao reproduzir determinadas ideias idealizadas sobre a profissão, o jornalismo contribui para perpetuar tal distorção.

É preciso lembrar que milhares de famílias enxergam o futebol como um meio viável para ascenderem socialmente. Como destacado, mais do que o sonho de um sujeito, a carreira de jogador profissional com frequência faz parte de um projeto familiar para a conquista de uma vida mais próspera. Desde muito cedo, jovens saem de casa e migram em busca de seu espaço no mercado da bola. Entretanto, merece destaque que nenhuma das matérias sequer menciona o mercado de trabalho do futebol. Em sua maioria, enfocam os sonhos e idealizações sem buscar contato com a complexa realidade do universo sobre o qual estavam falando.

A meu ver, ainda mais negativa do que as idealizações em torno da profissão de jogador de futebol é a forma como o Haiti e os haitianos foram retratados nos textos analisados. A vitimização, as generalizações e o uso de estereótipos presentes no material apenas contribuem para reforçar a marginalização desses sujeitos, conforme alertam Denise Cogo e Maria Badet (2013). Como destaca Chimamanda Adichie (2013), quando se trata um povo repetidamente como uma coisa, é nessa coisa que ele se transforma. Ao operar no âmbito do senso comum, reiterando esse olhar único em relação ao país caribenho, a maioria das matérias contribuem para reforçar tal situação. Pode-se pensar que, explorando o caso de forma complexa, poderiam contribuir para mostrar ao público que o Haiti vai muito além da miséria e dos desastres naturais. Aliás, esse desejo de passar

outra imagem do país para o público brasileiro foi manifestado pelos envolvidos no projeto em diversas entrevistas.

Embora perceba essa tendência à vitimização como algo negativo em função de seu viés redutor, reconheço que o relato das mazelas e sofrimentos enfrentados pelos jogadores do Pérolas Negras e pelo povo haitiano em geral também possui um potencial de gerar uma empatia por parte do leitor. Porém, acredito que é importante considerar que nos textos analisados somente as histórias tristes aparecem, criando uma narrativa única que, como destaca Chimamanda Adichie, apenas contribui para apagar as múltiplas histórias que formam sujeitos.

Eduardo Meditsch (1997) ressalta que, assim como ocorre em qualquer outra forma, o conhecimento produzido pelo jornalismo é adequado ao contexto histórico e cultural em que é produzido. O autor lembra que diversas mediações contribuem para moldar a maneira com que o jornalismo cria e trabalha a informação sobre a realidade e crítica que tais condicionantes geralmente são omitidos do público. Normalmente o discurso do jornalismo se apresenta para o público como sendo a “realidade”. Meditsch aponta que, como produto social, o jornalismo reflete o seu contexto, com suas desigualdades e contradições – algo comum a qualquer outro modo de conhecimento. Para o autor, assumir o jornalismo como um meio de conhecimento, como defendo aqui, acarreta uma exigência maior em relação aos seus conteúdos e um processo contínuo de formação intelectual por parte dos profissionais da área, uma vez “que deixam de ser meros comunicadores para se transformarem em produtores e reprodutores de conhecimento” (1997, p. 12). Nesse sentido, cabe tanto ao jornalismo quanto aos jornalistas assumirem a complexidade como eixo fundamental nas suas produções, buscando ter sempre uma postura reflexiva e crítica em relação à realidade que os rodeia.

Como mencionei na discussão metodológica, o olhar simplificado em relação ao mundo não é algo exclusivo do jornalismo. A teoria da complexidade proposta por Edgar Morin busca justamente enfrentar a “simplificação” que, de acordo com o autor, vem sendo a forma como os diversos campos sociais têm respondido aos problemas que emergem em um contexto em que os fenômenos sociais se conectam cada vez mais. O pensador francês vê a simplificação como uma “patologia” do pensamento contemporâneo. Mar de Fontcuberta (2006) aponta que um dos caminhos para o jornalismo dar conta da complexidade das sociedades contemporâneas passa por adotar

uma abordagem transdisciplinar dos fatos cotidianos. A pesquisadora chilena lamenta, porém, que a atitude adotada pelos meios de comunicação frente à amplitude dos dilemas criados por uma realidade que se complexifica dia a dia vão justamente no caminho oposto. Cita como exemplos a compartimentação das redações em editorias que raramente dialogam entre si, a competitividade entre os jornalistas para dar a notícia primeiro em detrimento à uma abordagem complexa dos fatos por meios de diversos ângulos, e lembra que explicar um acontecimento de forma complexa é mais difícil, sendo que muitas vezes se ignora esses aspectos mais contraditórios com a desculpa de tornar a compreensão por parte do público mais fácil (FONCUBERTA, 2006).

Portanto, conforme indica Fontcuberta, uma abordagem complexa dos fatos sociais é algo que não figura entre as prioridades das empresas midiáticas. As desculpas para justificar tal postura são muitas e passam, geralmente, pela falta de tempo e espaço para uma investigação mais profunda e pela necessidade de explicar fenômenos complexos em uma linguagem acessível a todos. Neste sentido, a pesquisadora chilena pondera que analisar a complexidade exige uma atitude que a torne possível, pois a complexidade se constitui em uma forma de cultura, em um “espaço de pensamento”. Ao invés disso, Fontcuberta aponta que vivemos hoje sob a predominância de um pensamento simplificador. Mesmo que considere legítimo que um veículo de comunicação apresente e defenda determinada visão de mundo, a chilena destaca a necessidade de se abrir espaço para perspectivas diferentes, sob o risco de que perca seu componente de complexidade. Partindo desse olhar, pondera que “os meios devem produzir informações suficientes para que o receptor possa analisar e entender os distintos componentes de uma realidade que sempre terá um lado obscuro” (2006, p. 38, tradução nossa)⁸¹. A pesquisadora afirma que o olhar fragmentado faz parte de um modelo moderno-positivista também presente na ciência, ressaltando a necessidade de se considerar que o jornalismo também se fundamenta e produz conhecimentos a partir dessa perspectiva epistemológica.

Fontcuberta (2006) aponta que a busca pela audiência se tornou a principal meta dos meios de comunicação, já que a audiência se constitui num elemento fundamental

⁸¹ “(...) los medios deben producir información suficiente para que el receptor pueda analizar y entender los distintos componentes de una realidad que siempre tendrá un lado oscuro”.

para o mercado publicitário, mesmo que tal perspectiva signifique uma perda do sentido e do significado dos acontecimentos. Tal postura é chamada por ela de jornalismo mosaico, que teria seu contraponto complexo no jornalismo sistema, tido como o mais adequado para uma sociedade complexa. Ao desenvolver sua concepção de jornalismo mosaico, a autora explica que a disjunção e a redução têm sido características da abordagem adotada em boa parte das pautas produzidas pela imprensa. Na perspectiva de Fontcuberta (2006), a cultura mosaico vem se constituindo em uma das principais marcas da pós-modernidade. Com isso, as notícias são expostas sem contextualização, desarticuladas e sem sentido, de modo disperso, sem referências às implicações e consequências dos acontecimentos, que deveriam ser analisados considerando as distintas perspectivas. Para a pesquisadora chilena, o jornalismo tem como uma de suas grandes responsabilidades a de proporcionar ao público acesso às informações que são necessárias para conhecer a sociedade em que está inserido, bem como propiciar modos para que consiga nela se desenvolver de forma autônoma. Indica como características do jornalismo mosaico a separação e descontextualização da informação, a falta de uma estruturação interna da pauta, a distribuição aleatória de seus conteúdos, uma preocupação maior com o dado do que com o significado, o isolamento dos fatos e desconhecimento dos processos, a explicação mediante a simplificação, a resposta a partir de formatos preestabelecidos, uma construção do tema sem articulação dos conteúdos, a confusão entre o dado relevante e o desnecessário, a visão da audiência como um grupo de consumidores.

O jornalismo sistema defendido por Fontcuberta (2006) procura conectar seus conteúdos, os articula e os explica, possui uma coerência na organização interna da pauta, integra os fatos num contexto, mostra e explica os processos que originaram os fatos, suas causas e consequências, inova ao invés de ficar apegado a um formato, oferece dados com significados, é um sistema aberto e concebe seu receptor como um usuário. A proposta de um jornalismo que trabalhe com uma abordagem complexa dos fatos do cotidiano demanda um profissional que dê conta de trabalhar com esse olhar multiperspectivado. Ao aprofundar à discussão em relação à proposta de jornalismo sistema, porém, Fontcuberta vai debater, principalmente, aspectos estruturais, relacionadas à articulação dos conteúdos nas páginas para oferecer uma visão aprofundada dos acontecimentos do cotidiano ao leitor. Tal tipo de decisão transcende as possibilidades de intervenção do jornalista, já que esse tipo de definição normalmente ocorre longe da redação, em

patamares superiores na hierarquia empresarial. Porém, toda estrutura deixa brechas, e é através delas que o jornalista pode atuar no sentido de complexificar suas narrativas. Por isso minha opção foi refletir sobre as maneiras pelas quais o jornalista pode – dentro das suas rotinas profissionais, que claramente limitam sua margem de atuação – buscar construir uma narrativa complexa a partir da proposta de pensar contra os fatos de Sylvia Moretzsohn (2007), pois a capacidade de pensar é uma das poucas armas que restam ao jornalista para enfrentar o sistema produtivo. Por isso, a necessidade do jornalista “pensar contra os fatos” para não incorrer numa simples reiteração do olhar hegemônico em determinado contexto social.

Obrigado a lidar com a informação imediata, o jornalismo frequentemente se limita a ela. Mas é falso dizer que deixa de contextualizá-la, como quem focaliza a árvore e perde a dimensão da floresta: a contextualização está ali, alienada, reiterando o senso comum a partir de ‘interpretações prontas’. Pensar contra os fatos significa preservar a relação do jornalismo com o imediato, imprimindo-lhe o duplo movimento de abranger a floresta a partir das árvores para revela-las em sua conexão singular com o universo a que elas pertencem. Noutras palavras, partir do fenômeno para conectá-lo ao processo (MORETZSOHN, 2007, p. 289).

Nas matérias sobre a participação do Pérolas Negras existe uma contextualização, mas como foi possível demonstrar ao longo da análise, ela é superficial, fragmentada, sustentada em percepções naturalizadas no senso comum. Com exceção de matéria publicada pelo *Trivela*, as demais matérias reiteraram estereótipos e idealizações. Percebo, ainda, um problema mais grave: preocupadas em construir uma narrativa de superação para os jovens haitianos, nenhuma matéria se preocupou em confrontar o sonho de oferecer uma vida melhor para suas famílias através do futebol com a dura realidade de quem busca conquistar espaço em um mercado de trabalho tão competitivo, conforme procurei demonstrar no quarto movimento de aproximação. Aliás, tal realidade não é muito diferente de muitos imigrantes haitianos que possuem ensino superior e qualificação profissional e quando chegam ao Brasil acabam sendo obrigados a trabalhar em áreas que nada tem a ver com a sua formação. Independentemente da forma ou da razão, migrar geralmente acarreta certo conflito entre os sonhos que motivam esses sujeitos e a realidade encontrada no país que escolheram como destino. Por isso a importância de fugir das naturalizações e do lugar como para evitar a superficialização de uma experiência tão complexa.

Como mencionado anteriormente, para Edgar Morin a tendência à simplificação se constitui numa espécie de doença do pensamento. Para pensar as oscilações comuns

nas representações sobre o futebol e o Brasil, Wisnik (2008) vai utilizar a figura do *fármacone* sua ambivalência enquanto veneno e remédio. Acredito que, assim como o futebol, o jornalismo também carrega essa dupla polaridade: quando cai na simplificação e na reprodução do olhar hegemônico, o discurso jornalístico revela seu lado veneno, servindo de instrumento para legitimar e consolidar os mais variados tipos de desigualdades. Por outro lado, se trabalhado de forma complexa, multiperspectivada, o jornalismo tem condições de se constituir em uma espécie de remédio e contribuir para o aperfeiçoamento da sociedade em que atua. Penso que o processo que permite a transformação desse *farmacón* jornalismo em remédio passa necessariamente pela adoção da complexidade como balizadora da produção jornalística.

As empresas de mídia que inicialmente se ocupavam da divulgação e cobertura dos eventos futebolísticos, agora assumem então o papel de financiadoras e promotores desse espetáculo. A relação que se forma é tão umbilical que é difícil pensar hoje em dia o sustento financeiro de um sem outro. Certamente essa reconfiguração traz impactos para o jornalismo esportivo, que passa a incluir nas suas atribuições a promoção e a valorização de um produto cujas receitas geradas passam a ter influência decisiva na manutenção de seus empregos. Para fugir dessa complexidade de relações estabelecidas às margens dos gramados, a imprensa esportiva tem se voltado cada vez mais para dentro de campo, vivendo basicamente da repercussão de jogos, treinos e entrevistas coletivas. Informar passa cada vez mais a dar espaço para a ideia de entreter o público. Por isso, não é estranho que, quando se defronte com uma pauta que demande uma abordagem mais ampla, o caminho escolhido seja a simplificação, com a reprodução de idealizações, estereótipos e lugares comuns que em nada contribuem para construção de uma sociedade menos desigual.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo da história única**. Mountain View: Google, 2013. (18min 49s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wQk17RPuW8>>. Acesso: 29 de junho de 2017.
- ALABARCES, Pablo. Fútbol y Globalización: Las Formas Locales de las Mercaderías Globales. In: MARQUES, José Carlos; Goulart, Jefferson (Orgs.). **Futebol, Comunicação e Cultura**. São Paulo: Intercom, 2012.
- ALVES, Luiz Roberto. Comunicação, Cultura e Bem-Público: convergências metodológicas sob desafios. In: MALDONADO, Alberto Efendy (org). **Panorâmica da investigação em comunicação no Brasil**. Barcelona: Comunicação Social Ediciones e Publicaciones, 2014).
- BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual de jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2015.
- BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**; tradução, Marcus Penchel. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- _____. **Vidas desperdiçadas**; tradução, Carlos Alberto Medeiros. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- BECKER, Howard. **Mozart, el asesinato y los limites del sentido comum**: como construir teoría a partir de casos. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2016.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- BIANCHI, Françoise. O caminho do método. In: PENA-VEGA, Alfredo; NASCIMENTO, Elimar (orgs). **O pensar complexo**. Edgar Morin e a crise da modernidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.
- BONIFACE, Pascal. **A terra é redonda como uma bola**: a geopolítica do futebol. Mem Martins: Editorial Inquérito, 2002.
- BRAGA, José Luiz. **O conhecimento comunicacional – entre a essência e o episódio**. 2015. Inédito, no prelo. 15 páginas.
- _____. O Senso Comum e a Comunicação. In: **Seminário Quinta essencial – Pensadores da Comunicação**, 2., 2016, São Paulo. Documento eletrônico. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2016.
- _____. Circuitos versus campos sociais. In: MATOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda Aparecida. **Mediação e Mídiação**: Livro Compós 2012. Salvador/Brasília: UFBA/COMPÓS, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6187/1/midiatizacaorepositorio.pdf>
- BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo Borges. O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do *Jornal dos Sports* entre 1930 e 1980. In: BUARQUE DE HOLLANDA,

Bernardo; MELO, Vitor Andrade de (Orgs.). **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7letras, 2012.

BUENO, Wilson da Costa. Chutando prá fora: os equívocos do jornalismo esportivo brasileiro. In: MARQUES, José Carlos; CARVALHO, Sérgio; CAMARGO, Vera Regina Toledo. **Comunicação e Esporte: Tendências**. Santa Maria: Pallotti, 2005.

CAMARGO, Vera Regina Toledo. O comunicador e o educador esportivo: novos paradigmas para o jornalismo esportivo. In: MARQUES, José Carlos; CARVALHO, Sérgio; CAMARGO, Vera Regina Toledo. **Comunicação e Esporte: Tendências**. Santa Maria: Pallotti, 2005.

CASTLES, Stephen. Factores que hacen y deshacen las políticas migratorias. In: PORTES, Alejandro; DEWIND, Josh. **Repensando las migraciones: Nuevas perspectivas teóricas y empíricas**. Zacatecas: Universidad Autónoma de Zacatecas y Miguel Ángel Porrúa, 2006.

_____. **Globalización y migración: algunas contradicciones urgentes**. <Documento digitalizado, disponível em: www.ub.edu/prometheus21/articulos/nautas/18.pdf>, 2010.

CASTRO, Luiz Felipe. O Haiti é aqui na Mooca. **Veja**, São Paulo, 6 de janeiro de 2016. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/esporte/o-haiti-e-aqui-na-mooca/>>. Acesso em: 19 de abril de 2016.

CIURANA, Emilio Roger. Uma antropologia complexa para o século XXI. In: PENA-VEGA, Alfredo; NASCIMENTO, Elimar (orgs). **O pensar complexo**. Edgar Morin e a crise da modernidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

COGO, Denise; BADET, Maria. **Guia das migrações transnacionais e diversidade cultural para comunicadores-migrantes no Brasil**. Bellaterra: Instituto de la Comunicación de Uab/Instituto Humanitas Unisinos, 2013.

COGO, Denise; SILVA, Terezinha. Entre a fuga e a invasão: alteridade e cidadania da imigração haitiana na mídia brasileira. **Revista Famecos: mídia, cultura e cidadania**. Porto Alegre, v. 23, n. 1, janeiro, fevereiro, março e abril de 2016.

COGO, Denise. **Haitianos no Brasil – comunicação e interação em redes migratórias transacionais**. Revista Latinoamericana Comunicación Chasqui, v. 125, pp. 23-32, 2014.

COSENZO, Luiz; MARRA, Renan. Haitianos “jogam a vida” na Copa SP por sonho de contrato no Brasil. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2 de janeiro de 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2016/01/1725069-haitianos-jogam-a-vida-na-copa-sp-por-sonho-de-contrato-no-brasil.shtml>>. Acesso em: 19 de abril de 2016.

DAMATTA, Roberto. **A Antropologia do óbvio**: Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. São Paulo: Revistas USP, 1982.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: Para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAMATTA, Roberto. **A bola corre mais do que os homens**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., Anpocs, 2007.

DANTAS, Diana. Pense no Haiti, torça pelo Haiti. **Calle 2**, Rio de Janeiro, 19 de janeiro de 2016. Disponível em: <<https://calle2.com/pense-no-haiti-torca-pelo-haiti/>>. Acesso em: 19 de abril de 2017.

FAUSTO NETO, Antonio; SGORLA, Fabiane. Zona em construção: acesso e mobilidade da recepção na ambiência jornalística. Trabalho apresentado no GT “Recepção: processos de interpretação, uso e consumo midiáticos” do **XXII Encontro Anual da Compós**, UFBA/Salvador, de 4 a 7 de junho de 2013. Disponível em: <http://compos.org.br/data/biblioteca446.pdf>

FILHO, Mario. **O Negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FONTCUBERTA, Mar de. El periódico en una sociedade compleja. In: FONTCUBERTA, Mar de; BORRAT, Héctor. **Periódicos: sistemas complejos, narradores eninteracción**. Buenos Aires: La CrujiaEdiciones, 2006.

GASTALDO, Édison. **A arquibancada eletrônica**: questões sobre futebol, mídia e sociabilidade no Brasil. XIII COMPÓS: SÃO BERNARDO DO CAMPO/SP, 2004.

GAY DE LIÉBANA, José María. **La gran borbuja del fútbol: Los modelos de negocio que oculta el deporte más importante del mundo**. Barcelona: Penguin Random House Grupo Editorial, 2016.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Série Jornalismo a Rigor. V.6. Florianópolis: Insular, 2012.

GIGLIO, Sérgio Settani; MORATO, Márcio Pereira; STUCCHI, Sérgio; ALMEIDA, José Júlio Gavião de. O dom de jogar bola. In: **Horizontes Antropológicos** / UFRGS. IFCH. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. Ano 14, n. 30 (2008). Porto Alegre: PPGAS, 2008.

GIULIANOTTI, Richard. O estudo do esporte no continente africano. In: MELO, Victor Andrade de; BITTENCOURT, Marcelo; NASCIMENTO, Augusto. **Mais do que um jogo**: o esporte e o continente africano. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

GOMES, Pedro Gilberto. **Uma película planetária pensante**. Paper circulação interna PPGCC – UNISINOS, 2017.

GUEDES, Simoni Lahud. **O Brasil no campo de futebol**: Estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro. Niterói: EDUFF, 1998.

GUERRA, Márcio. Em debate, os (des)caminhos do jornalismo esportivo. In: HELAL, Ronaldo; GASTALDO, Édison. **Copa do Mundo 2014: futebol, mídia e identidades nacionais**. Rio de Janeiro: Lamparina, Leme, 2017.

HALL, Stuart; CHRITCHER, Chas; JEFFESON, Tony; CLARK, John. A produção social das notícias: o *mugging* nos *media*. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”** (org). Florianópolis: Insular, 2016.

HALL, Stuart. **Da diáspora – Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2005.

HELAL, Ronaldo; César Gordon Jr. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. In: HELAL, Ronald; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo. **Mídia, raça e idolatria** – A invenção do país do futebol. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HELAL, Ronaldo. Passes e Impasses: Futebol e cultura de massa no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. **Mídia, ídolos e heróis do futebol**. Comunicação, movimento e mídia na educação física, Santa Maria, Rio Grande do Sul, v. 2, p. 32-52, 1999.

HOBBSAWM, Eric. A produção em massa de tradições. In: HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). **A Invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

_____. **Globalização, democracia e terrorismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HOLLIFIELD, James F. El emergente Estado migratório. In: PORTES, Alejandro; DEWIND, Josh. **Repensando las migraciones: Nuevas perspectivas teóricas y empíricas**. Zacatecas: Universidas Autónoma de Zacatecas y Miguel Ángel Porrúa, 2006.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia e o triunfo do espetáculo**. Líbero - Ano VI - Vol 6 - nº. 11. Disponível em <http://www.ciencianasnuvens.com.br/site/wp-content/uploads/2013/07/35932881-A-Cultura-da-midia-e-o-triunfo-do-espetaculo.pdf>

LEVER, Janet. **A loucura do futebol**. Rio de Janeiro: Record, 1983.

LEVITT, Peggy; GLICK SCHILLER, Nina. Perspectivas internacionales sobre migración. In: PORTES, Alejandro; DEWIND, Josh. **Repensando las migraciones: Nuevas perspectivas teóricas y empíricas**. Zacatecas: Universidas Autónoma de Zacatecas y Miguel Ángel Porrúa, 2006.

MALAIÁ, João. Placar: 1970. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo; MELO, Vitor Andrade de (Orgs.). **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7letras, 2012.

MALULY, Luciano. O jornalismo esportivo e a técnica de reportagem. In: MARQUES, José Carlos; CARVALHO, Sérgio; CAMARGO, Vera Regina Toledo. **Comunicação e Esporte: Tendências**. Santa Maria: Pallotti, 2005.

MARCONDES FILHO, Ciro. Mediaticism ou o dilema do espetáculo de massas. In: PRADO, José Luiz Aidar (org). **Crítica das práticas midiáticas: da sociedade de massa às ciberculturas**. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

MARTINS, Raphael. Pérolas Negras: conheça os haitianos que jogaram a Copa SP. **Exame.com**, São Paulo, 8 de janeiro de 2016. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/perolas-negras-conheca-os-haitianos-que-jogaram-a-copa-sp/>>. Acesso em: 19 de abril de 2016.

MATA, María Cristina. **Comunicación y ciudadanía**: problemas teórico-políticos de suarticulación. Revista Fronteiras – estudos midiáticos, vol. III, n. 1, pp. 5-15,

jan./abr./2006.

MATOS, José Edgar de; VALENTE, Rafael. Com Bebeto e Edinho, time do Haiti estreia na Copa SP antes de iniciar fase profissional no RJ. **ESPN.com.br**, São Paulo, 2 de janeiro de 2016. Disponível em: < http://www.espn.com.br/noticia/567554_com-bebeto-edinho-time-do-haiti-estrela-na-copa-sp-antes-de-iniciar-fase-profissional-no-rj>. Acesso em: 19 de abril de 2016.

MCCHESENEY, Robert. Mídia global, neoliberalismo e imperialismo. In: MORAES, Dênis (Org.). **Por uma outra comunicação: Mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

MEDITSCH, Eduardo. **O conhecimento do jornalismo**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1992.

_____. O jornalismo é uma forma de conhecimento? Documento digitalizado, disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.pdf>>, 1997.

MELO, Victor Andrade. Causa e consequência: esporte e imprensa no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do século XX. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo Borges; MELO, Vitor Andrade de (Orgs.). **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7letras, 2012.

MELO, Victor Andrade; ROCHA JÚNIOR, Coriolano. Fintar o Destino (Fernando Vendrell, 1998): Futebol, Pós-Colonialismo, Neocolonialismo. In: MARQUES, José Carlos; Goulart, Jefferson (Orgs.). **Futebol, Comunicação e Cultura**. São Paulo: Intercom, 2012.

MENDONÇA, Renata. Da tragédia à série C carioca: a saga brasileira de um time de futebol haitiano. **BBC Brasil**, São Paulo, 7 de janeiro de 2016. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160105_time_haitianos_copa_sp_rm>. Acesso em: 19 de abril de 2016.

MENESES, Guillermo A; GONZÁLEZ, Juan Manuel A. **La investigación del fútbol e sus nexos con los estudios de comunicación**. Aproximaciones y ejemplos. Comunicación y Sociedad: Departamento de Estudios de la Comunicación Social/Universidad de Guadalajara, 2013.

MORAES, Dênis. O capital da mídia na lógica da Globalização. In: MORAES, Dênis (Org.). **Por uma outra comunicação: Mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

MORETZSOHN, Sylvia. **Pensando contra os fatos**. Jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

MORIN, Edgar. **Ciência e consciência**. Barcelona: Anthropos, 1984.

_____. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

_____. Por uma reforma do pensamento. In: PENA-VEGA, Alfredo; NASCIMENTO, Elimar (orgs.). **O pensar complexo**. Edgar Morin e a crise da modernidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

NARDINI, Rafael. Sonhos, derrotas e vitórias: O que os jogadores haitianos do Pérolas Negras pensam sobre a vida. **HuffPost Brasil**, São Paulo, 7 de janeiro de 2016.

OLIVEIRA, Lucia Lippi; PANDOLFI, Dulce (orgs). **Fora de ordem: viagens de Rubem César**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

OLIVEN, Ruben G.; DAMO, Arlei. Fútbol y cultura - **Enciclopédia Latinoamericana de Sociocultura y Comunicación**. Buenos Aires: Norma, 2001.

PARK, Robert E. A notícia como forma de conhecimento: um capítulo dentro da sociologia do conhecimento. In: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz. **A era glacial do jornalismo**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

PASSOS, Gésio. Pérolas Negras: haitianos de projeto social são atração internacional na Copa SP. **Empresa Brasil de Comunicação**, São paulo, 8 de janeiro de 2017. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/esportes/2015/12/clube-do-haiti-e-o-destaque-internacional-da-copa-sp>>. Acesso em: 19 de abril de 2016.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **A verdade seduzida**: por um conceito de cultura no Brasil. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

PÉROLAS Negras viram atração internacional da 47 Copa São Paulo. **Estadão.com**, São Paulo, 1 de janeiro de 2017. Disponível em: <<http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,perolas-negras--do-haiti--vira-atracao-internacional-da-copa-sp,1817092>>. Acesso em: 19 de abril de 2016.

PORTES, Alejandro; DEWIND, Josh. Un diálogo transatlântico: el progreso de la investigación y la teoría en el estudio de la migración internacional. In: PORTES, Alejandro; DEWIND, Josh. **Repensando las migraciones: Nuevas perspectivas teóricas y empíricas**. Zacatecas: Universidad Autónoma de Zacatecas y Miguel Ángel Porrúa, 2006.

RAMONET, Ignácio. O poder midiático. In: MORAES, Dênis (Org.). **Por uma outra comunicação**: Mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2012.

_____. **A explosão do jornalismo: das mídias de massa à massa de mídias**; tradução, Douglas Estevam. São Paulo: Publisher Brasil, 2012.

RIAL, Carmen. Rodar: a circulação de jogadores de futebol brasileiros no exterior. In: **Horizontes Antropológicos** / UFRGS. IFCH. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. Ano 14, n. 30 (2008). Porto Alegre: PPGAS, 2008.

RODRIGUES DA SILVA, Marcelino. **Quem desloca tem preferência**: ensaios sobre futebol, jornalismo e literatura. Belo Horizonte: Relicário, 2014.

ROSENFELD, Anatol. **Negro, macumba e futebol**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

SÁNCHEZ, Ana. A noção dialógica e meus encontros com E. Morin. In: PENA-VEGA, Alfredo; NASCIMENTO, Elimar (orgs). **O pensar complexo**. Edgar Morin e a crise da modernidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. – 25 ed. –Rio de Janeiro: Record, 2015.

- SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- SOARES, Antonio Jorge. História e a invenção das tradições no futebol brasileiro. In: HELAL, Ronald; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo (Orgs). **Mídia, raça e idolatria** – A invenção do país do futebol. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- SOARES, Antonio Jorge; ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda. O elogio ao negro no espaço do futebol: entre a integração pós-escravidão e a manutenção das hierarquias sociais. In: HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antonio Jorge (Orgs.). **Futebol, jornalismo e ciências sociais: Interações**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.
- SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- _____. O globalismo como neobarbárie. In: MORAES, Dênis (Org.). **Por uma outra comunicação: Mídia, mundialização cultural e poder**. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- STEIN, Leandro. A Rua Javari abraçou o Haiti: Como a Copinha retratou a esperança dos imigrantes em SP. **Trivela**, São Paulo, 8 de janeiro de 2016. Disponível em: <<http://trivela.uol.com.br/a-rua-javari-abracou-o-haiti-como-a-copinha-retratou-as-esperancas-de-milhares-de-imigrantes/>>. Acesso em: 19 de abril de 2016.
- STYCER, Maurício. *Lance!* Um jornal do seu tempo. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo; MELO, Vitor Andrade de (Orgs.). **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7letras, 2012.
- TAVARES, Frederico de Mello Brandão. Entre a realidade jornalística e a realidade social: o jornalismo como forma de acesso ao cotidiano. In: **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação, Ecompós**. Brasília, v. 15, n 1, jan./abr. 2012.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. **No país do futebol**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. A cidade no jornal: a *Gazeta Esportiva* e os sentidos da modernidade na São Paulo da primeira metade do século XX. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo; MELO, Vitor Andrade de (Orgs.). **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7letras, 2012.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 3. ed. rev. 2012.
- TUCHMAN, Gaye. As notícias como uma realidade construída. In: ESTEVES, João Pissarra (org.). **Comunicação e sociedade – os efeitos sociais dos meios de comunicação de massa**. Lisboa: Livros Horizonte, 2002.
- VEIGA DA SILVA, Márcia. **Masculino, o gênero do jornalismo: modos de produção das notícias**. Série Jornalismo a Rigor V. 8. Florianópolis: Insular, 2014.
- VENANCIO, Pedro; VIDOTTO, Fernando. O Haiti na Javari: histórias de sonhos, esperança e amor ao futebol brasileiro. **GloboEsporte.com**, São Paulo, 7 de janeiro de 2016. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/Copa-SP-de-futebol-junior/noticia/2016/01/o-haiti-na-javari-historias-de-sonhos-esperanca-e-amor-ao-futebol-brasileiro.html>>. Acesso em: 19 de abril de 2016.

VIDACS, Bea. O esporte e os estudos africanos. In: MELO, Victor Andrade de; BITTENCOURT, Marcelo; NASCIMENTO, Augusto. **Mais do que um jogo**: o esporte e o continente africano. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

YOUNG, James. Como o futebol do Haiti quer conquistar o Brasil. **Vice Brasil**, São Paulo, 21 de janeiro de 2016. Disponível em: <https://www.vice.com/pt_br/article/ezgk8w/como-o-futebol-do-haiti-quer-conquistar-o-brasil>. Acesso em: 19 de abril de 2016.

WISNIK, José Miguel. **Veneno Remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANEXO A – Matérias com algum tipo de menção ao Pérolas Negras no título

Título	Veículo	Data	Link
Pérolas Negras: time com 25 haitianos tenta a sorte na Copa São Paulo	GloboEsporte.com	02/01/2016	http://globoesporte.globo.com/sp/futebol/noticia/2016/01/perolas-negras-time-com-25-haitianos-tenta-sorte-na-copa-sao-paulo.html
Conheça o Pérolas Negras, time do Haiti que jogará a Copinha em 2016	ig.com.br	18/12/2015	http://esporte.ig.com.br/futebol/2015-12-18/conheca-o-perolas-negras-time-do-haiti-que-jogara-a-copinha-em-2016.html
Pérolas Negras, do Haiti, disputará o Campeonato Carioca Sub-20	ig.com.br	03/03/2016	http://esporte.ig.com.br/futebol/2016-03-03/perolas-negras-do-haiti-disputara-o-campeonato-carioca-sub-20.html
Pérolas Negras: haitianos de projeto social são atração internacional na Copa SP	EBC	30/12/2015	http://www.ebc.com.br/esportes/2015/12/clube-do-haiti-e-o-destaque-internacional-da-copa-sp
Da tragédia à série C carioca: a saga brasileira de um time de futebol haitiano	BBC Brasil	07/01/2016	http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160105_time_haitianos_copa_sp_rm

Pérolas Negras viram atração internacional 47º da Copa São Paulo	Estadão.com.br	01/01/2016	http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,perolas-negras--do-haiti--vira-atracao-internacional-da-copa-sp,1817092
"Haiti tem a essência perdida pelo futebol", diz técnico	Terra.com.br	08/01/2016	https://www.terra.com.br/esportes/futebol/copa-sao-paulo/tecnico-do-perolas-negras-ve-no-haiti-a-essencia-perdida-pelo-futebol-brasileiro,90aed0d060350f1a50735f3c71400156kji34njy.html
O drama de Fénelón, o camisa 10 haitiano	Veja.com.br	06/01/2016	https://veja.abril.com.br/esporte/o-drama-de-fenelon-o-camisa-10-haitiano/
Copa SP: Com apoio de ONG, time amador do Haiti usa competição como vitrine	Futebolinterior.com.br	28/12/2015	https://m.futebolinterior.com.br/futebol/Copa-Sao-Paulo-de-Junior/Unica/2016/noticias/2015-12/Perolas-Negras-time-amador-do-Haiti-Copa-Sao-Paulo-de-futebol
Com Bebeto e Edinho, time do Haiti estreia na Copa SP antes de iniciar fase profissional no RJ	Espn.com.br	02/01/2016	http://www.espn.com.br/noticia/567554_com-bebeto-e-edinho-time-do-haiti-estreia-na-copa-sp-antes-de

			iniciar-fase-profissional-no-rj
Como o futebol do Haiti quer conquistar o Brasil	Vice Brasil	21/01/2016	https://www.vice.com/pt_br/article/ezgk8w/como-o-futebol-do-haiti-quer-conquistar-o-brasil
A Rua Javari abraçou o Haiti: Como a Copinha retratou a esperança dos imigrantes em SP	Trivela	08/01/2016	http://trivela.uol.com.br/a-rua-javari-abracou-o-haiti-como-a-copinha-retratou-as-esperancas-de-milhares-de-imigrantes/
"Haiti tem a essência perdida pelo futebol", diz técnico	Terra.com.br	08/01/2016	http://esportes.terra.com.br/futebol/copa-sao-paulo/tecnico-do-perolas-negras-ve-no-haiti-a-essencia-perdida-pelo-futebol-brasileiro,90aed0d060350f1a50735f3c71400156kji34njy.html
O Haiti na Javari: histórias de sonhos, esperança e amor ao futebol brasileiro	GloboEsporte.com	07/01/2016	http://globoesporte.globo.com/futebol/Copa-SP-de-futebol-junior/noticia/2016/01/o-haiti-na-javari-historias-de-sonhos-esperanca-e-amor-ao-futebol-brasileiro.html

O Pérolas Negras e a aventura haitiana pela terra do cannoli	ABCD Maior	05/01/2016	http://abcdmaior.com.br/materias/esportes/o-perolas-negras-e-a-aventura-haitiana-pela-terra-do-cannoli
Com técnico brasileiro, time haitiano encerra primeiro ciclo na Copinha	Lance.com.br	02/01/2016	http://www.lance.com.br/futebol-nacional/com-tecnico-brasileiro-time-haitiano-encerra-primeiro-ciclo-copinha.html
Sonhos, derrotas e vitórias: O que os jogadores haitianos do Pérolas Negras pensam sobre a vida	HuffPost Brasil	07/10/2016	http://www.huffpostbrasil.com/2016/01/07/sonhos-derrotas-e-vitorias-o-que-os-jogadores-haitianos-do-per_a_21692047/
Time haitiano participa da Copa São Paulo	Promoview.com.br	05/01/2016	https://www.promoview.com.br/esportes/time-haitiano-participa-da-copa-sao-paulo.html
Pérolas Negras: haitianos de projeto social são atração internacional na Copa SP	Observatório Racial do Futebol (texto EBC)	02/01/2016	http://observatorioracialfutebol.com.br/perolas-negras-haitianos-de-projeto-social-sao-atracao-internacional-na-copa-sp/
Pérolas Negras – Hope for Haiti at the Copa São Paulo	Futebolcidade.com	11/01/2016	http://futebolcidade.com/perolas-negras-hope-for-haiti-at-the-copa-sao-paulo/

Azulão vence Pérolas Negras na Copa São Paulo	ADSãoCaetano.com.br	07/01/2016	http://www.adsaoc.aetano.com.br/singl-e-post/2016/1/7/Azul%C3%A3o-vence-P%C3%A9rolas-Negras-na-Copa-S%C3%A3o-Paulo
Time haitiano perde do América-MG e está eliminado da Copinha	Gazetaesportiva.com	05/01/2016	https://www.gazetaesportiva.com/campeonatos/copa-sao-paulo-de-juniores/time-haitiano-perde-do-america-mg-e-esta-eliminado-da-copinha/
Equipe haitiana vai bem, mas perde para Juventus na Copa SP	Terra.com.br	03/01/2016	https://www.terra.com.br/esportes/futebol/juventus-estrela-na-copinha-com-vitoria-sobre-equipe-haitiana,aa3acec03c6de9e0dcc8603fc054061093ych5tt.html
América-MG derrota time haitiano e garante classificação na Copa SP	GloboEsporte.com	05/01/2016	http://globoesporte.globo.com/mg/futebol/noticia/2016/01/america-mg-derrota-time-haitiano-e-garante-classificacao-na-copa-sp.html#equipe-perolas-negras-hai
Haitiano autor de gol histórico realiza sonho	ESPN.com.br	04/01/2016	http://www.espn.com.br/noticia/567761_haitiano-autor-de-gol-historico-

do pai falecido e diz: 'Não vim para brincar'			realiza-sonho-do-pai-falecido-e-diz-nao-vim-para-brincar
Copa São Paulo: Gols de São Caetano 2 x 0 Pérolas Negras	MSN.com	08/01/2016	https://www.msn.com/pt-br/noticias/enem/copa-s%C3%A3o-paulo-gols-de-s%C3%A3o-caetano-2-x-0-p%C3%A9rolas-negras/vi-CChwYv
Haitianos do Pérolas Negras fecham parceria para jogar o Estadual Sub-20 do Rio	Estadão.com.br	29/02/2016	http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,haitianos-do-perolas-negras-fecham-parceria-para-jogar-o-estadual-sub-20-do-rio,10000018872
Pense no Haiti, torça pelo Haiti	Calle2.com	19/01/2016	https://calle2.com/pense-no-haiti-torca-pelo-haiti/
Haitianos 'jogam a vida' na Copa SP por sonho de contrato no Brasil	Folha de São Paulo	02/01/2016	http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2016/01/1725069-haitianos-jogam-a-vida-na-copa-sp-por-sonho-de-contrato-no-brasil.shtml
Time do Haiti precisa de R\$ 500 mil para jogar a terceira divisão do Carioca	Gazeta do Povo	21/01/2016	http://www.gazetadopovo.com.br/esportes/futebol/time-do-haiti-precisa-de-r-500-mil-para-jogar-a-terceira-divisao-do-carioca-

			cvwsoimxqxjorqy pbobv5hww
QSocial conta história dos Pérolas Negras	Qsocial.com.br	27/01/2016	http://qsocial.com.br/qsocial-conta-historia-dos-perolas-negras/
Rua Javari – Juventus x Pérolas Negras-HAI	Futeboldecampo.net	03/01/2016	http://futeboldecampo.net/na-torcida/juventusxperolasnegras
Pérolas Negras: conheça os haitianos que jogaram a Copa SP	Exame.com	08/01/2016	https://exame.abril.com.br/brasil/perolas-negras-conheca-os-haitianos-que-jogaram-a-copa-sp/
Minidoc #AtletasInvisiveis - Pérolas Negras do Haiti	SP Invisível	29/02/2016	https://www.youtube.com/watch?v=bWTdIIIrdoM
Time haitiano perde do São Caetano e se despede da Copinha sem vitórias	Gazetaesportiva.com	07/01/2016	https://www.gazetaesportiva.com/campeonatos/copa-sao-paulo-de-juniores/time-haitiano-perde-do-sao-caetano-e-se-despede-da-copinha-sem-vitorias/
Técnico do Pérolas Negras vê no Haiti a essência perdida pelo futebol brasileiro	ESPN.com.br	08/01/2016	http://www.espn.com.br/noticia/568799_tecnico-do-perolas-negras-ve-no-haiti-a-essencia-perdida-pelo-futebol-brasileiro
Gol de Bebeto e choro no fim: Pérolas Negras	GloboEsporte.com	03/01/2016	http://globoesporte.globo.com/futebol/Copa-SP-de-futebol-

perde para Juventus na estreia			junior/noticia/2016/01/bebeto-faz-mas-perolas-negras-perde-para-juventus-na-estreia-da-copinha.html
Edinho versão Haiti: homenagem a capitão de 1986 e paixão por Cruzeiro e Bota	ESPN.com.br	05/01/2016	https://www.espn.com.br/noticia/567954_edinho-versao-haiti-homenagem-a-capitao-de-1986-e-paixao-por-cruzeiro-e-bota
Pérolas Negras participam da Copa São Paulo	Jornal do Brasil	31/12/2015	http://www.jb.com.br/esportes/noticias/2015/12/31/perolas-negras-participam-da-copa-sao-paulo/
Opinião: Pérolas Negras foi o futebol na Copa SP	Torcedores.com	12/01/2016	https://www.torcedores.com/noticias/2016/01/opiniao-perolas-negras-foi-o-futebol-na-copa-sp
Time do Haiti precisa de R\$ 500 mil para jogar a 3 Divisão do Rio	Estadão.com.br	21/01/2016	http://esportes.estado.com.br/noticias/futebol,time-do-haiti-precisa-de-r-500-mil-para-jogar-a-3a-divisao-do-rio,1823623
Pérolas Negras, do Haiti, vira atração internacional da Copa SP	R7.com	02/01/2016	https://esportes.r7.com/futebol/perolas-negras-do-haiti-vira-atracao-internacional-da-copa-sp-02012016

Barreira financeira atrapalha sonho de jovens haitianos	Folha de Londrina	24/01/2016	https://www.folhadelondrina.com.br/esporte/barreira-financeira-atrapalha-sonho-de-jovens-haitianos-938197.html
Atletas invisíveis	SP Invisível	03/01/2016	https://www.facebook.com/spinvisivel/photos/a.598272883590717.1073741828.598268693591136/927577487326920/?type=3&theater
Pérolas Negras - O Haiti chegou	Viração Educomunicação	11/01/2016	https://www.youtube.com/watch?v=Fl3k0WAc9oQ
Copa São Paulo de Futebol 2016 Juventus da Mooca - SP 2 x 1 Perolas Negras - Haiti	GR SOUSA II	04/01/2016	https://www.youtube.com/watch?v=45vpkIma0VE
Pérolas Negras chegam ao Brasil para ficar	Viva Rio	04/12/2015	http://www.vivario.org.br/perolas-negras-chegam-ao-brasil-para-ficar/
Com futebol do Haiti, Omega reafirma conceito social pré-Olimpíadas	Máquina do Esporte	12/01/2016	http://maquinadoesporte.uol.com.br/artigo/com-futebol-do-haiti-omega-reafirma-conceito-social-pre-olimpiadas_29680.html
Copa São Paulo de Futebol Júnior deste ano terá participação de time do Haiti	Foxsports.com.br	01/10/2016	https://www.foxsports.com.br/videos/594483267932-copa-sao-paulo-de-futebol-junior-deste-ano-tera-

			participacao-de-time-do-haiti
Pérolas Negras participam da Copa São Paulo	Futebolarte.blog.br	16/12/2015	http://www.futebolarte.blog.br/2015/12/perolas-negras-participam-da-copa-sao-paulo/
Time de haitianos sensação da Copa SP é tema de documentário	Catracalivre.com.br	07/01/2016	https://queminova.com.br/inclui/time-de-haitianos-sensacao-da-copa-sp-e-tema-de-documentario/
Copa São Paulo: Gols de Juventus-SP 2 x 1 Pérolas Negras	Espn.com.br	04/01/2016	http://www.espn.com.br/video/567817_copa-sao-paulo-gols-de-juventus-sp-2-x-1-perolas-negras
Pérolas Negras se despedem da Copinha e voltam ao Rio	Academia Pérolas Negras	08/01/2016	http://academiaperolasnegras.org/category/copinha-de-sao-paulo-2016/
Time do Haiti realiza sonho na Copa São Paulo	SãoPauloFC.com.br	03/01/2016	https://spfc.net/news.asp?nID=140018
Pérolas Negras (HAI) disputa Carioca Série B sub-20 em parceria com o Audax Rio	FutRio.net	02/01/2016	http://www.futrio.net/site/noticia/detalhe/35187449/perolas-negras-hai-disputa-carioca-serie-b-sub-20-em-parceria-com-o-audax-rio
07/01/2016 - SAO CAETANO X PEROLAS NEGRAS	Codigo19	07/01/2016	http://codigo19.photoshelter.com/gallery-image/07-01-2016-SAO-CAETANO-X-

			PEROLAS-NEGRAS/G0000bagZOJVeKTw/I0000GX4mS7VadGA/C0000dc314Sr3kMo
Pérolas Negras: time com 25 haitianos tenta a sorte na Copa São Paulo	NetFla.com.br	02/01/2016	https://netfla.com.br/noticias/perolas-negras-time-com-25-haitianos-tenta-a-sorte-na-copa-sao-paulo/
Gols, Pérolas Negras 1 x 2 América-MG – Copa SP 05/01/2016	Brasileiraonews.com	06/01/2016	http://brasileiraonews.com/gols-perolas-negras-1-x-2-america-mg-copa-sp-05012016/
Fotos: Treino dos Pérolas Negras do Haiti para a Copa São Paulo	Terra.com.br	04/01/2016	https://www.terra.com.br/esportes/futebol/fotos-treino-dos-perolas-negras-do-haiti-para-a-copa-sao-paulo,55a70de97ebcf7f44610b05cf0977d96ftea3yhs.html
Copa São Paulo: Gols de Juventus-SP 2 x 1 Pérolas Negras	Uol.com.br	04/01/2016	https://tvuol.uol.com.br/video/copa-sao-paulo-gols-de-juventussp-2-x-1-perolas-negras-0402CC18306AC8B95326
Juventus da Mooca - SP 2 x 1 Perolas Negras - Haiti gols	Ogol.com.br	12/01/2016	http://www.ogol.com.br/jogo.php?id=4828255

Time haitiano ganha patrocínio na Copa São Paulo de Futebol Junior	Adnews.com.br	04//01/2016	http://adnews.com.br/publicidade/time-haitiano-ganha-patrocínio-na-copa-sao-paulo-de-futebol-junior.html
Gols, Juventus-SP 2 x 1 Pérolas Negras	LeandroSports	04/01/2016	https://www.youtube.com/watch?v=1rIvXwvbGSc
Juventus estreia contra Pérolas Negras do Haiti na Copa São Paulo 2016	Juventus.com.br	02/01/2016	http://www.juventus.com.br/2016/01/juventus-estrela-contra-perolas-negras-do-haiti-na-copa-sao-paulo-2016/
A epopeia da Rua Javari: A estreia do Pérolas Negras, do Haiti	Dabase.com.br	03/01/2016	http://www.dabase.com.br/uma-epopeia-na-rua-javari-a-estrela-do-perolas-negras-do-haiti/
Time do Haiti que jogará Copa São Paulo conquista patrocinador brasileiro	Propmark.com.br	31/12/2015	http://propmark.com.br/anunciantes/time-do-haiti-que-jogara-copa-sao-paulo-conquista-patrocinador-brasileiro
Time haitiano 'Pérolas Negras' é atração da Copa São Paulo	Redebrasilatual.com.br	-	http://www.redebrasilatual.com.br/radio/programas/jornal-brasil-atual/2016/01/time-haitiano-perolas-negras-e-atracao-da-copa-sao-paulo
Equipe haitiana vai disputar a Copa São	Academia Pérolas Negras	17/12/2015	http://academiaperolasnegras.org/equipe-haitiana-vai-

Paulo de Futebol Júnior em 2016			disputar-a-copa-sao-paulo-de-futebol-junior-em-2016/
Time do Haiti que jogará Copa São Paulo conquista patrocinador brasileiro	Propmark.com.br	31/12/2015	http://propmark.com.br/anunciantes/time-do-haiti-que-jogara-copa-sao-paulo-conquista-patrocinador-brasileiro
Copa SP: Com apoio de ONG, time amador do Haiti usa competição como vitrine	Futebolinterior.com.br	28/12/2015	https://www.futebolinterior.com.br/futebol/Copa-Sao-Paulo-de-Junior/Unica/2016/noticias/2015-12/Perolas-Negras-time-amador-do-Haiti-Copa-Sao-Paulo-de-futebol

ANEXO B - Grade de entendimento

	GloboEsporte	Folha SP	Estadão	ESPN	Veja	Exame	BBC	EBC	Trivela	Vice	Calle 2	Huffspot
Participação do time no torneio	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Memória Copa SP	-	-	X	-	-	-	-	X	-	-	-	-
História do projeto	X	X	-	X	X	X	X	X	X	X	X	-
Rotinas de treinos no Brasil e no Haiti	-	-	-	X	-	X	-	-	-	-	X	X
Futuro do projeto	X	-	-	X	X	X	X	X	-	X	X	-
História dos jogadores	X	-	-	X	-	-	X	-	-	-	-	X
Imagem do Haiti	-	-	-	X	-	-	X	-	X	X	-	-
Viva Rio no Haiti	-	X	-	X	X	X	-	-	-	X	X	-
Sonho com contrato	X	X	X	X	X	X	X	X	X	-	X	X
Ajudar família	X	X	-	X	X	-	X	X	-	-	-	X
Pobreza e miséria	X	X	X	X	X	X	X	-	X	X	X	-
Situação atual do país	X	-	-	-	-	-	X	-	-	-	X	-

	GloboEsporte	Folha SP	Estadão	ESPN	Veja	Exame	BBC	EBC	Trivela	Vice	Calle 2	Huffspot
Terremoto	X	-	-	X	X	X	X	X	X	X	X	-
História do Haiti	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
Minustah	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-	-
Futebol brasileiro	X	X	-	X	X	-	X	-	X	X	-	X
Jogo da Paz	X	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-
Contextualização dos fluxos migratórios	-	-	-	-	-	-	-	-	X	-	-	-
Rotas de migração	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-
Haitianos no Brasil	-	-	-	-	-	-	-	X	X	X	-	-
Preconceito e Xenofobia	-	-	-	-	-	-	-	-	X	X	-	-
Haitianos na torcida	-	-	-	-	X	-	-	-	X	-	-	-
Recepção da torcida	X	-	-	-	X	-	X	-	X	X	-	X
Relação migrantes comuns x migrantes futebol	-	-	-	-	-	-	X	-	X	-	-	-